

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES
DOUTORADO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

JOSÉ CARLOS DE ABREU AMORIM

ETHOS ROSACRUZ: UM TRAJETO META EMPÍRICO NO DESAGUAR
SIMBÓLICO E MÍSTICO DA CONSCIÊNCIA OCIDENTAL

JOSÉ CARLOS DE ABREU AMORIM

**ETHOS ROSACRUZ – UM TRAJETO META EMPÍRICO NO DESAGUAR
SIMBÓLICO, ESOTÉRICO E MÍSTICO DA CONSCIÊNCIA OCIDENTAL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba,
na Linha de Pesquisa: Religião Cultura e Sistemas
Simbólicos, como parte para a aquisição do título de
doutor em Ciências das religiões

Orientador: Prof. Dr. Carlos André Macedo Cavalcanti

João Pessoa – Paraíba
2022

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

A524e Amorim, José Carlos de Abreu.

Ethos Rosacruz - um trajeto meta empírico no
desaguar simbólico, esotérico e místico da consciência
ocidental / José Carlos de Abreu Amorim. - João Pessoa,
2022.

211 f. : il.

Orientação: Carlos André Macedo Cavalcanti.
Tese (Doutorado) - UFPB/CE.

1. Ciência das religiões. 2. Rosacruz. 3. Esoterismo
ocidental. 4. Ethos. 5. Imaginário social. I.
Cavalcanti, Carlos André Macedo. II. Título.

UFPB/BC

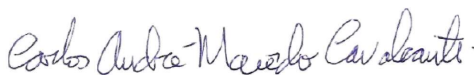
CDU 279.224(043)

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

ETHOS ROSACRUZ – UM TRAJETO META EMPÍRICO NO DESAGUAR SIMBÓLICO,
ESOTÉRICO E MÍSTICO DA CONSCIÊNCIA OCIDENTAL

José Carlos de Abreu Amorim

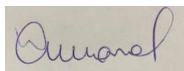
Tese apresentada à banca examinadora formada pelos seguintes especialistas.



Carlos André Macêdo Cavalcanti
(orientador/PPGCR/UFPB)



Luiz Carlos Luz Marques
(membro-externo/UNICAP)



Maria das Vitórias Negreiros do Amaral
(membro-externo/UFPE)



Valmor da Silva
(membro-interno/PUC - Goiás)



Maria Lúcia Abaurre Gnerre
(membro-interno/PPGCR/UFPB)

Aprovada em 27 de maio de 2022.

DEDICATÓRIA

Dedico o presente trabalho inicialmente a minha família, meus filhos: Camille, Carlinhos e Catherine. O isolamento desta pesquisa só foi possível devido aos carinhos e sorrisos que estes me deram. Aos diversos amigos que escutaram, aconselharam e deram broncas ao longo do meu trajeto acadêmico. Aos meus pais que me deram os valores que guiam minha vida. Ao meu orientador, Carlos André Cavalcanti, que acompanha minhas pesquisas desde o primeiro semestre da graduação, cuja relação já dura mais de uma década.

Gostaria de homenagear todos os pesquisadores da área de humanas, pelo seu brilhantismo e por serem resistência ante o projeto obtuso de obliteração das humanidades. Servindo tolhimento das mentalidades progressistas e humanizadoras.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente gostaria de agradecer a FAPESQ-PB, pelo incentivo a presente pesquisa, através da Bolsa de doutorado, ao Programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba, ao Departamento de Ciências das Religiões, toda minha formação acadêmica deu-se neste campus e sobre o apoio de seu corpo docente, professores e professora que deixaram nestes anos as marcas de seu profissionalismo e abnegação, além das lições que levo para vida.

Tenho um agradecimento mais que especial ao professor doutor Carlos André Macedo Cavalcanti, meu orientador – aliás, meu orientador na graduação e no mestrado também, uma pessoa querida que ao longo dos anos aprendi a respeita e gostar, meus mais sinceros agradecimentos e votos de estima e gratidão, este trabalho também dedico a ti.

Ao professor doutor Francisco de Assis Vale Cavalcante Filho, meu coorientador, e personalidade que externa uma paz e tranquilidade que espero um dia adquirir, seus conselhos (desde o projeto deste doutorado) foram decisivos nesta trajetória, compartilhar de sua companhia é algo maravilhoso.

Aos meus familiares, pais e irmãos, que partilham desta conquista e alegram-se com cada obstáculo vencido, deixo aqui um carinhoso “xero” para seu Dedecca (meu pai) e Dona Dalva (minha mãe) e estendo aos meus irmãos, Hélio, Daniela, Érica e Alex.

Aos meus amigos – não citarei nomes para não me esquecer de nenhum deixo o meu abraço fraternal além do agradecimento pela vênica com que escutaram a empolgação deste pesquisador.

Aos pesquisadores das humanas, aos professores que lutam por uma sociedade mais justa, agradeço por serem estes fiéis vigilantes do saber.

EPIÍGRAFE

Carrossel do Destino (recorte)

*Deixo os versos que escrevi,
As cantigas que cantei,
Cinco ou seis coisas que eu sei
E um milhão que eu esqueci.
[...]*

*Enquanto eu puder viver
Tudo o que o coração sente,
O tempo estará presente
Passando sem resistir.
[...]*

*Romances e epopeias
Me pedindo pra brotar
E eu tangendo devagar
A boiada das ideias.
Sempre em busca das colmeias
Onde brota o mel mais fino,
E um só verso, pequenino,
Mas que mereça ficar...
Licença, que eu vou rodar
No carrossel do destino.*

Antonio Nóbrega

RESUMO

O termo rosacruz carrega consigo a evocação de dois símbolos – a rosa e cruz. Simbólica que está vinculada a movimentos do Esoterismo Ocidental, que carregam tanto a simbólica quando o termo rosacruz, visto em seu caráter êmico o termo indicará o estado almejado ou grau adquirido – seja na maçonaria ou nas ordens rosacruz. No seio da visão social os diversos movimentos rosacruz contemporâneos estão diretamente ligados ao desenvolvimento das ideias no campo do esoterismo, suas formulações estabelecidas a partir dos mitos compõem juntamente com os ritos e símbolos, dos diversos movimentos rosacruz, o capital pensado deste grupo. Aqui cabe pensarmos que na busca pela definição do humano, do ponto de vista social, este pode ser apreendido na constituição de seu *ethos*, expresso na estrutura da cultura e da tradição. Agrupados de forma a constituir a realidade na qual, suas relações desenvolvem-se. Desta feita, seguindo as formulações das constituintes socioculturais, escolhidas por nós: *ethos*, cultura, tradição e simbolismo, dirigimos nossa análise para as formulações sociais presentes nos movimentos rosacruz e seus desenvolvimentos desde a publicação dos primeiros escritos no século XVII. Tendo em vista a característica heteróclita do fenômeno rosacruz expressa nos diversos movimentos que se organizaram ao longo de sua história. Propomos traçar o trajeto que entendemos como *meta empírico*, reconstruindo os discursos que estabeleceram o *ethos* rosacruz contemporâneo e seu diálogo com a memória silenciosa das espiritualidades secularizadas. Assim utilizaremos o conceito de Sociologia das profundezas de Gilbert Durand e a perspectiva estrutural do Esoterismo Ocidental proposta por Olav Hammer, para a partir das expressões do rosacruzianismo contemporâneo entender o fluir místico e esotérico presente na consciência ocidental.

PALAVRAS-CHAVES: Rosacruz; Esoterismo Ocidental; Imaginário; Ethos;

ABSTRACT

The term Rosicrucian carries with it the evocation of two symbols – the rose and the cross. Symbolic that is linked to Western Esoteric movements, which carry both the symbolic and the term Rosicrucian, seen in its emic character the term will indicate the desired state or degree acquired – either in Freemasonry or in Rosicrucian orders. Within the social view, the various contemporary Rosicrucian movements are directly linked to the development of ideas in the field of esotericism, their formulations established from myths together with the rites and symbols of the various Rosicrucian movements, the thought capital of this group. Here it is worth thinking that in the search for the definition of the human, from a social point of view, it can be apprehended in the constitution of its ethos, expressed in the structure of culture and tradition. Grouped in such a way as to constitute the reality in which, their relationships develop. This time, following the formulations of the sociocultural constituents, chosen by us: *ethos*, culture, tradition and symbolism, we direct our analysis to the social formulations present in the Rosicrucian movements and their developments since the publication of the first writings in the 17th century. In view of the heteroclitic characteristic of the Rosicrucian phenomenon expressed in the various movements that have been organized throughout its history. We propose to trace the path that we understand as an empirical goal, reconstructing the discourses that established the contemporary Rosicrucian ethos and its dialogue with the silent memory of secularized spiritualities. Thus, we will use Gilbert Durand's concept of sociology of the depths and the structural perspective of Western Esoterism proposed by Olav Hammer, so that from the expressions of contemporary Rosicrucianism, we can understand the mystical and esoteric flow present in Western consciousness.

Keywords: Rosicrucian; Western esotericism; Imaginary; Ethos;

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 - Exemplo da Fita Möebius em 2D.....	23
Imagem 2 - Esquema espaço temporal.....	39
Imagem 3 - Três elementos alquímicos.....	65
Imagem 4 - Quatro elementos alquímicos.....	65
Imagem 5 - Vinculo entre os sete metais e o sete planetas - Septenários dos antigos.....	66
Imagem 6 - Esquema ilustrativo da TGI.....	79
Imagem 7 - A cidade do Sol de Tommaso Campanella, ilustração que acompanha a primeira edição de 1623.	83
Imagem 8 - Visualização da cidade ideal Christianópolis.....	84
Imagem 9 - Convenção Internacional da AMORC, em 1937 - Park San Jose.....	94
Imagem 10 - Tópica Social.....	102
Imagem 11 - Museu sobre Alquimia Rosacruz, no Parque Rosacruz de San Jose – Califórnia.....	107
Imagem 12 - Cartaz do terceiro Salon Rose+Croix, 8 rue de Sèze, 5 mars , cartaz litográfico impresso em Paris pela Imprimerie Kohler. Dim.: 920 mm x 640 mm.....	109
Imagem 13 - Uma das versões da logo da FRA.....	110
Imagem 14 - Um retrato do mestre Koot Hoomi por Hermann Schmiechen.....	116
Imagem 15 - 1º Manifesto da AMORC nos EUA, 1915.	117
Imagem 16- Harvey Spencer Lewis primeiro Imperator da AMORC.....	118
Imagem 17 - Logo do CIRCES.....	119
Imagem 18 - - Brasão da OSTI.....	120
Imagem 19- Loja Rosacruz João Pessoa, AMORC - Bancários.....	121
Imagem 20- Logo da The Fellowship Rosicrucian.....	123
Imagem 21 - Interior da Ecclesia da Fraternidade Rosacruz.....	125
Imagem 22 - Jan van Rijckenborgh.....	130
Imagem 23 - Zwier Wilhelm Leene.....	130
Imagem 24 - Catharose de Petri.....	131
Imagem 25 – Variações da mesma Insignia, I - Insígnia da O.T.O. Produzida por Aleister Crowley, II – Arte de Joséphin Péladan, e III – Emblema utilizado pela AMORC em diversos materiais.	132
Imagem 26 - Logo do Lectorium Rosacrucianum.....	135
Imagem 27 - Logo da S.R.I.A.	139
Imagem 28 - Logo da Societas Rosacruciana in Canadá – Fundada 1876.....	139
Imagem 29 - Foto de Dr. Henrich Arnold Krumm Heller.....	140
Imagem 30 - Emblema da Fraternitas Rosacruciana Antiqua.....	142
Imagem 31 - Logo da EGB.....	143
Imagem 32 - Missa Gnóstica.....	144
Imagem 33 - Aleister Crowley, Golden Dawn. Paramentado.....	146
Imagem 34 - Logomarca da B.O.T.A.	147
Imagem 35 - Cruz Hermética Rosacruz.....	148
Imagem 36 - Colégio da Fraternidade numa publicação de Daniel Mogling, também chamado Theophilias Schweighart, intitulada Speculum Sophicum Rhodo-stauroticum. Ela foi desenhada, e talvez mesmo publicada, por volta de 1604.....	165
Imagem 37 - Esboço da interação "dos mudos", estados da consciência no homem.....	176
Imagem 38 - Foto do Círculo de Eranos.....	180

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Estrutura do Fenômeno e Movimento Rosacruz	48
Tabela 2 - Tipologia da narração histórica.....	55
Tabela 3 – Bacias Semântica do Fenômeno Rosacruz	68

LISTA DE SÍMBOLOS

☉ **Sol**

♁ **Sal**

♀ **Vênus**

♂ **Marte**

LISTA DE ABREVIACÕES

Antiquus Arcanus Ordo Rosae Rubae Aureae Crucis – AAORRAC

Astrum Argentum – A.A.

Antiga e Mística Ordem Rosae Crucis – AMORC

Antiga Rosae Crucis – ARC

Builders of the Adytum – BOTA

Bibliotheca Philosophica Hermetica – BHP

Ciências da Religião – CR

Cercle International de Recherches Culturelles Et Spirituelles – *CIRCES*

Ecclesia Gnóstica do Brasil – EGB

Esoterismo Ocidental – EO

European Society for the Study of Western Esotericism – ESSWE

Fédération Universelle des Ordres, Fraternités et Sociétés Initiatiques – FUDOFSI

Fédération Universelle des Ordres et Sociétés Initiatiques – FUDOSI

Geheime Figuren der Rosenkreuzer – GFR

Hermetic Brotherhood of Luxor – H. B. of L.

Herzog August Bibliothek Wolfenbüttel – HABW

International Association for the History of Religions – (IAHR)

Ordem Católica da Rosa Cruz do Templo e do Graal, OCRCTG

Ordre Souverain du Temple Initiatique – OSTI

Ordo Templis Orientis – OTO

Ordre Kabbalistique de la Rose-Croix – OKRC

Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões – PPGCR

Teoria Geral do Imaginário – TGI

Universidade Federal da Paraíba – UFPB

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
1 CAPÍTULO – TEMPO DOS RELATOS: O CÍRCULO E A RETA PERCEPÇÃO DAS TEMPORALIDADES NA SACRALIDADE ROSACRUZ.....	20
1.1 TEMPO, TEMPORALIDADE E META TEMPORALIDADE.....	23
1.1.1 Definições do Tempo e suas diferentes apreensões.....	30
1.1.3 Consciência espaço/temporal – sistemas simbólicos, montagens e modelagens sociais	37
1.1.4 Prenuncio rosacruz, ou o destino é um tempo que se contrai no espaço.....	44
1.2 ESPAÇOS DAS NARRATIVAS – AS VISÕES DE MUNDO, DA CONSCIÊNCIA E DO HUMANO.....	51
1.2.1 Primeiros escritos Rosacruzes – entre 1604 e 1616.	56
1.2.3 Bacias semânticas do Imaginário e do Esoterismo Ocidental.	60
1.2.4 A confluência entre rios.....	66
2 CAPÍTULO TÓPICA SOCIAL: A SOCIOLOGIA DAS PROFUNDEZAS	71
2.1 IMAGINÁRIO SOCIAL	73
2.1.1 Dimensão mítica da existência social.....	75
2.1.2 Imaginação de uma outra sociedade: imaginário da esperança.....	80
2.1.3 Remitologização – imaginário das contemporaneidades.....	85
2.2 <i>O ator social no esoterismo pós-moderno: o esoterista e seu ethos.</i>	88
2.2.1 O Buscador	91
2.2.2 O Neófito, o Iniciado, o Adepto, o Mestre e o Mago – círculos sociais e sociabilidade	95
2.2.3 Misticismo: uma visão entre o anthropos e o ethos a partir de Gilbert Durand	98
3 CAPÍTULO ESTRUTURAS DE SENTIDOS, AS PÉTALAS DO ROSACRUCIANISMO CONTEMPORÂNEO.....	104
3.1 O ROSACRUCIANISMO NA EFERVESCÊNCIA DO DESPERTAR ESOTÉRICO DO SÉCULO XIX.....	106
3.1.1 Século XIX: rosacrucianismo bases míticas.....	110
3.1.2 Antiga e Mística Ordem Rosae Crucis – AMORC.....	114
3.2 THE ROSICRUCIAN FELLOWSHIP	122
3.2.1 Max Heindel – O cosmo da Fraternidade, hierarquias divinas.....	126
3.3 LECTORIUM ROSACRUCIANUM	129
3.3.1 A Cruz áurea, hierarquias cristãs ou uma cristandade rosacruz	133
3.4 OUTRAS PÉTALAS DA ROSA	138
3.4.1 Neo-rosacrucianismos: contornos de uma fé secularizada.....	145

4 CAPÍTULO	MISTICISMO <i>FAST FOOD</i> , UMA RESPOSTA PARA TEMPOS DE	
	CRISE ESPIRITUAL	150
4.1	MISTICISMO, UMA DAS FACES DA REMITOLOGIZAÇÃO OCIDENTAL ...	153
4.1.1	Imaginário das sociedades iniciáticas contemporâneas: o místico moderno, um alquimista de bits, um ocultista em rede	159
4.1.2	Coincidentia oppositorum, o elã vital, na estruturação do societal	163
4.2	O ENTRELAÇAMENTO MÍTICO, DELTAS E MEANDROS DO	
	ISMO CONTEMPORÂNEO	ROSACRUCIAN 168
4.2.1	Esoterismo, ocultismo e misticismo ou a história ante o véu da espiritualidade: a imaginação enquanto propedêutica do imaginário	172
4.2.1	Sentidos e significações do arcabouço simbólico do esoterismo: as narrativas simbólicas, a convergência de imaginários	182
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	187
	GLOSSÁRIO	192
	REFERÊNCIAS	196
	1 – OBRA SOBRE O FENÔMENO ROSACRUZ	196
	2 – OBRAS SOBRE ESOTERISMO OCIDENTAL	198
	3 – OBRAS SOBRE IMAGINÁRIO	200
	BIBLIOGRAFIA GERAL	202

INTRODUÇÃO

Aos doze anos de idade descobri uma paixão irrefreada pela leitura, fui de obras da literatura nacional para os clássicos da humanidade: Dante, Proust, Homero, Camões, Cervantes, Hesse – dentre tantos outros. A partir dos dezesseis anos meus interesses voltaram-se para as diferentes religiões, para em seguida ser seduzido pela literatura hermética, ocultista, por temas e enredos sobre a maçonaria e posteriormente a rosacruz, esta última, conheci folheando, ou melhor bisbilhotando alguns papéis na biblioteca de um amigo de minha cidade natal, Marizópolis, uma cidade pequena cravada no alto sertão paraibano.

Com dezessete anos solicitei afiliação a Ordem Rosacruz AMORC. Nos primeiros anos de minha afiliação fui travando contato com uma ampla gama de símbolos, imagens e tratados, estes sempre fornecendo uma nova visão de mundo com elementos envolvidos numa aura mágica própria. AMORC disponibiliza um catálogo com livros além de outros materiais (incensos, joias, souvenirs no geral), no ano 2000 vi o anúncio de uma obra que despertaria minha curiosidade – Os símbolos secretos dos rosacruzes dos séculos XVI e XVII], na época custando um valor que extrapolava minhas condições. Somente alguns anos depois conseguir, tive acesso à edição física da mesma, seguindo-se a isso a descoberta de outras edições, o que motivou a proposta de mestrado que defendi no ano de 2016 no PPGCR / UFPB.

Minhas pesquisas orbitam, desde a graduação, temáticas que envolvem o esoterismo, rosacrucianismo, simbólica e temas afins a estes, para o doutorado, uma questão se colocava presente, na verdade sempre esteve ali, é a relevância social, ou o mecanismo sociabilizante que estrutura os movimentos esotéricos, aqui em particular o rosacrucianismo.

Uma dificuldade apresenta-se, como contar uma história visitada por diversas penas e colorida por variados personagens? Assim desnuda-se o movimento rosacruz, vindo a público pela primeira vez no início do século XVII, e recebendo diferentes roupagens nos séculos seguintes. Antes, porém, creio ser conveniente expor um pouco dos caminhos trilhados por este diletante, os quais resultaram nas laudas seguintes.

Sou sertanejo, do interior da Paraíba, filho de dois batalhadores que nunca cansaram e nem desistiram da luta de criar cinco filhos, três homens e duas mulheres. Logo cedo encontrei nos livros o refúgio para as dores de uma infância de poucos recursos financeiros. Com doze anos empreendi a formação de minha primeira biblioteca alimentada por clássicos da literatura internacional (Proust, Cervantes, Montaigne, Dante, Homero, Balzac, Hesse, dentre outros), e por autores nacionais (Nelson Rodrigues, Ariano Suassuna, José de Alencar, etc.). Este pão que

não perece, o conhecimento, fomentou ainda mais a ânsia de conhecer, quando pela primeira vez ouvi falar em Sociedades Secretas: na maçonaria e na rosacruz, comecei uma cruzada para travar conhecimento com a história, os relatos e os elementos “essenciais” destes movimentos.

Jovem e com arroubos inerentes à idade, conversava com amigos que detinham um bom nível de conhecimento, mas antes de tudo, compartilhavam a inquietação para saber mais sobre estes movimentos. Com dezoito anos me filiei a Ordem Rosacruz – AMORC. Uma empolgação tamanha tomou conta de meus primeiros passos na senda. Encontrava em meus períodos de *Sanctum* reverberação das minhas mais caras opiniões. Nestes anos travei conhecimento sobre a simbólica e a sua importância na constituição da realidade humana, conceitos como: tradição e cultura projetados continuamente na tela da memória. Eis que a vida adulta nos alcança e com ela nossos passos assumem ritmos distintos, ora vivemos numa maratona vertiginosa, onde semelhante a peças de dominós empilhadas, vamos derrubando dias e semanas, meses e quando nos damos conta anos, envolvidos nos trabalhos, ocupações sociais, família, filhos.

Em 2010, passo para o Curso de Ciências das Religiões, no Campus I da Universidade Federal da Paraíba. Tinha ouvido falar do curso, das suas propostas, o resultado? Uma tomada de folego, um novo frenesi, então o fenômeno que cativara minha adolescência e o início da vida adulta, apresentava-se como um objeto de pesquisa, e as ferramentas com as quais fui dotado em minha graduação, serviram para a pavimentação do mestrado onde a insatisfação ainda se fazia presente. Mirei então no degrau seguinte e assim adentrei no doutorado em Ciências das Religiões, cujo objeto constitui-se do Movimento Rosacruz.

Estudar uma temática como o rosacrucianismo – não esquecendo da cabala, alquimia, teosofia, magia, hermetismo e afins, conduz o pesquisador pelas abordagens acadêmicas do esoterismo ocidental. Este último tem-se firmado nos debates acadêmicos tanto no Brasil, como em outros centros universitários. Na Universidade Federal da Paraíba em especial no Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões PPGCR, dissertações de mestrado e teses já foram defendidas. Esta pretende compor este *hall*. Temos observado as pesquisas que constelam sobre temáticas do Esoterismo Ocidental, é corrente entre os pesquisadores a utilização de metodologias da história, da antropologia ou da sociologia. A área de ciências das religiões enquanto um constructo metodológico instiga abordagens Transdisciplinares, tendo em vista a plasticidade dos seus objetos.

O presente trabalho organizado em quatro capítulos estrutura-se em três pilares que são: o Esoterismo Ocidental, o Imaginário e o *Ethos* rosacruz, ambos dialogando de perto com o

pensar humano, expresso na cultura, nas permanências e bifurcações do conjunto social que cumpre uma litania simbólica.

O estudo das CR, enquanto área acadêmica de amplo espectro e de múltiplos campos e metodologias, visa estabelecer e/ou perceber os elementos heteróclitos do sagrado expressos nas mais diversas formulações da experiência humana, entender o esoterismo ocidental na sua expressão de campo de análise e numa atitude compreensiva tentar, mapear seus diversos imaginários é um dos braços da área das CR – duas temáticas (disciplinas ou ferramentas de análise) chamou nossa atenção no que tange aos desenvolvimentos epistemológicos das pesquisas do EO, a perspectiva histórica de Wouter Hanegraaff e a tópica sociológica estrutural de Olav Hammer, recorreremos a estes dois autores, haja vista que os mesmos fornecerão as ferramentas com as quais pautamos nossas percepções.

No primeiro capítulo deste trabalho construímos nosso diálogo reativando os relatos distintos que tendem a convergir e distanciar-se na construção humana – tempo, nas suas mais complexas e amplas definições, pensando o mesmo nas modelações simbólicas: retas, círculos, pontos, rizomas, fractais etc. De uma abordagem transdisciplinar passeamos por entre as áreas do conhecimento (exatas e humanas), pois não acreditamos na postura engessada, que privilegia o monocromático ao policrômico das diferentes formas de produzir saber.

Neste primeiro momento trazemos uma breve reflexão sobre os estudos do tempo, este constructo conceitual que na consciência humana apresenta-se amorfo – não possuindo uma forma definida, claro que isto orbita no âmbito especulativo, mas defendemos esta afirmação mediante as aproximações pertinentes a psicologia das profundezas. A exteriorização desta ideia condensa-se, através das diferentes abordagens em um conjunto multifacetado de temporalidades, tempos, momentos e experiências. Se para Durand as “Fases do Tempo”¹ corroem e instigam o homem a simbolizar, construindo constelações de imagens e mitos, dando sentido ao mundo em que está inserido e estabelecendo as realidades, vividas ou aspiradas.

O capítulo ainda se bifurca num “segundo braço”, que direciona-se para o espaço em que dar-se-ão as ações simbólicas das narrativas². Utilizando a proposta mitográfica de Gilbert Durand, através seus conceitos de mitocrítica e mitanálise e sua formulação das “Bacias semânticas” – elementos que comporão a sua sociologia das profundezas.³ Conjunto teórico

¹Temática desenvolvida em sua tese de doutorado, da qual originou-se a obra – As estruturas antropológicas do imaginário, vide bibliografia.

²Apesar de perpassarmos alguns dos conceitos e diálogos de Paul Ricœur, não intentamos revisar, ou discutir em profundidade o pensamento deste autor, a similaridade de termos – me refiro a obra Tempo e narrativa, dar-se no entendimento que para entender o humano faz-se necessário entender as construções simbólicas e significantes para o mesmo.

³Uma sociologia do imaginário profundo.

que servirá de elemento reflexivo dos fatores formativos do homem, da sociedade e da cultura, especialmente externados nas expressões religiosas, sociais e esotéricas. Identificamos a necessidade de percebermos diferentes “Bacias”, que visam ilustrar a teia de significados que compõem o tecido simbólico do Esoterismo Ocidental, nos diferentes pontos de observação e de desenvolvimentos.

No segundo capítulo deste trabalho, tentando passar à ideia de uma continuação, discorreremos sobre a “Sociologia das profundezas”, de forma mais detalhada, adentrando na Teoria geral do Imaginário e seguindo suas aproximações e definições do “Imaginário social”, a percepção da “Dimensão mítica da existência social”, o “Imaginário da esperança” evocador de uma sociedade idealizada, utópica. No terceiro aspecto nós temos o “Imaginário das contemporaneidades”, na assertiva da apreensão dos sentidos dados aos mitos, assim também enquanto percepção do reencantamento do mundo. Na intenção de compreender o imaginário das contemporaneidades, e no recorte deste trabalho o *Ethos Rosacruz*, analisamos a estrutura social (recorrência, discursos) dos indivíduos que possuem o sentimento de pertença a diferentes grupos de caráter esotérico. Recorremos à diferentes pensadores do Imaginário em sua faceta sociológica,⁴ tais como: Gilbert Durand, Michel Maffesoli, Henry Corbin, Patrick Legros, Frédéric Monneyron, Edgar Morin dentre outros.

O capítulo três pauta-se por uma apresentação de algumas das Instituições do movimento rosacruz, dentro do recorte histórico que privilegia os primeiros anos do século XX, até os dias atuais. Nossa escolha dos movimentos leva em consideração a formulação institucional – marketing, templos, rituais, materiais de estudo, estrutura hierarquizada, além de seguirmos a proposta estruturalista de Olav Hammer⁵, para perceber os grupos esotéricos rosacruzes atuantes em nossos dias. Nos deteremos sobre aspectos sócio-históricos da Antiga e Mística Ordo Rosae Crucis (AMORC), a Fraternidade Rosacruz e *Lectorium Rosicrucianum*. Observaremos a estrutura dos mitos fundantes, assim como suas relações para com os relatos presentes nos Manifestos Rosacruzes do século XVII, a inserção dos mesmos dentro da estrutura simbólica da sociedade contemporânea, suas atualizações, peculiaridades e discursos, levando em consideração as narrativas internas aos grupos, quanto as construídas ao seu respeito pela sociedade.

No capítulo quatro observaremos a estruturação social presente nos movimentos esotéricos contemporâneos – com atenção nos movimentos rosacruzes, buscaremos

⁴Ao longo deste trabalho discorreremos sobre outras aproximações – Estruturalismo figurativo, análises dos relatos míticos e simbólicos.

⁵Ver capítulo 2, item 2.2, deste trabalho.

compreender os diferentes estabelecimentos culturais que agregam em torno de diferentes ordens rosacruzes os indivíduos contemporâneos. O conjunto simbólico das narrativas, externam o que percebemos enquanto um *Misticismo Fast food*, para explicitar a inferência mercadológica que as sociedades iniciáticas atuais tiveram que absorver (ou foram absorvidas pelo mercado, um debate ainda não claro). Ressaltando que não há somente a inferência mercadológica, no processo de esvaziamento de sentido muito marcado na sociedade atual, mais uma aceleração cultural marcada pelo imediatismo, grande absorção de informações e pelo que Durand define como a inflação de imagens.

Metodologicamente utilizaremos a sociologia das profundezas – que será devidamente discutida no capítulo dois e a perspectiva do esoterismo de forma estrutural de Olav Hammer, com enfoque nas sociedades iniciáticas rosacruzes. Buscando a compreensão da constituição de imaginários próprios, como respostas a questões cosmogônicas, antropogônicas e de base socializante. É uma característica recorrente nestes movimentos, o estabelecimento de noções que evocam a pertença mística e assim uma forma secularizada de misticismo é um dos mitemas marcantes da modernidade esotérica – um alquimista em rede, um ocultista de *bits*, talvez extrapole a ideia de um neologismo, pomposo e impactante.

O fenômeno religioso está em pleno processo simbiótico para com as fronteiras modernas do relacionar humano, a dicotomia eliadiana (sagrado e profano), alternam-se de forma vertiginosa, a velocidade aqui insere o princípio de incerteza, para os olhos, diferença não há, e só desacelerando é que discernirmos a mixórdia contraditorial do racionalizar humano.

1 CAPÍTULO – TEMPO DOS RELATOS: O CÍRCULO E A RETA PERCEPÇÃO DAS TEMPORALIDADES NA SACRALIDADE ROSACRUZ

Tempo – trazer à tona as tentativas conceituais para uma definição deste termo, provocas alvoroço intelectual neste pesquisador, atrelado ao campo das humanidades cuja formação (Licenciatura e Mestrado) me forneceu uma visão dicotômica do termo, assim, apresentado ao binômio contraditorial⁶: *Cronos* e *Kairós*, abre-se uma miríade de cosmogonias, atos hierogônicos que perpassam a consciência humana nos mais profundos imaginários, alicerçando o nascimento dos deuses, heróis e do próprio homem, assim também como formulando sentidos últimos dos diversos níveis das existências. Digamos que a partir disto a percepção da realidade bifurca-se em outros pares que possuem tantos ou mais significados, tempo e espaço, alto e baixo, vertical e horizontal, “caixinhas” polarizadas em diferentes momentos da história em estruturas de fé e razão. Não nos dedicaremos a complexa teia de valores imbricados nestas duas palavras. No presente trabalho faremos incursões a diferentes produções do conhecimento humano. Não esperem fronteiras definidas de modo engessado, mas uma postura transdisciplinar⁷ no ato de entender a produção, codificação e propagação do conhecimento. Essas ferramentas permitirão explicar conceitos que portam-se para além da apreensão humana e ao mesmo tempo sua existência está na epiderme da cognição do homem, da sua definição de humanidade e cultura.

Enquanto humanos, matéria orgânica e consciência, oscilamos entre dois polos: noite e dia, luz e trevas, bem e mal, e porque não dizer passado e futuro cujo ponto de equilíbrio da gangorra de percepção chamamos de presente, o hoje o agora cuja perenidade tem a duração da consciência deste *momentum*⁸, ora o que denominamos passado é aquilo que olhamos e dizemos, já se foi, mas a própria frase ao findar-se já se encontra no ocaso, estabelecendo-se como imutável na reta das sucessões históricas, e futuro é a virtualidade que em si só condensa anseios e caminhos para o humano, pairando sempre na curva seguinte, encobrendo-se sempre à desnudar-se no horizonte preciso.

⁶ Contraditorial aqui enquanto a lógica de tempo sacralizado ou espiritualizado e o tempo secular, cuja materialidade torna-se evocativa.

⁷ A transdisciplinaridade busca a elaboração de uma nova Filosofia da Natureza, uma nova abordagem científica e cultural que visa a reintegrar todos os ramos do conhecimento humano e harmonizar os diferentes níveis de Realidade que lhes são correspondentes, sem absolutamente ferir a identidade de cada um, mas fazendo-se dialogar e cooperar para superar o impasse a que chegaram isolados um dos outros. (RIZEK; SOMMERMAN, 1995, p. 14) Sugerimos ainda a leitura do Manifesto da Transdisciplinaridade de Basarab Nicolescu, São Paulo, editora Triom, 1999.

⁸ Termo utilizado aqui na concepção da física, de ímpeto, impulso ou força.

A narrativa mítica expressa no discurso, nos múltiplos relatos estabelecidos pela constância dos mitemas, firma e dar sentido a trajetória humana, através das representações simbólicas de sua realidade. A linguagem simbólica está intimamente firmada na vida e na cultura das sociedades, as interpretações simbólicas – arbitrárias ou não, dos signos linguísticos ao suscitam o pertencimento cultural do indivíduo, constituindo-se no limiar do narrar e do significar do tempo simbólico, mítico. Por exemplo nas palavras iniciais do evangelho de João “no princípio era o Verbo” ora o verbo na teoria do imaginário determina a ação e utilizando uma ideia analógica, a ação induz ao movimento e assim ao tempo, ao espaço e própria realidade. Esta hierofania do verbo pode ser percebida enquanto força motriz que dilacera a inercia anterior ao *Fiat*.

A temática do tempo possui diferentes definições, por exemplo quando estudada do prisma antropológico, é vista pelo ritmo humano, assume os matizes de sentido, do homem, da humanidade, as representações do tempo possuem duas que são, digamos populares uma representação retilínea e outra circular. Ao pensarmos no conjunto de relatos, retilíneos com um início atemporal – *in illo tempore*⁹, um desenvolvimento pautado pelo fato, pelo ato, pelo agir, para então adentrar novamente na curva do horizonte rumo ao *éschaton*¹⁰, um fim prenunciador de uma guinada no relato, esta é a definição do sentido último presente nas narrativas que possuem um início e um fim, sempre inseridos na reta simbólica.

Optamos por uma abordagem onde o *Fenômeno Rosacruz* lastreia as constelações simbólicas dos diferentes movimentos rosacruzes, e aqui nos deparamos com dois termos cujo uso neste trabalho possuem particularidades e a distinção de ambos tentará ser construída ao longo das linhas que seguem. De antemão ressaltamos que ambos os termos possuem entre si uma complementariedade, tendo em vista que o uso dos mesmos estabelece similitudes e confusões indicando, por vezes, ambos enquanto sinônimos.

O historiador alemão Jörn Rüsen, estabelece uma relevante crítica ao senso comum, quando se trata de perceber as ideias dos tempos históricos. Se numa primeira acepção possuímos uma diferenciação “[...] de cunho tipológico cultural entre concepção cíclica e concepção linear de tempo esta serve sobretudo para caracterizar as culturas oriental e ocidental ou culturas mais antigas e mais recentes.” A questão é que ambas as percepções, “presente em todas as culturas utilizam simultaneamente ambas as concepções de tempo ainda que em diferentes constelações”. (RÜSEN, 2014, p. 265)

⁹Termo utilizado por Mircea Eliade, significando tempo fora do tempo, expressão para denotar que o tempo sagrado possui uma lógica própria.

¹⁰Do Grego significando, último, fim do mundo, concretização.

O tempo recebe seus significados dos sentidos que damos a ele. Desta forma o tempo é uma manifestação do estado de consciência plenamente humano, apesar de criarmos diferentes ferramentas para contê-lo, lançando mão de recursos tecnológicos – relógios, calendários, ou através de eventos marcantes: estações da natureza, noite e dia. Sua essência sempre escapa ao homem, e se optarmos por uma aproximação das facetas do tempo, o entendemos enquanto temporalidades.¹¹

O binômio tempo/espço assume nos contextos sociais distintos sentidos, neste primeiro capítulo nos debruçamos sobre o quadro constituído do Rosacruzianismo, inicialmente nas constituintes temporais e nas delimitações de suas narrativas em si, a gama de elementos simbólicos que comporão o Rosacruzianismo contemporâneo fornece um amplo capital de conceitos e simbolismos, cuja pregnância simbólica ressalta sua importância enquanto fenômeno social, histórico e cultural.

O Rosacruzianismo despertará o interesse dos mais distintos campos do conhecimento humano, na abordagem sócio-histórico cultural, ao tentarmos entender o *locus* de sua orientabilidade¹² assim como sua relevância para a compreensão dos caminhos do Esoterismo Ocidental, nos deparamos com partículas viajando em diferentes trajetórias¹³, para ilustrar a complexidade do movimento, complexidade não exclusiva do Movimento Rosacruz, gostaríamos de sugerir – utilizando nosso poder criativo, a imaginação, a virtualização da imagem da *Fita de Möebius*¹⁴, utilizando deste elemento ilustrativo e evocativo, através do qual vislumbramos a reminiscência mítica ser retomada, ressignificada e apropriada por sociedades de épocas diferentes, o movimento da “esfera”, “partícula” traz a mente a mobilidade do espectro fenomênico de diferentes movimentos.

A sobreposição de atos e atores sociais, constituirá no nível de formulações sociais os elementos distintivos dos grupos que emergem destes atos epifânicos, lembrar o ato de dobrar a retilínea faixa da sucessão do tempo, numa ciclicidade profunda e complexa. Insere-se no

¹¹Utilizamos o termo no plural, tendo em vista a diferentes percepções do termo, cada grupo social estabelece um diálogo com uma temporalidade própria, numa visão macro, assim como cada indivíduo processa temporalidade individual numa perspectiva de seu microcosmo.

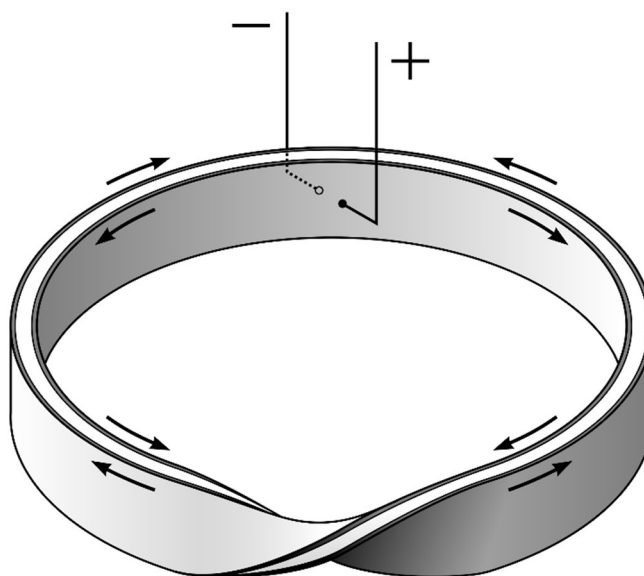
¹²Sua inserção na cultura histórica, na morfologia social e cultural.

¹³Os corpúsculos que compõem o espectro luminoso ou até mesmo os táquions por exemplos – estes últimos figuram com a possibilidade de serem mais rápidos do que a luz.

¹⁴Deve seu nome a *August Ferdinand Möbius* (1760-1868), matemático e astrônomo alemão, a ele também é atribuída o estudo sobre triangulação partindo de objetos geométrico, a Fita de Moebius, introduz – na academia francesa do século XIX, a discussão sobre orientação, geolocalização – a evocação desta imagem também pode ser encontrada na Cultura Pop em especial em filmes que discutem a possibilidade de viagem temporal, por exemplo: *Vingadores Ultimato*, 2019. Aqui a tomamos enquanto elemento ilustrativo da mixórdia espaço/temporal do Esoterismo Ocidental e do Rosacruzianismo.

reencantamento do mundo, na valorização do imaginário e na retomada de conhecimentos à margem da sociedade, por vezes soterrado por lógicas excludentes.

Imagem 1 - Exemplo da Fita Möebius em 2D



Fonte:

https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/7/7d/M%C3%B6bius_resistor.svg/2276px-M%C3%B6bius_resistor.svg.png Acessado em: 25 de fevereiro de 2020 às 9h

1.1 TEMPO, TEMPORALIDADE E META TEMPORALIDADE

A história, esta companheira inexorável do ser humano, pautada pela memória de feitos notáveis escreve-se diariamente ante o indivíduo que oscila entre ator e coadjuvante da construção social, história está sendo escrita agora, neste exato momento. Sua relevância dirá se este momento passará à posteridade. Assim quando pensamos sobre os acontecimentos históricos, podemos intuir, arriscar um palpite, que sobre determinado fato social – *acontecimento*, teremos diferentes narrativas, percepções, isto devido ao local em o observador encontra-se além das interpretações do acontecimento. Não esqueçamos que a experiência pessoal lastreia nossas visões de mundo, e guardadas as devidas proporções, a temporalidade social, esta última apresentando-se de forma *complexa*, tendo em vista que congrega em suas formulações diferentes características para o historiador William H. Sewell Jr (2017):

Uma característica significativa dos acontecimentos históricos é que eles sempre combinam processos sociais com temporalidades muito diferentes – tendências sociais relativamente graduais ou de longo prazo, oscilações mais voláteis de opinião pública, acontecimentos acidentais, pontuais estratégias políticas de médio prazo, decisões individuais repentinas, ritmos econômicos ou climáticos oscilantes – que são agrupados de modos específicos, em lugares e tempos específicos, em uma

sequência particular. **O fato de haver uma diversidade de temporalidades operando em qualquer presente suscita desafios analíticos difíceis**¹⁵. (SEWELL JR., 2017, p. 22)

A temporalidade do ponto de vista social, figura como elemento central dos debates sobre o tempo e suas percepções, outro conceito que possui um sentido profundo neste debate é o “acontecimento”. O sentido desta temporalidade que “recorre, por sua vez, a uma qualidade do tempo, ou a um passado meta empírico, ao “tempo primevo”, à *arché* do mito, a uma origem enfática que dá sentido a tudo que vem depois ou a um futuro”, encontra no fluxo simbólico de apropriação do imagético, passando por uma alquimia de significados para em seguida retornarem ao mundo exterior, transformados, porém ao racionalizarmos este meta tempo “abrangente enquanto critério de sentido para o dimensionamento e a interpretação da experiência temporal também pode ser concebido como ordem temporal atemporal, eterna, abstraída do tempo, sem tempo”. (RÜSEN, 2014, p. 264)

Durante sua conferência no Círculo de Eranos¹⁶, em 1951, Henry Corbin (1903-1978), debruça-se sobre a concepção de Tempo, observando a percepção do Tempo Cíclico no Mazdeísmo e no Ismaelismo. Nesta oportunidade Corbin – partindo de leituras, do filósofo Abu Hatim Rāzī (854–925), define que, retoma um conceito pertinente para a ideia aqui construída, nas palavras do islamólogo:

O tempo é a eternidade medida pelos movimentos dos céus, cujo nome é dia, noite, mês, ano. Eternidade é tempo não medido, não tendo começo nem fim. "É o tempo de duração sem fim, duração absoluta." A causa dessa duração eterna é a primeira **Emanação** divina, a primeira inteligência primordial ou eternidade está no horizonte (ou na esfera) dessa inteligência. A causa do tempo é a alma do mundo; mas a própria alma está no horizonte do arcanjo; não está no tempo, pois o tempo está no horizonte da Alma como seu instrumento, como a duração do mortal vivo que é "a sombra da Alma", enquanto a eternidade é a duração dos vivos, isto é, a Inteligência e da Alma. (CORBIN, 1958, p. 147). Tradução do autor, grifo nosso.¹⁷

¹⁵Grifo nosso.

¹⁶Círculo de Eranos, é a forma como ficou conhecido o seminário realizados em Ascona Suíça de 1933, com a presença dos mais diversos nomes do pensamento ocidental, intelectuais tais Carl Gustav Jung participam há décadas, Martin Buber, Henry Corbin, Jean Danielou, Mircea Eliade, James Hillman, Karl Kerényi, Louis Massignon, Adolf Portmann, Henri-Charles Puech, Gershom Scholem, Gilbert Durand, Antoine Faivre – para citar apenas alguns – e se você olhar para os índices do “Eranos-Jahrbücher” percebemos que estamos diante de um monumento que a cultura europeia ergueu nos últimos sessenta anos.(BARONE, 1995, p. 149)

¹⁷Time is eternity measured by the movements of the heavens, whose name is day, night, month, year. Eternity is Time not measured, having neither beginning nor end." "It is the Time of Duration without end, absolute Duration." The cause of this eternal Duration is the first divine Emanation, the first primordial Intelligence or eternity is in the horizon (or in the sphere) of this Intelligence. The cause of time is the Soul of the World; but the Soul is itself in the horizon of the Archangel; it is not in time, for time is in the horizon of the Soul as its instrument, as the duration of the living mortal who is "the shadow of the Soul," while eternity is the duration of the living that is to say, of the Intelligence and of the Soul. (CORBIN, 1958, p. 147)

Encontramos nesta definição, aproximações com os elementos da mística de Jacob Boehme¹⁸ (1575-1624) profundo expoente da Teosofia Cristã, para o Sapateiro de Görlitz “o globo da eternidade, no qual reside o fundamento do Céu e da Terra, dos elementos e também a esfera ou orbe estelar [...] no qual todas as coisas foram vistas desde toda eternidade, mas sem essência, como num espelho ou num olho”, Boehme também entende que a alma humana é um reflexo da Alma Divina, cuja potencialidade está intimamente ligada aos aspectos divinos. (BOEHME, 2005, p. 32-34)

A definição de eternidade e duração, que no contexto da discussão presente fornece-nos possibilidades de aproximações e desenvolvimento de uma temporalidade onde o tempo não é mensurado, ou passível de mensuração, um tempo que insere-se na dinâmica deste horizonte do divino, emanado e por isso mesmo em constante movimento, o que chamaremos de um *meta tempo*, conforme evocado por Rüsen, possuindo a característica que estabelecer-se na “[...] concepção de temporalidade “acontecimental” dos historiadores – de que a história pode ser “acelerada” por acontecimentos – certamente postula que tempos históricos diferentes possuem, efetivamente, diferentes graus de mudança”, o tempo sacralizado, atualizado pela virtualização do eterno instante, este é um *meta tempo* constituído “fundamentalmente pela cultura, mas pela cultura no sentido mais amplo – ou seja, pelas praticas, convenções e crenças, humanamente construídas” (SEWELL JR., 2017, p. 23)

O campo estabelecido pelo sagrado, e aqui entendamos esta ideia de forma não dicotômica, no celebre binômio: sagrado e profano, mas como uma delimitação perceptiva, ou seja, o mesmo existe na devida proporção da ciência do mesmo, o sagrado é uma categoria transcendental do humano que se projeta no campo das possibilidades deste. Se nos ativermos a definição de Mircea Eliade sobre o *in illo tempore*, diretamente imbricado na ideia de narrativa primeva cuja força fundante transcende a materialidade, os dados meramente sensórios, é através desta narrativa que a atualização ocorre no ato ritualístico, que servirá de apoio ao ato experiencial, a decodificação dos sentidos profundos permitir-nos seguir com mergulho abismal da consciência humana – extrapolando os cinco sentidos hodiernos, e estabelecendo um nível de contato que aproxima-se das concepções da *unio mystica*¹⁹, desta feita: experimentar, interpretar, orientar e motivar, encadearão um processo de apreensão do transcendente no imanente.

¹⁸Sugerimos a leitura da Dissertação de Mestrado de João Florindo Batista Segundo, intitulada *Mysterium Pansophicum: Imaginário e esoterismo em Jacob Boehme*, UFPB, PPGCR, 2017. Neste trabalho o autor fornece diversos elementos que nos auxiliam a compreender a perspectiva de Boehme.

¹⁹União mística, processo em que o místico acessa de forma direta o transcendente e seu quadro meta empírico de significados.

A forma como o homem organiza as narrativas macro e micro das suas experiências, e nos detenhamos aqui nas suas experiências temporais, seguirão uma lógica tripartite – “explicações de *interconexões*, direcionamento normativo da vida humana para *objetivos* e estabelecimento de uma relação retroativa de ambos com o auto-entendimento dos sujeitos sobre sua *identidade*.” O tripé estabelecido pelos processos mentais sintetizados nos elementos acima, tornam possíveis a “experiência de mudança temporal pretérita pela via da memoração, projeção de perspectivas futuras mediante a expectativa e duração do próprio eu na interseção de ambos como presente vivo.” (RÜSEN, 2014, p. 268-269)

Ao entendermos a memoração dos elementos vividos (experienciados), a virtualização da esperança em algo projetado ainda não manifesto, ambas mediadas pela busca da atenção plena no momento vivido, o presente mostra-se volátil na tentativa de deter nele um *locus* estático – eterno instante, ou na reatualização simbólica presente na logicidade do eterno retorno, ou da retomada de uma Era áurea.²⁰ Sendo assim a temporalidade, a percepção do tempo pode ser compreendida seguindo a seguinte lógica.

[...] assim como há uma hierarquia de mundos, **há uma hierarquia de tempos**. É a pluralidade necessária dos graus ontológicos que permite pensar na pluralização do tempo. Mundo sensível, Mundo Imaginal, Mundo dos Puros Inteligíveis: eis os principais graus do Ser. Devemos então distinguir, quando dizemos de um **acontecimento**²¹, que ele é produzido em certo tempo, o mundo no qual ele é produzido. (JAMBERT, 2006, p. 119)

A circunscrição temporal e espacial, na concepção de um mundo próprio em que acontecimentos fundam “o universo simbólico [e este] é concebido como a matriz de todos os significados socialmente objetivados e subjetivamente reais”. (LUCKMANN; BERGER, 2014) E compreendendo que a unidade do diverso fenomenal não é a receptividade, mas a espontaneidade. [...] a percepção é o efeito de um ato de força do sujeito determinando-se a uma representação a priori.” (JAMBERT, 2006). Desta forma a realidade organiza-se na percepção do tempo constituída na consciência humana, os próprios conceitos de espaço e tempo estão intimamente vinculados a como o homem os percebe.

Assim como a ideia de temporalidades diversas coexistindo no universo humano, interagindo, chocando-se e dando origem a outras percepções, conceitos, tais como: modernidade e pós-modernidade devem ser abordados com outros olhares, devemos ter uma

²⁰Mito marcante nos tratados alquímicos e místicos dos séculos XV ao XVIII, a título de exemplo podemos citar a *Aureum Seculum Redivium* – tratado alquímico reproduzido em diferentes compilações, a saber: O Museu Hermético e o *Geheime Figuren der Rosenkreuzer*.

²¹Slavoj Žižek dedica uma reflexão sobre o conceito de acontecimento, sua didática nos permite antever que determinada ocorrência no tecido social, cultural e histórico pode, na medida em que causa uma ruptura de um *status quo*, fraturar a linearidade da história, induzindo a uma bifurcação da história. (ŽIŽEK, 2017)

interrogação, sempre que olharmos para as estruturas sociais dadas, os dados da aparência social possuem sempre um véu a mais, a título de exemplo – se retirarmos todas as camadas de uma cebola até a última, o que restará não é mais percebida visualmente podendo apenas ser imaginada, e a ruptura entre a imaginação e a realidade tende a esvaziar o sentido da última.

Como coloca Berger e Luckmann:

A sociedade histórica inteira e toda a biografia do indivíduo são vistas como acontecimentos que se passam *dentro* deste universo. O que tem particular importância é que as situações marginais da vida do indivíduo (marginais no sentido de não estarem incluídas na realidade da existência cotidiana na sociedade) são também abrangidas pelo universo simbólico. (LUCKMANN; BERGER, 2014, p. 127)

Pois “a forma precede o elemento material [...], o objeto não é nem ideal nem real, ele não é dado, mas apenas concebido” (JAMBERT. 2006, p. 194), a ideiação de distintas temporalidades fornece os mais diversos materiais para a constituição da historiografia – esta seguindo as formulações clássicas, é lógico que a apreensão de diferentes temporalidades desemboca em distintas formulações históricas, teremos tantos tempos históricos quanto formulações de temporalidades.

Dentre as diferentes formulações sobre a lógica do tempo, aqui seguiremos uma definição de cunho mais sócio-histórico, optamos por retomar a propositura do historiador alemão Jörn Rüsen, em sua obra, *Cultura faz Sentido*, ele nos brinda com uma profícua reflexão sobre a organização do tempo, para ele:

Há quatro dimensões antropológicamente universais do tempo: o presente como mundo vital experimentado e vivido; o passado como espaço da experiência; o futuro como espaço da expectativa no sentido dos lineamentos pragmáticos das projeções e dos prognósticos apoiados na experiência; e, por fim, um **(meta) tempo** abrangente e superior, que une as três dimensões num contexto de sentido.²² (RÜSEN, 2014, p. 264)

Assim como as múltiplas experiências do sagrado (transcendente) estabelecem um eixo vital entre o homem e seu corpo social, a percepção de um meta tempo que vincula e perpassa a compreensão humana do próprio tempo, triplo e da mesma forma uno. O tempo é composto, na perspectiva social de temporalidades – particularidades nos distintos imbricamentos, derivações e desaparecimento de determinadas expressões sociais no curso da história, o historiador Hayden White escreverá uma obra sobre a reflexão histórica do século XIX²³

²²Grifo nosso.

²³A obra de Hayden White debruça-se sobre a problemática do conhecimento histórico, ele traça uma estrutura geral do problema, é no século XIX que encontramos as principais contribuições para os métodos utilizados pelos historiadores, nesta baila a disciplina receberá contribuições de filósofos, sociólogos, uma das características deste

Se temos múltiplos tempos e até tempos fora da caixinha tríplice, assim postulamos haver diferentes temporalidades, tal como uma meta temporalidade, o prefixo meta presente no subtítulo deste texto, desenvolve a ideia escatológica de uma temporalidade que extravasa a temporalidade dada, hodierna. A meta temporalidade que tentamos evocar aqui, é aquela situada na hierohistória²⁴ na esfera posterior aos sentidos dados e apreendidos pelas ferramentas da historiografia clássica. Esta meta temporalidade é de cunho simbólico e cultural, é um tempo cultural que se presta a externalizar conteúdos produzidos no mundo imaginal, por vezes expressos através de variadas representações imagísticas – capital pensado da humanidade, inconsciente coletivo antropológico, museu cristal. (CORBIN, 1977; DURAND, 1995; 1998; 1999; 2002)

No âmbito das histórias das religiões, podemos notar nos últimos anos um desenvolvimento de uma outra história, a do Esoterismo Ocidental²⁵, os estudos académicos e de uma forma geral mais sistematizado atraiu pesquisadores de diferentes áreas, podemos encontrar um marco das discussões contemporâneas nos debates gerados no *17th Congress of the International Association for the History of Religions*²⁶ (IAHR), ocorrido na Cidade do México em 1995. Além de uma produção difundida através da Universidade de Amsterdam, de grupos associativos, tais como a ESSWE, o CEO-UNASUR. Na UFPB encontramos trabalhos tanto na área de Esoterismo Ocidental, quanto sobre Rosacruzianismo.

Conforme colocamos acima, múltiplas são as concepções sobre como o tempo é apreendido pelo homem, Jörn Rüsen, o concebe num duplo sentido – “**mimeticamente** mediante a elevação da ordem temporal acima dos processos de mudança experimentados do mundo ou **construtivamente** como realização da consciência humana no trato com o mundo”. (RÜSEN, 2014, p. 269)²⁷

período e inevitabilidade da ciência histórica, as fronteiras que trariam incertezas só serão erguidas no século seguinte, se Hayden busca uma meta-história que orbita entre certezas absolutas e dúvidas plausíveis, nós buscamos o tênue fio que Ariadne tece da existência homem, no seu tempo, pelo seu tempo e com seu tempo.

²⁴História sagrada, termo cunhado por Corbin, ou história santa, terminologia utilizada por Gilbert Durand em sua obra: *A fé do sapateiro*, UNB, 1995.

²⁵Os estudos sobre o esoterismo possuem uma abordagem académica desde os anos 1960, quando da criação, na École des Hautes Études (Seção de Ciências Religiosas), da disciplina “História do esoterismo Cristão”, em 1965, que se tornou em 1979, “História das Correntes Esotéricas e Místicas na Europa Moderna e Contemporânea”. Nos Estados Unidos, ocorreu em 1980 a criação da “Hermetic Academy”, que, atualmente, reúne cerca de 150 pesquisadores; a maioria deles faz parte igualmente do “Group Esotericism and Perennialism”, criado em 1986, dentro da “American Academy of Religion” (FAIVRE, 1994, p. 8)

²⁶Os textos referentes a temática do Esoterismo Ocidental foram reunidos na obra organizada por Antoine Faivre e Wouter J. Hanegraaff. Ver bibliografia (FAIVRE; HANEGRAAFF, 1998). Recomendamos a leitura de: MENDIA, 2017; VIEIRA, 2016; SEGUNDO, 2017.

²⁷Destaque nosso.

O tempo enquanto realização da consciência humana, bipartida entre a explicitação do mimetismo existente entre micro e macrocosmo, ou vindo a significar a realidade mediante a uma postura construtivista do mundo, perpassa pela interconexão que quatro atividades mentais: experimentar, interpretar, orientar e motivar. Para Rüsen:

O tempo é **experimentado** como alternância das coisas e dos seres humanos; ele é **interpretado** nas perspectivas de memoração e da expectativa. Com essas e nessas perspectivas a vida humana é efetuada mediante a **orientação**, e essa orientação chega ao ponto de determinar a vontade de agir enquanto força **motivadora**. No tocante à orientação, pode-se diferenciar (artificialmente) duas dimensões, uma interna que trata da subjetividade humana, de sua coerência temporal entre futuro e passado, e uma externa, na qual as circunstâncias e questões da vida prática atuam e se desenrolam com determinação temporal. (RÜSEN, 2014, p. 267-268)

A multiplicidade dos tempos históricos, possui em a força para desconcertar os historiadores, em seu régio espírito historiográfico, habituados “ao tempo unívoco, liso, coeso, incolor, orientado, sucessivo, encadeado, axial, progressivo, cumulativo,” a lógica construída através da ciência histórica, firmada desde o século XIX, implicará na dificuldade de perceber o tempo em “inúmeras linhas e camadas”, fornecendo não uma realidade única, linear unívoca mas dimensões de significados que se sobrepõem, atualizam-se cessam e tornam a seguir o curso, formulando um “emaranhado de temporalidades”. Para Salomon, “é como se o tempo histórico perdesse seu eixo e passasse a experimentar vertiginosamente o tempo.” (SEWELL JR., 2017; SALOMON, 2018, p. 9-10)

No início deste capítulo citamos que tempo e espaço caminham muito próximos, assim, “semelhante a ideia de heterocronia²⁸ temos a ideia de heterotopia”, ora o “tempo em que vivemos não é tampouco um vazio no qual se podem simplesmente situar os indivíduos e as coisas; ele é um tempo heterogêneo”. (SALOMON, 2018, p. 22)

Nesta feita o:

Conceito de temporalidade é, portanto, indissociável de uma elaboração reflexiva da própria experiência do sujeito. Assim, a multiplicidade temporal está fundada na própria pluralidade de experiências e de perspectivas a partir das quais os homens elaboram reflexivamente o tempo. A cultura histórica, em seguida transcende as temporalidades específicas e projeta-se para além de sua contingência original. A temporalidade em suas múltiplas dimensões é, portanto, uma marca fundamental do pensamento histórico. (SALOMON, 2018, p. 29-30)

Não há somente um tempo, senhor de tudo, e tirano da consciência humana, mas uma plêiade de temporalidades sobrepostas, por vezes ocultadas em camadas da consciência do homem, construindo histórias vivas, culturas pujantes, expressões que delinearão a

²⁸Heterocronia é a multiplicidade de tempos, ou de apreensões do tempo, assim como heterotopia caracteriza-se enquanto multiplicidade de lugares, *topos*.

complexidade do pensar humano diante da morte e da perenidade de si, enquanto ser consciente, as múltiplas temporalidades são as camadas de significados que comporão o *ethos* social, e assim a realidade, pois, “A realidade é imaginação e a imaginação criadora é criação da realidade.” Devemos “[...] pensar a singularidade dos tempos que constituíam [constituem] as diferentes sociedades.” Problematizando “a relação entre as temporalidades específicas de cada sociedade independentemente de um quadro cronológico evolutivo, teleológico, sincrônico e hierarquizado.” (JAMBERT. 2006; SALOMON, 2018)

1.1.1 Definições do Tempo e suas diferentes apreensões

O compassar rítmico do cômputo está ali representando, o ato silencioso de dar sentido a algo subjetivo, cuja existência pauta-se pela percepção da consciência, desenvolvendo seus amplos significados neste.

Distintas áreas do conhecimento se debruçaram sobre a temática temporal, antropólogos, sociólogos e historiadores, cada um, ao seu modo sugere e contribui para a conceituação deste termo. A invenção do relógio²⁹ visa marcar a rítmica do tempo de forma linear, numa sucessão de intervalos idênticos, homogêneos sem expressar elementos valorativos, que no estabelecimento do sentido em que avançam, e apesar de serem idênticos, não se repetem, seguindo sempre em frente em sua marcha. Para responder à rigidez da temporalidade linear, e assim como o círculo interpõem-se diante da reta, a ciclicidade temporal evocará sempre um retorno, uma retomada do tempo primevo, esboçando valores, sentidos, seguindo esta ideia podemos aferir que a temporalidade é quantitativa enquanto a temporalidade cíclica é por si só qualitativa, uma esboça a dura face do tempo, a outra o eterno retorno mítico simbólico³⁰. (HUBERT, 2016; SOUZA, 2016)

²⁹Antes dele a clepsidra, a ampulheta, relógio de vela e diversos outros instrumentos.

³⁰Temática discutida por Henry Bergson e retomada por Henry Hubert “Em seu Ensaio sobre os dados imediatos da consciência, o sr. Bergson concluiu que a noção de tempos não é unicamente a de uma quantidade, mas que ela é qualitativa. Nos sutis arabescos da Matéria e Memória, ele substitui, como elemento produtor da representação do tempo, as noções de grandeza, de posição e de sucessão, por aquela da tensão ativa por meio da qual, de uma parte, realiza-se na consciência a harmonia das durações independentes dos ritmos diferentes e, de outra, distribuem-se e circulam as imagens entre os diferentes planos dessa mesma consciência. Assim se realiza, em seu sistema, o transporte da ideia de tempo do domínio da quantidade pura ao de qualidade. (HUBERT, 2016, p. 61)

A desaceleração do agir humano³¹, por exemplo no ato de esperar, induz uma percepção marcada pelo rítmico martelar do relógio, numa percepção *slow motion*³² sentimos o fatigar dos segundos, da mesma forma que ao observarmos atentamente uma pintura de Pollock³³, a cada novo piscar de olhos, novas teias de cores, formas e interações apresentam-se a nós, assim, os matizes temporais se vincularão ao estado de percepção que temos sobre determinado momento, assim “o sentido histórico reside em que o acontecimento eventual se evidencia ou é visto como carregado de sentido no próprio mundo – no horizonte temporal da memoração e da percepção atual.” A atenção dedicada ao acontecimento, faz com o instante permeie de forma indelével a consciência humana, permitindo a interpretação do sentido, e sua possível tipologia, numa certa medida, decifrável. (RÜSEN, 2014; MAFFESOLI, 2001)

A percepção de tempo está intimamente vinculada a ideia de movimento – “o tempo é o que passa – presente, passado e futuro” podemos entender “que a temporalidade é a construção social do tempo; construção historicamente mutável e socialmente específica.” O tempo em suas múltiplas exteriorizações:

[...] engloba temporalidades distintas que não ocorrem em sucessão, mas, ao mesmo tempo, interagem na simultaneidade que as abrange, devendo ser compreendidas a partir de ambas as perspectivas. São temporalidades, ainda, que possuem ritmos diversos, durações contínuas, às vezes descontínuas, outras, e diferentes dimensões de vida social, cultural, política e econômicas. (SOUZA, 2016. p. 8)

Seguindo esta logicidade temos:

- **tempo individual**, referente à vivência e ao cotidiano de cada um;
- **tempo histórico**, que é o período de tempo no qual os tempos individuais submergem e interagem uns com os outros;
- **tempo universal**, medido da mesma forma em cada canto do planeta;
- **temporalidades locais**, definidas a partir de culturas distintas;
- **tempo natural, cósmico**, - em contraste com o tempo social -, mensurado a partir do calendário e ao mesmo tempo dotado de especificidade³⁴. (SOUZA, 2016. p. 8)

Os historiadores, que possuem uma formação mais rígida e pautada unicamente na historiografia, creem que o tempo possui algo de fatídico, de irreversível, não podendo ser obliterado em sua essência, ele “está alojado na memória daqueles a quem afeta e, portanto,

³¹Para Einstein – O tempo está comprimido no instante suspenso entre ‘dois nadas’, partindo desta ideia ele afirma a descontinuidade do tempo. (SALOMON, 2018, p. 31)

³²Estilo de filmagem surgida no início do século XX, desenvolvida pelo austríaco August Mus'wger (1868-1929), o efeito é conseguido através de uma captação das imagens numa velocidade acima da taxa de reprodução seguinte, quando exibida em velocidade normal, dar a ideia de que a imagem está em câmera lenta.

³³Paul Jackson Pollock (1912-1956), artista plástico norte-americano, que consagra-se enquanto um dos nomes do Expressionismo Abstrato, sendo também o responsável pela técnica de gotejamento.

³⁴Grifo nosso.

altera irrevogavelmente a situação na qual ocorre. Embora eu possa fazer uma promessa e depois retirá-la, o fato de eu tê-la feito não é obliterado pela retirada.” Para SEWELL JR., 2017, “os efeitos de um acontecimento podem ser nulificados, ampliados, eludidos, compostos, canalizados ou difundidos por acontecimentos prévios, subsequentes ou simultâneos.” O ato acontecimental, que deixa sua marca na consciência humana terá uma potencialidade vinculada ao encadeamento de outros atos sociais, os acontecimentos históricos são em si uma gama de bifurcações, “meandro e deltas” do devir humano, seu *locus* na esfera das possibilidades “significa que os acontecimentos históricos são extremamente imprevisíveis.” (SEWELL JR., 2017, p. 20-21)

Temos além dos calendários religiosos – calendário islâmico³⁵ o qual estamos no ano *HG* 1440, o calendário judaico³⁶, calendário Ba’hai³⁷, a maçonaria³⁸ possui diferentes calendários³⁹ referenciando as idiossincrasias ritualísticas e míticas que norteiam os distintos panteões. O que nos permite perceber a coexistência de diferentes sistemas simbólicos desenvolvendo-se no mesmo ambiente social.

O ramo rosacruz da AMORC seguindo a lógica maçônica também fixa um calendário próprio⁴⁰. Se nos detivermos nas altas cifras das diferentes eras da cultura Hindu, ou se seguindo a propositura de Platão observarmos o seu Ano de Ouro, e na temporalidade cósmica natural vislumbrarmos a Precessão dos equinócios, a volta ao ponto Vernal. Todos estes eventos e percepções permeiarão o imaginário com elementos simbólicos que expressam-se com força na visão contemporânea da realidade, a própria ideia de contemporaneidade serve de filtro para compreendermos diferentes *locus* da história. Pois “o tempo no mundo contemporâneo traduz uma ‘complexidade temporizada’, na medida em que é percebido ‘ao mesmo tempo como simultaneidade e sucessão’.” (LUHMANN, 1998 *apud* MATA, 2018, p. 231)

³⁵Também designado muçulmano ou hegírico, que possui sua data inicial a partir da Hégira, nome dado a fuga de Maomé de Meca para Medina, ocorrida em 16 de julho de 622 de acordo com o calendário juliano, outro dado relevante é que o pôr do sol marca o início de um novo dia, o dia santificado para os muçulmanos é a sexta-feira.

³⁶Para se obter o ano judaico atual soma-se 3760 ao ano cristão. ex.: 2019+3760 = 5779.

³⁷Que possui seu ano 1 em 1844, organizado num ano de 365 dias, dividido em 19 meses representando os nomes de Deus, o ano inicia-se em 21 de março e cada dia no pôr do sol.

³⁸Os calendários variam de acordo com o rito adotado, encontramos calendários que replicam o calendário judaico, ou que possuem seu ano 1 na organização dos Cavaleiros Templários, etc.

³⁹A historicização do tempo por parte dos cristãos se deu quando ele passou a ser contado a partir de um evento histórico, qual seja, o nascimento, a vida, paixão e morte de Cristo. Com isso, e diferentemente de outras religiões, o tempo sagrado confundiu-se com o tempo histórico e enraizou-se na trajetória do ser humano, que a passou a possuir um sentido histórico preciso e bem demarcado. Cristo = *cronocrátor*, senhor do tempo (SOUZA, 2016. p. 78)

⁴⁰O calendário da AMORC fixa seu ano 1, em 1353 AEC, ano do nascimento do Faraó Akhenaton, é a partir da data geral do reinado deste Faraó que se conta o Ano Rosacruz. A Ordem Rosacruz está, portanto, no Ano 3372, sempre comemorado em março.

Estes servem para ilustrar que diferentes calendários⁴¹ foram utilizados, dando sentidos e distintos ao tempo, variações que coexistem na trajetória do humano denotando uma dinâmica cultural onde o tempo em suas variadas temporalidades age qual fio alinhavador das práticas culturais dos diferentes setores sociais. Não deixa de nos instigar, que um mesmo indivíduo, transita livremente por variadas temporalidades, assim como a múltipla pertença associativa⁴². Temos um tempo social que é no *anthropos* religioso, iniciado que se potencializa – estes caminhos trilhados por sociólogos, Niklas Luhmann (1927-1998), Armin Nassehi, Arnold Gehlen (1904-1976), apenas para citar alguns. (MATA, 2018, p. 229-232) são exemplos das reflexões sociológicas sobre a temática temporal, é no ambiente das reflexões religiosas que encontramos as principais formulações temporais.

Assim como a antropologia e a sociologia a filosofia também se dedicará a refletir sobre o tempo, a fenomenologia husserliana distingue e até mesmo opõe a existência de um tempo físico objetivo e mensurável, uma percepção de tempo interior, subjetivo e não mensurável, Marlon Salomon identifica aí uma possível aproximação com o bergsonismo, a noção de tempo presente na teoria de Henry Bergson (1859-1941) concebe o tempo como uma sucessão de acontecimentos desenrolados ao longo da vida e profundamente vinculados a memória, melhor definida como “consciência”. Este acontecimento atualiza-se através da memória, remodelando a lógica do que seria o presente. Para Bergson passado, presente e futuro entrecruzam-se, não podendo ser disposto numa reta sucessiva, por exemplo. Posterior aos trabalhos de Bergson, “as ciências do homem então nascentes passavam a falar na existência de um ‘tempo social’, irreduzível a essas duas outras temporalidades, e cujo estudo se inscrevia naquele das representações coletivas das sociedades e dos grupos sociais.” (BERGSON, s/d; 1999; 2006; SALOMON, 2018)

Antes das concepções dos dois filósofos citados acima, Bergson e Husserl, a lógica da das expressões temporais – passado, presente e futuro, expressas em retas ou círculos, Sigmund Schlomo Freud (1856-1939), já percebia a sucessão disposta em reta distinto da posição convencional. Para Freud, a organização da psique humana compreendia, presente, passado e futuro, evocando a sua maneira a presença da memória na constituição da consciência. Outro

⁴¹[...] a divisão do tempo comportaria um máximo de convenção e um mínimo de experiência. A experiência precisa viria, a seu tempo, dar-lhe um suplemento de autoridade. Mas a preocupação com a exatidão experimental, a qual se aplica por vezes ao calendário, jamais é durável. (HUBERT, 2016, p. 71)

⁴²Pertença religiosa. Para Hubert, [...] os atos e as representações da religião, e a podem ser associados os da magia, comportam noções do tempo e do espaço bastante diferentes da noção normal. [...] os ritos e os episódios míticos transcorrem no espaço e no tempo, é preciso perguntar como se pode conciliar em relação a eles a fragmentação teórica do tempo e do espaço com a infinitude e a imutabilidade do *sagrado*, onde eles igualmente se passam. (HUBERT, 2016, p. 29)

psicanalista Jacques-Marie Émile Lacan (1901-1981) entenderá a disposição, presente, futuro e passado, denotando o ato esperançoso que norteia e instiga o organizar humano, ambos os pensadores fixam na ideia do presente enquanto elemento pedagógico da apreensão humana da temporalidade

Recorrendo a Peter Pál Pelbart:

[...] não estamos mais diante de uma mera alteração no *sentido* da flecha do tempo, mas de uma explosão *da* flecha do tempo. O que está em pauta, e daí nossa perturbação, é a abolição da ideia mesmo de *uma* seta, de *uma* direção, de *um* sentido do tempo, em favor de uma multiplicidade de setas, direções e sentidos. É o que se poderia ler em Deleuze⁴³ a partir da concepção de um rizoma temporal, que implica uma navegação multitemporal num fluxo aberto. (PELBART, 2018, p. 313)

Dentre os diferentes cismas sociais, definidores da realidade, a expressão vinculada a religião, recebe de nós uma atenção particular, conforme Hubert, as variações as quais ele chama de “anomalias” são responsáveis por revelar a “contradição entre os caracteres relativo ao tempo normal e sagrado, podem nos colocar na pista da noção de tempo religioso”, o tempo é uma “condição necessária dos atos e das representações mágicas religiosas.” (HUBERT, 2016, p. 31) Os meios nos quais desenvolve-se a ritualidade, o instante epifânico da atualização do mito, e assim evocando o tempo sacralizado ao interpor-se ao profano, um fino véu é colocado diante da face de Ísis, ter “a noção [deste] instante introduzia a descontinuidade temporal e rompia com a dimensão homogênea, linear e contínua do tempo”. Instaurando um “tempo heterocrônico, plural, descontínuo, acêntrico, antideterminista e anticausal parecia comprometer qualquer possibilidade científica. (SALOMON, 2018, p. 18-19)

Representar o tempo através de sua rítmica⁴⁴, lembremos que o ritmo é um emblema marcante das atividades desenvolvidas em agrupamentos sociais, notamos que numa escala de complexificação do status social, na construção da emaranhada teia de reconhecimentos e reconfigurações, as formulações sobre a ideia de tempo complexificam, fornecendo um amplo capital simbólico, se seguimos a lógica de Hubert, a ritmicidade exposta pelas marcações, dos

⁴³ Gilles Deleuze havia pensado, do tempo não como um círculo ou linha, mas como rizoma. Narrativas multilíneas, rizomáticas e policrônicas atravessam o pensamento e as condutas contemporâneas do tempo. (SALOMON, 2018, p. 37) [...] se seguimos uma intuição de Deleuze, contra as várias figuras do Mesmo que ao longo da história do pensamento domesticaram o tempo, desde a ‘imagem móvel da eternidade’ platônica até a circularidade hegeliana, onde começo e fim sempre ‘ritmam’, passando pela racionalidade aristotélica ou pela causalidade kantiana, parece emergir um tempo indomado e indomável – o tempo como *o Desigual-em-si*. Apenas na sua modalidade incondicionada, imanente, positiva, pode ele conquistar-se como potência genética, como virtualidade pura, como variação infinita. O tempo já não como círculo, nem como linha, mas rizoma, multiplicidade. É o tempo e o pensamento borgesianos, que atravessam o pensamento, a experiência e as práticas contemporâneas. (PELBART, 2018, p. 318)

⁴⁴ Lembremos que “não há somente um tempo à maneira hegeliana ou bergsoniana, uma espécie de grande fluxo que levaria tudo consigo; há histórias diferentes que se sobrepõem.” (SALOMON, 2018, p. 23)

calendários dos acontecimentos que dividem eras, períodos e conceitos, são um reflexo dos ritmos naturais, do suceder das estações, da noite e do dia e até, o nascer, viver e morrer. Neste último estágio a escatologia estabelecerá uma nova lógica temporal e transcendente, um tempo fora da temporalidade imediata, onde seu *locus* dar-se no *imaginal* proposto por Henry Corbin (1903-1978).

A recorrência do estado temporal situado no limites da sacralidade⁴⁵ dialoga com uma localização das coisas sagradas, o limite do sagrado, imposto pelo ato do sacrifício, e terá na práxis hodierna das relações humanas a atualização necessária para que estabeleça-se a força significativa da sacralidade, permitindo que as datas do calendário, símbolos arbitrários, participem do poder destas temporalidades, “essa coisa vaga mas bem real, que não é, como dissemos alhures, nem substância, nem qualidade, nem ato, mas é ao mesmo tempo tudo isso.”

O tempo, as temporalidades são convenções sociais, acordos simbólicos de caráter qualitativo, suscetível de mudanças e extrapolações,⁴⁶ “em resumo, o quadro qualitativo do tempo é formado por um grande número de convenções que estabelecem relações⁴⁷ de causa e efeito entre os fenômenos que nele se passam e, por abstração, o próprio tempo”. (HUBERT, 2016, p. 75-81)

A ciência⁴⁸ e a religião⁴⁹, cada uma ao seu modo propuseram respostas, ou caminhos a serem pensados sobre a questão do tempo, o tempo⁵⁰ é um elemento essencial no amálgama de diversas relações – sociais, históricas, individuais e coletivas. A temática é de toda forma tão

⁴⁵Seguindo o pensamento de Hubert, “[...] a magia e a religião conciliaram a contradição flagrante que existe entre a noção de sagrado e a noção de tempo, às exigências das quais elas estavam igualmente submetidas, atribuindo convencionalmente ao tempo e às suas partes – momentos ou períodos – a qualidade de sagrados. Elas colocaram o sagrado no tempo e constituíram assim a cadeia ininterrupta de eternidades, ao longo da qual, seus ritos podiam dispersar-se e reproduzir-se permanecendo invariavelmente idênticos. (HUBERT, 2016, p. 85)

⁴⁶Coexistência de mais de um tempo social no mesmo grupo, por exemplo movimentos esotéricos: Maçonaria, Rosacruz, Martinismo e outros.

⁴⁷Estas relações são antes de tudo relações de identidade.

⁴⁸A doutrina segundo a qual a ciência prove a garantia de sua validade demonstrando suas afirmações, isto é, interligando-as num sistema ou num organismo unitário no qual cada uma delas seja necessária e nenhuma possa ser retirada, anexada ou mudada, é o ideal clássico da ciência. (ABBAGNANO, 2017, p. 147)

⁴⁹[...] o tempo, para a magia e a religião, não seja uma quantidade, ou algo suscetível de ser considerado como tal, mas que ele não é uma quantidade pura, homogênea em todas as suas partes, sempre comparável a ela mesma e exatamente mensurável. Nos julgamentos relativos ao tempo, insinua-se algo diferente de considerações de mais, de menos e de igual, pois nele também se fazem presentes considerações de aptidão, de oportunidade, de continuidade, de constância, de similitude, e as equivalências, das quais já falamos, não sendo igualdades. As unidades de tempo não são unidades de medida, mas unidades de um ritmo, no qual a alternância das diversidades conduz periodicamente ao semelhante. (HUBERT, 2016, p. 57)

⁵⁰[...] para além do campo especificamente cinematográfico, também literatos, historiadores, antropólogos, cientistas, para não falar nos próprios psiquiatras, e cada qual à sua maneira, são impelidos a inventar ‘imagens de tempo’ peculiares para dar conta de um desregramento do tempo do qual fazem a experiência cotidiana. O que essas imagens de tempo têm em comum com aquelas provenientes da psicose é o fato de que todas elas, no geral, colocam em xeque uma experiência e uma concepção de tempo homogênea, linear, progressiva e cumulativa, que tem caracterizado a ideia de tempo predominante no Ocidente. (PELBART, 2018, p. 317)

instigante que podemos perceber as aproximações entre os relatos científicos e os relatos míticos. Por exemplo, entre visões do místico Jacob Boehme e David Bohn, entre textos do Zohar ou Sefer Yetzirah e a teoria das cordas, ou dos diferentes níveis de realidade⁵¹, talvez até dos multiversos. Na religião, para Deus ou para os Deuses o tempo não existirá, ou possuirá leis próprias que não se aplicam a mortalidade diária, não há sucessão da reta nem o retorno do ciclo, existe apenas o presente em eterno estado quântico de virtualidade e potencialidades. Não se pode negar a profunda vinculação com a teoria da relatividade, postulada no início do século XX.

A mecânica quântica nos fornecerá novos pontos de observação sobre a origem do universo, sua expansão e entropia assim como postulará, algo que pode soar mitológico de tão mágico⁵² que é, a existência de diferentes relações entre espaço-tempo, em um desdobramento teórico, encontramos a proposta da teoria das supercordas, onde nove dimensões espaciais se sobrepõem em camadas, fractais, um caleidoscópio de reflexos em espelhos infinitos, tendo como constante o observador, enquanto consciência e *imago templi*, “e isso ocorre de tal maneira que os atos religiosos e mágicos podem cessar sem terem acabado, repetir-se sem mudar, multiplicar-se no tempo, e, ainda assim, sempre permanecendo únicos e acima do tempo, que nada mais é, em realidade, que uma sequência de eternidades.” (HUBERT, 2016, p. 55)

Devemos

considerar o tempo como um ambiente sem qualidades. Ele tampouco é um puro conceito, uma espécie de lugar geométrico, distinto abstratamente da massa das durações particulares, mas uma espécie de coisa em si, cuja forma tem uma eficácia semelhante à de um ato mágico – objetivamente distinta dos fenômenos sucessivos e duráveis, pois ela os interrompe de acordo com sua medida – e cujas divisões não são simplesmente ideais, mas reais e efetivas, pois elas interrompem brutalmente a matéria que elas enquadram. (HUBERT, 2016, p. 59)

Um oceano insondável, um propagar de ondas que fundam e ressignificam a existência humana, que altera, valora e reconstrói os dados imediatos de nossa consciência, isto é a complexa influência do tempo, expresso por um *Ouroboros*, a fita de *Möbius*, o símbolo do infinito, o ponto, a reta, o círculo, a onisciência de saber do nosso desconhecimento sobre o que existe entre o céu e a terra, tão bem representada pela imagética nictomórfica durandiana. Gilbert Durand nas EAI, ao propor seu estruturalismo figurativo percebe que as imagens se

⁵¹Sobre esta temática sugerimos a leitura de: PAUL, Patrick. Os diferentes níveis de realidade – O paradoxo do nada. São Paulo: Polar Editorial, 2011.

⁵²“As condições emocionais e lógicas, nas quais pôde se desenvolver a noção de tempo na magia e na religião, são sensivelmente diferentes daquelas nas quais ela parece dever aparecer normalmente entre os indivíduos.” (HUBERT, 2016, p. 81)

organizam em diferentes constelações dispostas nos dois Regimes da Imagem – diurno e noturno, as imagens nictomórficas são aquelas cuja característica principal está no desconhecido ou na cessação do conhecimento, águas turvas, escuridão absoluta, apenas para citar algumas.

1.1.3 Consciência espaço/temporal – sistemas simbólicos, montagens e modelagens sociais

A organização social segue uma estruturação onde os elementos simbólicos tais como tempo e espaço possuem ampla valoração, diferentes abordagens do fazer humano detiveram-se sobre – tempo, religião, família, identidade etc. No âmbito do debate sobre o tempo e numa assertiva sobre sua intrínseca relação com o espaço, ou o ato relacional das noções espaciais, o antropólogo britânico Alfred Gell⁵³ (1945-1997) propõe uma organização da expansão espaço/temporal que recorda a Proporção Áurea,⁵⁴ que dentre as diversas expressões numéricas a sequência de Fibonacci⁵⁵ (1, 1, 2, 3, 5, 8, 13, 21, 34, 55, 89, 144...), ilustra a ideia central do antropólogo britânico, estudando a ideia de tempo entre os Umeda, utiliza-se desta proposta para demonstrar que na mesma proporção que determinado grupo social avança no tempo, assim também podemos notar um claro desenvolvimento social no espaço, em outras palavras possuímos uma projeção horizontal, no que tange as relações sociais, proporcional avanço verticalizante do tempo. (GELL, 2014)

A proposta de Alfred Gell, em estruturar uma lógica, pautada na antropologia temporal, demonstrando através de diagramas e gráficos a movência espaço-temporal da consciência humana, cuja expansão dialoga e expressa-se através da proporção áurea por exemplo o modelo utilizado por ele, serve-nos para pensarmos a própria projeção da simbólica rosacruz (o fenômeno) através de sua expressividade social e institucional, o rosacrucianismo (o movimento).

Se nos detivermos nesta parte da complexa teia de expressões que caracterizam o esoterismo ocidental, podemos possivelmente, aferir parcelas de interações e desenvolvimento

⁵³Sua perspectiva é desenvolvida na sua obra: A antropologia do tempo – Construções culturais de mapas e imagens mentais, editada pela Vozes em 2014.

⁵⁴O número de ouro ou proporção áurea [...] que os geômetras chamam de a divisão de uma reta em razão média e extrema; em outras palavras, ele estabelece um jogo de relações, de tal modo que a menor parte da linha tem com a parte maior a mesma relação que esta tem com o todo, [expresso pelo número 1,68033], [...] para Paul Valéry, essa relação é a de um dinamismo equilibrado, que ele simboliza e que faz sentir até na imortalidade estática das obras das artes plásticas: o equilíbrio entre o saber, o sentir e o poder... (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 647). Ver também (GROSS, 2006)

⁵⁵Leonardo Fibonacci (c. 1170 – c. 1250).

múltiplos, na busca por uma modelização que possua o máximo de abrangência, ao falarmos de modelização estamos pensando na possibilidade de agregar num mesmo diagrama as diferentes correntes do esoterismo ocidental, em nosso recorte dos movimentos rosacruzes.

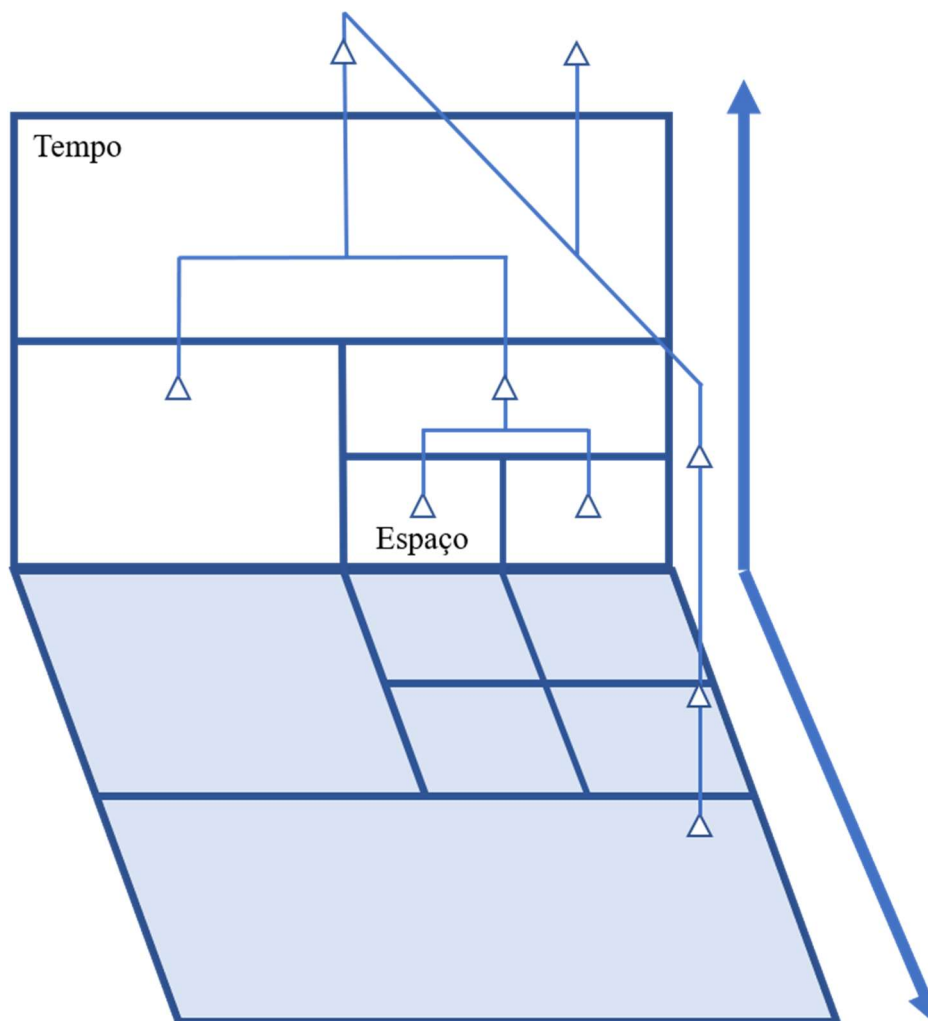
É necessário lançarmos mão de diferentes autores e teorias, neste caso inserirmos no modelo do antropólogo britânico, conforme a figura 3, a estrutura da bacia hidrográfica de Durand. Na lógica durandiana um *trend*⁵⁶, não acaba de forma abrupta, há uma interconexão de um *trend* em outro.

Ao refletirmos sobre a lógica das relações sociais, tanto na perspectiva de Gell quanto de Durand, encontramos expressividades simbólicas aproximativas. Se o rio, o lago e o próprio oceano está disposto, no mundo físico, numa superfície que externa o nivelamento e a horizontalidade, ao adentrarmos nessas águas picos inversos destacam-se, ocultos por um horizonte interativo e de possibilidades morfológicas.

Podemos entender que a bacia semântica durandiana possui uma bacia simbólica interior, ou seja, aquelas águas pertencentes aos lençóis freáticos, da mesma forma que podemos encontrar motivações não expressas, externadas nos grupos sociais, no nosso caso nos movimentos rosacruzes em especial do século XIX e do início do XX. Encontraremos elementos não externalizados no campo do esoterismo ocidental, nas formulação institucionalizantes dos diferentes movimentos rosacruz.

⁵⁶ As fronteiras entre um *trend* e outro não são rígidas, havendo a influência de um *trend* me outro e vice e versa.

Imagem 2 - Esquema espaço temporal



Fonte: GELL, 2014, p. 28.

Ao nos atermos sobre tempo e espaço, não poderíamos aproximar ambos os temas sem recorrermos a uma linguagem simbólica. Para Durand, “os mesmos desejos, as mesmas figuras afetivas se propagam tanto no espaço como no tempo, de um extremo a outro da humanidade” (DURAND, 2008, p. 15). A simbólica enquanto modelização de utopias, sentido e fim do trajeto humano, nos fornece uma metodologia que une a diacronia do agir humano a sincronia de seus pensamentos e produtos sociais. De forma sutil, Durand, deixa migalhas sobre sua propensão a uma visão da perenidade do conhecimento. Desta forma do vislumbre de um fio norteador para as angustias humanas, o *utopos* durandiano insere-se na *Tradição*, e esta Tradição possui seu *locus* e *Weltanschauung*, na contraditoriedade do *anthropos*⁵⁷.

⁵⁷[...] o homem tradicional é um “antropocosmo” a quem nada do cósmico é estranho. (DURAND, 2008, p. 37)

Gilbert Durand no seu livro *Ciência do homem e Tradição*, ao propor seu Novo espírito antropológico, ressalta que o *homo sapiens sapiens* a partir do século XIII, está inserido nas tensões oriundas das ciências redutoras.⁵⁸

A memória⁵⁹ enquanto ferramenta de conhecimento e propiciadora da ideia de tempo, possui em seus desenvolvimentos, uma práxis vinculada a localidade⁶⁰, vale lembrar que toda memória é ao mesmo tempo individual e social. Ao atentarmos a um tempo social que tende a organizar memórias individuais, influenciando estas, dando contornos sociais específicos as mesmas, moldadas numa perspectiva mais ampla pela cultura, o locus da memorização possuirá cor e textura social, estabelecidas pela tensão do grupo. Esta afirmação não estagna nas rígidas fronteiras espaciais, pois se tempo e espaço constituem o duplo aspecto da contraditoriedade do humano, também podemos assentar que “Se o espaço, contra os determinismos temporais, é o lugar das liberdades simbólicas, o destino, por sua vez, contra o morno encadeamento causal, é o próprio ser formador de sentido” (SOUZA, 2016; DURAND, 1989; 2008).

O homem não deve ser visto de forma monocromática, as alternâncias entre noite e dia tingem o mundo sensorial com uma paleta de cores vivas, nebulosas e angustiantes, claro e escuro perfazem este *anthropos* tradicional, no ambiente do “pensamento tradicional as coisas acontecem de outra forma: nele a figura do homem nunca aparece separada do universo. [...] a *Weltanschauung*⁶¹ tradicional funciona no regime das estruturas místicas⁶² da imagem”. (DURAND, 2008, p. 34), seguindo esta linha de logicidade o homem é múltiplo, diverso, e assim será o cosmo por ele simbolizado.

No ato de apreensão do mundo, o campo múltiplo das ciências irão nos fornecer respostas e análises sobre nossas diferentes realidade, o tempo no âmbito da física quântica por exemplo, percebe que tempo e espaço são duas grandezas que permitem o estabelecimento de uma ordem do tempo, cuja influência estende-se a todos os elementos materiais e também aos estados de consciência. “O que chamamos “tempo” é uma complexa coleção de estrutura e de camadas. À medida que o estudo do tempo avançou, essas camadas se perderam, uma depois da outra, um pedaço após o outro” (ROVELLI, 2018, p. 13).

⁵⁸ Durand trata por ciências redutoras as que reduzem o homem, a somente aspectos materialistas, sendo desconsiderado os aspectos religiosos e simbólicos.

⁵⁹ A memória artificial fundamenta-se em lugares e imagens (*Constat igitur artificiosa memoria ex locis et imaginibus*), definição básica que será seguida no transcorrer do tempo. Um *locus* é um lugar facilmente apreendido pela memória, como uma casa, um intercolúnio, um canto, um arco etc. (YATES, 2007, p. 23)

⁶⁰ Exercitava a memória fixando a localização de diferentes personagens no espaço físico. [Palácio da memória] (YATES, 2007)

⁶¹ Crença ou visão de mundo, elemento vinculado a aspectos da cultura.

⁶² Estruturas antropológicas do imaginário, Regime Noturno da imagem, DURAND, 2008.

Quando falamos em modelizações, nosso pensamento está retido pelas diversas respostas dadas ao funcionamento (mecânica) do tempo, a função e as derivações simbólicas dos mesmos, “o tempo deve se manifestar ao nosso redor, em nossa escala, através de nós”⁶³. (ROVELLI, 2018, p. 13) Seria complexo, e até certo ponto irresponsável dizer em que momento o Conhecimento bifurcou-se em ciências exatas (dos fenômenos naturais) e as ciências humanas (das culturas e consciências do humano), podemos encontrar nas diferentes mitologias respostas para que é este tempo, e suas várias relações com o humano – o deus *Shiva* através de sua dança cria e recria o universo, Cristo é o *Cronocrátor*, o Ancião dos dias, está numa esfera de realidade que transcende a nossa, o modelo das temporalidades míticas transitam entre a profundidade do inconsciente e as formulações objetivas, da subjetividade própria do humano.

Em si “o tempo terrestre não coincide com o tempo cósmico”, diferentes velocidades – movimento, permita a coexistência de “tempos irredutíveis”, o tempo na física contemporânea é “um conceito operatório” cuja abstração está em medir, operar maquinalmente fórmulas e aproximações matemáticas. Uma abordagem da temporalidade que não está inserida na complexa cadeia de ilações filosóficas ou escatológicas, que possuem suas próprias abstrações e assim temporalidades que versam sobre o microcosmo humano, social, cultural e religioso.

Ao olharmos como os olhos das ciências humanas percebemos que a compreensão do regime temporal que orienta nosso cotidiano, diferentes relações com a seta – passado, presente e futuro, até a abolição da mesma, tem rompido as barreiras intransponíveis nestes campos, tudo parece borrado, “nossa relação com o passado, nossa ideia de futuro, nossa experiência do presente, nossa vivência do instante, nossa fantasia de eternidade”, a sucessão ininterrupta da rede, lampejos da sociedade das imagens e da proliferada informação, que tornam-se “bits”, números, abstrações amorfas cuja decodificação, ficará a carga do indivíduo formatado nos moldes da contemporaneidade. (DURAND, 1998; GATTINARA, 2018; PELBART, 2018)

O tempo que rege nosso cotidiano é variado, conforme as atividades que nos dedicamos, os intervalos homogêneos do compassar do relógio servem de mote e de delimitação de outras expressões temporais⁶⁴, como nos referimos acima no texto, este é um tempo quantitativo, da

⁶³Ver Mauro Dorato, *Che cos'è il tempo?* Roma: Carocci, 2013.

⁶⁴[...] nossa navegação no tempo ganhou aspectos inusitados. Já não navegamos num rio do tempo, que vai de uma origem a um fim, mas fluímos num redemoinho turbulento, indeterminado, caótico. Com isto, a direção do tempo se dilui e a própria tripartição diacrônica – a divisão do tempo em passado, presente e futuro – vai perdendo sua pregnância, [...] testemunhamos uma verdadeira transformação na estrutura da temporalidade moderna em si. O que se anuncia é um regime temporal curioso: não meramente uma sincronidade universal, mas, no interior dela, a gestação de novas condutas temporais que alteram o estatuto da memória, da repetição, da gênese, afetando assim, forçosamente, nossa relação com a ideia de projeto, de história e, principalmente, de sentido. (PELBART, 2018, p. 312)

reta, definido e mantido pelas convenções dos diferentes cálculos, calendários e agendas, neste tempo podemos perceber que esta temporalidade é antes de tudo convencional e convencionalizado aos atos práticos da vida cotidiana – hora de acordar, ir para escola ou para o trabalho, no âmbito desta materialidade temporal, tendemos a vivenciar outros elementos, este tempo marcado e compassado pode desacelerar, nos simples atos de ouvirmos uma bela canção que nos absorva ou ao tomarmos um café com um amigo querido. O martelar temporal aqui desacelera, semelhante ao andarmos em câmera lenta.

Refletindo ainda sobre o tempo linear, este é em sua essência e necessidade um fiel antagonista da eternidade, que pode ser condensada num instante. Aqui podemos perceber que a duração é o que nossa consciência vivencia, mas, coloquemos um hiato na ideia de eternidade, podemos tanto definir eternidade como um “espaço” dentro do ambiente sagrado, teremos uma eternidade sacra – praticamente todos os atos religiosos assim o são, teremos uma eternidade profana, não prazerosa mas de uma velocidade que nos angustia ao limite da estagnação. Aqui poderíamos encontrar algumas das ilustrações de eterno castigo, difundidos pelo cinema e por relatos mitológicos, a ciclicidade⁶⁵ como forma de perpétuo sofrimento.

Os modelos pautados pela ciclicidade do sagrado estão profundamente arraigados na estrutura dos mitos, nas suas punções imaginativas e criadoras, os relatos mitológicos e a retomada destes no âmbito das ciências representa uma resistência a “compulsão taxionômica do racionalismo ocidental” externada “no ímpeto de *classificar, categorizar, rotular, dissecar*”, é confrontada pela ação pedagógica de “*informar – formar – transformar*” (DURAND, 2008). Os mitos são tratados no campo das ciências da religião tendem a receber um tratamento metodológico de cunho mais fenomenológico, claro que incursões no campo da antropologia do imaginário (Durand, Dumézil, Eliade, Pitta), nos fornece reflexões estarão orbitando nas mais distintas disciplinas das ciências das humanidades. (DURAND, 2008; ELIADE, 1989; 2011; FERREIRA SANTOS, 2017)

O tempo humano é um tempo social e assim plural, para Gattinara (2018), “da qual apenas a história pode dar conta. A duração não deve ser concebida como um movimento homogêneo do qual bastaria acompanhar o curso para se encontrar uma mesma linha de sucessão”, mas nas diferentes modelizações temos uma ‘história de mil faces’, recordemos o texto 12 do capítulo 11 do Bhagavad-Gita, onde Krisna mostra a Arjuna sua amplitude de expressões celestiais,⁶⁶ desta forma modela-se e apresenta-se ao humano o tempo, as

⁶⁵O tempo cíclico gerou, por fim, uma simbologia extremamente rica, que o expressa a partir de diversas figuras e seres, sendo alguns desses símbolos podem ser mencionados. (SOUZA, 2016. p. 52)

⁶⁶Ver PRABHUPADA, 1976. O Bhagavad-Gita como ele é, texto 12 capítulo 11.

temporalidades, tais como as histórias e mitologias, as histórias traduzidas pelas narrativas ‘reconhecidas’ e os mitos⁶⁷ também por narrativas, estas desenvolvendo uma função de ‘psicopompo’. Ressaltamos que a ideia de História aqui, deve seguir a lógica de Corbin e de Durand, para este último:

[...] Apenas o que pode repetir é passível de ciência, ou seja, pode se transmitir, e o modelo de toda redundância gnoseológica é exatamente a Tradição... É o que faz com que haja uma **História Santa**⁶⁸, ou seja, mítica, *exemplar*, e sobre a qual todos os fatos da história de um homem ou de um grupo venham se pautar. [...] Dicotomizar o tempo, secundarizar a história, é, *ipso facto*, revalorizar o mito. (DURAND, 2008, p. 87)

O tempo histórico⁶⁹ é a profundidade da busca humana por estruturar a realidade vivida, tentativa de compassar, analisar e voltar aos atos contados, pensemos nos dois polos do relato, a tradição oral – textos, narrativas passadas de formas oral, onde cada narrador, guardador de memórias imprime suas contribuições à linha narrativa original, a história válida é a última relatada, lembrada, memorada, no ato de registro das narrativas, dos mitos, a escolha da história que será fixada expõe as orientações sociais do grupo que as compõe.

O tempo individual, pessoal, aquele vinculado à experiência da consciência e da própria existência da individuação, é um meio cultural fluídico, que servirá de elemento operacional na medida em que o indivíduo estabelece diálogos na sociedade em que está inserido, “o tempo é necessário para que o homem, criatura mortal seja capaz de se realizar como personalidade”. O diálogo estabelecido entre tempo, mito⁷⁰ e história não deve ser dispensado, na busca pelo entendimento destes conceitos pois

⁶⁷O mito é a base antropológica sobre a qual se ergue o significado histórico. Ciência histórica e antropologia – e principalmente aí, “tradição mítica” - colaboram para uma frutuosa e heurística dialética. A antropologia determina as sincronias, ou seja, as constantes do sentido para a espécie *homo sapiens*, a história demarca as variações diferenciais que constituem a diacronia. A história é a “derivação” do mito, e o ofício do historiador encontra todo o seu valor e sua autoridade quando este se empenha em mostrar como o *homo sapiens* adaptou-se (e, portanto ajustou seus “comportamentos inatos específicos” e seus “incitadores” do ideal, uns e outros inelutáveis) aos avatares das situações geográficas, climáticas, demográficas ou tecnológicas. (DURAND, 2008, p. 98-99)

⁶⁸*Hierohistória*, conforme definida por Henry Corbin, além da referência neste livro, podemos encontrar o mesmo dado em sua obra “A fé do sapateiro”.

⁶⁹Todo período histórico, por sua vez, mensura seu próprio tempo e, com isso, define a estrutura da vida de seus membros, mas tais mensurações foram historicamente diversas e mesmo opostas. Calendários os mais diversos foram utilizados e os significados dados ao tempo cronometrado pelos relógios foram distintos, sendo os significados conferidos aos próprios relógios mudados consideravelmente de um período histórico para outro e de uma sociedade para outra no mesmo período histórico. A dinâmica de uma sociedade se manifesta a partir da ação recíproca das temporalidades de diferentes setores que constituem a realidade social e tempos sociais sempre se caracterizam, com isso, pela diversidade, sendo a novidade histórica da sociedade contemporânea, neste sentido, a universalização e homogeneidade do tempo social. (SOUZA, 2016. p. 26)

⁷⁰[A] noção de mito pressupõe que o imaginário, na linhagem de estudos durandiana e do círculo de Eranos, é o arcabouço constelativo da alma humana no que ela tem de sentido e pensado na trajetória do sapiens. Mas se o imaginário é o inventário das imagens em movimento, a imaginação é o seu operador básico. É a imaginação que

[...] a história não é ainda o Tempo; nem o é, tampouco, a evolução. Ambos são consequências. O tempo: é um estado: a chama em que vive a salamandra da alma humana. Tempo e a memória incorporam-se numa só entidade; são como os dois lados de uma medalha. E por demais óbvio que, sem o Tempo, a memória também não pode existir. A memória, porém, é algo tão complexo que nenhuma relação de todos os seus atributos seria capaz de definir a totalidade das impressões através das quais ela nos afeta. A memória é um conceito espiritual! (TARKOVSKI, 1998, p. 64)

A sociedade possui, na nossa opinião, três vias da difusão e interação do que podemos compreender enquanto conhecimento, e suas constituintes imagéticas e geradoras de sentido, a ciência, a religião e as artes, as abordagens do tempo da forma em que ele “se manifesta na literatura, na música ou na pintura, mencionam os métodos de registrá-lo”. Examinar a mecânica estética, as engrenagens presentes nas obras, expõe como o indivíduo dialoga e reflete sobre a abstração temporal, é o imaginário que organiza o real, “fenômeno e fantasia se irmanam.

A simbiose entre as duas dimensões é de tal ordem até que os limites entre o real e o imaginário se esfumam por pura desnecessidade.” (FERREIRA SANTOS, 2017, p. 225) Necessidade estabelecer sentidos no caleidoscópio de sentimentos e apreensões do *homo sapiens*, circundado pelos elementos sociais que são bens simbólicos, destacando-se a religião e suas bifurcações em espiritualidades, estas podendo suprir a ausência das rígidas paredes da religião socialmente constituída, operando no âmbito das experiências⁷¹. (HICK, 2018; TARKOVSKI, 1998)

1.1.4 *Prenuncio rosacruz, ou o destino é um tempo que se contrai no espaço.*

A curva que a estrutura social demonstra em determinados momentos da história, crises em suas estruturas culturais, políticas e religiosas, constituem o ponto fulcral para que novos paradigmas ressignifiquem os elementos basilares da consciência humana, os escritos rosacruzes do século XVII trazem em suas entrelinhas os indicativos da mudança de direção que a consciência ocidental está tomando nos períodos históricos em que surgem os textos, assim também nos recortes temporais em que desenrola-se o trajeto mítico do personagem central nos primeiros escritos rosacruzes – Cristian Rosenkreutz, o Pai C.R.

operacionaliza, a partir destas relações concretas e pessoais, o caráter universal do terreno mítico. (FERREIRA SANTOS, 2017, p. 223)

⁷¹[...] a própria experiência do tempo não se dá pela acumulação progressiva de estratos cronológicos em sua possível duração; mas, todo ao revés, o tempo é vivido, experimentado e lembrado em caráter imediato do instante.[...] ao mesmo tempo, o instante temporal do agora não se diferencia do espaço vivido aqui. O que estas tradições nos ensinam é que espaço-tempo é uma única categoria – se assim poderíamos tratá-la no vício ocidental. (FERREIRA SANTOS, 2017, p. 227)

O contexto que permeia o surgimento, na Europa do século XVII, dos textos rosacruzes suscitou narrativas sobre a origem do movimento. Desde 1623 diferentes pesquisadores debruçam-se sobre a identidade, motivos e origem dos ‘Irmãos da Fraternidade Rosacruz’. A eclosão epifânica dos manifestos é envolta em complexos e variados sinais, aparece sinais na Constelação do Septenário⁷², que traz a boa nova de mudanças políticas, ao mesmo tempo em que é um projeto de reforma abrangente pautada pela religião cristã reformada e na busca de uma sociedade ideal, é um movimento contínuo e tradicional que externa um renascimento hermético esotérico, mesclando em sua simbólica teosofia cristã, cabala⁷³ além do paracelsismo. (ÂKERMAN, 1998; CHURTON, 2005; 2009; VANLOO, 2001)

A simbólica da mítica rosacruz traz, conforme o espírito das correntes envolvidas, uma interação entre o homem microcosmo e reflexo da natureza macrocosmo, há também busca pelo homem perfeito, uma retomada de consciência que permitirá a vinculação do homem ao estado primevo anterior, o “Adam de Lumière” (VANLOO, 2001, p. 11-13) – esta ideia será durante os séculos seguintes, amplamente abordada dentro da maçonaria, dos *Élu-Cohen*, ordem fundada por Martinez de Pasqually.

O fenômeno Rosacruz conforme o vislumbramos na contemporaneidade assume diferentes discursos sobre sua origem⁷⁴. Vejamos bem, hoje é tácito que os Manifestos Rosacruzes surgidos na Alemanha em 1614, 1615⁷⁵ são os prenunciadores desta corrente de ideias que se insere profundamente na consciência ocidental.

Apesar do novo alento, que com seus contornos particulares reergue e reatualiza o fenômeno na virada do século XIX para o século XX, podemos identificar *um fio de prata*⁷⁶ que interliga praticamente quatro séculos de história, um fenômeno que singra vales, constrói castelos, assim vivenciando hiatos, pontos alto e ocultações no desaguar simbólico e fascinante da percepção do esotérico na sociedade pós-moderna. Este fio, metáfora do encadeamento causal representado pelas linhas que compõem a macro história, este fio projeta-se

⁷²Ver ÂKERMAN, 1998; CHURTON, 2009.

⁷³Johann Valentin Andreae, um dos compiladores e principal figura histórica ligada aos Manifestos Rosacruzes, tem sua disposição a biblioteca do jurista e cabalista alemão Christoph Besold (1577-1638), membro do Círculo de Tübingen, cuja influência no compilador dos Manifestos será capital. (CHURTON; VANLOO, 2001)

⁷⁴Ver quadro 1.

⁷⁵Optamos por identificar como manifestos os dois primeiros textos, o Fama e o Confessio, As Bodas alquímicas por sua estrutura textual, a mesma não conclama a uma ‘revisão’ das posturas científicas e teológicas, concordamos com a opinião de Roland Edighoffer sobre estes, ver EDIGHOFFER, 2002.

⁷⁶Passagem contida em Eclesiastes 12:6 – Antes que o fio de prata se afrouxe [rompa] e a taça de ouro se parta, antes que o jarro se quebre na fonte e a roldana rebente no poço. A referência ao cordão de prata, um símbolo que liga a alma humana à alma universal, simbólica que podemos encontrar similitude no fio de Ariadne por exemplo.

virtualmente interligação no tecido social-histórico as diversas formulações históricas e socioculturais.

O primeiro Manifesto – *Fama Fraternitatis*⁷⁷ circulava desde de 1604, dez anos antes de sua impressão e da ampla divulgação que o mesmo recebeu, o *Fama* não ficou apenas na edição de 1614. O mesmo foi reimpresso e traduzido para diferentes idiomas, tendo recepção na Inglaterra, Países Baixos, Alemanha. Grande parte destes textos estão vindo a tona em diversas bibliotecas, sua maioria na Europa.

Neste sentido a *Bibliotheca Philosophica Hermetica de Amsterdam*⁷⁸ é pioneira, tendo seu primeiro acervo organizado com os esforços do Professor Carlos Gilly, relevante pesquisador do fenômeno rosacruz do século XVII, visando auxiliar os pesquisadores ele organizou um catálogo⁷⁹ com os manuscritos presentes tanto na *Herzog August Bibliothek Wolfenbüttel*, graças ao trabalho de diversos pesquisadores ao redor do mundo estamos tendo acesso rápido e on-line aos mais diversos e complexos manuscritos.

O *Fenômeno Rosacruz* ocorre em seus primeiros vislumbres no século XVII em um ambiente europeu particular, cujas tensões – como colocamos acima nos âmbitos político, cultural e religioso, serviram de catalisador para as reverberações dos primeiros escritos rosacruzes. A interação entre uma proposta de reforma no campo das ciências, ou melhor no campo epistemológico, unido ao anseio da efetivação de um governo com raízes protestantes oriundo da união do Eleitor Palatino⁸⁰ e da Casa de Stuart⁸¹ através do casamento de Elisabeth, filha do rei Jaime I (1566-1625) (YATES, 1983, p. 13-31). Na temática religiosa o seio protestante fornecerá diversos pensadores e influenciadores do fenômeno rosacruz, o próprio Johann Valentin Andreae, quem redige os primeiros escritos rosacruzes, Christoph Besold, Christian Anhalt, Jacob Boehme e uma ampla lista de nomes.

Num caldeirão cultural que reúne filósofos, teólogos, cabalistas, alquimistas, teósofos⁸², desenvolve-se uma semente orbitando sobre a perfectibilidade humana, elemento essencial no processo de reintegração do homem (a humanidade) às suas características divinas, o homem

⁷⁷Podemos encontrar as capas destes manifestos em GILLY, 1995, Manuscritos: 23, 23a, 24, 25, 26, 72, 73, 74, 75, 76, 78, 79, 99, 105 e seguintes.

⁷⁸<https://embassyofthefreemind.com/en/>

⁷⁹Vide GILLY, Carlos. *Cimelia Rhodostaurótica* – Die Rosenkreuzer im Spiegel der zwischen 1610 und 1660 entstandenen Handschriften und Drucke. Amsterdam: Pelikaan, 1995.

⁸⁰Friedrich V (1596-1632), o leitor Palatino do Reno, que tornou-se líder da União Protestante, o qual passou a história como O Rei do Inverno, por causa de seu breve reinado. Ver (YATES, 1983; ÂKERMAN, 1998)

⁸¹Família nobre de origem bretã que deterá o trono da Bretanha e da Inglaterra até 1720, a Casa de Stuart terá ao longo de sua história, diversas aproximações com Correntes e Movimentos vinculados ao Esoterismo Ocidental, sugerimos a leitura da obra de Marsha Keith Schuchard, *Restoring the Temple of Vision – Cabalistic freemasonry and Stuart culture*, publicado pela Brill em 2002. Vide referências bibliográficas.

⁸²A teosofia aqui referida é a de características cristãs, cujo principal expoente é Jacob Böehme.

perfeito é fulcral para a estruturação de uma cidade ideal justa, governada por justos. Sobre esta temática, uma importante fonte para esta visão utópica rosacruz é a obra Cristianópolis⁸³, aliás, A cidade do Sol (1602 [1623])⁸⁴ de Tommaso Campanella (1568-1639), *New Atlantis* (1626)⁸⁵ de Sir Francis Bacon (1561-1626), possuem entre si traços da idealização da cidade, Jean Delumeau a classifica como a mais desumana das cidades ideais. (DELUMEAU, 1984; VANLOO, 2001)

As premissas do fenômeno rosacruz, colocadas logo acima, não são exclusivas do século XVII, estes elementos permearão o imaginário rosacruz durante os séculos seguintes, sendo de capital importância para compreender os caminhos tomado na contemporaneidade tanto pelo movimento e grupos rosacruzes atuais, quanto por um relevante pilar do Esoterismo Ocidental, principalmente nas suas facetas institucionais, através das ordens – iniciáticas, templárias, místicas e esotéricas.

O fenômeno rosacruz se estende por mais de quatro séculos, possuindo no desenvolvimento desta história, uma teia complexa de aproximações, transformações e distanciamentos, diante da complexidade que é o tema de estudo – o rosacrucianismo, é possível encontrar trabalhos que tendem a lançar maiores observações sobre determinados momentos, a título de exemplo temos o professor Roland Edighoffer que, não exclusivamente, possui dois relevantes trabalhos sobre o fenômeno rosacruz do século XVII – *Les Rose-Croix et la crise de la conscience européenne au XVII^e siècle* e *Rose-Croix et société idéale selon Johann Valentin Andreae*. Sobre este período histórico outro grande especialista é o professor Carlos Gilly, o professor Christopher McIntosh refletirá sobre o rosacrucianismo na ‘era da razão’, em – *The rose cross and the age of reason: eighteenth-century rosicrucianism in Central Europe and its relationship to the enlightenment*.

Ainda sobre o século XVIII a importante tese de doutorado, publicada pela Brill do professor Renko D. Geffarth – *Religion und arkane hierarchie, der Orden der Gold-und Rosenkreuzer als geheime kirche im 18 jahrundert*. Nas referências bibliográficas deste trabalho, trazemos algumas das publicações dedicadas ao movimento rosacruz. Dentro dessas bibliografias ressaltamos dois trabalhos do professor Robert Vanloo – *L’Utopie Rose-Croix du XVII siecle a nos jours*, que dedica-se ao amplo espectro do movimento e *Les Rose-Croix du*

⁸³Reipublicae Christianopolitanae Descriptio.

⁸⁴Primeira edição datando de 1602, em forma de diálogos e escrita em dialeto florentino, tendo em 1623 a sua edição clássica em Frankfurt – *Civitas Solis idea republicae philosophica*.

⁸⁵Publicada após a morte de Sir Francis Bacon.

Nouveau Monde. Aux sources du rosicrucianisme moderne, debruçado sobre o fenômeno rosacruz na América do norte e suas ramificações.

Seguindo uma lógica estabelecida dentro das diferentes expressões do fenômeno rosacruz, em suas expoentes sociológicas e históricas, optamos por apresentar a tabela abaixo distinguindo quatro momentos, que em nossa ótica, possuem relevância enquanto divisores de águas na análise dos dados fornecidos por cada grupo e expressão do fenômeno rosacruz, são eles: hierofânico, institucional, ressignificado e transformado, neste recorte, guardado as devidas escolhas, tendo em vista a amplitude do objeto, nos auxiliará para a compreensão da complexa teia de significados e simbolismos que compõem trajeto do rosacrucianismo, no fluxo da consciência ocidental, espiritualizados, mistificados e ocultados sobre diferentes véus, nas mais distintas camadas sociais.

Tabela 1 - Estrutura do Fenômeno e Movimento Rosacruz

Tipo de evento		Período	Grupo Expoente	Estrutura
I	Hierofânico	Século XVII	Sem organização clara, atribui-se ao Círculo literário de Tübingen e aos Amigos de Tobias Hess	
I	Institucional	Século XVIII	Gold und Rosenkreuzer e Gold und Rosenkreuzer alteren system	Institucionalização, contornos inerentes a maçonaria.
I	Ressignificado	Século XIX	Ocultismo Inglês, Ordens Cabalistas, ocultas	Multiplicação de grupos e abordagens
I	Transformado	Século XX	Ordens Místicas, transformações do humano: AMORC, FRA, LECTORIUM, Grupos neo-rosacruzes	Estrutura instrucional solidificada, apresentando narrativas estruturantes, com aproximações com a contemporaneidade.

Fonte: Produzida pelo autor

A história do Movimento Rosacruz, seguindo as diferentes correntes do esoterismo, pode ser percebida não como uma reta, onde os eventos se sucedem, mas antes por suas características espiralada, não denotando um eterno recomeço, como se estivéssemos diante de um GIF⁸⁶, mas como uma imagem espiralada ascendente, onde cada cadeia de significados

⁸⁶ **GIF** (*Graphics Interchange Format* ou *formato de intercâmbio de gráficos*) é um formato de imagem muito usado na Internet, e que foi lançado em 1987 pela **CompuServe**, para disponibilizar um formato de imagem com cores em substituição do formato RLE, que era apenas preto e branco. Um tipo particular de GIF bastante conhecido é o chamado GIF animado. (BRITO, 2019) Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/artigos/noticia/2012/04/o-que-e-gif.html>

insere-se num ato verticalizante, sempre uma volta acima ou abaixo na teia de sentidos, expressas através de um grupo social, observado dentro de seu recorte temporal.

O momento epifânico em que surge os primeiros textos rosacruz, em especial os dois primeiros manifestos e o relato mítico de base alquímica das *Bodas*, estabelece um elo entre a temporalidade sagrada, repleta de heróis e deuses e o tempo profano⁸⁷, ou a temporalidade de manifestação do mítico no real, social, palpável. Se o tempo sagrado⁸⁸ é um tempo não definível pelo cômputo, esta temporalidade figura, enquanto idealizações, horizonte de possibilidades, ou de realidades imediatas. As narrativas daí construídas são cruciais para as delimitações do universo então manifesto, a temporalidade sacralizada pelos relatos que estabelecem suas constelações são a condensação da névoa do transcendente no *locus* da imagem.

Encontramos no *Confessio* a reatualização ritual da necessidade de reviver-se a descoberta da tumba de *Pai CR*, a cada 120 anos ou nos relatos da AMORC, que ao estabelecer sua hierohistória defende ciclos de 108 anos de atividade e inatividade. A jornada encontrada no segundo texto, o *Confessio*, evoca a retomada de uma busca pelo ouro oculto do alquimista, representado por vezes pela simbólica do acróstico V.I.T.R.I.O.L. (*Visita Interiora Terrae, Rectificando, Invenies Occultum Lapidem*⁸⁹), do Frade beneditino Basílio Valentim⁹⁰ (1394-?). A temática do V.I.T.R.I.O.L., que a partir do século XVIII irá compor a imagética na câmara de reflexão dos rituais maçônicos de influência francesa é um reflexo do V.I.T.R.I.O.L. alquímico que será revisitado no GFR, a constelação simbólica da descida ao interior da terra enquanto o mergulho na introspecção do “Eu”, Carl Gustav Jung (1875-1961) e sua escola de psicologia adentrará nas aproximações entre a alquimia e a psiquê humana. (AMORC, 1998; LEWIS, 1975; REBISSE, 2004)

⁸⁷Os eventos míticos, mesmo quando ocorrem na temporalidade profana, são superiores a essa temporalidade, estabelecendo uma ordenação diferenciada entre tempo sagrado e o profano. Com isso, tal ordem é estruturada a partir de uma hierarquia vertical, sendo o mais alto nível da hierarquia formado pela esfera dos deuses, pelo sagrado e pela ordem cósmica, sendo geralmente atemporal e infinita. (SOUZA, 2016. p. 58)

⁸⁸O tempo sagrado é, também, um tempo ritual. Nele, um ritual litúrgico repete o ritual anterior e a temporalidade primordial nele expressa, criando, assim, uma continuidade que tem seu ponto de partida no acontecimento mítico que o justifica e que tem como consequência a sacralização de todo tempo a ele relacionado. E, se o evento primordial é único e irrepetível em sua concretude, ele pode, por outro lado, ser representado sempre que haja as condições adequadas, o que demonstra a reversibilidade do tempo sagrado (SOUZA, 2016. p. 61)

⁸⁹“*Visita Interiora Terrae Rectificando Invenies Occultum Lapidem*”, cuja tradução literal é Visita o Centro da Terra, Retificando-te, encontrarás a Pedra Oculta.; surge pela primeira na obra “*L’Azoth*”, ou *Le moyen de faire l’or caché des philosophes*, Paris, 1624. (AROLA, 2008)

⁹⁰Não existe um consenso sobre a existência deste, quem escreveu os tratados atribuídos ao monge beneditino foi provavelmente Johann Thölde ou Johann Georg Toeltius (1565-1614), alquimista e editor que publica as primeiras obras atribuídas a Basílio Valentim. O uso de pseudônimos e reivindicações para uma antiguidade em seus escritos são típicos dos autores e alquimistas. (HANEGRRAFF, 2006)

A força simbólica surgida da aglutinação das primeiras ideias “rosacruz” é inegável, a convergência dos imaginários que lastrearam o fenômeno e ganham relevância através dos primeiros escritos, desenvolvendo a partir daí a própria sociedade em volta. Os primeiros escritos rosacruz terão eco, inicialmente na Alemanha e posteriormente na Europa. O foco direcionado ao movimento rosacruz⁹¹ esboça a influência mítica que o termo rosacruz ou o emblema formado pela rosa possuirão nos anos que seguem a publicação dos primeiros escritos e as ressurgências posteriores, cabe reforçar que:

Um movimento se torna verdadeiro, isto é, capaz de transformar a tradição em energia social, somente quando a história dessa tradição, a maneira como ela se desenvolve e passa por transformações, coincide com (ou mesmo antecipa) a lógica objetiva do desenvolvimento da sociedade. [...] As verdades tradicionais só continuam sendo verdades quando a experiência pessoal as confirma. (TARKOVSKI, 1998, p. 101-105)

É este processo que permeará o fenômeno rosacruz, a transformação da tradição em energia social dá-se pela via do *Sermo mythicus*⁹², onde a lógica da duração bergsoniana difere da logicidade de “destino”, cuja inferência da temporalidade pode ser explicitada pelas concepções de Paracelso – *Wachsendzeit* e *Kraftzeit*⁹³. Os momentos pontuados pelas diferenciações no Movimento Rosacruz (vide quadro acima), denotam os momentos de duração, ressignificação tornar-se-ão efetivadas pela verticalização simbólica dos relatos, escritos e personagens, a arcaicidade das constelações do fenômeno rosacruz permiti as aproximações aqui expostas sem a obliteração da racionalidade, a *ratio* aqui em voga, é a *ratio* mítica, simbólica, esotérica – pautadas pela imaginação. (DURAND, 2008; HUBERT, 2016; TARKOVSKI, 1998)

⁹¹Neste primeiro momento formado pela aglutinação de ideias e não como uma instituição com regras hierarquias e um projeto claro.

⁹²Se quisermos analisar com mais precisão as características do *Sermo mythicus*, do “discurso sobre os deuses”, teremos:

- a primeira característica é a confusão do termo *sermo mythicus*: ele é semiologicamente inadequado; sua lógica é muitas vezes a do dilema (C. Lévi-Strauss)
- disso resulta a segunda característica: as redundâncias sincrônicas (C. Lévi-Strauss)
- de onde a terceira característica: os termos do mito são fundadores (kerygma), últimos em relação a qualquer explicação, de onde, é claro, a constante utilização do sagrado, do divino, do mágico em mitologia;
- finalmente, aquela numinosidade é expressa pelas “denominações próprias”, hiperléxicas (J. Rudhardt) das forças figuradas. (DURAND, 2008, p. 95)

⁹³A primeira, tempo de “crescimento”, não é senão o encadeamento causal, a diacronia newtoniana, detectável pelo cômputo, pelo relógio, ao passo que a outra – pressentida pela “duração” bergsoniana – é o tempo “local” (o destino), interno, o que faz, como diz Paracelso, “que o ano de uma rosa não dure mais que meio verão”; “tempo fixado por Deus para cada espécie” - e cada indivíduo humano é uma espécie – tempo em que a teoria da Relatividade roçará e tornará logicamente possível. (DURAND, 2008, p. 85-86)

1.2 ESPAÇOS DAS NARRATIVAS – AS VISÕES DE MUNDO, DA CONSCIÊNCIA E DO HUMANO.

Os espaços construídos nas narrativas dos primeiros textos rosacruz soam em sua mágica como constituintes de uma utopia, a Reforma Universal, que visa rever os paradigmas científicos, dogmas religiosos e a própria percepção do mundo, estabelece neste ato revolucionário as fronteiras em um *locus plus ultra*⁹⁴, que determinar seu tempo histórico torna-se tão impalpável quanto sua localização geográfica. A narrativa mítica fundante do imaginário rosacruz é tecida com fios simbólicos que se estenderão, de forma a compor uma analogia própria, ao século XIV, período em que nasce o herói civilizador do caos primevo da Pansofia rosacruziana, *Christian Rosenkreutz* – ou traduzindo o sentido explícito de seu nome, Cristão Rosacruz. “No nome está o nune.”⁹⁵ A figura arquetípica evocada na pessoa do *Pai CR*, conforme é tratado no segundo manifesto representa o encontro idealizado do homem erudito, versado nas ciências da Natureza, o sábio que serve de interseção entre Deus e sua criação, temática efusivamente vista durante o Renascimento cultural italiano no que tange à retomada dos textos gregos e gnósticos. (BARCELLOS, 2019)

O ano de nascimento de Christian Rosenkreutz, marca um divisor de água no mundo cristão. Entre 1378 e 1417 ocorre na cristandade o Cisma Papal ou como ficará conhecido o Grande Cisma⁹⁶. Este ano também marca o fim da era áurea da dinastia dos Luxemburgo, com o término do reinado de Carlos IV – “rei da Boemia de 1347 a 1378, rei da Alemanha desde 1346, coroado imperador em 1355, que foi o fundador da Universidade de Praga.” (DELUMEAU, 1994, p. 28) É no ano de 1378 que John Wycliffe⁹⁷ (1328-1384) é absolvido.

⁹⁴Numa tradução literal: não mais lugar, evocando a separação entre o espaço físico, lugar digamos natural, e o locus que transcende a materialidade.

⁹⁵O vocábulo nune, ou númen, refere-se a um ser divino, uma deidade mitológica e sua inspiração. (Nota 15, BARCELLOS, 2019, p. 28)

⁹⁶Em 1378, quando da morte de Gregório XI* ao regressar de Avinhão a Roma, perigosos grupos de pressão – grupos de cardeais divididos em facções rivais – impuseram, a uma Cristandade dolorosamente estupefacta, um cisma* que iria prolongar-se por trinta e nove anos. Depois das flutuações iniciais, a Europa católica dividiu-se em duas: a Franca, a Escócia, Castela, Aragão e o reino de Nápoles declararam-se a favor de um francês, Clemente VII* e; os outros países optaram pelo Italiano Urbano VI. Os dois pontífices e os dois sacros colégios, agora inimigos, excomungaram-se reciprocamente e procuraram subtrair países e reis a tendência adversa. Cada um dos dois partidos teve os seus propagandistas e os seus santos. Pedro de Aragão e Catarina de Siena foram ‘urbanistas’, Vicent Ferrer e Coletle de Corbie foram ‘clementinos’. Uma vez apanhados nesta engrenagem, os papas antagonistas e os seus sucessores numa e noutra obediência foram os últimos a compreender que a única forma de por fim ao cisma consistia em abdicar. (DELUMEAU, 1994, p. 121)

⁹⁷Professor da Universidade de Oxford, teólogos e importante reformador inglês, escreveu 18 teses, denunciando a estrutura da venda de indulgências pela igreja católica, outro elemento importante de se notar é que o período das polêmicas envolvendo Wycliffe desenrolava-se a Guerra dos Cem anos, Wycliffe é intimado a comparecer diante do Bispo de Londres em 1377, sendo absolvido das acusações de heresia em 1378.

O ano marcado para o nascimento de Christian Rosenkreutz será marcado por tensões no cenário político-religioso de toda a Europa.

Acreditamos ser relevante trazermos as conotações políticas, religiosas e culturais das datas macros presentes nos primeiros escritos rosacruz, levando em consideração a função simbólica e prática dos relatos da vida e da jornada do Pai CR, a inserção mítica no âmbito histórico, possui a capacidade de fornecer um elo com o tempo imemorial, firmado num quadro meta empírico de valores simbólicos, cuja apropriação e decodificação seguem elementos antepredicamentais lastreados por um reconhecimento tautogórico. Assim como os valores simbólico elementais dos mitos estabelecem e estabelecem-se no atemporal, é justo que percebamos sua contraparte com o *utopos*, evocando uma percepção durandiana um local de entre saberes e até mesmo de entre lugares, pois a natureza do conhecimento é uma interação entre espaço e tempo. No tempo caótico todas as potencialidades do saber estão inseridas no caldo primordial. Para Rüsen:

A narração é um processo de *poiesis*, de fazer ou produzir uma estrutura de experiência temporal tecida de acordo com a necessidade de orientar-se no curso do tempo. [...] a estrutura capaz de tal orientação, é “uma história”. Em relação à ameaça da morte, narração transcende os limites da mortalidade em um horizonte mais amplo de ocorrências temporais significativas [...] narrar é superar a morte, [...] a narração é um ato de imortalizar a vida humana. (RÜSEN, 2016, p. 47)

Gilbert Durand ao longo de sua obra enfatiza que simbolizar é um ato revolucionário diante da morte, estabelecer um mundo totalmente novo, adentrar na floresta semeada pela psiquê humana, e ali permanecer nas intrincadas cadeias de significado. O humano é este animal simbólico evocado por Cassirer, sua cultura – aqui expandida de forma a permear as mais difusas concepções, é a exteriorização desta floresta simbólica, que flora nos três níveis percebidos por Durand, iconográfico, literal e gestual. O ato da simbolização insere-se de forma profunda na epiderme da sociedade, a difusas e complexas construções de relatos – não apenas textuais, mas compostos pelas emanções da imaginação. (CASSIRER, 1994; DURAND, 1993)

A Alemanha do século XVII que vê o surgimento das narrativas sobre o rosacrucianismo, está embebida numa cadeia de significações simbólicas – o advento de uma estrela, relatos sobre o leão do norte, a Teosofia do Sapateiro de Görlitz, o Eleitor do Palatinado e a aliança protestante. O mito rosacruz deve ser lido enquanto tautogórico – ou seja a interpretação de seu simbolismo está inserido no próprio mito, possuindo em si os sentidos simbólicos que estabelecerão o ato criacional do universo dado início por este, a leitura

tautogórica dos elementos simbólicos é inclusive sugerida como ferramenta em detrimento das abordagens alegóricas do aparato simbolizado.

Encontramos um ambiente, social e culturalmente, influenciado por ideias que podem ser refletidas em personalidades tais como Böehme e Paracelso, a religião cristã protestante encontra no centro de diferentes escritos, teológicos de Sebastian Frank (1499-1543), místicos e visuais Valentin Weigel (1533-1588) e Paul Lautensak⁹⁸ (1478-1558). O ponto de ligação entre os diferentes autores e a teia de relações estabelecida com o esoterismo, claro esta afirmação pode parecer vaga, mas ao retomarmos a influência da temática que estes autores desenvolverão, encontraremos em processo de formulação – cabalismos, alquimia, e a retomada da gnose – estes elementos sustentando uma retomada teológica do cristianismo, observando as nuances sombreadas entre a velha dicotomia – *lux et tenebris*⁹⁹.

Na esteira deste cenário, personagens, locais e ideias assumiram o *locus* ideal para os acontecimentos desencadeados em seguida. Retomemos, por exemplo, a mudança paradigmática do homem no trinômio: Homem, Deus e Natureza. O homem – um indivíduo pleno de suas faculdades e de seu lugar na criação, ele em si figura um microcosmo, um pequeno mundo. A reabilitação deste homem em seu universo conceitual mudará a força gravitacional que dispõe e organiza os demais astros do cosmo. Esta noção é encontrada nos trabalhos de Robert Fludd, por exemplo.

Os primeiros escritos rosacruz espelham um novo homem,¹⁰⁰ um homem perfeito que traz em si a expressão da máxima *imago Dei*, detentor de qualidades e potência que o alçam a colocar-se fora da contenção material da própria criação, em reflexões contemporâneas sobre o tempo fatídico¹⁰¹, contingente, que esmaga o homem recebe novos dados, principalmente em final do século XIX. Sem dúvida é na movência dos trabalhos de Eranos, através do desenvolvimento dos paradigmas das Histórias das Religiões, que entender que a “História é tempo narrado, tempo de narração e tempo que narra a si mesmo como unidade interna no processo vital humano”. (RÜSEN, 2014), para o historiador alemão, a:

[...] a narração histórica [...] é um sistema de operações mentais de definem o campo da consciência histórica. Aqui o tempo é visto como uma ameaça às relações humanas

⁹⁸Sobre Paul Lautensak sugiro a leitura *Divine Diagrams - The Manuscripts and Drawing of Paul Lautensak*, de Berthold Kress, Brill 2014.

⁹⁹Luz e trevas.

¹⁰⁰Esta ideia de novo homem será retomada no século XVIII por Louis Claude de Saint-Martin, formulador da doutrina mística cristã conhecida como Martinismo

¹⁰¹A teorização implícita da temporalidade social dos historiadores – como fatídica, contingente, complexa, acontecimental e heterogênea – é, como espero ter indicado, razoavelmente coerente. E seus corolários metodológicos – uma preocupação com cronologia, sequência e contextualização – me parecem logicamente consistente com a teoria (SEWELL JR., 2017, p. 24)

normais, chamando-as para o abismo da incerteza. A experiência de tempo mais radical é a morte. A história é uma resposta para esse desafio: é uma interpretação da ameaçadora experiência do tempo. Ela supera a incerteza ao vislumbrar um padrão significativo no curso do tempo, um padrão que responde às esperanças e intenções humanas. Esse padrão dá um sentido à história. A narração, portanto, é o processo de atribuir sentido à experiência do tempo. (RÜSEN, 2016, p. 46-47)

Os fios que tecem o mito rosacruz, construindo sua cosmogonia, pautada por diferentes correntes de pensamento, mas que externam uma mística cristã reformada, onde as origens estão vinculada a uma perspectiva abraâmica, Carlos Gilly refere-se a uma teologia árabe (GILLY, 2002), a sabedoria que Christian Rosenkreuzer adquiriu em Damcar, vem dos Sabeus, povo ao qual se atribui uma vinculação, ou melhor, um elo que permite a retomada de princípios gnósticos (PEREIRA, 2010), “[...] é preciso estar atento aos fios de silêncio com que as palavras são tecidas [...] a nos embalar na ressonância profunda das memórias”. (FERREIRA SANTOS, 2017, p. 215) A visão de mundo¹⁰² retratada pelo intento dos primeiros escritos rosacruzes trazem a tona a idealização do estado ideal, da orientação religiosa que rompe com a rigidez dogmática das instituições¹⁰³.

Os contornos da narrativa instituída pelos Manifestos expõem os esquemas interpretativos¹⁰⁴, modelos de comportamentos reunidos sobre o mito fundante e ordenador das ações dentro dos mais amplos movimentos – culturais, políticos e religiosos, lembremos que:

- 1) Uma narrativa histórica está amarrada à mediação da memória¹⁰⁵. Ela mobiliza a experiência do tempo passado, que está gravada nos arquivos da memória, de modo que a experiência do tempo presente torna-se compreensível e a expectativa do tempo futuro, possível.
- 2) Uma narrativa histórica organiza a unidade interna dessas três dimensões do tempo pelo conceito da continuidade. Esse conceito ajusta a experiência real do tempo às intenções e expectativas humanas. Ao fazer isso, ele faz com que a experiência do passado torne-se relevante para a vida presente e influencie a construção do futuro.

¹⁰²Definimos a visão de mundo como a forma social elementar de religião. Essa definição se apoia em duas premissas que tentamos demonstrar ao longo de nossa análise: a visão de mundo cumpre uma função essencialmente religiosa; ela é parte da realidade socialmente objetivada. (LUCKMANN, 2014, p. 78)

¹⁰³Apesar de referências diretamente ao Papa, a visão de um cristianismo, místico, alquímicos e até certo ponto esoterizado, encontra resistências dentro dos pastores protestantes, a título de exemplo, as condenações que Jacob Boehme recebeu, por sua Teosofia.

¹⁰⁴As tipificações, os esquemas interpretativos e os modelos de comportamento reunidos numa visão de mundo não são unidades de significado isoladas, mas estão ordenadas segundo uma hierarquia é uma marca “estrutural” essencial da visão de mundo. O arranjo dos elementos em uma visão de mundo historicamente dada é uma característica que a distingue empiricamente de outras visões de mundo historicamente dadas. (LUCKMANN, 2014, p. 79)

¹⁰⁵Se lançarmos um olhar, mesmo que superficial, para o passado, para a vida que ficou para trás, sem nem mesmo recordar seus momentos mais significativos, iremos nos surpreender continuamente com a singularidade dos acontecimentos de que participamos, com a individualidade absoluta dos personagens com os quais nos relacionamos. Esta singularidade é como a nota dominante de cada momento da existência; em cada momento da vida, o princípio vital é único em si. O artista, portanto, tenta apreender esse princípio e torná-lo concreto, renovando-o a cada vez; a cada nova tentativa, mesmo que em vão, ele tenta obter uma imagem completa da Verdade da existência humana. (TARKOVSKI, 1998, p. 122)

- 3) Uma narrativa histórica¹⁰⁶ serve para estabelecer a identidade de seus autores e ouvintes. Essa função decide se um conceito de continuidade é plausível ou não. Esse conceito de continuidade deve ser capaz de convencer os ouvintes da permanência e da estabilidade deles próprios na mudança temporal de seu mundo e deles mesmos¹⁰⁷. (RÜSEN, 2016, p. 48)

O historiador Jorn Rüsen, estrutura uma tabela da expressividade da narração histórica. Acreditamos na pertinência da mesma diante do tema de estudo, e da compreensão que narrativa histórica e narrativa mítica nas relações de reciprocidade antepondo-se ao antagonismo. Na realidade ambas se preferenciam a uma logicidade ladeada pela *coincidentia oppositorum*.

Tabela 2 - Tipologia da narração histórica

	Memórias das/dos	Continuidade como	Identidade pela	Sentido do tempo
Narrativa Tradicional	Origens , constituindo as formas atuais de vida	Permanência , das formas de vida originalmente constituídas.	Afirmação de padrões culturais pré-dados de autocompreensão	O tempo ganha sentido de eternidade .
Narrativa exemplar	Casos , demonstrando as aplicações de regras gerais de conduta.	Validade das regras que cobrem temporalmente diferenças de vida.	Generalização das experiências de tempo às regras de conduta.	O tempo ganha o sentido de extensão espacial .
Narrativa crítica	Desvios , problematizando as formas atuais de vida.	Alteração das ideias dadas de continuidade.	Negação de padrões dados de identidade.	O tempo ganha o sentido de ser um objeto de julgamento .
Narrativa genética	Transformações , das formas estranhas de vida às próprias.	Desenvolvimento em que as formas de vida mudam de modo a estabelecer sua permanência dinamicamente.	Mediação entre permanência e mudança para um processo de autodefinição.	O tempo ganha sentido de temporalização .

Fonte: RÜSEN, Jörn. *Narração histórica, tipos, razão* In MALERBA, Jurandir. História & narrativa – A ciência e a arte da escrita histórica. Petrópolis: Vozes, 2016, p. 50.

O relato da jornada mítica de Christian Rosenkreuzer atende às três características colocadas acima por Rüsen, a evocação da memória, no caso do *Fama* e do *Confessio*, a descrição dos acontecimentos sendo detalhada para inserir a trajetória, desde o nascimento,

¹⁰⁶[...] a narração histórica tem como função geral orientar a vida prática no tempo pela mobilização da memória da experiência temporal, pelo desenvolvimento de um conceito de continuidade e pela estabilização da identidade. Essa função pode ser realizada de quatro maneiras diferentes, de acordo com quatro condições necessárias que precisam ser preenchidas, de modo que a vida humana possa continuar no curso do tempo: **a afirmação, a regularidade, a negação e a transformação**. Portanto, consigo ver quatro tipos funcionais diferentes de narração histórica com forma correspondentes da historiografia. (RÜSEN, 2016, p. 48-49)

¹⁰⁷Com essas três qualidades, a narração histórica gera a orientação da vida prática no tempo uma orientação sem qual é impossível aos seres humanos encontrarem o caminho.

Até agora apenas tracei um esboço do campo amplo e múltiplos da narração histórica. É necessário, primeiro, que se estabeleça um modelo teórico geral da estrutura, do processo e da função da narração histórica antes de considerar as variedades da historiografia de outras formas de entendimento da nossa cultura e das demais. (RÜSEN, 2016, p. 48)

passando pela jornada simbólica, a própria busca pelo conhecimento, e sua inserção na linha de uma transmissão.

O mito rosacruz inicial,¹⁰⁸ define temporal¹⁰⁹ e espacialmente uma continuidade ritual do relato, “os irmãos deveriam se encontrar uma vez por ano no dia C.”, diferentes interpretações sobre a data, e a sua inexistência no calendário, não nos ateremos a esta questão, vale apenas chamar atenção para que uma das principais constelações simbólicas que o mito rosacruz atravessa, a constelação do cristianismo pós-reforma, com suas imbricações e mitomorfoses.¹¹⁰

A lógica estabelecida no relato da redescoberta do túmulo do *Pai CR*, os elementos da ciência (hoje podemos chamar de tecnologias), da religião, uma religião naturalizada, seguindo a perspectiva de Paracelso, ele é enterrado com o livro *M.*, o livro *Mundi*, a natureza espelho e o próprio macrocosmo, reflete no homem – este a medida de todas as coisas, conforme o sofista Protágoras, sua contraparte de significação. A própria “antinomia do tempo divisível e do sagrado indiviso que se dispersa no tempo” (HUBERT, 2016, p. 39), não se aplica no mundo *imaginal* na atualização feita pela hierohistória da temporalidade mítica, simbólica e esotérica.

1.2.1 Primeiros escritos Rosacruzes – entre 1604 e 1616.

A Alemanha do século XVII vivencia um fervilhar cultural, embates políticos e religiosos (não exclusivos deste século)¹¹¹ tomam a cena. Neste burburinho um emergir de textos ganha notoriedade, estes, atrelados de forma oculta a uma ideia, um anseio, de uma reforma dos paradigmas sociais, religiosos e científicos. Os textos falam de uma Fraternidade cujo estabelecimento na reta da história se dá por um fluxo e refluxo. Aliás, esta evocação mítica de uma ciclicidade sacra estará presente em diferentes momentos históricos do

¹⁰⁸O contido nos primeiros escritos, *Fama, Confessio e As Bodas*.

¹⁰⁹A questão do tempo histórico (mas, por que não, simplesmente a história do tempo), sua unidade de fundo ou sua multiplicidade irreduzível, só pode ser enriquecida por uma reflexão capaz de variação de escala. Os historiadores – pelo menos alguns deles – o sabem bem: o objeto se torna mais complexo, suas margens tornam-se incertas, mas, por via, ele se faz mais próximo da realidade que o conhecimento visa. Pois o tempo, queiramos ou não, múltiplo ou uno, é certamente uma realidade com a qual temos de lidar todos os dias. [...] Assim, o tempo insiste em nossa vida, em seus diferentes planos, segundo estratificações e escalas que lhe transformam até mesmo a natureza, tanto na concretude de nossas vivências íntimas ou sociais quanto nas formas e nas articulações de seu saber. Será necessário ainda falar no singular, ou não seria melhor decliná-lo de acordo com a multiplicidade? A questão permanece aberta em sua coloquialidade natural. (GATTINARA, 2018, p. 71-72)

¹¹⁰Diferentes formas assumidas pelo mito e suas constantes atualizações.

¹¹¹Cisma da igreja católica no século XIV, as Teses de Lutero no XVI, por exemplo.

fenômeno. Diante do discurso mais tradicionalista,¹¹² temos sempre referência aos três Manifestos Rosacruz¹¹³ – a saber: *Fama*¹¹⁴ (1614), *Confessio* (1615) e *As Bodas Alquímicas* (1616), neste trabalho discordamos de algumas posturas e discussões acadêmicas anteriores,¹¹⁵ trataremos como manifesto, se atendo a etimologia e sentido da palavra, o *Fama* e o *Confessio*, devido a estruturação de ambos, os mesmos propõem uma reforma universal, conclamam diferentes segmentos da sociedade¹¹⁶ e do pensar para juntar-se ao “irmãos”.

O caráter conclamativo dos manifestos diferencia-se do estilo romanesco e oculto das Bodas Alquímicas. O professor Carlos Gilly organiza e publica em 2002, na cidade de Amsterdam uma obra que reúne diferentes pesquisadores sobre o fenômeno rosacruz. Em seu artigo, que também dá nome a obra: *Die Rosenkreuzer als europäisches Phänomen im 17. Jahrhundert*,¹¹⁷ o professor Gilly, nos fornece elementos para compreender como o *Fama* irá circular desde 1604 em forma de manuscrito ganha força e assume de forma simbólica os anseios de uma Alemanha que dista um século da Reforma de Lutero, e que se encontra no limiar do estabelecimento de sua modernidade.

É 1614 em Kassel, Alemanha, que surgem os três textos, organizados juntos: *Allgemeine und General Reformation der gantzen weiten Welt*¹¹⁸, *Fama Fraternitatis, Deß Löblichen Ordens des Rosenkreutzes, an alle Gelehrte und Häupter Europae geschrieben*¹¹⁹, e *Auch einer kurtzen Responsion* assinada por Adam Haslmayr¹²⁰ (1562-1630). No ano seguinte aparece uma nova edição agita a sociedade alemã e por reflexo a sociedade européia, nesta publicação “um extrato satírico traduzido de Ragguagli di Parnaso, de Traiano Boccalini” será substituído pelo texto do *Confessio Fraternitatis*, o *Fama* será reimpresso nove vezes até o ano

¹¹²Tradicionalistas num recorte específico e permeado de contemporaneidades das instituições rosacruceanas, AMORC, FRA, LECTORIUM, apenas para citar algumas.

¹¹³Optamos por tratar estes textos como primeiros escritos, tendo em vista a diferenciação de estilo e funcionalidade dos mesmos, o *Fama* e o *Confessio*, possuem uma característica mais evocativa estes são manifestos, posicionamentos da Fraternidade, As bodas Alquímicas inserem-se no quadro da literatura fantástica.

¹¹⁴A data de 1614, publicação do *Fama* em Hesse Cassel, é emblemática devido a amplitude deste acontecimento, o *Fama* já circulava em diferentes meios sociais deste 1604, quando da sua impressão, conta-se mais de dez versões ou sutis variações, nada que mude o sentido profundo do texto.

¹¹⁵OLIVEIRA, 2009; MENDIA, 2016.

¹¹⁶Os meandros do surgimento do movimento rosacruz estão diretamente imbricados na construção do imaginário ocidental, ladeado pela ciência e pela religião. O estrondo hierofânico dos Manifestos Rosacruz serve de mote para a hierofania rosacruceana, como fenômeno divisor do *status quo* inerente aos relatos fundantes, aos mitos que instauram uma nova percepção de Tempo, que não mais se atualiza na reta, mas numa ciclicidade de círculos dantescos. (AMORIM, 2016, p. 29)

¹¹⁷Os rosacruz um fenômeno europeu do século 17.

¹¹⁸Reforma Geral Universal do Mundo todo. Tradução do autor.

¹¹⁹*Fama Fraternitatis*, a Louvável Ordem da Rosacruz, escrita para todos os estudiosos e chefes da Europa. Tradução do autor.

¹²⁰Sobre este personagem sugerimos a leitura de: GILLY, Carlos. *Adam Haslmayr. Der erste Verkünder der Manifeste der Rosenkreuzer*. Amsterdam: Bibliotheca Philosophica Hermetica, 1994.

de 1616 quando aparece outro texto, seguindo a lógica dos primeiros, mas trazendo um *Chymische Hochzeit Christiani Rosenkreutz Anno 1459*, este texto aparece em Estrasburgo, a trilogia formada por estes primeiros escritos rosacruz, receberá grande atenção por diferentes seguimentos na Europa. Entre os anos de 1614 e 1620 pode-se elencar mais de 200 títulos organizados em discursos pró e contra, chegando a aproximadamente 900 escritos até os primeiros anos do século XVIII, levando os autores dos primeiros escritos a serem acusados de “heresia, agitação política ou pactos diabólicos.” (EDIGHOFFER, 2002; 2006; GILLY, 1994; 2002; MENDIA, 2016)

A teia de sentidos que se encontra nesses escritos, levará a uma busca sobre as origens dos textos, seus autores e a existência desta fraternidade. Nos três escritos ecos da Alquimia e da Pansofia paracelsiana são ouvidos nas entrelinhas, o hermetismo renascentista, a percepção de um conhecimento internalizado no substrato da consciência europeia. Há uma nuvem que paira sobre a Europa do século XVII, Roland Edighoffer (1998) chama a atenção para uma crise de consciência¹²¹ que encontra suas relações no tripé: “política, religião e epistemologia”, esta última podendo ser vista do ponto de vista cultural, no sentido de cultura, e/ou científica, levando em consideração os novos paradigmas, ou visões do mundo. O sucesso dos primeiros escritos não está claro, mas podemos aventar que as proposituras encontraram terreno fértil no âmbito político-cultural, pois o Sacro Império enfrentava tensões que nem a Paz de Augsburgo¹²² (1555) e nem o princípio *cuius regio, eius religio* haviam sido capazes de aliviar.

Existe uma ampla concordância entre os pesquisadores do *Fenômeno rosacruz*, que a autoria dos primeiros escritos rosacruz, sua publicação e divulgação, pode ser atribuída a um grupo formado em Tübingen em 1610, em torno de Johann Valentin Andreae, incluindo seus amigos mais íntimos Christoph Besold (1577-1638) e Tobias Hess (1586-1614), Roland Edighoffer (2002; 2006) sustenta que os dois primeiros textos (*Fama* e *Confessio*) foram escritos de forma coletiva enquanto *As Bodas Químicas* seria de autoria exclusiva de Andreae.

O autor francês ainda identifica na publicação dos textos uma busca pelo retorno a piedade cristã, buscando uma retomada fora das disputas dogmáticas e ortodoxas, há uma pauta que visa aproximar o avanço científico, a espiritualidade cristã e o estado ideal.

A narrativa mítica fortemente evocada nas *Bodas*, fornece além do panorama da alquimia, uma visão de mundo que será detida pelos filósofos herméticos, estes últimos possuindo uma visão de Deus, do mundo e do próprio homem que é o *speculum* do imaginário

¹²¹ Roland Edighoffer toma emprestado a expressão de Paul Hazard “a crise da consciência europeia no século XVII” (EDIGHOFFER, 2006).

¹²²Ver VANLOO, 2001, p. 28-29.

esotérico ocidental. A confluência imagética dos primeiros escritos rosacruz, da ampla obra de Paracelso e Jacob Boehme, estabelece um princípio analógico, onde a simbólica da rosa e da cruz, será o *ethos* da busca espiritual e mística, vale salientar a universalidade dos símbolos, podendo os mesmos transmitir sentido e valores do mais profundos da psiquê humana. Esta ecoará anos depois no frontispício do *Geheime Figuren der Rosenkreuzer*, obra profundamente eivada de símbolos bíblicos.

A rosa e cruz está vinculada de forma indelével ao imaginário das ordens iniciáticas, místicas e/ou esotéricas que utilizarão estes dois símbolos em diferentes configurações. Uma temática evocada sempre pela rosa é o sentido de desabrochar, ato vinculado à revelação mística – meta difundida como ápice da busca de todo iniciado, claro esta é uma formulação das premissas e definições do místico contemporâneo cujos contornos assenta-se num campo simbólico que retomaremos no quarto capítulo, retornando a rosa, esta quando vinculada ao elemento da cruz traz ao centro da discussão o florescer da alma diante do veículo material simbolizado pela cruz. O formato da cruz relembra o humano de braços abertos, assim a união da rosa e da cruz fornece uma gama de símbolos que constelarão o humano, a evolução da alma, o desabrochar místico e o florescer da consciência.

Os primeiros escritos rosacruz atuarão como um prisma que irá, numa função inversa, aglutinar distintos espectros do esoterismo ocidental presentes no final do século XVI e início do XVII, num facho luminoso que será decomposto múltiplas vezes, nos séculos seguintes. Dentre as faixas cromáticas que comporão este facho, podemos distinguir: o Paracelsismo, o milenarismo de Joaquim de Flore, a Alquimia, a Teosofia Cristã do sapateiro de Görlitz, além imagética reformista. A proposta de uma Reforma Universal que conduzirá o homem ao estado primevo adâmico, figura no substrato da gnose e do hermetismo renascentista, que de acordo com Frances Yates (YATES, 1983; 1987), alcançaram e influenciaram sobremaneira os autores dos primeiros textos rosacruz. Teria esta perspectiva reformista e rompedora de paradigmas propiciado o estabelecimento da ciência moderna? Esta ideia orbita os escritos da historiadora inglesa. (COUDERT, 2009, p. 118)

A temática da alquimia paracelsiana está imbricada nas formulações textuais dos primeiros escritos. Paracelso é citado no *Fama* com certo respeito e reverência (EDIGHOFFER, 2002, p. 162). Os ventos de novos paradigmas começam a tremular difusas bandeira, no campo político o casamento entre o Eleitor Palatino e a princesa Elisabeth “realizado em fevereiro de

1613” (YATES, 1987, p. 13) fomentam os anseios da outrora *Militia Crucífera Evangelica*¹²³, de ter-se uma força política e aglutinadora de cariz protestante, é com este anseio, por parte dos protestantes alemães que veem na Defenestração de Praga o início da reforma anunciada no texto do *Fama*.

1.2.3 *Bacias semânticas do Imaginário e do Esoterismo Ocidental.*

Gilbert Durand ao se debruçar sobre a *dimensão mítica da existência social*, sendo esta, um dos três significados fundamentais do que podemos entender enquanto imaginário social, forja o conceito de Bacia semântica, Durand utilizar-se-á da imagem do nascedouro de um rio, percebendo seis processos, que de forma analógica, para representam a expressividade social (LEGROS *et al*, p. 94, 2007).

Como colocamos, o presente trabalho segue alguns indicativos epistemológicos, assim também conforme determinadas temáticas possuem elevado status neste, a saber o Esoterismo – em seus desenvolvimentos e debates no âmbito do ocidente, e o Imaginário – em suas multifacetadas, social, simbólico, político e imagético. Nosso recorte se fixará no Imaginário ocidental, como o mesmo possui um vasto caminho permeado de bifurcações, pontuaremos determinados acontecimentos que marcam momentos e acontecimentos cruciais do pensar e interagir humano.

O Esoterismo Ocidental, partindo da propositura de Antoine Faivre, firmar-se sobre a ideia de Ocidente Cristão, cuja cultura e espiritualidade são permanentemente irrigadas, pelos misticismos judaico e islâmico, por influências do Oriente Próximo, seja nos textos do Hermetismo Alexandrino, na reapropriação da Cabala judaica, da Alquimia, do Gnosticismo etc. (FAIVRE, 2010, p. 5)

Firmar uma data aproximativa em que esta Bacia simbólica inicia seus processos é impossível, tendo em vista a complexidade dos dados históricos, que em sua maioria mostram-se insuficientes. Seguindo as definições contemporâneas do estudo do tema, para traçar tal panorama o Paradigma Yates¹²⁴ fornece uma lógica distinta. Para Wouter Hanegraaff tanto a

¹²³Uma espécie de cavalaria evangélica, criada durante a reunião de príncipes protestantes em Lüneburg, no norte da Alemanha, no ano 1586. A *Militia Crucífera Evangelica* visava combater as ações da Contrarreforma.

¹²⁴Termo cunhado a partir dos escritos e reflexões da historiadora inglesa Frances Amelia Yates (1899-1981), estudiosa do Renascimento, que em sua obra *Giordano Bruno e Tradição Hermética*, postula que o conhecimento que identificamos como esoterismo ocidental tem seu primeiro aporte, e assim início, na tradução do *Corpus Hermeticum* por Marsilio Ficino, originando assim uma Tradição hermética, quase que linear. (YATES, 1987; HANEGRAAFF, 2013; FAIVRE, 2010)

historiadora inglesa assim como o historiador francês Antoine Faivre veem na difusão da Tradição Hermética, através da tradução do *Corpus Hermeticum*, um processo de reencantamento do mundo (HANEGRÁFF, p. 6, 2013); Essa ideia torna-se cara aos pensadores do imaginário, principalmente para Gilbert Durand, cujos textos evocam o homem tolhido em sua imaginação, o *homo latomus* (homem costurado, remendado), cuja constituição imagética e a própria tessitura do seu social é semelhante a uma colcha de retalhos sempre rasgada e recosturada. (DURAND, 1979; 1999; 2011)

Os processos de retomada da valoração mítica seguem os mesmos passos do retorno ao centro dos debates das expressões do sagrado que por motivos que não cabe aqui a discussão, foram postas de lado. Não podemos falar de uma única bacia semântica no âmbito da discussão sobre o Esoterismo Ocidental, o que defendemos é que o Esoterismo Ocidental será o conglomerado de múltiplas bacias, estas colocadas em diferentes regimes da imagem (diurno e noturno) (DURAND, 2002), com durações diversas, não respeitando a proposta temporal durandiana entre 100 e 150 anos, podemos identificar particularidades – por exemplo a mudança de nome do mesmo rio sem que sua bacia sofra grande abalo de sentido. Seguindo a lógica da complexidade das bacias semânticas do EO, as bacias que fornecerão o capital simbólico para as diferentes expressões do Movimento rosacruz, dispostas durante os quatro séculos que seguem a publicação dos primeiros escritos.

Gilbert Durand formula o conceito de bacia semântica¹²⁵ em seis processos:

1. Desvios. Várias correntes são formadas em um determinado ambiente cultural: às vezes são ressurgimentos distantes do mesmo passado da bacia semântica, esses fluxos surgem, outras vezes, de circunstâncias históricas precisas (guerras, invasões, eventos sociais ou científicos, etc.).
2. **Compartilhamento de águas.** Os escoamentos se reúnem em festas, nas escolas, em correntes de orientação diferente. Esta é a fase das "brigas", confrontos de regimes imaginários.
3. **Confluências.** Assim como um rio é constituído por afluentes, uma corrente acumulada precisa ser reforçada pelo reconhecimento e apoio das autoridades locais, personalidades influentes.
4. Em nome do rio. É então que um mito ou uma história reforçada pela lenda promove um personagem real ou ficcional que nomeia e tipifica a bacia semântica.
5. **Desenvolvimento das margens.** Uma consolidação estilística, filosófica e racional é constituída. Agora é a hora dos "segundos" fundadores, os teóricos. Às vezes, as inundações exageram certas características típicas da corrente.

¹²⁵“O pluralismo taxinômico, a tópica e a dinâmica permitem abarcar as bacias semânticas que articulam aquilo que é “próprio do homem”, o imaginário, com uma precisão mensurável” (2001, p. 117)

6. Esgotamento dos deltas e meandros, derivações são formadas. A corrente do rio enfraquecida incha e deixa-se capturar pelas correntes vizinhas.¹²⁶ (DURAND, 1996, p. 85) **Grifo nosso.**

Durand estabelece uma ciclicidade¹²⁷ onde podemos perceber a interação entre diferentes bacias, esta tópica sociológica, base de sua metodologia¹²⁸. A lógica durandiana permite percebermos as relações estabelecidas em cada época. Grupos sociais afloram com suas particularidades, conceitos, símbolos e ritos expressam as características marcantes. É possível observar nos aspectos das temáticas que orbitam o esoterismo ocidental enquanto campo de conhecimento. A tessitura do campo de conhecimento que abarca as correntes, temas e noções do esoterismo ocidental, encontramos temáticas recorrentes – alquimia, cabala cristã, teosofia cristão, hermetismo, rosacruzianismo, paracelsismo, magia, gnose, estes temas possuem diferentes desenvolvimentos no decurso da história, ocorrendo interseção entre o temas, contemporaneamente encontramos outros elementos – maçonaria, *new age*, misticismo. O campo do esoterismo e o processo de esoterização de alguns movimentos, derivados ou ressignificados doutros, apresenta uma plêiade de sentidos¹²⁹.

O arcabouço simbólico das bacias semânticas do Esoterismo Ocidental na esteira do caldo mítico que fornece o amplo espectro do Imaginário Ocidental – na perspectiva faustiana proposta por Durand, reencantada como sugere Max Weber ou remitologizada na contemporaneidade de Maffesoli, o relevante é que uma bacia irrompe-se do [...] *fond immémorial d'une culture, sur l'océan mythique primordial, "insondable"*¹³⁰, como sugerido por Thomas Mann, e aqui evocado por Durand (1996).

O escoamento das primeiras águas que ao longo do trajeto se tornarão o rio, que posteriormente receberá o nome de Esoterismo Ocidental. Cabe aqui uma explicação da

¹²⁶ **1) Ruissellements.** Divers courants se forment dans um milieu culturel donné: ce sont quelquefois des résurgences lointaines du même bassin sémantique passé, ces ruisseaux naissent, d'autres fois, de circonstances historiques précises (guerres, invasions, événements sociaux ou scientifiques, etc.). **2) Partage des eaux.** Les ruissellements se réunissent en partis, en écoles, en courants orientés différemment. C'est la phase des "querelles", des affrontements de régimes de l'imaginaire. **3) Confluences.** De même qu'un fleuve est formé d'affluents, un courant constitué a besoin d'être conforté par la reconnaissance et l'appui d'autorités en place, de personnalités influentes. **4) Au nom du fleuve.** C'est alors qu'un mythe ou une histoire renforcée par la légende promeut un personnage réel ou fictif qui dénomme et typifie le bassin sémantique. **5) Aménagement des rives.** Une consolidation stylistique, philosophie, rationnelle se constitue. C'est le moment des "seconds" fondateurs, des théoriciens. Quelquefois des crues exagèrent certains traits typiques du courant. **6) Épuisement des deltas.** Se forment alors des meandres, des dérives. Le courant du fleuve affaibli se subdivise et se laisse capter par des courants voisins. (DURAND, 1996, p. 85) **Grifo nosso**

¹²⁷ Esta análise do "bassin 'semântico'" não é em contradição com o diagrama circular que nos dá a ver que há algumas décadas e que vamos examinar mais longe como "tópico", que fragmenta o corrente primitivo em rios, introduzindo elementos para um novo "ruisselamento" (fontes, ressurgências, etc.). (DURAND, 1996, p. 85)

¹²⁸ Neologismo desenvolvido por Durand, cujo estudo está diretamente focado nos mitos e nas suas relações com o símbolo e o rito.

¹²⁹ Tanto na aceção do termo enquanto significados, quanto de curso a ser seguido, sentido do rio.

¹³⁰ Fundo imemorial de uma cultura, no oceano mítico primordial, "insondável". (DURAND, 1996, p. 86)

terminologia. Assim como exposto acima sobre o Paradigma Yates, os primeiros estudos acadêmicos sobre a temática do Esoterismo, tendiam a seguir dois eixos norteadores – a ideia de uma *Philosophia Perennis*, um conhecimento que se perdia na noite dos tempos, cuja origem se confunde com a origem do próprio homem, ou outra linha de raciocínio atribui a produção dos textos herméticos, séculos II AEC e IV DEC, e sua difusão no Ocidente através da tradução de Marsilio Ficino, no século XV. A multiplicidade do cenário social do Renascimento Cultural Italiano, confluindo e dialogando as três principais religiões monoteístas: judaísmo, cristianismo e islamismo, torna a estrutura social extremamente dinâmica, com apropriações e imbricamentos entre as mesmas, um exemplo disto é a ressignificação da Cabala, cuja temática judaica recebe um novo viés cristianizante, passando a ser Cabala Cristã¹³¹.

Este primeiro grande afluente estabelece-se na temática dos estudos do Esoterismo com grande dinamismo, a Cabala Cristã, utilizando de força conceitual presente na Cabala judaica teúrgica e extática, cada um desses dois ramos fornecendo as constituintes imagéticas da Cabala Cristã. No final do *Quattrocento* há uma intensa revisitação dos textos hebraicos, o neoplatonismo e o hermetismo que circulam no meio intelectual italiano, meio este que através de Ficino inclui Moisés entre figuras arquetípicas tais como: Hermes Trimegistos, Zoroastro, Pitágoras e Platão. (MELAMED, p. 2-4, 2011) Esta seleção de personagens mostra o cenário que está se consolidando e os elementos que estão inseridos neste cenário.

Seguindo a mesma estrutura da Cabala Cristã, outro movimento ganha força na Europa dos séculos XVI e XVII, principalmente na Alemanha, a busca por aproximações entre uma tradição primeva – no Renascimento pelo “humanismo greco-romano”, e no protestantismo do século XVII pelos textos anteriores ao cristianismo, nisso temos a estruturação de um “Hebraísmo Cristão”. Esta linha de discussão influenciará sobremaneira o pensamento dos autores dos Manifestos Rosacruzes além dos desdobramentos seguintes. Sobre o hebraísmo cristão vale a pena entendermos, que:

Os estudiosos que participaram desses movimentos emprestaram ideias e formas literárias da literatura hebraica bíblica e pós-bíblica e as adaptaram às suas necessidades cristãs culturais e religiosas. Eles desenvolveram ferramentas para o estudo da língua hebraica, traduziram algumas fontes literárias hebraicas e as disponibilizaram para um público mais amplo de leitura. Renovaram o antigo mito das origens judaicas da filosofia e da ciência e procuraram apropriar-se dos tesouros da cultura judaica. Assim, eles criaram um novo campo acadêmico, os estudos hebraicos. Sua influência sobre o desenvolvimento da cultura européia moderna foi enorme, muito além das contribuições imediatas do número limitado de estudiosos que participaram desse movimento. O que começou como o interesse esotérico de um pequeno grupo de humanistas no final do século XV se tornou, dentro de cem

¹³¹Esta, integrando uma das correntes do Esoterismo Ocidental, em ambas as perspectivas, de Antoine Faivre (1994; 1998; 2010), Wouter Hanegraaff (1998; 2002).

anos, um campo acadêmico definido e respeitado. [...] O estudioso cristão que mais fez o cultivo deste novo campo acadêmico, plantado originalmente com as sementes dos humanistas italianos, foi Johann Reuchlin (1455-1522). Ele transmitiu o interesse embrionário da Renascença pelas fontes hebraicas, como havia se desenvolvido desde Manetti e Pico Della Mirandola, ao norte da Renascença. Reuchlin conheceu Pico durante sua visita à Itália em 1490 e assumiu a missão de desenvolver o estudo da língua e cultura hebraicas.¹³² (MELAMED, 2011, p. 2-3)

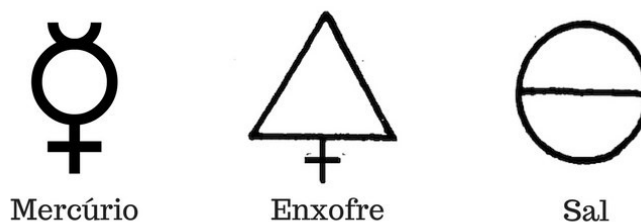
Conforme ocorre com a apropriação da tradição cabalística, com a Alquimia ocorre um processo similar. A alquimia possui suas origens incertas, o termo retoma, partindo de sua etimologia a ideia de terra negra, identificado como uma referência ao Egito. É entre autores árabes e judeus que temos seus grandes expoentes. No processo de cristianização desta encontramos a migração simbólica que identificam o Cristo com a pedra filosofal, o elixir da vida, o pensamento de Paracelso estará fortemente vinculado aos autores dos primeiros escritos rosacruzes. A terminologia de caráter septenário usual na descrição dos elementos alquímicos vincula-se a astrologia por exemplo. Neste campo merece uma descrição sobre a simbólica dos números, é comum encontrarmos referências aos números três e sete, o três sendo evocativo dos elementos basilares – enxofre, mercúrio e sal, presente em uma parte significativa da mitologia alquímica.

Não somente os números três e sete possuem ampla valoração, encontramos também os números dois e quatro, um explicitando o binário a dualidade, luz e trevas, o quatro descrevendo os elementos presente na natureza – água, fogo, terra e ar, e os setes metais, o setenário ao qual nos referimos acima.

Múltiplas são as representações desta temática, reproduzimos em seguida as expressões imagéticas que são mais recorrentes ao tratar-se do ternário, do quaternário e do septenário no âmbito da alquimia ocidental.

¹³²The scholars who participated in these movements borrowed ideas and literary forms from Biblical and post-biblical Hebrew literature and adapted them to their cultural and religious Christian needs. They developed tools for the study of the Hebrew language, translated some Hebrew literary sources and made them available to a wider reading audience. They renewed the old myth of the Jewish origins of philosophy and science,⁶ and endeavoured to appropriate the treasures of Jewish culture. They thus created a new academic field, Hebraic studies. Its influence upon the development of early modern European culture was enormous, far beyond the immediate contributions of the limited number of scholars who participated in this movement. What began as the esoteric interest of a small group of humanists in the late fifteenth century became, within a hundred years, a defined and respected scholarly field. [...] The Christian scholar who did most to cultivate this new academic field, planted originally with the seeds of the Italian humanists, was Johann Reuchlin (1455-1522). He transmitted the embryonic Renaissance interest in Hebrew sources, as it had developed since Manetti and Pico della Mirandola, to the northern Renaissance. Reuchlin met Pico during his visit to Italy in 1490, and took over from him the mission of developing the study of the Hebrew language and culture (MELAMED, 2011, p. 2-3)

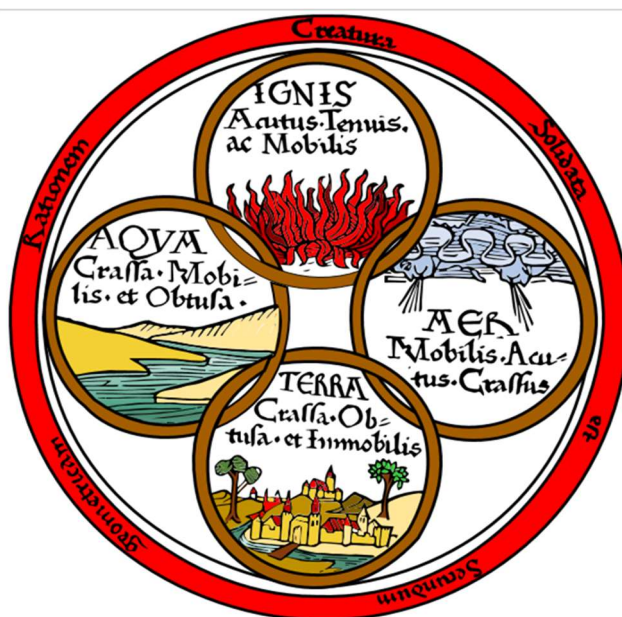
Imagem 3 - Três elementos alquímicos



Fonte: <https://alkhemylab.com/blog/os-emunctorios-naturais-na-visao-da-alquimia/> acessado em 16 de abril de 2022 às 15:17.

Os três elementos colocados acima possuem uma simbólica de primordialidade, eles refletem uma essência trina que permeará o universo nas visões das correntes e das noções do EO. Dentro da mitologia alquímica, da Teosofia de Jacob Boehme, da Cabala encontraremos relatos simbólicos que estruturam suas narrativas orbitando uma lógica trinitária. A teosofia de Jacob Boehme expressa a sua cosmogonia pela trindade expressa pelo *Ungrund*, o *Fiat* e a *Manifestação*, o mundo da emanção de *Atziluth* é formado por *Ketér*, *Hochmah*, *Binah*, na mitologia cristã a trindade divina compõe-se do Pai, do Filho e do Espírito Santo. É possível percebermos uma ressurgência mítica nas cosmogonias das religiões, dos relatos esotéricos, mágicos e iniciáticos, neste último ponto a estrutura da maçonaria simbólica formulada em três graus – aprendiz, companheiro e mestre, a título de exemplo.

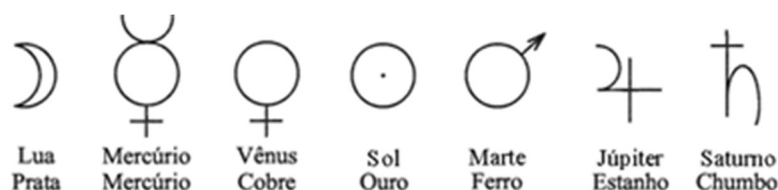
Imagem 4 - Quatro elementos alquímicos



Fonte: <http://mbc.malopolska.pl/Content/3355/index.html> Acessado em: 10 de março de 2020.

Os quatro elementos da natureza são uma das recorrências simbólica mais comuns. A ideia da natureza ser quaternária perpassa o hermetismo alexandrino, a alquimia árabe, a alquimia cristã, a cabala com a divisão da árvore sefirótica em quatro mundos – Atziluth, Briah, Yetzirah e Assiah, dentre outras correntes de pensamento, assim também como as reflexões de caráter “numerológico” referente ao algarismo quatro ou da física – as quatro dimensões da matéria.

Imagem 5 - Vínculo entre os sete metais e o sete planetas - Septenários dos antigos



Fonte: <https://sites.google.com/site/ainiciacaoreal/artigos-e-livros-para-download/a-alquimia> Acessado em 10 de março de 2020 às 9h.

Assim como encontramos questões com relação aos quatro elementos, sua constância de significados, o sentido dado a esta simbólica, o mesmo ocorrerá com os sete metais identificados com os sete planetas receberão ao longo do tempo, diferentes abordagens o que permitirá um ganho simbólico nas camadas de sentido que a carga imagética da alquimia, assim também como da cabala e toda a plêiade de fenômenos que compõe o esoterismo ocidental ao longo de seus desenvolvimentos.

1.2.4 A confluência entre rios

Utilizando-se do exemplo hidrográfico e o curso sociocultural desenvolvido pela imagética do rio, intentamos seguir rio acima em dois trajetos – um rio que conduz às ideias, punções e agregações do esoterismo em suas definições acadêmicas como Esoterismo Ocidental, fixando suas formulações na saída do homem do medievo, assim sendo o desaguar simbólico que ocorre durante o Renascimento Cultural Europeu, em suas diferentes frentes (Italiano, Francês, Inglês e Alemão). Ao longo deste trajeto que não é estático em sua totalidade e que na realidade assume distintos contornos e matizes ao longo da história. O segundo rio que entendemos nascer de forma gêmea ao primeiro possui sua origem nos contornos que definirão as formulações do homem ocidental, neste ponto a propositura de Gilbert Durand, e sua perspectiva do “homem tradição” que assume-se enquanto tal por volta do século XIII.¹³³

¹³³Ver Science de l’homme et tradition, 1979.

A constituição das cores, tessituras e sentidos do tecido social, na busca de compreendermos a dinâmica das relações sociais, é comum recorrermos a elementos simbólicos, metafóricos, Gilbert Durand utiliza a imagem da bacia hidrográfica para ilustrar o dinamismo das recorrências sociais, na logicidade da teoria durandiana, os sentidos profundos que dão sentido e valoração ao homem e assim a sociedade estão em certa medida latentes no homem, e na ressurgência mítica de cada geração ou povo, utilizamos estas águas para irrigar nosso capital imaginado, embebendo, diluindo, purificando as diversas punções da consciência humana. A imagem do rio sucinta em nossa mente a ideia do eterno movimento, do fluir das correntezas, ora doces e cadenciadas, ora tomadas de rompantes avassaladores marcando o solo por onde irrompem.

Gilbert Durand, em seus estudos antropológicos e mitológicos, ressalta a presença de “uma memória armazenada nas suas instituições informativas: monumentos, documentos, modos de vida, línguas naturais” (1998, p. 164). Seguindo a lógica durandiana podemos perceber uma “sobreposição das fases tópicas¹³⁴”. É possível compreender o sistema de influência que uma bacia semântica terá sobre outra, num contínuo processo dialético – “O renascimento de um mito desenha-se com muita antecedência sob os mitologemas dominantes que se esgotam (perdem o seu “dinamismo” mitogênico)” (1998, p. 164). Durand acredita numa limitação dos mitologemas, ou Arquétipos,¹³⁵ daí sua perspectiva da reutilização destes estratos simbólicos, mitologemas – temas recorrentes, arquétipos, símbolos, para Durand:

Estas reutilizações não são de forma nenhuma, repetições mecanicamente estereotipadas. Como o explica o conceito de “re-injeção”, cada utilização é modificada pelo crescimento das existências de informação e elas entalham num conjunto sociocultural aquilo que chamamos “bacias semânticas”, identificadas por regimes imaginários específicos e mitos privilegiados” (DURAND, 1998, p. 165).

O imaginário sociocultural desenvolve-se seguindo fases que podem ser percebidas de forma cronológica, estabelecidas nas vinculações dos grupos sociais em que eclodem. Para ilustrar sua tópica Durand utilizar-se da imagem de “anéis”¹³⁶, a que tudo indica ele estabelece “uma espécie de escala topológica dos ‘anéis’ que constitui subsistemas, havendo anéis “mais

¹³⁴O capítulo II deste trabalho será dedicado a discutir a Tópica Sociológica durandiana e suas contribuições para nossa pesquisa.

¹³⁵No sentido junguiano.

¹³⁶Empregando um termo dos economistas, Durand chama esses anéis de “trends”, e, na sua teoria do imaginário simbólico, de “bacias semânticas”. Conforme o autor, a noção de “bacia semântica” surgiu por analogia à “bacia fluvial” (dos rios), usada por embriólogos a fim de descrever certo processo do encaminhamento formativo necessário para a maturação do embrião. Também nas tópicas de Durand (ou anéis, ou fases do imaginário sociocultural), o processo de formação, deformação e mudança do pensamento (mítico, simbólico, artístico, cultural, psicológico, arquetípico) dos grupos se dá por etapas imbricadas umas nas outras numa linha de continuidade e descontinuidade, em uma dinâmica sociocultural dialética constante, ininterrupta e integrada. (FREITAS, 2016, p. 35)

englobantes e mais diferenciados do que os outros em termos de duração”, distinguindo-se segmentos semântico-estilísticos de “longa duração”. (DURAND, 1996; 1998)

Ele utilizar alguns exemplos, aqui optamos por seguir a lógica durandiana, mas estabelecendo nossos próprios anéis, que serão pertinentes ao nosso trabalho. Tendo em vista que não esgotamos as possíveis variações e interação entre anéis e movimentos inserido no mesmo contexto histórico e cultural, a demonstração no quadro seguinte se atém as expressões do EO em suas principais correntes

Tabela 3 – Bacias Semântica do Fenômeno Rosacruz

Anel		Movimento (s)
Hermetismo Renascentista	Século XV ao XVII	Renascimento Italiano; Renascimentos Inglês; Renascimento Alemão.
Alquimia	Século XIV ao XX	Árabe; Cristã; Paracelsiana; Rosacruziana; (Geheime Figuren der Rosenkreuzer); Moderno.
Cabala	Século XIII ao XXI	Luriano; Teúrgico; Extático; Cristã; Contemporâneo (New age).
Teosofia Cristã	Séc. XVII ao XIX	Jacob Boehme; J. G. Gichtel; Pietistas e quietistas; Karl von Eckartshausen.
Rosacruzianismo	Séc. XVII ao XXI	Epifânico; Institucional; Resignificado; Contemporâneos.
Maçonaria	Séc. XVIII ao XXI	Escocismos; Templarismo; Teosóficos; Político; Iluministas (secularizante).

Produzida pelo autor.

A tabela acima possui apenas um sentido de ilustração e serve para instigar as discussões. Não há a ideia de fixar a origem de determinado anel – movimento. Podemos perceber que há uma profunda interação entre um anel e outros, induzem um sentido de

linearidade, eles esboçam uma interligação, interação, um movimento, ou bacia¹³⁷ dando origem a outra e coexistindo na maioria das vezes, conforme colocado por Durand;

Então surge naturalmente, uma vez admitido esse reforço da "bacia semântica" por redundância, uma série de perguntas que nem todos podemos abordar aqui: "Existe, portanto, uma espécie de melhoria, se não progresso, "bacias semânticas" repetidas em um campo cultural? " "Não vemos certas culturas desaparecerem em uma espécie de" colapso "e entram em fases de decadência?" Finalmente, "a" bacia semântica "em si, de acordo com o esquema formal que você dá, não conhece uma fase interna do "declínio" e não se perde nos meandros e nos deltas? ". Podemos apenas indicar que não há progresso na sociedade ou na cultura global, mas sim melhoria, melhor, "refinamento" e que é plausível que essas melhorias tenham se acumulado em um determinado campo cultural e social. que paradoxalmente causam o declínio da sociedade em questão. (DURAND, 1996, p. 119-120)¹³⁸

Entendemos que no curso social da história os movimentos, derivados de fenômenos singulares ou complexos, constituem um rio particular, as águas, que na proporção de seus fluxos, nos fornecem distintos tamanhos de rios. Se nos detivermos no fenômeno, ou melhor fenômenos que compõem o Esoterismo Ocidental, é comum surgir em nossa mente termos tais como: alquimia, cabala, teosofia, maçonaria, magia, rosacruz, hermetismo além de outros elementos que estão no acesso mais direto ao público, assumindo elementos mercadológicos – tarô, astrologia, artes divinatórias, além do da popularidade de termos tais como ocultismo.¹³⁹

Conforme colocado anteriormente no texto, Durand entende que a ideia de “Tópica” se encontra impregnada no seu conceito de bacia semântica, esta última condensando o trajeto mítico antropológico do imaginário. Ao propor sua mitodologia e apresentar suas metodologias (mitocrítica e mitanálise), Durand traz a cena proposta de percebermos uma “Sociologia das Profundezas”, o termo profundidade emprestado das discussões da psicologia, ele ressalta que – “a mão estendida pela tópica psicanalítica a partir de 1909-1912 não foi agarrada, tanto o atraso epistemológico da sociologia se iria eternizar ao longo dos primeiros 50 anos do século”. (DURAND, 1998, p. 122)

¹³⁷ A articulação destas “bacias” com o *trend* familiar: elas não se sobrepõem exactamente. A bacia transborda a montante e a jusante do *trend* em cerca de meio *trend* de cada vez (ou seja, para uma “bacia” uma duração provável de 90/110 anos + 2 (cerca de 45+50) = 180 a 210 anos [no máximo]). (DURAND, 1998, p. 165)

¹³⁸ Se pose alors bien entendu, une fois admis ce renforcement du "bassin sémantique" par la redondance, une série de questions que nous ne pouvons pas toutes aborder ici: "Y a-t-il donc une sorte de perfectionnement, sinon de progrès, des "bassins sémantiques" se répétant dans un champ culturel?" "Ne voit-on pas certaines cultures disparaître en une sorte de "collapse" et entrer dans des phases de décadence? "Enfin, "le "bassin sémantique" lui-même, selon le schéma formel que vous en donnez, ne connaît pas une phase interne de "déclin", et ne se perd-il pas dans des méandres et dans des deltas?". Nous pouvons seulement indiquer qu'il n'y a pas progrès de la société ou de la culture globale, mais bien perfectionnement, mieux, "raffinement", et qu'il est plausible que ce soient ces perfectionnements accumulés dans un champ culturel et social donné qui provoquent paradoxalement le déclin de la société en question. (DURAND, 1996, p. 119-120)

¹³⁹ Sem a devida problematização e sem levar em conta a origem do termo e suas relações com a história dos movimentos.

Vislumbrar de forma unidimensional o amplo aspecto do homem em seu trajeto mito simbólico é castrar a amplitude das interações sociais do mesmo, a plurivocidade de seus mitos, os aspectos heteróclitos de seus símbolos, só poderão ser melhor apreendidos mediante a utilização de novas ferramentas, de caráter amplo e não redutor, é nesta perspectiva que a “Tópica sociocultural” durandiana, base de uma “Sociologia das profundezas” no servirá para entender os meandros do campo do Esoterismo Ocidental e da área das Ciências das Religiões, em seus plurais.

O debate sobre a temporalidade é plausível na lógica deste trabalho devido a inserção da mitologia rosacruz na construção de uma realidade social particular, a realidade de uma das correntes do esoterismo ocidental. Com suas diversas expressões sociais e associativas o fenômeno rosacruz é um amalgama de visões de mundo, de formulações do homem em busca de seu estado perfeito. A temporalidade rosacruz articula-se no ponto fora de reta temporal de *Cronos*, não muito diferente de outras expressões da sacralidade humana, mas seu trajeto estabelecido na marginalidade social, conforme debate anterior esta é uma das características do EO no âmbito social, permitiu metamorfoses ao longo dos quatro séculos em que se desenvolvem suas temáticas: a busca espiritual do homem, uma harmonia entre ciência e religião, na busca pela compreensão do Livro da Natureza.

O tempo do mito rosacruz assim é polimorfo, estruturando-se conforme as necessidades do relato, da época e do grupo de sua origem, desta forma podemos perceber diferentes temporalidades nos relatos dos movimentos rosacruzes contemporâneos, desde evocação da tradição primordial remontada ao Egito ou aos primeiros escritos do século XVII.

2 CAPÍTULO TÓPICA SOCIAL¹⁴⁰: A SOCIOLOGIA DAS PROFUNDEZAS

Neste capítulo o tema central de nossa discussão será a “Tópica sociológica” de Durand, e a utilização desta ferramenta metodológica para a compreensão da “Sociologia das profundezas”, vinculado ao campo do Esoterismo Ocidental, sempre observando o fenômeno e o movimento rosacruz, intuimos a necessidade de aproximar a proposta sociológica durandiana, de uma “Sociologia do Esoterismo”, esta, sendo compreendida nas estruturas do imaginário social – enquanto elemento externado do homem em sociedade, nas constituintes míticas e simbólicas dos movimentos “esotérico”, com enfoque especial nos movimentos contemporâneos, assim como o *ethos* desenvolvido mediante a pertença a estes círculos sociais. Compreende a morfogênese simbólica que interliga os diferentes discursos, que a priori, parecem contraditórios, fornecerá as ferramentas de compreensão das constantes organizacionais do pensamento humano, vinculadas ao “*œulto*”¹⁴¹.

A estruturação das sociabilidades, estabelecidas nos diferentes sistemas simbólicos externarão formulações que orbitam entre a função do indivíduo enquanto ator social, microcosmo do meio que ressignifica, assim como mesocosmo ou elã vital entre os ruídos de fundo da contemporaneidade e o transcendente. O homem contemporâneo, me ocorre a ideia do homem cotidiano, vivência o que Durand chamará de “Capital pensado da humanidade”, um presenteísmo simbólico de caráter acontecimental¹⁴². O cotidiano deste *homo symbollicum* acima de tudo faz-se na atualização da permeabilidade do solo irrigando a vegetação, arborescência de suas exteriorizações, outra parte deste fluido imagético constituindo o lençol freático¹⁴³.

Assim como a psicologia das profundezas¹⁴⁴ recorre aos arquétipos da psiquê humana, que possui no inconsciente coletivo seu *locus*, a sociologia das profundezas, procura estabelecer a tópica funcional do simbólico e da imaginação na constituição do homem,

¹⁴⁰Nessa parte dos seus estudos, Durand refere-se ao estudo do sociólogo russo radicado nos Estados Unidos Pitirim Sorokin [1889-1968], que, “após uma pesquisa sociológica gigantesca efetuada por sua equipe de Harvard, foi o primeiro a elaborar a classificação da “dinâmica sociocultural” de uma entidade sócio-histórica num n°mero de fases” (2001, p. 102). As fases expostas por Sorokin são apenas três (*sensate, ideational, idealistic*), número que Durand considera restrito. Durand julga que essas três fases ficaram vagas quanto à duração e também ao conteúdo (figuras míticas, estilos, motivos pictóricos, temas literários, etc.). Então ele amplia o esquema de Sorokin com a finalidade de preencher essas lacunas metodológicas. (FREITAS, 2016, p. 36)

¹⁴¹Desconhecido, esotérico, ocultado, fascinante, mistificado. Utilizamos o termo riscado para ressaltar a não conformidade da expressão, tendo em vista uma terminologia melhor.

¹⁴²[...] a inquietude contemporânea se junta à tradicional busca do que está oculto. (MAFFESOLI, 2019, p. 12)

¹⁴³Gilbert Durand utiliza-se da simbólica da bacia hidrográfica, pluvial, entendemos este conceito de forma ampliada, levando em consideração as águas que encontram-se no seio da terra e que fornecem o líquido do primeiro escoamento.

¹⁴⁴Carl Gustav Jung e seus seguidores, com sua dinâmica do inconsciente coletivo, das imagens arquetípicas profundas, que alicerçam a psique do homem e assim da humanidade.

refletindo sobre a atualidade das temáticas do Esoterismo ocidental e do Imaginário. Para Maffesoli, “Tudo o que é importante está enterrado ou domina de cima. E é da conexão do baixo e do alto que germina o que posteriormente frutifica”. (MAFFESOLI, 2019. p. 11)

A expressão de Maffesoli traz a tona, um famoso aforismo hermético, (assim como é em cima é embaixo¹⁴⁵). Ao utilizarmos a simbólica do meio aquático lançamos mão de um precioso simbolismo para o homem que está permeado por referências biológicas, sociais, pois nos aspectos sociais onde a complexidade humana drena deste lençol freático para irrigar as diferentes expressões da sociedade – “um invisível que fortalece o visível”, águas profundas que na expressão das aquífero simbólico ecoam, viabilizando o rio simbólico, que ganhar nome e sentido posteriormente. Nesta perspectiva concordamos com Maffesoli, na sua crítica ao materialismo ultrapassado, onde o, “humanismo verdadeiro, ou seja, o humano em sua inteireza, não se resume a preocupações utilitárias”. (MAFFESOLI, 2019. p. 47)

É neste humano, ator social constituinte de sentidos profundos que se estabelece na ciclicidade das águas, águas superiores que caem e permeiam o solo, forma lagos, organizam-se em depressões, repõem o lençol freático da profundida sociabilizante do homem e de seus múltiplos imaginários. No ciclo aquático, que a ciência postulou (e aprendemos na tenra infância), a evaporação das águas exteriores dão o reinício do ciclo. Uma sublimação simbólica permite a mudança do estado físico para o gasoso e a condensação fornecerá a aglutinação mnemônica a ressurgir na impregnação da epiderme social.

Ao definir o caminho metodológico que seguirá, Durand esclarece:

Numa primeira etapa, para tentar explicar o processo de mudança – e inspirando-me em esquemas célebres – elaborei uma “tópica”, elemento de base de uma “sociologia das profundezas” [...]. Todo o “momento” sociocultural desenha-se como um anel onde persiste, numa ambiguidade sistêmica, uma emergência aparente mantida por funções sociais reconhecidas (dirigentes, codificadores, funcionários, modelos pedagógicos, etc.) dispondo o imaginário em ideologias, códigos, pedagogias, epistemologias, etc., e recalando – “marginalizando” – os papéis desclassificados que então constituem fermentos de contestações, de dissidência e de *marginalia* numa espécie de semiconsciente colectivo, refugiado no “social” cotidiano constatado por Michel Maffesoli [...] (DURAND, 1998, p. 162).

A tópica durandiana fornece as ferramentas para podermos traçar as relações sociológicas com os diferentes momentos do desenvolvimento histórico social, sua metodologia possui a relevância para o debate sobre o rosacrucianismo assim como para com os aspectos sociais do EO. Assim,

[...] o método arquetipológico nos seus desenvolvimentos heurísticos chega a cobrir todo o campo da antropologia. Os conceitos operatórios que ele liberta, tais como

¹⁴⁵Citação presente na Tábua de Esmeralda.

“estrutura figurativa”, “trajecto antropológico”, “mitocrítica”, “mitanálise”, “politeísmo irreduzível” dos esquemas imaginários, “tópica de tipo sistémico”, “*trend* secular”, “bacia semântica”, etc. cobrem com uma rede determinista o conjunto das questões que a ciência do homem se coloca. Este método aparece também na sua filosofia subjacente como uma renovação do humanismo, segundo a famosa fórmula “nada do que é humano lhe é estranho” (DURAND, 1996, p. 168).

A pertinência do trajeto antropológico dentro do estudo do esoterismo pode ser aproximada da proposta estrutural de Olav Hammer, a reflexão sobre a modulação social – estratificação em grau e ordens internas por exemplo, vinculadas ao rosacrucianismo contemporâneo, este apresenta-se como a sucessão de *trends*, inserido no *trend* secular que está em diálogo com as espiritualidades atuais.

2.1 IMAGINÁRIO SOCIAL

A teoria geral do imaginário nos moldes proposto por Gilbert Durand segue diferentes caminhos metodológicos. É fato que a mesma assenta em aspectos da imagem e do mito, permitindo seu estruturalismo figurativo, suas noções de bacia semântica, mitocrítica e mitanálise. Seguindo seus pressupostos podemos inferir uma sociologia das profundezas. O imaginário conforme percebido por Durand pauta-se no antropos (o homem), suas constituintes mais profundas e significativas, expressas através de suas linguagens – pictóricas, gestuais ou narrativas, sendo o fio que alinhava os sentidos de sua existência, observando desta ótica, podemos discernir uma gama de imaginários, proporcional aos indivíduos de um grupo, que fornecerão os compostos basilares das relações sociais. (DURAND, 1979;1998)

Quando nos deparamos com o termo Rosacruz, temos diante de nós um movimento que estende suas influências tanto numa amplitude temporal, os relatos simbólicos dão conta de mais quatro séculos de história, quanto espacial, pois é possível identificar diferentes correntes de pensamento que oculta-se sobre o manto rosacruz, assim como esta ideia aflorará em múltiplas expressões do pensar humano, vejamos, se ao pensarmos o imaginário o definimos como um conjunto de imagens, símbolos, relatos, estruturas e reverberações do essencialmente humano, num conceito: o capital¹⁴⁶ pensado da humanidade.

O arcabouço simbólico que permeia o imaginário do homem contemporâneos¹⁴⁷, não permite uma apreensão da totalidade de seus significados, seria muito fácil traçar um cenário

¹⁴⁶Capital, na ideia de Bourdieu de capital simbólico que estabelece uma relação de trocas de bens igualmente simbólicos que amálgama as relações dos indivíduos em sociedade.

¹⁴⁷Uma contemporaneidade que não permite que excluamos a fratura social a qual o mesmo é submetido diariamente por um esvaziamento do símbolo pela imagem patológica.

de sentidos se dispuséssemos com clareza das constituintes deste homem e desta sua contemporaneidade. Tentemos estabelecer um corte sócio temporal, centremos nossa atenção nas duas últimas décadas do século XIX e daí estiquemos uma linha até os dias de hoje, temos aqui por volta de 140 anos, onde podemos perceber a aceleração quase vertiginosa da nossa sociedade, guerras, corrida espacial, novos paradigmas humanos e científicos.

Nos nossos dias, nenhum sociólogo, independentemente de sua preferência epistemológica, poria em dúvida o caráter simbólico da acção social, ou seja, o facto de esta ser orientada por intenções que remetem elas próprias para o conjunto de regras, normas valores, que constituem uma cultura. (SIRONNEAU, 2003, p. 224)

O imaginário social compõem-se do conjunto de mitos, símbolos e estruturas ritualísticas¹⁴⁸ que reverberam na consciência do humano, Durand ressalta que o inconsciente coletivo “se você cultivar citações, monumentos, as construções da sociedade passam a capturar e identificar o impulso dos arquétipos na memória do grupo”¹⁴⁹, os grupos humanos constituem uma linguagem própria, a linguagem simbólica é em si “*A metalinguagem primordial é colocada na linguagem natural do grupo social*”¹⁵⁰ (DURAND, 1996, p. 136). Para uma compreensão do substrato simbólico, faz-se necessário um mergulho no oceano simbólico das constituintes arquetípicas – míticas. Do capital pensado da humanidade.

Para Luckmann;

[...] universos simbólicos são sistemas objetivados de significado que relacionam experiências cotidianas a um nível “transcendente” da realidade. Outros sistemas de significado não apontam para além do mundo cotidiano, não contêm uma referência “transcendente”. [...] devemos considerar a característica comum a todos os sistemas de significado: eles são construídos a partir de objetivações. (2014, p. 66)

A autonomia da existência humana, quando colocada diante das tensões contemporâneas – sociabilidades tóxicas, positivismos exacerbados, espiritualidades difusas, fundamentalismos múltiplos, é nesse ponto que as reflexões de Maffesoli nos ajudarão a

¹⁴⁸Todo ritual religioso representa, portanto, a repetição de gestos arcaicos, que ganham significado no presente por serem a reatualização de acontecimentos primordiais. A partir do refazer incessante desses gestos, o tempo demonstra sua reversibilidade, retomando um passado mítico que, ao mesmo tempo é temporal, situa-se à margem do tempo histórico e não é contaminado por ele.

O rito efetua, com isso, um alargamento do tempo cotidiano e uma integração do tempo sagrado [...] [ele] o rito pode ser definido, ainda, como conexão temporal que faz com que o presente, passado e futuro estejam presentes no mesmo local e instante. Ali, o tempo profano permanece seu curso, ao mesmo tempo que os fiéis mergulham em uma dimensão estática na qual a temporalidade humana é transfigurada pela experiência religiosa, ao mesmo tempo, é desprovida de sentido. (SOUZA, 2016. p. 62-63)

¹⁴⁹“se faite culturel les cités, les monuments, les constructions de la société viennent capter et identifier la pulsion des archétypes dans la mémoire du groupe” (DURAND, 1996, p. 136).

¹⁵⁰“le métalangage primordial vient se ranger dans la langue naturelle du groupe social” (DURAND, 1996, p. 136).

compreender o imaginário da contemporaneidade, um conjunto amalgamado nas expressões interiores e exteriores do homem inserido no conjunto de contemporaneidades, no cenário e na função da religião (presença ou ausência), termo aqui pensado enquanto um conjunto difuso de espiritualidades, anseios de transcendência, sentido existenciais e individuação¹⁵¹. Há na lógica das espiritualidades o cingir do *homo latomus*¹⁵², fragmentado diante de uma hiper culturalidade esvaziada de sentido e preenchida de ideias que valoram a aparência ao invés da essência.

2.1.1 Dimensão mítica da existência social.

O processo descrito por Max Weber do desencantamento do mundo e sua resposta de reencantamento, que anteriormente identificamos como sinônimo da ideia de remitologização, forneceu aos estudiosos do fenômeno humano, novos horizontes, vale ressaltar o ecos vindos de Ascona, onde anualmente ocorria o Círculo de Eranos – as contribuições para o cenário dos estudos da religião, do simbolismo, do imaginário e por conseguinte do esoterismo são imensas, ao redor da mesa de Olga Fröbe-Kapteyn personalidades tais como: Carl Gustav Jung, Joseph Campbell¹⁵³, Henry Corbin, Gershom Scholem, Mircea Eliade, Gilbert Durand, Antoine Faivre (citando apenas algumas das ilustres mentes que participaram do Círculo).

A dimensão mítica da existência social é por diversos pensadores discutida e ampliada, a gama de produções que voltaram-se para o mito e símbolo nos forneceu grande material para compreender a ressurgência destes estudos, nesta esteira a retomada da imaginação enquanto propiciadora de uma lógica não restrita e pautada pela consciência humana¹⁵⁴ dará ritmo a novos estudo sobre o espírito humano.

¹⁵¹Esquemas interpretativos resultam de experiências anteriores e já sedimentadas. A relação entre experiência, seu significado e os esquemas interpretativos é recíproca e dinâmica. O significado da experiência deriva da relação entre processos em curso e o esquema de interpretação. Inversamente, experiências em curso modificam esquemas interpretativos. A real possibilidade de que experiências sucessivas venham a se sedimentar num esquema distinto da experiência presente baseia-se em certa capacidade de distanciamento. (LUCKMANN, 2014, p. 67)

¹⁵²DURAND, 1999b.

¹⁵³O livro O herói de mil faces, de Joseph Campbell, popularizou, como talvez nenhum outro livro conseguiu, o ponto de vista de Eranos. Nenhum livro pode ter feito mais para unir o discurso de elite de Eranos com uma florescente religião da ‘Nova Era’, cujo ‘espiritualismo’ veio a desabrochar completamente alguns anos mais tarde. O herói de mil faces identificou um grande mito, o chamado monomito. No entanto, se houve uma história mítica no centro do coletivo, em oposição ao mito pessoal apregoado por Campbell em Ascona, pode ter sido o mito histórico dos ‘ciclos mundiais’. O velho mundo, o ciclo do mundo moderno, é uma norma que está morrendo – e, por conseguinte, novas normas, pós-éticas, agora se transformam em verdade. (WASSERSTROM, 2003, p. 262)

¹⁵⁴[...] a individuação da consciência humana só se realiza em processos sociais. [...] os processos sociais são a base do distanciamento, o qual é pressuposto na construção de esquemas interpretativos que “transcendem” o fluxo da experiência imediata. (LUCKMANN, 2014, p. 68)

Eliade, Durand, Mardones concordam que o mito através de sua fundamentação organizadora, pautada na sua narrativa mito-simbólica, conduz o homem a um entendimento das problemática inerente a sua existência, respondendo seu início (a vida, o nascimento) e a sua finitude (a morte, ressurreição etc.), o mito também preenche o durante, quando indica as relações estabelecidas entre o amor e o sofrimento. Para Mardones *a etiológica do mito dá-se na própria abertura do narrado, no como dos acontecimentos que se narram*. Ou seja, contam-se histórias que possuam um caráter exemplar, pedagógico pois as figuras ali presentes são os próprios homens num tempo histórico específico ou num tempo original, *condensador de todos os tempos*, Eliade no lembra que *o mito é considerado uma história sagrada e, portanto, uma história verdadeira*”, porque se refere a realidades. (MARDONES, 2005; ELIADE, 1991)

A ressurgência mítica¹⁵⁵ insere-se ao longo do trajeto antropológico, esta percepção fica clara quando observamos a interligação dos diferentes “anéis” exemplificada pela dinâmica da bacia semântica ou pela retomada de mitologemas – constantes mitológicas, Luckmann já havia observado que:

[...] a manutenção dos mundos simbólicos através das gerações – o que os torna peça central de tradições de que universos simbólicos são essencialmente sociais também é válida em outro sentido, mais fundamental. A objetivação de um universo simbólico, enquanto sistema de significado, pressupõe que as experiências subjetivas que entram em sua construção estão plenas de significado. A qualidade significativa da experiência subjetiva, no entanto, é um produto de processos sociais. (LUCKMANN, 2014, p. 66)

A existência humana retira das estruturas mitológicas os sentidos que dão coesão a sua realidade, estabelecendo um profundo diálogo com as camadas de significado, da memória silenciosa, formada pelos símbolos, constituintes da psiquê humana, linguagem privilegiada do transcendente, na definição de Durand “capital pensado da humanidade”.

A legitimação da realidade é constituída tanto simbolicamente quanto pela percepção do mundo à nossa volta e essas duas formas alicerçam o imaginário, fornecendo-lhe rico material, que, moldado pela imaginação, lança as bases sobre as quais se assenta nossa sociedade. O mito possui característica fundante e formadora da sociedade dos indivíduos, ‘na contemporaneidade este tema tonar-se por demais caro ao campo das humanidades, tendo em vista que a estruturas simbólica ressurgem na cultura pop, nas apropriações da política – em especial nos usos do marketing político para forjar uma imagem de relevância social, no âmbito

¹⁵⁵[...] os mitos se rejuvenescem ao longo da história. Eles tomam dela elementos de realidade que consolidam a crença da qual são o objeto na condição de mitos. [...] O rejuvenescimento dos mitos não é um fenômeno geral de sua localização no passado, mas uma forma particular do mesmo fenômeno. (HUBERT, 2016, p. 37)

da cultura pop, acreditamos que o cinema é em larga escala o principal atualizador e propagador dos relatos mitológicos.

Uma das características presente nos mitos é sua ambientação no reino arquetípico onde unido a sua universalidade temos a sua concretude, indo do passado ao futuro significando o presente. Esta última questão serviu aos *detratores do mito*, ou melhor ao pensamento enrijecido de alguns pesquisadores, pois pode parecer que o mito é a *Panacéia* de todos os males, mas não é esta a questão aqui, pois os mitos através da sua linguagem simbólica estão cravados num solo histórico e social, participando de suas transformações e formações, os símbolos utilizados em suas narrativas só possuirão força formativa e evocadora se, no grupo em que surgiram, mantiverem um diálogo alicerçado nos mitologemas que Durand identifica quatro essenciais: os mistérios da vida, da morte, o sentido do sofrimento e do amor.

O mundo do símbolo e do mito está intrinsecamente ligado às formas de percepção da realidade pelo homem e no diálogo estabelecido entre ambos: falar de apreensão simbólica desafia-nos a entrever o debate travado sobre a imagem e sua função na vida do homem. As formas simbólicas dão sustentação aos processos de simbolização, tornando-os coesos e consistentes à dialética entre conhecimento e ação e à permanência e à transformação que resultam da dinâmica da correlação destes dois últimos (BRAGA, 2014).

A imaginação criativa, percebida assim através dos meios de percepção da mesma, ou a sensibilidade que a articula enquanto *Imaginatio vera*¹⁵⁶, compõe os dois momentos que neste processo entrecruza-se nas formas simbólicas, a saber:

- 1) o momento em que é exteriorizado o conteúdo espiritual através de uma configuração material; e
- 2) o momento em que esse processo de exteriorização e materialização é interiorizado pelo sujeito (CASSIRER, *apud* BRAGA, 2014).

Cassirer ultrapassa a dicotomia kantiana¹⁵⁷, quando parte do esquematismo e traz à cena a *sensibilidade* e o *sentido* de onde uma *idealidade conceitual* origina-se: não de uma categoria *a priori* do entendimento, mas da tensão entre estes dois momentos geradores da constituição das formas (BRAGA, 2014; CASSIRER, 2011).

Para Durand, o *mundo simbólico é pluridimensional*. Desta forma adquire um caráter espacial e tangível, possuindo capacidade de influenciar e de ser influenciado enquanto ambiente propício para as interações humanas, os símbolos são os mediadores entre os dois

¹⁵⁶ Imaginação verdadeira.

¹⁵⁷ Kant (2001) concebe um juízo estético situado fora da dimensão da emoção, do material, do sensível, do corporal; nele tem-se um movimento de supressão do sensível no que concerne à sua interação na significação.

planos o conceitual e o concreto e porque não dizer entre o espiritual e o material. Essa mediação acontece no homem enquanto simbolizante e simbolizado.

O mito enquanto narrativa carregada de símbolos constituem-se a partir deste último, e a sua estrutura narrativa, dirá Levi-Strauss (1990, p.191), pertence à constituição do mito. Podemos avançar mais um passo quando afirmamos com Mircea Eliade (1991, p. 18) e outros, que o mito a narração das origens. Ou para uma definição que busca ser mais abrangente:

Uma narração que descreve e retrata em linguagem simbólica a origem dos elementos e pressupostos básicos de uma cultura, por exemplo, como começou o mundo, como foram criados os seres humanos e os animais, como se organizaram certos costumes, ritos ou formas das atividades humanas. (MARTINEZ, 1997, p. 23)

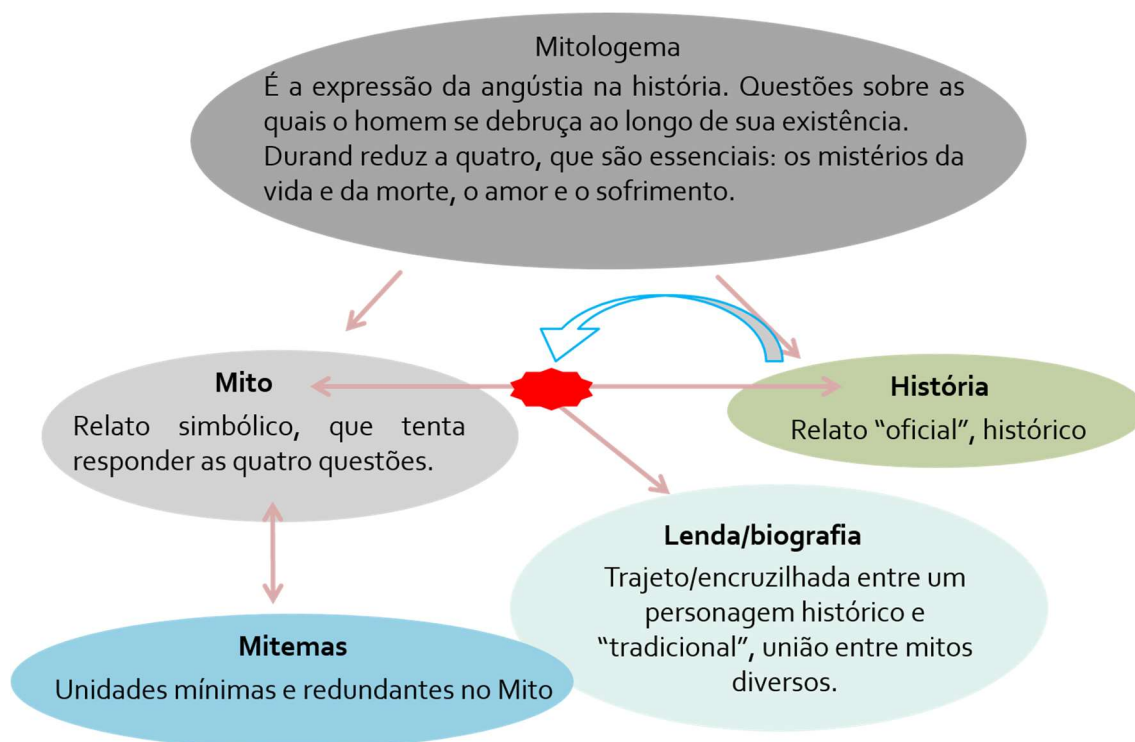
O mito este relato de uma origem primordial dos homens e da natureza, está presente no dia a dia dos grupos sociais arcaicos, o mesmo veicula-se de forma oral, fronteirando a lenda e conto, para Levi-Strauss (1990, p. 193), as distinções nunca são nítidas e são produzidas pelo mesmo espírito. O que implicaria, apesar de seu anonimato, um relato individual que para ser alçado a posição de mito, deve atender aos mitologemas do grupo na sua coletividade, sendo portador de respostas e significações do mesmo, para Karl Kerényi não podemos produzir mito a nossa vontade, pois estaríamos instrumentalizando o mito, desta feita ele estaria esvaziado de sentido.

E teríamos apenas um casulo seco sem crisálida, mas devemos lembrar que pode-se haver um apropriação de mitos, numa espécie de simbiose simbólica, onde a migração de certas constituintes podem sim seres revestidas com discursos ideológicos e segregados.

Os mitemas¹⁵⁸ estão impregnados na estrutura social, revestindo-se com diferentes roupagens que visam a permanência atualização do mito vinculados ao contexto social, estas estruturas são classificadas por Gilbert Durand enquanto mitologemas, tecido orgânico do mito nas suas justificativas mito-simbólicas

¹⁵⁸ Mitemas é a menor parte do mito que tende a se repetir em vários momentos do relato. Mitologemas são os encadeamentos destes mitemas numa estrutura, mais palpável analisável e conceitual.

Imagem 6 - Esquema ilustrativo da TGI



Fonte: Esquema produzido pelo autor.

O mito, como podemos ver na figura 1, possui o mesmo valor que a história, haja vista que ele dar-se-á no ambiente histórico social, e que de acordo com seu caráter fundante funda e define a realidade. No século XIX mito era sinônimo de algo falso, era um relato que não condizia com o real, mas no século XX com os trabalhos de Levi-Strauss, Eliade e outros, percebe-se que ele *designava uma história verdadeira e preciosa pelo seu relato sagrado*. Esta mudança dar-se também no campo da definição semântica da palavra mito, pois agora o mesmo tanto representa uma *ficção ou ilusão* quanto uma *tradição sagrada, revelação primordial, modelo exemplar*. (ELIADE, 1991, p. 7)

Entorno do mito podemos perceber dois astros o orbitando, são estes o *tempo sagrado* e o *espaço sagrado*, numa abordagem simbólica o mito em si já funda e desenvolve-se neste tempo sagrado e através de suas *hierofanias, cratofanias e epifanias* delimita o espaço sagrado ou sacralizado, este ponto o historiador romeno desenvolveu de forma ampla em seu Tratado de história das religiões e na História das Crenças e das ideias religiosas¹⁵⁹.

¹⁵⁹ Na edição portuguesa em três volumes e na edição espanhola em quatro, já que nesta última acrescentou-se um livro publicado posteriormente, propondo a discussão dos especialistas e especificidades do sagrado.

Alguns estudiosos propuseram uma categorização das funções do mito Campbell sintetiza em quatro funções: em primeiro lugar ele elenca a função mística ou metafísica do mito *de reconciliação da consciência com as condições prévias da sua própria existência*, a segunda função é a cosmológica eles devem *formular e apresentar uma imagem do universo*, a terceira é sociológica, o mito deve *validar ou manter uma ordem social específica* a quarta função é psicológica ele deve *dar forma aos indivíduos para que alcancem metas e ideais dos seus diferentes grupos sociais* (CAMPBELL, 1995, p. 130).

A sociedade possui seu sentido de existência nas bases míticas que o compõem, assim devemos nos voltar para os mitos constitutivos da mesma, para que possamos compreender todos os valores simbólicos contido nos grupos sociais e nos seus desdobramentos ao longo da história e também da sua expansão enquanto organismo vivo e em permanente adaptabilidade. Os processos mitológicos estão arraigados no tecido social e na psique humana, a própria coesão da sociedade processa-se em termos dos mitos basilares desta, as narrativas míticas significam e valoram o social de forma recíproca, e a existência das relações míticas são os elementos da composição social.

2.1.2 *Imaginação de uma outra sociedade: imaginário da esperança*¹⁶⁰

A imaginação de uma outra sociedade é um dos pilares do imaginário social, a lógica de termos nossas aspirações orientadas por uma escatologia, que tende a firmar nossas esperanças numa história a ser ainda concretizada, preenche o coração humano com este devir, ao olharmos as narrativas religiosas nos mais diversos sistemas simbólicos, podemos notar que a busca por uma resposta para o “futuro”, está presente em suas concepções – campos elísios, paraísos, reintegração, união, nirvana etc.

São parte desta terminologia, existe, e manifestamos esta opinião com relação ao mundo ocidental, uma ideação dicotômica que nos polariza entre o Bem Supremo¹⁶¹ e um Mal¹⁶² se atentarmos para outra característica presente, é a ideia de um fim, digamos positivo, tentemos clarificar esta ideia, se seguirmos os ditames ritualizados e as premissas “místicas”, o final (concretização de nossos ideais), será a realização de algumas Lei Cósmica ou Divina.

¹⁶⁰ A esperança, segundo aprendemos, é uma virtude “teologal” e Péguy a tinha até mesmo como a mais prestigiosa. Sob esse aspecto ela é considerada objeto de uma teologia, e parece mesmo em plena reativação. Sua profunda relevância para o humano merece nossa atenção, além das constelações em torno da mesma.

¹⁶¹ Permitam-me lembrar aqui a ideia de *Summum Bonnum*, utilizado pela AMORC e seus materiais de divulgação até meados dos anos 1990.

¹⁶² Que melhor seria definido enquanto *Poneros*, um mal sem características antropomorfas.

Nas EAI, Gilbert Durand ao estabelecer seu estruturalismo figurativo também optar, inicialmente – regime diurno e noturno da imagem, por um sistema binário para descrever a logicidade da disposição das imagens, este mesmo sistema triparte-se, assumindo três estruturas pautadas por dominantes, psicofisiológicas.

No campo efervescente dos esoterismos – rosacruzes, martinistas, maçônicos, teosóficos, podemos encontrar diferentes narrativas que indicam uma resposta ao social, sobre o fim último da sociedade,¹⁶³ estas repostas tendem a estabelecer um diálogo com as religiosidades correntes, seja de forma holística ou até mesmo na ideia de secularizar a religião,¹⁶⁴ os processos simbólicos do estabelecimento desta sociedade idealizada, cujo contornos estão delimitados. A título de ilustração reproduzimos o texto produzido pela AMORC, referente a Utopia Rosacruz.¹⁶⁵

A AMORC publicou um Manifesto no qual, seus dirigentes expressam sua posição sobre a situação geral do mundo, de onde seu título “*Positio Fraternitatis Rosae Crucis*”. Esse Manifesto, que foi traduzido para cerca de 20 línguas, é concluído por uma utopia cujos autores têm, portanto, nacionalidades, opiniões políticas, crenças religiosas e culturas diferentes. Se para além dessas diferenças eles se puseram de acordo sobre uma mesma visão da sociedade ideal, é precisamente porque a Filosofia Rosacruz traz em si um desejo de universalidade que privilegia a unidade na diversidade. Eis o texto dessa utopia:

“Deus de todos os homens, Deus de toda vida, na humanidade com a qual sonhamos:
Os políticos são profundamente humanistas e trabalham a serviço do bem comum;
Os economistas gerem as finanças dos Estados com discernimento e segundo o interesse de todos;
Os sábios são espiritualistas e buscam sua inspiração no Livro da Natureza;
Os artistas são inspirados e exprimem em suas obras a beleza e a pureza do Plano divino;
Os médicos são animados pelo amor ao seu próximo e cuidam tão bem da alma quanto do corpo.
Não há mais miséria nem pobreza, porque cada qual tem aquilo de que necessita para viver feliz.
O trabalho não é vivido como uma coerção, mas sim como uma fonte de plenitude e bem-estar;
A natureza é considerada como o mais belo dos templos e os animais como nossos irmãos em via de evolução;
Existe um governo mundial formado pelos dirigentes de todas as nações, trabalhando para o interesse de toda a humanidade;
A espiritualidade é um ideal e um modo de vida que tem sua fonte numa Religião universal, baseada antes no conhecimento das leis divinas do que na crença em Deus.

¹⁶³O relato mítico possui a característica de ser exemplar, fundante, para que englobe em sua carga de significados, os sentidos profundos do grupo a que representa.

¹⁶⁴Nos dedicaremos a esta temática no quarto capítulo deste trabalho.

¹⁶⁵Este texto foi publicado pela AMORC, dentro do Manifesto *Positio Fraternitatis Rosae Crucis*, este ramo do rosacrucianismo defende que este manifesto segue a linhagem dos primeiros escritos rosacruzes do século XVII – *Fama*, *Confessio* e as *Bordas alquímicas*, considerando ambos os textos como “manifestos”, discutimos esta definição anteriormente.

As relações humanas são fundamentadas sobre o amor, a amizade e a fraternidade, de maneira que o mundo inteiro vive na paz e na harmonia.
Que assim seja!”
<https://www.amorc.org.br/utopia-rosacruz/>

O imaginário da esperança figura na sociedade dentro do ocidente cristianizado enquanto a busca pela aquisição ou retomada do estado anterior a queda – temática de sentido escatológico possuindo referência as compensações – tanto pelos sofrimentos passados na vida terrena, quanto pelas boas ações desenvolvidas durante a mesma. Além destes elementos o imaginário da esperança está na percepção das utopias, possuindo sua antagonia nas distopias que reverberaram na literatura e cinema.

O mito de uma sociedade ideal encontra no mundo pop e nos processos inerentes da contracultura uma válvula de expansão da recorrência mítica. No cinema são amplas as produções sobre futuros distópicos em a humanidade busca um holismo nos valores humano – empatia, coragem, perseverança.

No século XVII em plena divulgação dos manifestos rosacruztes duas obras utópicas estarão próximas as ideias dos manifestos, são elas *La città del Sole*¹⁶⁶ de Tommaso Campanella (1568-1639) e *Christianópolis*¹⁶⁷ de Johann Valentin Andreae (1586-1654) a primeira publicada quando Campanella encontrava-se preso pelo Santo Ofício por volta de 1604, vindo a ser publicada na Alemanha em Frankfurt em 1623, graças a um manuscrito latino trazido por Tobias Adami parente de Andrea. *Christianópolis* surge por volta de 1619, assim como a Nova Atlântida de Francis Bacon – uma cidade ideal, influenciada pela utopia rosacruz, *Christianópolis* possui anfiteatros reservado para o estudo da matemática, da física, da medicina, do direito e da astronomia.

A historiadora inglesa Francis A. Yates, verá nos membros da Nova Atlântida de Bacon o protótipo dos *Irmãos Invisíveis do Colégio Rosacruz*. (YATES, 1983) Esta afirmação, que no início dos anos 70 era aceita por pesquisadores da área, na atualidade é vista com desconfiança e possui sua relevância dentro de círculos rosacruztes tais como a AMORC, que coloca Francis como um de seus *Imperators*, reproduzindo tanto o frontispício da Nova Atlântida quanto o retrato de Francis Bacon em seu livreto de divulgação – O domínio da vida, publicado em diversas línguas.

Uma característica presente em ambas utopias (A cidade do Sol e Cristianópolis), é que ambas as obras encontramos uma cidade ideal governada por homens sábios e que a concórdia

¹⁶⁶ A cidade do Sol, 1623.

¹⁶⁷ *Reipublicae Christianopolitanae Descriptio*, 1619.

e a harmonia reinam no meio de seus habitantes. Outro elemento interessante de se notar é a organização das mesmas, ambas possuem uma disposição física, em que toda a cidade enraia-se de um edifício central, sede do governo, da ciência e da religião, na Cidade do Sol a cidade é disposta de forma circular, na mesma idealização da Nova Atlântida.

Imagem 7 - A cidade do Sol de Tommaso Campanella, ilustração que acompanha a primeira edição de 1623.

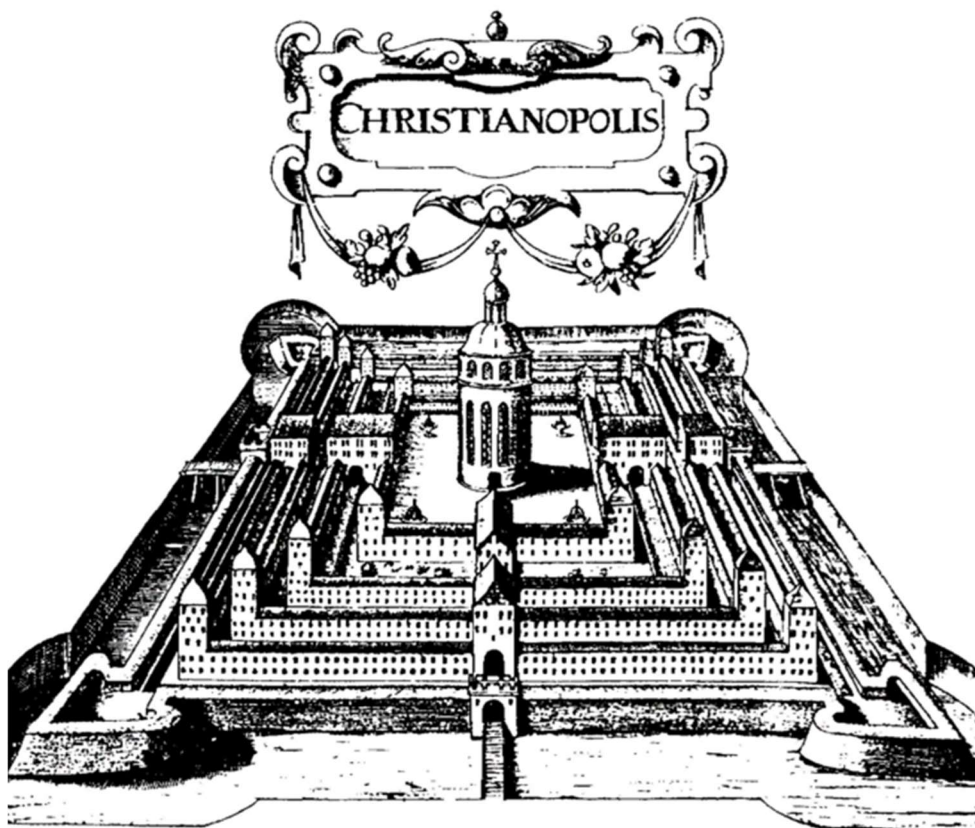


Fonte: <http://paxprofundis.org/livros/cidadedosol/cidadedosol.htm> Acessado em 31 de março de 2022 às 20:32.

Em Cristianópolis a cidade é cercada por muros, assim como na Cidade do Sol, mas a disposição da cidade é quadrada e sua forma lembra a Jerusalém Celeste descrita no livro do Apocalipse da Bíblia, com quatro torres ladeando seus cantos. Sua forma deixa evidente uma hierarquização que emana do centro até os muros exteriores. Similitude entre a cidade de Andreae e a Jerusalém Celeste não é mera coincidência, tendo em vista as fortes influências cristãs em obra de Johan Valentin, ele de família luterana trará a perspectiva da utopia cristã,

na visão escatológica da ascensão à Jerusalém Celeste e o estabelecimento de uma era do *Heiliger Geist*¹⁶⁸ conforme os escritos do milenarista Joaquim de Fiore (1135 – 1202).

Imagem 8 - Visualização da cidade ideal Christianópolis



Fonte: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Christianopolis.png> Acessado em 31 de março de 2020 às 21:30.

Um sentimento de uma utopia necessária e que visasse à instituição de uma nova ordem, ou uma mudança do *status* estabelecido, instaura-se na Europa e em especial na Alemanha, seguindo a veia aberta pela Reforma Protestante, onde a identificação do papa com o anticristo é um dos elementos presentes e evocativos da *Fama*, além de memorar uma visão apocalíptica do tempo, marcada pelo milenarismo – marca predominante de uma Sociologia da Esperança¹⁶⁹

Tobias Churton atribui ao movimento rosacruz a preservação de *elementos de uma visão científica do Cosmos*, intervenção sem a qual alguns desses conhecimentos desapareceriam. Para ele, as *manifestações rosacruzes* que se estenderam por quatro séculos tiveram no seu início um forte debate político, teológico e científico (CHURTON, 2009, p. 50).

¹⁶⁸ Espírito Santo.

¹⁶⁹ Ver obra Sociologia da Esperança de Henri Desroche, 1985.

Ao olharmos para o mundo ocidental em suas contemporaneidades percebemos que a esperança na instituição de uma era dourada, o retorno ao passado primevo ou a manifestação da presença divina no social e até a eclosão de uma era de paz, amor e livre dos sofrimentos humanos alimenta os mais profusos imaginários, se somente nos detivermos no recorte histórico do fenômeno rosacruz (do século XVII até nossos dias), poderemos ver a busca pela composição de uma sociedade ideal, esta temática estará de forma permanente na constelação do imaginário rosacruz, seja nos textos que se seguem aos primeiros escritos rosacruzes – dentro da mesma constelação, nas propostas do cinema de utopias tecnológicas – Star Trek por ser tido como um exemplo, ou nas utopias literárias e das ordens esotéricas.

2.1.3 Remitologização – imaginário das contemporaneidades¹⁷⁰.

Como um zunido, um ruído persistente, assim poderíamos nos referir ao mito e suas derivações nos dias atuais. A característica de nossa academia positivista e tecnicista é atribuir às estruturas mitológicas uma função secundária no desenvolvimento social dos indivíduos, mas percebemos que estas tentativas falharam, haja vista que sempre nos deparamos com recorrências mitológicas em diferentes camadas sociais, um exemplo claro são as diversas retomadas dos mitos pela cultura Pop – cinema, HQs e outras mídias. A tensão entre mitologia e história talvez seja a reposta para que privilegiemos a segunda em detrimento da primeira.

Durand expõe, através de sua verve questões paradigmáticas a este respeito.

[...] [a] densidade existencial da história objetiva, graças ao domínio de uma “História Santa¹⁷¹”, de uma hierogonia¹⁷² originária do mundo dos arquétipos, poderia ter consequências epistemológicas revolucionárias se o Ocidente lhe desse espaço em sua própria análise histórica. Reverter a problemática do progresso objetivo da história para fazer o tempo humano o local da recorrência metafísica, é quebrar e inverter o tenaz hábito evemerista do Ocidente. [lembramos que] [...] a narrativa, a história contada, seria então passível de uma mitocrítica, mas ainda a própria história e as opções ideológicas que ela desperta cairiam sob o golpe de uma crítica absoluta, pesada e julgada pelo confronto com os fundamentos arquetípicos. Remitologizar é, longe de oferecer sacrifícios aos ídolos, desmitificar finalmente a idolatria historicista. (DURAND, 2008, p. 120-121)

¹⁷⁰ Termo amplamente trabalhado por Oswald Spengler em sua obra *The decline of the West*, publicada pela primeira vez em 1918.

¹⁷¹ Ver nota sobre hierohistória.

¹⁷² O sufixo *gonia*, tem o sentido de criação, formação, origem, precedida de *hiero*, assume um sentido de origem sagrada, criação, engendramento.

O primordial¹⁷³ em nossa sociedade encastelada pela ausência aparente pois não podemos exclui o mito e o simbólico da experiência humana, dos elementos basilares de sua existência reveste-se com distintas significações, a história santa¹⁷⁴ – na perspectiva de Gilbert Durand e Julien Ries e a hierohistória como proposta por Corbin, podem ser um exemplo da sobrevivência do transcendente no estabelecimento do imaginário social na retomada da remitologização. É possível encontrar na contemporaneidade o direcionamento a uma “Tradição”, termo retomado desde o Renascimento italiano demonstrando o retorno a uma filosofia tradicional, conforme Durand coloca:

Para a tradição entendida como perpétuo renascimento, a história externa é somente a consequência, a manifestação ou o símbolo invisível de uma história interna formada pelas decisões do homem interno que escapa a judicatura sociológica. [...] A história se desdobra, assim, de um lado, em uma história mais ou menos objetiva – e tão relativa! - que não “olha” o homem, e que nossas “ciências sociais” fizeram o erro de colocar na base de todo o destino humano; por outro, em uma história “existencial”, ou melhor, em um destino sagrado, onde as subjetividades se encaixam e se predestinam em uma sobredeterminação simbólica de onde o sentido emerge. Subjacente à história cronológica se coloca um “recitativo” interno que dá sentido ao fato objetificável. Realmente, a filosofia ocidental contemporânea, em seu estado de crise interna, efetivamente reconheceu – aliás, seguindo o exemplo da teoria física da relatividade – uma duração “concreta”, um tempo “local”, uma sucessão existencial diferente do tempo abstrato dos relógios ou dos historiadores. (DURAND, 2008, p. 115-116)

A história santa¹⁷⁵, como Durand coloca na sua obra a fé do sapateiro, desenvolvida a partir do conceito de hierohistória de Henry Corbin permite um trânsito entre a lógica da *Tradição* e a revivência mítica dos perpétuos renascimentos mítico, presente no mito do eterno retorno, seguindo a ótica de Corbin – a *hierohistória*, que através da Providência, torna esta

¹⁷³O “primordial”, que é o “perpétuo”, o “sempiterno”, motiva e contém as outras modalidades do tempo que [...] se escalonam entre a eternidade do Ser puro (*sarmad*) e o nível do tempo material, da história objetiva e cega da diacronicidade do acontecimento. O *dahr*, que Corbin compara ao grego *aion* e ao latim *aevum*, é aquele ponto de união determinado por Avicena, do permanente e do mutável (*motaghayyir*). Este é o ponto de passagem de sentido, o lugar onde o acontecimento se transforma em advento, e se toda a narrativa mítica for, segundo a observação de Claude Lévi-Strauss, uma “ferramenta” lógica que, pelo diacronismo reúne os contraditórios de um dilema, toda “história” (*historein* = contar), será o inventário detalhado presente dominado pela permanência do sentido onde se manifesta o simbolizado.

É ainda nesta perspectiva que um outro autor iraniano, Semnânî (século XIV) se colocava quando distinguia um “tempo horizontal” (*zamân âfâqî*), o “tempo físico do cômputo histórico regulado pelo movimento dos astros”, e o “*zamân anfosî*”, o tempo dominante, vertical, da alma. Esses dois tempos são homólogos, no sentido em que é possível reconduzir um acontecimento histórico a seu sentido, ao que Corbin chama de seu “pólo”. [...] A história é basicamente retrospectiva e o passado somente existe para o olhar que o inspeciona e lhe devolve aspecto e sentido. (DURAND, 2008, p. 118-119)

¹⁷⁴A sacralização da história pela historização do *kerygma*, se transforma muito depressa para o Ocidente em uma profanação histórica do sagrado. Quando o progresso material transforma-se no único padrão do valor, fica indiscutível porque o “antigo” - mesmo que ele seja Livro Sagrado ou preceito teosófico – fica fora de moda em relação ao moderno, e principalmente porque a espiritualidade se dissolve a favor de um domínio e de uma posse temporal e material do mundo. (DURAND, 2008, p. 111)

¹⁷⁵ Hierohistória.

última um *significante* (DURAND, 1995, p. 18): o significado não se dá no significante. O trajeto estabelecido entre as duas margens do rio, significado e significante, fundamenta-se num dialogismo em que o significado é apreendido nas idealizações que visam ligar as margens – analogia, metáfora, ícones, mitos. Aqui a experiência do mundo, assim com Janus¹⁷⁶, possui duas faces; ambas presentes na abordagem simbólica, uma direta e outra indireta.

O *Imaginário Rosacruz*, composto pelas confluências simbólicas da conjuntura filosófica, religiosa e esotérica da Alemanha do século XVII, recorre ao recipiente onde se processa a transmutação necessária para o nivelamento simbólico entre a história e o que entendemos por *hierohistória*. O homem constitui-se numa lógica que possui como base o simbólico, campo de interação onde as aproximações hermenêuticas partem de elementos que se encontram *suspensos no real* (JAMBET, 2006, p. 17). Nessa perspectiva, a consciência do tempo instaura-se na relação entre a temporalidade real e a idealizada, entre uma apreensão simbólica da rosa – enquanto ideal – e da cruz; um real social, *pilone* dos universos simbólicos.

A ruptura entre a história e a subjetividade amplia-se quando esta última se torna um *speculum* da *hierohistória* graças à imaginação criadora, que permite a instauração de “uma” outra história, liberta das hermenêuticas redutoras, das amarras do destino, pelo que floresce o esoterismo enquanto mediador plástico das relações do mistério com o *mundo imaginalis*¹⁷⁷. Aqui a história torna-se profética, impregnada de uma polissemia tão cara ao *significante*. (AMORIM, 2016, p. 29)

Este processo é percebido na remitologização da sociedade, levando em consideração a mudança de paradigma do entendimento do humano e da cultura pelas ciências humanas, o entendimento da remitologização faz frente ao processo historicista excludente, que por uma postura positivista das ciências relegou ao segundo plano o ambiente do simbólico.

A contemporaneidade encontra-se em plena tensão do social, a busca na atualidade por formas de espiritualidades que atendam ao anseio homem contemporâneo figura no centro dessas tensões, a mesma busca por uma resposta pulverizada do sentido da humanidade – externalizada na reatualização de antigas mitologias

Ao entendermos que o aspecto mitológico está na consciência do *Homo sapiens* e permite ao mesmo transgredir e/ou romper as regras estabelecidas pelo tempo e o espaço, condicionantes que se ligam diretamente com as posturas que assumimos diante da morte, elemento crucial da temporalidade de nossa existência; morte que o homem almeja transcender,

¹⁷⁶ Janus é o deus de duas faces, símbolo da entrada e da saída, guardião das portas e das soleiras da antiga Roma, não tem correspondente no Panteão grego (BIEDERMANN, 1993, p. 200)

¹⁷⁷ Onde os mediadores – os símbolos –, fazem a ponte entre os dois planos, o conceitual e o concreto, e entre o espiritual e o material. Essa mediação acontece no homem enquanto simbolizante/simbolizado, fixo/volátil, seco/úmido etc.

razão pela qual produziu mitos que atendessem à sua ânsia de vitória sobre a finitude. Desta forma ao encontrarmos as atualizações dos mitos na cultura ocidental contemporânea, através das utopias transumanas e transplanetárias tão caras ao imaginário contemporâneo.

Eliade, Durand, Maffesoli, Wunenburger, Campbell e Jung possuirão uma característica em comum – através de uma leitura particular da Tradição, indicarão novos caminhos para a cultura ocidental, esses autores tem em comum sua visão simbólica do mundo, cada um a sua maneira contribuiu para que novas ferramentas metodológicas fossem anexadas ao cabedal das humanidades e suas visões dos mitos e da sociedade ocidental conduziram a novas pedagogias. O homem na complexidade de suas apreensões não será mais visto apenas como um animal racional, mas sim diretamente vinculado ao seu processo imaginativo.

2.2 *O ator social no esoterismo pós-moderno¹⁷⁸: o esoterista¹⁷⁹ e seu ethos¹⁸⁰.*

Ao olharmos para nossa sociedade atual, e numa tentativa de interpretar os símbolos de identidade social – vestuário, marcas corporais, adereços, dentre outros, poderíamos aventar, qual a tipologia dos indivíduos que possuem inclinação por temas do esoterismo,¹⁸¹ magia, alquimia, cabala, astrologia, para citar apenas alguns da amplitude dos temas.

A teia de significados que alinhava o esoterismo contemporâneo, entendendo este como a amalgama de estruturas sociais difusas, cuja pertença a diferentes correntes ou movimentos, é a essência da forma destes indivíduos em específico. Maçons¹⁸², rosacruzes¹⁸³, teosofistas¹⁸⁴ e

¹⁷⁸Permita-nos uma definição deste termo – pós-moderno, pautada na concepção de Maffesoli: [...] uma definição da pós-modernidade: sinergia do arcaico e desenvolvimento tecnológico. Outra maneira de nomear a dinâmica dialógica existente entre as tribos e a internet. Outra maneira igualmente de lembrar a importância do imaterial, do espiritual para cada pessoa e para a sociedade em seu conjunto. É isso a ordem simbólica: uma sinergia comum, impalpável, onírica, aquela da egrégora que dá base e solidez a cada marcha da sociedade. (MAFFESOLI, 2019, p. 69)

¹⁷⁹The esoterist is interested in a richer inner life, in changes in consciousness that bring one closer to knowledge of and union with the divine, with humanity, and with nature. Such a union is, of course, exactly the reverse of what we see in exoterism, which consists in the objectification and subjugation of the other. Here, again, exoteric and esoteric primarily refer to mental tendencies or inclinations, the purest forms of which are visible in, on the one hand, the Inquisitor, on the other, the via negativa mystic. (VERLUIS, 2011, pos. 592)

¹⁸⁰The rhetorical appeal to the ethos of science is thus arguably a pervasive part of modernity, rather than merely a part of the Modern Esoteric Tradition. (HAMMER, 2004, p. 205)

¹⁸¹Perceba-se aqui a amplitude do conceito, não apenas os indivíduos que estudam academicamente o tema mas toda a gama de pessoas que de uma forma ou de outra tem contato com temática tidas como esotéricas.

¹⁸²Os maçons ditos regulares, das três potências que possuem numa certa medida tratados de reconhecimento entre si, ou dos ramos da maçonaria mista (composta por homens e mulheres) e da maçonaria feminina (somente mulheres), se fossemos nos debruçar sobre a complexa teia de sentidos em que constelam a temática maçônica, nos deteríamos durante várias laudas. Ver SMOLEY, 2006.

¹⁸³Seguindo uma lógica semelhante àquela da maçonaria, claro, resguardadas as devidas proporções, também apresenta uma mixórdia similar.

¹⁸⁴Enquanto instituição, a referência expressiva é a Sociedade Teosófica, cujas origens encontramos nos esforços de Helena Petrovna Blavatsky. Outro ramo de teosofistas, seriam aqueles que se debruçam sobre a teosofia cristã de matiz boehmiana.

martinistas transitarão em diferentes rituais ou materiais didáticos, dividindo seu tempo entre complexos simbolismos para assim construir sua identidade na múltipla pertença.

Os contornos da fé do indivíduo inserido neste campo simbólico expressam-se através de uma espiritualidade imersa no ambiente pós-moderno, esotérico e heteróclito. Cujos reservatórios energéticos, parafraseando Maffesoli, estão inseridos no segredo, ou melhor na pertença e assim na partilha do “segredo”, se a:

Bíblia, Corão ou outro *corpus* tradicional podem ser considerados como “reservatórios energéticos” da palavra comum. (ver Durand a fé do sapateiro entre a 43 e 41). Há uma “pregnância simbólica” (E. Cassirer) que lembra as *palavras*, pertinentes, tornam as coisas vivas. O que nos lembra que, sem dúvida, o homem é *sapiens*, mas é igualmente um animal *symbollicum*, ou seja, que reúne, ideias, imagens, emoções e paixões em um misto que não pode ser mais fecundo. (MAFFESOLI, 2019. p. 50)

A emoção despertada pelo drama ritualístico terá uma amplitude simbólica ao conectar a razão ao coração, mediada pelo intelecto ou o paradigma presente na *coincidentia oppositorum*¹⁸⁵ externada pelo aspecto contraditorial presente tanto no imaginário quanto no esoterismo – talvez este tenha sido a motivação para que Antoine Faivre tenha se referido a pesquisa de Durand nas primeiras edições de seu livro: O esoterismo¹⁸⁶, ressaltando o elã estabelecido pelas incursões de Durand no imaginário social, simbólicos e mítico e as punções profundas do pensar humano.

A espiritualidade de diferentes movimentos esotéricos tem sido pensada de dentro para fora dos mesmos. É comum encontrarmos obras de caráter êmico que se dedicam a lançar luz sobre o profundo simbolismo de determinado rito, grau, painel ou alegoria, a retomada de uma sacralidade própria do grupo, que enfatiza a célebre dicotomia – sagrado e profano, é uma das engrenagens essenciais na mobilidade desta “máquina social”, cujos parâmetros são intercambiáveis tal qual os elementos basilares do que seja a própria pós-modernidade.

Diferentes campos do conhecimento humano – antropologia, sociologia, história das religiões, tem-se debruçado sobre a mixórdia de expressões culturais, retomadas históricas, imbricações e bifurcações dos mais variados movimentos, o homem figura em sua complexidade como constituinte central nestes ambientes.

Para Maffesoli:

¹⁸⁵ Coincidência dos opostos que permite compreender a fecundação mútua exercida uns sobre os outros os elementos da natureza humana, e que ultrapassa assim o racionalismo mórbido que alcançou o princípio de corte que foi o *modus operandi* da modernidade. Invertendo uma fórmula de Montesquieu, não é mais o “espírito das leis” que prevalece, mas as “leis dos espíritos”. (MAFFESOLI, 2019, p. 73)

¹⁸⁶ Editado pela Editora Papirus em 1994.

[...] o que evidencia, esquecemos disso um pouco, o caráter carismático do vínculo social. É este *glutinum mundi*, esta “cola do mundo”, que garante a convivialidade do viver-junto. Nesse sentido, a *egrégora* lembra a “con-fraternidade” de base, a *irmanação* que é a força oculta de toda a existência social. O grande iniciado que foi H. Corbin lembrava que a simpatia entre os seres é aquela da “teopatia”. Esta paixão divina, causa e efeito da transubjetividade ou da intersubjetividade pela qual o indivíduo se supera, talvez fosse melhor dizer *se eleva*, em um Si mais vasto constitutivo da memória coletiva: aquela da tradição imemorial. (MAFFESOLI, 2019, p. 70)

A construção social, ou os processos de sociabilidades que determinam as aproximações, cisões e distanciamentos, está diretamente vinculada as fraturas simbólicas que definem o humano. O homem é este ator social, que se num viés recebe a carga simbólica e a partir dela se ressignifica, por outro promove sua própria conscientização, em finais do século XIX o encontro de dois rios propiciará contornos peculiares no mundo ocidental, temos na descoberta do “Oriente¹⁸⁷” elementos que dirão mais sobre o ocidente em pleno processo de reencantamento.

Como poderíamos definir as estruturantes do esoterista do século XIX e seu sucessor do século XX? Uma questão de certa complexidade, haja vista que da ótica da academia os estudos sobre o esoterismo ocidental datam do pós II Guerra, ganhando ênfase nas últimas duas décadas.¹⁸⁸ Entre os movimentos esotéricos do século XIX e do XX encontraremos diferentes apreensões, que vão desde diferenças estruturais a profundas variações conceituais.

Nosso recorte, por tratar-se do rosacruzianismo em seus contornos contemporâneos, a observação firma seus pés no início do século XX, mesmo percebendo as diversas aproximações com a última década do XIX, compreendemos que as mudanças de Bacias mitológicas não ocorrem da noite para o dia, mas que vão se ressignificando no fluxo social, ora acelerando devido a fatores externos ao grupo, ora refluindo até o ponto de ruptura.

Os estudos do esoterismo na contemporaneidade seguem:

Conforme sustenta Olav Hammer, no seu artigo “Esotericism in New Religiosus Movements”, há duas concepções de Esoterismo:

- o conceito “histórico” e doutrinal de Antoine Faivre, que delimitou a noção de Esoterismo Ocidental (Moderno)” “como modo de pensamento” (Hammer);
 - o conceito “tipológico” de “esoterismo”, proposto pelo próprio Hammer e que se centra na observação de “propriedades estruturais” de uma “classe de movimentos religiosos”, e na sua “correlação” com cinco características:
- *social formations;*
 - *ritual;*
 - *purported objectives;*
 - *cognitive style, and;*

¹⁸⁷Termo complexo, cujo entendimento de Oriente está fincado numa via de mão única, a visão de Oriente que se firmou no Ocidente turva-se pelas fumaças dos incensos, das cores inebriante a da própria noção de exótico.

¹⁸⁸Sobre este trajeto histórico sugerimos a leitura de – *Hermes in the Academy: Ten Years' Study of Western Esotericism at the University of Amsterdam* organizado por Wouter J. Hanegraaff and Joyce Pijenburg, Amsterdam University Press, 2009.

- *relations to mainstream society*¹⁸⁹; (ANES, 2010, p. 78)

Ernst Troeltsch (1865-1923) teólogo protestante e sociólogo, em sua obra sobre o protestantismo no mundo, completará a tipologia de Max Weber, como reforça Willame (2012), tanto Weber quanto Troeltsch compartilham o mesmo ambiente de análise, as contribuições do segundo estão em acrescentar o tipo *místico*, que como ele expõe é “caracterizado por uma experiência pessoal imediata que se revela distante das formas objetivadas de crenças e cultos”.

O tipo místico possui a característica de estabelecer relações fluídicas de caráter associativo, constituindo “grupos flutuantes” que privilegia os laços pessoais unidos por uma determinada afinidade espiritual. (TROELTSCH, 2011; WILLAIME, 2012)

A sociedade contemporânea reflete um conjunto de idealização que compõe o *ethos* dos indivíduos que a formam, a tensão estabelecida pelo mercado e assim uma mercantilização dos elementos sagrados, receberá através do capital simbólico inerente a sociedades de caráter iniciático e templário uma mercantilização dos valores “místicos” destes grupos. Alterando a lógica de pertença mediante o cumprimento dos deveres financeiros para com o grupo, as vezes defendendo que a manutenção da vinculação a egrégora se dá mediante estar quite com as obrigações financeiras. Maffesoli identifica que essa ressurgência se dá devido à “reemergência da razão sensível, constituinte da inteireza do humano”. (MAFFESOLI, 2019)

2.2.1 O Buscador

O termo deste subtítulo pode ser encontrado em diferentes manuais, opúsculos e bibliografias destinadas àqueles indivíduos que em resposta a um anseio por conhecimentos¹⁹⁰, se buscarmos uma tipologia weberiana para traçar as características que tendem a definir o Ser social que endossa as fileiras dos movimentos místicos, esotéricos, ficaríamos talvez despontados em descobrir que a estrutura normativa dos discurso desses indivíduos não tangencia abruptamente o *ethos* de determinadas expressões religiosas hodiernas, é comum encontrarmos ao lado das manifestações religiosas “tradicionais” (as aspas se fazem necessário por não termos uma palavra mais coerente), estruturas que recorrem a prerrogativa de esotérica, denotando um aspecto interior, disponível a um número reduzido de indivíduos.

¹⁸⁹Formações sociais; Rituais; Objetivos pretendidos; estilo cognitivo, e; relações com a sociedade dominante; (Tradução do autor)

¹⁹⁰Conhecimento não na acepção de verdade versus mentira, mas na logicidade de um conhecimento outro que venha a divergir do status quo das instituições.

Qual a busca que reúne distintas personalidades? Talvez respondamos a este questionamento ao final deste trabalho, talvez não, mas não nos atenhamos à certezas e sim às construções que pleiteamos nestas linhas. A ideia de “busca” nos dias atuais está sempre mais inserida em nossas discussões do que talvez percebamos. Sempre que determinado conhecimento foge a nossa inteligência, buscamos resposta nos meios que dispomos – internet, amigos, mídias sociais, livros, etc. Vale aqui lembrarmos que duas questões se colocam diante do humano desde tempos imemoriais – a busca pela origem e pelo sentido da própria existência. Nessas duas questões estão profundamente imbricadas numa lógica que se orienta pela busca de sentido, expressa nos mitos cosmogônicos, lembremos que os relatos mitológicos orientam e regem o Mundo e assim a própria vida. Os mesmos constituídos de várias camadas de sentidos e significados próprios.

Recordo que quando iniciamos meus questionamentos, não podemos fugir da carga de significados que possuímos, o termo buscador definia aquele ser curioso que procurava eco em diferentes tradições, me pego agora refletindo que em algum lugar temos pessoas tecendo uma teia de perguntas que dizem tanto sobre ela quando sobre seus meios de con-vivência¹⁹¹ - magia, cabala, alquimia, maçonaria. Maffesoli nos brinda com uma percepção que talvez nos auxilie na discussão, retomando um importante aspecto do processo social da busca, a remitologização¹⁹².

Na remitologização que constitui o ruído de fundo do mundo contemporâneo, podem-se compreender as temáticas próprias do espiritual, do imaterial, da criação, que, no próprio cerne da abordagem iniciática, exercem uma atratividade cuja a importância recém se começa a mensurar. Esta atratividade, lembremos, repousa numa tolerância, numa polissemia que concede ao ideal um lugar de destaque. (MAFFESOLI, 2019, p. 59-60)

O ambiente contemporâneo permeado de inquietações onde uma busca ampla e irrefreada pelo sagrado atualizará a lógica do *homo religiosus* eliadiano extrapolando a polarização entre sagrado e profano, esotérico e exotérico, iniciados e não iniciados, constitui a matiz do tecido social, composto por cores intercambiantes, onde a efervescência de grupos, movimentos e fenômenos dão o ritmo dos desenvolvimentos dos mesmos.

Enquanto mobilidade social do fenômeno do esoterismo, as definições que buscam uma tradição comum, antiga, donde as expressões são derivações e exteriorizações posteriores desta

¹⁹¹ Meios de con-vivência, está escrito desta forma visando clarificar o sentido de viver junto, compartilhar sentidos, pois para nós cada indivíduo insere-se numa cadeia de significados que podemos evocar imagens de rizomas deleuzianos ou de fractais.

¹⁹² Este processo traz a mesma carga simbólica que o processo de reencantamento do mundo, sendo que entendemos os termos aqui enquanto sinônimos.

“Tradição Primordial”, denominada também de Perenialismo, ou Tradição Perene, são as que recorrem de forma ampla e irrestrita as estruturas mitológicas de diferentes culturas, há aqui uma busca pelas similitudes míticas entre expressões orientais e ocidentais, é comum aproximar os relatos da vida de Cristo a de Krishna, as leis de *Maat* e os dez mandamentos.

O termo buscador se adequa de forma generalista a todos os que procuram pelo conhecimento secreto – a grosso modo os indivíduos que optam por seguir as diferentes sendas do esoterismo. Se pegarmos – por exemplo a maçonaria e a rosacruz AMORC, poderemos notar que do ponto de vista de atração de novos membros, no viés acima elencado, a proposta rosacruz demonstra-se superior à maçônica: tornando-se membro da confraria, o buscador encontrará os segredos antigos como realmente o eram; na maçonaria, originalmente, você encontraria um segredo substituto, porque o original foi levado para o túmulo com Hiram Abiff. Neste particular, observa-se que:

No passado, o adepto hermético buscara acesso aos segredos do Universo por meio da revelação dos segredos da natureza, de maneira direta ou por meio dos escritos místicos associados a Hermes Trimegisto. [...] A busca Rosa-Cruz pelos segredos supremos era muito mais simples. Só teriam de encontrar irmãos invisíveis, pois eles já possuíam o conhecimento que todos procuravam freneticamente. A busca imediata passou a ser por uma sociedade secreta, e isso era algo com o que muito mais gente podia contribuir do que o empenho em acumular conhecimento gradativo por meio do estudo gradativo da natureza e dos hieróglifos. (STEVENSON, 2009, p. 134)

De acordo com Snoek (1998), os altos graus teriam surgido para preencher a lacuna da perda da palavra¹⁹³, visando trazê-la de volta, no que se destaca o Arco Real, no qual se descobre que a palavra perdida é o nome de Deus em hebraico. De qualquer forma, observa-se que “[...] existem notáveis coincidências entre a maçonaria e a rosacruz: nas duas há um esforço por uma reforma geral do mundo, um anelo de liberdade, igualdade e fraternidade humana, uma fé na existência do Supremo Arquitecto do Universo” (SALOMÓ *et al*, 2012, p. 128).

Uma grande diferença entre ambas as ordens, a maçonaria e a rosacruz AMORC, é que a segunda aceita de forma indiscriminada homens e mulheres, a maçonaria tida como regular é estritamente masculina, não aceitando e nem reconhecendo as Lojas mistas ou feminina estas existindo em diversas partes do globo. Sobre a regularidade maçônica – a Inglaterra desenvolveu um sistema de reconhecimento que indica a regularidade de um *corpus* maçônico ou não, de tal modo que a Grande Loja Unida da Inglaterra (criada em 1813, após a junção da

¹⁹³ Um símbolo, cuja lenda concentra o ideal da Maçonaria, equivalendo à eterna procura da verdade. Mas, se alguém a soubesse, ou a encontrasse, deixarei de haver sentido para a Maçonaria, que é tão eterna quanto o homem é sempre imperfeito. Trata-se de uma palavra simbólica cujo conhecimento Hiram Abif levou para o túmulo, contra as pretensões dos assassinos. A sua busca constitui, em última análise, o fim último da Maçonaria, patente nos rituais de diversos graus. Simbolicamente, pode interpretar-se a palavra perdida como a perfeita compreensão, a essência do conhecimento, a Verdade. (MALTEZ, 2011, p. 394)

Loja de Londres com uma adversária) hoje se intitula “Loja Mãe do mundo” [maçônico]; as outras grandes lojas e grandes orientes¹⁹⁴, a fim de serem reconhecidas como tais, precisam se subordinar à estrutura inglesa.

A AMORC por sua vez, assim como outros grupos rosacruzes não reconhece a legitimidade das outras vertentes da filosofia rosacruz, não existindo até o momento tratados mutuo reconhecimento, como os que existem entre as diferentes potências da maçonaria regular. Em alguns momentos da história do fenômeno rosacruz – em especial nos primeiros anos de sua estruturação por Harvey Spencer Lewis, existindo uma certa tensão entre a rosacruz de HSL e a de Max Heindel (1865 – 1919).

Imagem 9 - Convenção Internacional da AMORC, em 1937 - Park San Jose



Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/29/AMORC_San_Jose_1937.jpg Acessado em 04 de abril de 2022 às 19:19.

¹⁹⁴ Segundo Jules Boucher (1996, p. 205), uma ‘Obediência’ ou ‘Potência Maçônica’ é uma federação de lojas, sendo que um ‘Grande Oriente’ é uma federação que agrupa diversos Ritos, enquanto que uma ‘Grande Loja’ reúne lojas que trabalham no mesmo Rito. A respeito da palavra ‘Capítulo’, Mellor explica que ela designa algumas lojas superiores, como a do grau 18 do Rito Escocês Antigo e Aceito; [...] (AZEVEDO, 2010, p. 38).

No início século XX a AMORC iniciará suas atividades com uma ampla divulgação de suas atividades, além da propaganda vinculada nos meios de comunicação – rádio e jornal, HSL organiza eventos para a divulgação de suas habilidades e dos conhecimentos da ordem rosacruz, um destes eventos é a transmutação de zinco em ouro numa convocação realizada no templo da Loja de Nova Iorque em 22 de junho de 1916 (BOGARD, 2019, p. 71), esta cerimônia recebe ampla divulgação e marca a história da AMORC. Lembremos que nestes primeiros anos vários buscadores apresentam-se aos portais da ordem motivados pelos mais distintos propósitos e encontramos um anseio pelo novo mundo que se descortina, nisso o contato com o oriente¹⁹⁵ fomentará sobremaneira o imaginário ocidental.

O próprio termo buscador indica uma característica classificatória, a qual aglutina o perfil dos indivíduos que são público alvo das propagandas das sociedades iniciáticas, que serão vinculadas através da rede mundial de computadores – na atualidade, mas que nas duas metades do século encontravam lugar nas revistas especializadas em temas do oculto e do esotérico, sendo que parte destas publicações surgiram da necessidade de mercado de atender uma fatia do mercado.

2.2.2 O Neófito, o Iniciado, o Adepto¹⁹⁶, o Mestre e o Mago – círculos sociais e sociabilidade

Neófito é o nome dado ao recém iniciado numa dada organização. Do grego *neophutos*, de *neos* (novo) mais *phyein* (fazer crescer, gerar). Designação que os antigos cristãos davam aos batizados, tal como acontecia aos iniciados nos mistérios Elêusis. Na maçonaria, é o candidato, no período que vai do compromisso à consagração. O que havendo renascido, na prova da terra, e crescido, na prova das viagens, espera ser consagrado e instruído como Maçom. Na estrutura do movimento rosacruz AMORC, neófito é o membro recém afiliado que deverá passar por três *atria*, para só então entrar na nova classe ou círculo – o de iniciado.

É interessante notar que esta distinção se assemelha aos graus simbólicos da maçonaria – aprendiz, companheiro e mestre, que todo o buscador deve galgar para a aquisição de mais conhecimento. Neste ponto a organização dos graus da classe de iniciados da AMORC, que pega seus nomes do movimento rosacruz do século XVIII a *Gold-und Rosenkreuzer Alteren*

¹⁹⁵ Em 1875 é fundada a Sociedade Teosófica por Helena P. Blavatsky e o Coronel Olcott, esta instituição possui em sua estrutura mítica um forte apelo aos princípios orientais, em especial à Índia.

¹⁹⁶ Misticamente é aquele que alcançou a iluminação e a maestria na aplicação de seu conhecimento dos princípios e Leis Cômicas aos problemas da vida. Tem ele o domínio do conhecimento e da aplicação das Leis espirituais ou Cômicas; é a personalidade final e completamente iluminada. Esta é a definição que encontramos no Glossário de termos e conceitos da tradição Rosacruz AMORC, 2015.

*system*¹⁹⁷, que baseia sua estrutura dos seus graus no trabalho do pastor Samuel Richter¹⁹⁸ publicado em Breslau, *Die wahrhafft und vollkommene Beschreibung des philosophischen Steins der Bruderschaft aus dem Orden des Gulden-und Rosenkreutzes Denen Filiis doctrinae zum Besten...*¹⁹⁹.

Na simbólica rosacruz, temos neste de texto do pastor de Harmamnsdorf, uma menção à definição surgida em 1630, no prefácio de *Arcana totius detecta a collegio Rosiano*,²⁰⁰ de Petrus Mormius, publicada em Leyde: a ilustração da cruz como dourada (*gulden*); neste ponto, uma sutil mudança do mito original do século XVII faz-se notar. A importância da alquimia será uma marca forte do movimento rosacruz deste século, temática também trabalhada em *Theo-Philosophia teorico-Practica*, de *Sincerus Renatus*, publicado em 1711 (EDIGHOFFER, 1987, SABLÈ, 2006).

Em anexo ao livro de *Sincerus Renatus* de 1710, há 52 artigos que servirão de base para uma proposta de institucionalizar o movimento rosacruz, a se consolidar apenas em 1750. A grande carga alquímica de que se reveste a ordem nascente pode indicar uma fusão de movimentos herméticos e alquímicos da Alemanha e da Áustria, sem descartar a possibilidade de que parte da influência filosófica tenha vindo da *Orden der Unzertrennlichen*²⁰¹. Ao analisarmos este momento histórico, chegamos à conclusão de que não houve uma instituição organizada (ordem) na primeira metade do século XVIII, haja vista que a idealização de uma estrutura rosacruz bem definida presente nos textos de *Sincerus Renatus* ficará esquecida por meio século.

Na edição das obras completas de *Sincerus Renatus*, por volta de 1741, podemos perceber que o autor segue algumas das proposituras do *Círculo de Tübingen*²⁰², a exemplo da ênfase na regeneração interior, ao considerar a alquimia (pela via operativa: transmutação dos metais) como uma vocação secundária, no fato de preconizar a leitura de suas *doutrinas teosóficas* com os olhos do espírito e por seguir a linha de Paracelso no que toca à *Signatura*,

¹⁹⁷ Rosacruz de Ouro do Antigo Sistema, sugiro a leitura de minha dissertação de mestrado, onde discorro mais sobre a mesma – AMORIM, 2016, vide bibliografia.

¹⁹⁸ Samuel Richter era pastor em Hartmamnsdorf, na Silésia, estudou no Halle, dizia-se discípulo de Paracelso e Jacob Boehme, utilizando-se do pseudônimo de *Sincerus Renatus* (SABLÈ, 2006, p. 244-245).

¹⁹⁹ *A descrição verdadeira e completa da pedra filosofal da Irmandade da cruz dourada e da cruz rosa (vermelha)*. Abreviamos o título, por demasiado longo.

²⁰⁰ O autor relata que quando regressava da Espanha, encontrara um homem idoso chamado Frederico Rosa, o qual fundara uma sociedade secreta denominada Rosa-Cruz de Ouro e que compreendia três membros apenas (SABLÈ, 2006, p. 243)

²⁰¹ Ordem dos inseparáveis.

²⁰² Grupo criado por volta de 1613, em torno de Johann Valentin Andreae, por instigação de seu amigo Wilhem von Wense. Compreendia 24 pessoas que se interessavam por cabala, alquimia, mística cristã, entre outros elementos do esoterismo. Dentre alguns nomes, podemos destacar os de Tobias Hess, Cristovão Besold e Johann Arndt. Historiadores como Tobias Churton, Èric Sablé, Roland Edigloffter veem neste grupo parte da origem do movimento rosacruz.

assinatura ou *Deus manifestando-se através da natureza como a alma se manifesta através do corpo*, propositura em franca oposição ao espírito da *Aufklärung*. *Sincerus Renatus* desfrutou de um considerável sucesso entre os intelectuais europeus da segunda metade do século XVIII. Seus marcantes textos pietistas e sua mística particular permeada pela teosofia cristã e em profundo diálogo com o hermetismo e a alquimia, lhe concederão um lugar na nova roupagem que o movimento rosacruz receberá pelos 1750 em diante

O professor Renko Geffarth traz à luz que o estudo privado em casa era uma importante exigência feita aos membros, que poderiam receber orientação para serem recebidos na ordem e promovidos aos graus mais elevados, com base no seu trabalho independente (GEFFARTH, 2007). Os graus da ordem eram nove, a saber: *Juniors, Theoretici, Practici, Philosophi, Adepti Minores, Adepti Majores, Adepti Exempti, Magistri* e *Magi* (WESTLUND, 2016). Esta é a nomenclatura que a AMORC, a SRIA e algumas outras variações do fenômeno rosacruz utilizam para nomear seus graus. Também é daqui que tiramos parte do título deste subitem.

A hierarquização é uma das marcas das diferentes sociedades iniciáticas, cada título acompanha um conjunto de valores simbólicos – símbolos, mitos e ritos. Desta forma além dos títulos inerentes aos graus encontraremos uma complexa teia de significados que vão desde os mitos norteadores da ritualísticas aos signos²⁰³ de reconhecimentos, esta forma de organização estabelece desde os degraus iniciais os círculos sociais, como os quais e pelos quais o neófito (recém iniciado), se assenhora da cultura e da tradição do grupo. É nesse ponto que o buscador tornar-se-á membro do corpo esotérico.

Em muitas narrativas das sociedades tradicionais, após essa iniciação, o adepto está pronto para ser tutelado por mestres humanos. Narrativas esotéricas são um pouco ambivalentes neste momento. Em alguns, aprender com outros as pessoas são reconhecidas. Na maioria das vezes, o porta-voz esotérico é visto como principalmente (ou mesmo exclusivamente) sintonizado com o supra-humano forças. Por meio desse mecanismo, a Tradição Esotérica Moderna tornou-se uma tradição singularmente anti-histórica²⁰⁴. (HAMMER, 2004, p. 409)

E a pertença aos corpos iniciáticos – em alguns casos, promete ao seu membro os poderes supra-humano, como colocado acima por Hammer, esta ideia permeará praticamente todos os movimentos esotéricos, e esta particularidade de dotar seus membros de conhecidos

²⁰³ Como já nos referimos aos toques, sinais e palavras.

²⁰⁴ In many narratives from traditional societies, after this initiation the adept is ready for tutelage under human masters. Esoteric narratives are somewhat ambivalent at this point. In some, learning from other people is acknowledged. More often than not, the Esoteric spokesperson is seen as mainly (or even exclusively) attuned to suprahuman forces. By means of this mechanism, the Modern Esoteric Tradition has become a singularly antihistorical tradition. (HAMMER, 2004, p. 409)

que os tornam uma elite cujos domínios devem se estendem sobre a natureza física e divina – anjos, demônios.

Pensando no que mantém grupos sociais ativos e unidos, levando em consideração o caráter individual de cada grupo, podemos pensar nesta questão no seguinte sentido, que por exemplo, a maçonaria, a Rosacruz em certo nível possuem uma função de aglutinadora social, ou seja, a pertença ao grupo se dá num processo de substituição de outras atividades sociais – percebo que pertencer a grupos iniciáticos substitui a frequência a expressões religiosas tais como o catolicismo.

A pertença a estes grupos promoverá o desenvolvimento de uma nova linguagem, esta linguagem de cunho simbólico lastreada por *toques, sinais e palavras*, além da estrutura simbiótica organizada por graus, funções e as hierarquias estabelecidas dos círculos de relações sociais. O processo didático é colocado em curso desde o primeiro contato do novo membro, haja vista que o ambiente das sociedades iniciáticas é permeado pelo simbólico e o transcendente.

Michel Maffesoli, sociólogo francês se dedica a refletir sobre o ethos dos membros da maçonaria e de grupos afins²⁰⁵, ele defende que um dos motivos da perduração dos movimentos maçons e como reflexos outros movimentos esotéricos é a função da sociabilidade através do princípio de estar junto. O pertencimento a grupos de caráter templário e iniciático desenvolve a função simbólica de amalgama social – a isto o sociólogo francês chamada de “tesouro escondido”, a pertença se retro alimenta das relações sociais dos indivíduos. Assim sendo lojas maçônicas, núcleos rosacruzes.²⁰⁶

Esta sociabilidade não estar isenta do transito de membros entre lojas maçônicas, o que ocorre de forma mais presente – o transito rosacruz não ocorre, possivelmente pelo fato da existência de poucos núcleos (comparado com a maçonaria), por estado ou região. O que ocorre de forma natural é a múltipla pertença a diferentes ordens, num rápido levantamento encontraremos membros pertencendo até quatro colégios iniciáticos de forma simultânea, se haver interferência, muitas das vezes nesta múltipla afiliação, este não é o foco do presente trabalho, mas o ethos que permeia os membros propicia a aproximação de diferentes colégios, existindo complementariedade entre os conceitos e princípios basilares.

2.2.3 *Misticismo: uma visão entre o anthropos e o ethos a partir de Gilbert Durand*

²⁰⁵ Na obra O Tesouro escondido – Carta aberta aos franco-maçons e a outros, editora Sulina, 2019.

²⁰⁶ Utilizando a definição recentes para os templos rosacruzes da AMORC.

Termo que se encontra em nosso cotidiano²⁰⁷ – misticismo, este termo recebe diferentes conotações ao longo do trajeto humano, quase sempre no sentido de ligação entre a esfera humana e a transcendente, a concepção de misticismo na conjuntura contemporânea possui uma característica contraditorial, sendo absolvido pela estruturação social, tornando-se uma dinâmica das espiritualidades emergentes e ressignificadas. Essas espiritualidades, seguindo os fios que as entrelaçam, podemos ver a latência de microssociedades, que possuem uma vida efêmera, é neste “momento em que a forma religiosa emerge na vida social como esfera de conteúdos simbólicos funcionalmente diferenciada e culturalmente especializada” (VANDENBERGUE, 2010, p. xv-xix)

Se tentássemos definir o *locus* da ressurgência da religião, podemos seguir a propositura de Vandenbergue, que indica que:

[...] a religião emerge como uma transubstanciação através da qual a sociedade se torna autoconsciente. Mas a religião é apenas uma forma simbólica entre outras. Como forma das formas, a religião é a matriz a partir da qual todas as outras formas simbólicas emergirão. Como em um fractal, essa *Urform* reaparece em todas as outras formas, e a origem comum a elas explica por que todas são variações de um mesmo tema panteísta: as formas estabelecem conexões entre as partes e o todo, entre elementos atuais e uma estrutura virtual de relações na qual esses elementos se inserem, mas de modos peculiares, o que explica por que o mesmo elemento assume significados diferentes, em formas diversas. (VANDENBERGUE, 2010, p. xx)

A religião é uma forma exterior de diferentes formas simbólicas. A imagem proposta por Vandenbergue está alinhada com as ressurgências religiosas, especialmente os processos de reabilitação de aspectos míticos e sacros do *ethos* ocidental. A retomada da teosofia cristã, a mística ricamente influenciada pelos ritos maçônicos e todo o movimento que podemos perceber de forma distintiva no século XVIII com a retomada espiritual diante dos avanços da razão ilustrada – não encontramos neste processo negação e enfrentamentos de caráter excludente, mas o estabelecimento de um profícuo diálogo entre aspectos que a primeira vista possam parecer contraditórios, o retorno aos elementos de místicas anteriores propiciará novos caminhos, podemos de forma clara perceber isso no furor social e iniciático da maçonaria, da rosacruz e de outros movimentos nesse período.

Karl von Eckartshausen (1752 – 1803), teólogo, teósofo influenciará sobre maneira o misticismo do século XVIII, Eckartshausen propõem a retomada e a difusão de uma igreja interior, ele percebe o mundo de forma trina, camada de sentidos profundos e interconectados – “Três mundos, dos quais cada um tem sua visão²⁰⁸ particular, seus objetos particulares, um

²⁰⁷ A afirmação tem como enfoque os grupos sociais que se debruçam sobre temas religiosos e espirituais.

²⁰⁸ No original alemão: Anschauungsform. No kantismo, significa forma de intuição. Nota do tradutor brasileiro.

espírito particular e um sol particular que o ilumina: a luz do sol no átrio, a luz da pura razão no templo, a luz do Espírito de Deus no santuário.” (ECKARTSHAUSEN, 2003, p. 18)

Ele irá desenvolver a ideia de uma Escola Universal de Sabedoria, caracterizada por uma estrutura tríplice, possuindo um aspecto exterior, um interior e um interior mais profundo, analogicamente relacionados com um átrio, um templo e um santuário, o átrio relacionado com o homem, o templo, com a Natureza e Deus, com o Santuário. A Natureza sendo identificada como um templo é um tema comum entre os construtores medievais, que passará aos maçons. Para Eckartshausen, apenas o átrio e o templo estão abertos e relacionam-se entre si e apenas o átrio está sujeito à corrupção; podemos perceber isto por notar o homem comum tal qual uma velha criatura, ainda não transmutada (ECKARTSHAUSEN, 2003).

O furor²⁰⁹ das sociedades iniciáticas²¹⁰ do século XVIII receberá combustível da revisitação da mitologia mística cristã – a teosofia cristã, o pensamento do sapateiro de Görlitz será crucial para os desenvolvimentos que teríamos então, Jacob Boehme não apenas influenciará o pensamento Romântico ele estará, a partir do século XVII, intimamente ligado a retomada de consciência do homem, da criação e de seus aspectos relacionais. Johan Georg Gichtel (1638-1710) será o personagem que organizará a primeira edição das obras de Boehme, ele mesmo nos deixou uma obra de alinhada com a teosofia boehmiana.²¹¹

Antoine Faivre ao estudar o esoterismo do século XVIII, nos fornece alguns dados:

No segredo das lojas místicas, as iniciações dos séculos XVIII se assemelham a todas as religiões e sociedades esotéricas, que são baseadas nos mitos, que resumimos acima em linhas gerais. Trata-se de reintegrar-se ao estado que precedeu a queda do homem, graças à perfeição interior, à alquimia ou à teurgia. A mediação humana é limitada, portanto, a uma iniciação, que envolve a ajuda direta de Deus ou dos anjos, mas também um esforço constante, que é recompensado pela Iluminação. Desdém das Igrejas, muitos se comprometem com as iniciações e aderem à Maçonaria, que mistura, desde seus primórdios no continente, uma tendência mística com um espírito humanitário, igualitário, racional, que é a nota característica deste século notável. (FAIVRE, 1976, p. 47-48)²¹².

²⁰⁹Há durante todo o século XVIII o surgimento de diversos ritos maçônicos, ordens de influência templária e rosacruziana, além das simbioses entre ritos e mitos.

²¹⁰É no século XVIII que encontramos a primeira constatação de uma Sociedade Rosacruz organizada – Gold und Rosenkreuzer e Gold und rosenkreuzer alterer system, os diferentes ramos e estruturas da maçonaria alemã, francesa e inglesa e as derivações destes ramos. Sobre esta temática sugerimos a leitura de: (AMORIM, 2016; GEFFARTH, 2007; MCINTOSH, 2011)

²¹¹A senda do homem celeste – Narrado por um verdadeiro combatente que a percorreu, editado pela Polar em 2001.

²¹²En el secreto de las logias místicas, las iniciaciones del siglo XVIII se parecen a todas las de las religiones y sociedades esotéricas, pero se fundan en los mitos que hemos resumido más arriba a grandes rasgos. Se trata de reintegrarse en el estado que ha precedido a la caída del hombre, gracias a la perfección interior, la alquimia o la teurgia. La mediación humana se limita, por tanto, a una iniciación, lo que supone la ayuda directa de Dios o de los ángeles, pero también un esfuerzo constante, que se ve recompensado por la Iluminación. Desdeñosos de las

A partir disto percebesse um movimento, dos homens desta época, em conservar uma doutrina e assim manterem viva a punção espiritual que anima cada um, a movência de círculos internos entorno de doutrinas, experiências, ordens e mitos se fará cada vez mais presente, surge no borbulhar da busca pelo insólito, no renascimento pelos anseios do transcendente personalidades que gravarão de forma indelével seu nome na história das correntes esotéricas ocidentais – Louis Claude de Saint-Martin, Jean Baptiste Wilermoz, Martinèz de Pasqually, Karl von Eckartshausen. (FAIVRE, 1976) A ampla reflexão tomada a partir de ressurgência das religiões abraâmicas tecerá novas interações no tecido social, essas influências estarão presentes nas formas relacionais do esoterista contemporâneo.

Na perspectiva do imaginário durandiano, o aspecto simbólico da ação dá-se através do verbo. Na linguagem é o verbo que indica as forças motrizes do estar em movimento, isso nos recorda quatro verbos que indicarão a busca pelo conhecimento transdisciplinar, místico, mágico e esotérico por assim dizer – saber, querer, ouvir e calar²¹³.

A própria apreensão do conhecimento passa pelo processo de objetificação de forma interativa, a consciência aqui, expressa-se de forma social, socializada, percebendo a religião, enquanto fenômeno social, “a profunda experiência do divino como unitário e potente pode assumir configurações diversas.” (BELLO, 2018, p. 112) A ação antecedendo a formulação simbólica, constitutiva do mito e do rito.

A configuração do social, expresso nas formulações de seu *ethos* derivam de “esquemas interpretativos anteriores”. Para Luckmann – “a relação entre experiência, seu significado e os esquemas interpretativos é recíproca e dinâmica.” Uma dupla valência onde um interpreta e ressignifica o outro de forma constate e fluídica, a identidade pessoal, e aqui podemos projetar a identidade do grupo e suas relações interiores de sentido e valores, Knoublach nos lembra que “é justamente nos processos aos quais se atribui uma função religiosa que surge a identidade pessoal, de certa forma a institucionalização de um eu auto-reflexivo, que entende a si mesmo mediante objetivações sociais.” (LUCKMANN, 2014; (KNOUBLAUCH, 2014)

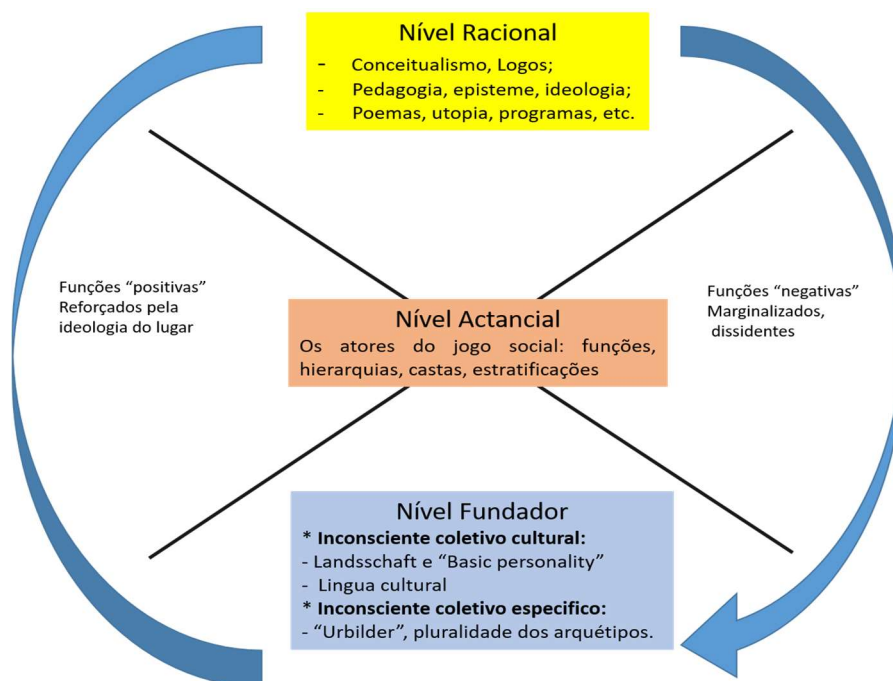
Os grupos sociais estabelecidos pelas dinâmicas estruturais do esoterismo, conforme propostas por Hammer (2004), possuirão contornos que se estabelecem na dinâmica das religiões. Nestas o processo de “indivduação da consciência humana só se realiza em

Iglesias, muchos se confían a las iniciaciones y se adhieren a la francmasonería, que mezcla, desde sus comienzos en el continente, una tendencia mística con un espíritu humanitario, igualitario, racional, que es la nota característica de este notable siglo (FAIVRE, 1976, p. 47-48)

²¹³Expressão que está presente inicialmente na obra Dogma e ritual da Alta Magia do ocultista francês Alphonse Louis Constante conhecido pelo pseudônimo de Éliphas Lévi (1810-1875).

processos sociais.” Estes “processos sociais são a base do distanciamento, o qual é pressuposto na construção de esquemas interpretativos que “transcendem” o fluxo da experiência imediata.” (LUCKMANN, 2014, p. 68)

Imagem 10 - Tópica Social



Fonte: DURAND, 1996, p. 144.

Gilbert Durand propõe um esquema da função do homem na sua Tópica sociológica, na visão de explicitar o nível do ator social, uma temática essencial na percepção da constituição do *ethos* do esoterista contemporâneo. Pois da mesma forma que o simbólico é o ambiente intermediário entre a razão e a imaginação e que ambos os princípios se retroalimentam.

No nível fundador lastreado pelo inconsciente coletivo de fundo arquetipal – a arquetipologia culturalista de Eliade aqui se faz presente, e como Durand reforça que o inconsciente coletivo sobre ele se debruça na TGI é o inconsciente do *homo sapiens* e a implicação contidas neste recorte. A profundidade da tópica sociológica durandiana está exatamente na primazia Da intersecção, como vemos na figura acima na parte superior encontramos o ator social no nível racionalizante ou racionalizado, esta última numa função de exteriorização de valores e noção – exotérico e esotérico, podem ser uma forma de perceber.

O homem é trino²¹⁴, binário²¹⁵ – em si plurifacetado e plurivocativo, estabelecido na tensão entre o transcendente e o imanente, manifestando de forma exotérica o lençol freático das simbologias difusas em sua psique de modo a constitui-se constantemente em permanente mudança de locus, mas sempre mantendo seu constitutivos no âmbito do imaginário social esotérico, místico e em profunda relação com o caldo primordial de sua consciência.

²¹⁴ Corpo, alma e espírito.

²¹⁵ Fincado entre o regime diurno e noturno da imagem, exotérico e esotérico, uma animal da razão e emotivamente mobilizado pelo meio.

3 CAPÍTULO ESTRUTURAS DE SENTIDOS, AS PÉTALAS DO ROSACRUCIANISMO CONTEMPORÂNEO.

Os matizes do termo rosacruz (*rosenkreuzer* – alemão; *rosecroix* – francês; *rosy cross* – inglês) evocam na mente ocidental dois símbolos possuidores de raízes profundas em sua psique, arquétipos fundantes de seu imaginário. A fusão da rosa e da cruz compõe um novo símbolo, que se tornará o emblema do movimento, ainda que figurasse anteriormente em iconografias²¹⁶. A história do rosacrucianismo é detentora de uma complexidade ímpar, pois contou com personagens e cenários os mais diversos e distantes uns dos outros.

Como colocamos inicialmente neste trabalho distinguimos duas expressões sobre o rosacrucianismo – o fenômeno e os movimentos, o primeiro é o fio que alinhava os mais distintos movimentos e expressões do rosacrucianismo, o segundo é este fenômeno materializado na história do esoterismo ocidental e expressos nas mais variada formulações de grupos e estruturas sociais, apresentando-se como religião, filosofia de vida, ordem mística, etc.

No cenário atual os movimentos rosacruzes estão estabelecidos em todos os continentes do globo, tentaremos vislumbrar uma parcela das expressões dos movimentos rosacruzes contemporâneo, formatados nas mais diferentes e complexas expressões sociais, nesse vislumbre intentamos contextualizar sua história e seus mitos fundantes, assim também como as interlocuções entre diferentes movimentos e facetas do rosacrucianismo, o esoterismo ocidental e as demais ordens iniciáticas.

O fenômeno religioso, apesar dos esforços de múltiplos ramos da ciência, não pode ser apreendido de forma totalizante; encontramos aí o espectro luminoso do mesmo, imprimir nuances distintas ao fenômeno, os relatos míticos e sua influência/confluência na história social do grupo, os símbolos e as motivações hierofanicas das imagens no âmbito individual e coletivo e os ritos, numa atualização do tempo mítico assim também como uma expressão estética do grupo; nessa perspectiva enquadra-se o rosacrucianismo.

De uma forma direta, nenhum dos movimentos rosacruzes do século XIX até a contemporaneidade pode aventar possuir uma conexão direta como os autores dos manifestos e seus homólogos do século XVII. O próprio termo rosacruz receberá diferentes utilizações ao longo da história e dos movimentos esotéricos, além das ordens que empunham este termo

²¹⁶ Martinho Lutero utilizava em seu brasão uma composição com uma rosa tendo em seu centro uma cruz; este composto figura também no brasão da família de J. V. Andrea; Dante, na *Divina Comédia*, evoca essa mesma simbólica ao identificar a rosa com a *Mater Dei*.

ainda podemos encontrar sua presença nos títulos de diversos graus em distintos ritos maçônicos.

Apesar de termos uma ampla de infinidades de imbricações do fenômeno rosacruz, nos deteremos neste capítulo as três expressões que adquiriram um âmbito internacional – a Antiga e Mística Ordem Rosacruz, AMORC, o *Lectorium Rosicrucianum*, ou a Escola Internacional da Rosacruz Dourada e a *Rosicrucian Fellowship*, a Fraternidade Rosacruz. Na abordagem destas três vertentes do rosacrucianismo perpassaremos de forma a esclarecer as motivações das diferentes abordagens. A estrutura heteróclita do fenômeno rosacruz é marcada de forma indelével pela proliferação simbólica e a aproximações de diferentes noções do esoterismo ocidental.

Raimon Arola refere-se ao surgimento do fenômeno rosacruz como o *Canto do Cisne*²¹⁷ (AROLA, 2002, p. 221). Arthur Versluis se diz surpreso pelo fato de uma “ficção” prender a atenção dos eruditos da Europa do século XVII (VERSLUIS, 2007, p. 87). Os invisíveis²¹⁸ (rosacruzes) inseriram-se na eternidade, pois aglutinaram ao seu redor os olhares daqueles que expandiam uma nova forma de ciência e de visão de mundo, com a percepção do universo pautada por novos paradigmas.

Outro elemento de importante nota é que entre o século XVII e o XVIII os caminhos do rosacrucianismo ocorrem de forma mítica (AMORIM, 2016), encontramos vários autores se debruçando sobre o fenômeno²¹⁹, mas sem existir provas incontestáveis da organização de grupos ou ordens iniciáticas, é somente no início do XVIII que encontramos as formulações que promoverão o surgimento de grupos organizados – que influenciarão sobre maneira os movimentos contemporâneos. Estes grupos refletem um anseio anti iluminista, e guardada as devidas proporções, encontramos este mesmo embate no reencantamento do mundo e na busca por espiritualidades no ocidente pós segunda guerra.

É, nos caminhos contemporâneos do esoterismo ocidental que podemos aferir a busca pelo sentido da existência humana, notaremos que as respostas dadas pelos entrelaçamentos contemporâneos do rosacrucianismo servem de amostragem para percebermos o trajeto meta

²¹⁷ A expressão tem origem na crença de que o cisne branco (*cygnus olor*) vivia toda sua vida a gorjear sem muita beleza ou mesmo sem emitir sons, realizando essa ação apenas antes de morrer. Nesse momento derradeiro, um belo canto ecoava do cisne antes de sua morte. Por isso, refere-se à obra de final de um grande artista, que teria acumulado inspiração durante sua vida para no final conceber uma bela obra de arte.

²¹⁸ O termo invisível refere-se a presença deste termo no Cartazes que surgem em Paris em 1623.

²¹⁹ Em 1623 a Michael Maier, identificado como um rosacruz, publicará a obra *Silêncio pós clamores*, questionando o silêncio que se fez após a Batalha da Montanha Branca, onde o eleitor Palatino é derrotado, vide AMORIM, 2016.

empírico desenvolvido dentro da consciência ocidental, permeada por mitos e símbolos do transcendente.

3.1 O ROSACRUCIANISMO NA EFERVESCÊNCIA DO DESPERTAR ESOTÉRICO DO SÉCULO XIX

As relações estabelecidas entre os diferentes movimentos rosacruzes desde o século XVII são marcadas ora por aproximações, ora por distanciamentos consideráveis. Os movimentos dos séculos XVII e XVIII são os que possuem uma maior proximidade, haja vista que no XVII temos o ato epifânico, com o surgimento dos manifestos e da simbólica oriunda dos mesmos, e no XVIII, com a volta às origens míticas do movimento, constroem-se pontes entre estes dois momentos.

Não se trata aqui de uma linhagem iniciática interrompida – como alguns movimentos evocam –, mas, sim, numa visitação às estruturas simbólicas e imagéticas dos ambientes em que surgem os manifestos através do renascimento das imagens e das motivações do XVII. No movimento constituído no século XX, o que percebemos é uma aproximação com a onda orientalizante que impacta o ocidente²²⁰, com as aproximações dos aspectos mitológicos, além de um comparativismo²²¹, que permeia estes movimentos, com um Perennialismo, que cria lacunas entre uma perspectiva histórica do esoterismo.

A egiptomania pode ser notada como uma peculiaridade presente no rosacrucianismo da AMORC, expressa em seus templos e edifícios, além da influência simbólica em todo o seu discurso tradicional, notadamente no amplo material de divulgação da mesma. Se buscarmos as origens desta influencia em movimentos anteriores encontraremos referencias na *Hermetic Order of the Golden Dawn* (Ordem Hermética da Aurora Dourada) fundada em 1888, por quatro membros²²² da SRIA²²³, é um claro exemplo desta influência. Voltaremos a frente sobre parte desta estrutura simbólica que será extremamente relevante para o esoterismo

²²⁰ A egiptomania é uma característica marcantes neste período e que podemos encontrar expressões em determinados grupos sociais nos dias atuais.

²²¹ No âmbito das ciências das religiões a perspectiva fenomenológica das religiões, permeada por uma história das religiões de caráter comparatista – aproximação mitológica entre oriente e ocidente. Pode ser percebida presente em autores como Mircea Eliade, Julien Ries, Henry Corbin, Gilbert Durand dentre outros, quase todos influenciados pelo Tradicionalismo e/ou influenciando este.

²²² Os quatros fundadores da Golden Dawn, A.F.A. Woodford, membro do Clero Anglicano e Maçom; William Wynn Westcott, médico legista; W.R. Woodman, médico; Samuel Liddell Mac Gregor Mathers, estudioso de ocultismo.

²²³ *Societas Rosacruciana in Anglia*.

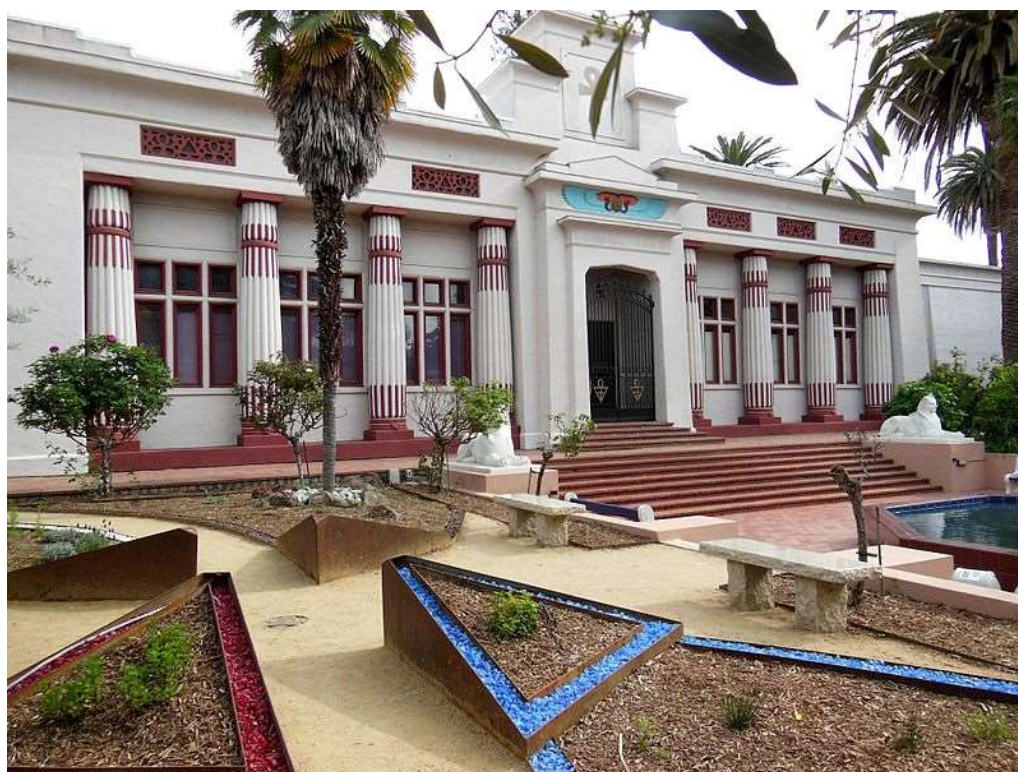
contemporâneo. A Golden Dawn será a segunda onde iniciática mais influente de finais do século XIX, a primeira é sem dúvidas a Sociedade teosófica de HPB²²⁴.

Dentre os reformadores do movimento rosacruz nos EUA, temos Harvey Spencer Lewis, que

Durante a sua juventude em Nova Iorque, o Espiritismo estava no seu auge na América. O magnetismo também ganhou popularidade que o que levou, por exemplo, ao nascimento do Movimento do Novo Pensamento. A sua cidade natal tinha sido o berço da Sociedade Teosófica de Blavatsky e o primeiro Templo Americano Golden Dawn em breve abriria os seus portões na Big Apple. Por volta de 1895, a Ordem Martinista de Papus tinha aberto lojas, por exemplo, nos estados de Nova Iorque e Nova Jersey.²²⁵ (BOGARD, 2019, p. 7)

Abaixo reproduzimos um dos exemplos da arquitetura dos edifícios da AMORC, que segue a influência egípcia em seus templos – núcleos rosacruzes ao redor do mundo. Claro que esta influência simbólica é particularmente adaptada e relida no processo de aculturação e ressignificação simbólica.

Imagem 11 - Museu sobre Alquimia Rosacruz, no Parque Rosacruz de San Jose – Califórnia



Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:RCUI_building.jpg Acessado em 10 de janeiro de 2022 às 11h.

²²⁴ Helena Petrovna Blavatsky.

²²⁵ During his younger years in New York City, Spiritualism was at its height in America. Magnetism also gained popularity which lead for instance to the birth of the New Thought Movement. His hometown had been the birthplace of Blavatsky's Theosophical Society and the first American Golden Dawn Temple would soon open its gates in the Big Apple. By 1895, Papus' Martinist Order had opened lodges, for example, in the states of New York and New Jersey. (BOGARD, 2019, p. 7)

O parque San Jose possui todos os seus edificios com ampla influencia egípcia, sua construção é concluída em 1927 e o Museu Egípcio Rosacruz preserva um amplo acervo com objetos de vários períodos do Egito antigo.

A França terá no início do século XIX diversos grupos rosacruzes²²⁶, que se organizam sobre diferentes signos e personalidades, em 1888 um grupo de expressão significativa para o fenômeno rosacruz organiza-se, é a *Ordre Kabbalistique de la Rose-Croix*²²⁷, fundada por Stanislas de Guaita (1861-1897), Gérard Encausse²²⁸ (Papus, 1865-1916), e Joséphin Péladan (1858-1918). Este último rompe com a OKRC por volta de 1890 para fundar um outro movimento rosacruz – a Ordem Católica da Rosa Cruz do Templo e do Graal, este movimento fará frente a OKRC, gerando uma disputa amarga entre as ordens, que foi apelidada pela imprensa de “guerra das duas rosas”.

A organização de Péladan não terá muitos membros, mas sua influência na literatura, arte e música da França da Belle Époque, será notável, principalmente na organização dos *Salon de la Rose+Croix*, movimento que projeta sobremaneira a arte simbolista nos meios artísticos franceses e posteriormente em outros meios. Através do cartaz que reproduzimos abaixo é possível notar a influência que o estilo terá, por exemplo na obra de Lima de Freitas²²⁹.

²²⁶ Alguns com duração efêmera, que não sobrevivem a primeira guerra, outros terão destinos próprios.

²²⁷ Ordem Kabbalistica da Rosa Cruz. É possível conseguir a iniciação através de ensinamentos no lá. Para isto basta acessar o site da ordem em: <https://www.okrc.org/>

²²⁸ Um personagem que possui profunda vinculação com o Tradicionalismo, sendo o primeiro instrutor de René Guenón, e fundador da Ordem Martinista, uma ordem de Cavalaria Cristã que se baseia nos ensinamentos de Martinez de Pasqually e Louis Claude de Saint-Martin. Sua ampla obra sobre Cabala, ocultismo e outras temáticas do esoterismo ocidental, influenciaram e ainda influenciam os buscadores posteriores.

²²⁹ Lima de Freitas (1927-1998), pintor e escritor português que figura como um dos principais expoentes do neorrealismo, sugerimos a leitura da obra – *Mitologismos de Lima de Freitas*, de 1987 de Gilbert Durand.

Imagem 12 - Cartaz do terceiro Salon Rose+Croix, 8 rue de Sèze, 5 mars, cartaz litográfico impresso em Paris pela Imprimerie Kohler. Dim.: 920 mm x 640 mm



Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Third_Salon_Rose%2BCroix_1894_Poster.png Acessado dia 13 de abril de 2022 às 13:18.

A OKRC é sem dúvida o movimento rosacruz com maior força e abrangência no início do XIX, e diante do surgimento de várias outras expressões do esoterismo ocidental funda-se a FUDOSI, esta agregando um expressivo número de movimentos esotéricos, mas como não existe uma unanimidade surge outra federação, que visa principalmente fazer frente à FUDOSI, a ordem rival que assume o nome de *Fédération Universelle des Ordres, Fraternités et Sociétés Initiatives* (FUDOFISI)²³⁰, a última organizada por Constant Chevillon²³¹ (1880–1944), terá uma vida efêmera, mas a principal justificativa e estruturação da mesma deu-se em consequência das querelas entre as ordens rosacruzes americanas – a *Fraternitas Rosae Crucis* (FRC) de Reuben Swinburne Clymer (1878-1966)²³².

²³⁰ Possuímos poucos dados sobre esta federação, tendo em vista que nem ela nem seu líder sobreviveram à Segunda Guerra, seu líder foi assassinado pela Gestapo

²³¹ Maçom e ocultista francês, que à época da fundação da FUDOFISI, figurava como Grão mestre do Rito Memphis-Misraim.

²³² Pascal Beverly Randolph (1825-1875)

Imagem 13 - Uma das versões da logo da FRA



Fonte: https://ru.wikipedia.org/wiki/Fraternitas_Rosae_Crucis Acessado em 5 de março de 2022 às 10h.

Como podemos notar há um encadeamento dos movimentos rosacruzes principalmente no início século XIX, este encadeamento refletindo a tensão gerada pela necessidade de afirmação dos direitos e prerrogativas sobre o fenômeno rosacruz, a busca pelas origens míticas e simbólicas perpassa os mais complexos valores simbólicos, pois para além do carisma de seus líderes e fundadores, o movimento marcado pelo esoterismo precisa lançar mão de formulações simbólicas que os vinculem à Tradição, mesmo que exista uma ressignificação total de certos ícones e emblemas²³³, necessários a transmissão e absorção dos valores simbólicos e significativos. Para a consciência do homem ocidental contemporâneo.

3.1.1 Século XIX: rosacrucianismo bases míticas

No século XIX os movimentos que empunham o nome rosacruz, não possuirão vínculo com os autores dos primeiros escritos além aproximações entre o discurso mítico e numa certa proporção o ideário que lastreia suas visões de mundo e da sociedade – o projeto de uma sociedade utópica, mantem-se vivo no imaginário do homem ocidental, como uma via válida. Diante das fontes documentais correntes podemos encontrar que a *SRIA (Societas Rosicruciana in Anglia)*, estabelecida em Londres entre os anos de 1865 e 1866, por Robert Wentworth Little 1840-1878, que em 1866 era tesoureiro da Grande Loja Unida da Inglaterra.

Em 1892 William Wynn Westcott, se tornou Supremo Mago da SRIA, ele defenderá um vínculo entre a SRIA e *Gold-und Rosenkreuzer* do século XVIII – “segundo ele, Little teria encontrado antigos documentos em “arquivos rosacruciano” que pertenciam à Grande Loja Unida da Inglaterra e provavam que um diplomata veneziano do século XVIII teria transmitido uma iniciação rosacruciana a alguns membros da Maçonaria inglesa” (SABLÈ, 2006, p. 275).

²³³ Ver: A Imaginação simbólica. Gilbert Durand, 2000.

O movimento rosacruz do século XVIII – vale ressaltar aqui que entendemos uma independência de movimentos, ou melhor dizendo que cada expressão assumida do rosacrucianismo ao longo de mais de quatro séculos possui sua própria história, formulação e estrutura, vinculando-se muitas das vezes através da hierohistória, dos relatos fundantes e das estruturas imagéticas.

A existência dos documentos acima, que Little teve acesso, conforme o relato recolhido pelo historiador rosacruz Eric Sablè, não pode ser descartado tendo em vista que garças ao trabalho do historiador Renko D. Gerffath²³⁴, podemos perceber a amplitude que a *Gold-und Rosenkreuzer* teve na segunda metade do século XVIII possuindo mais de 29 círculos espalhados pela Europa.

Dois membros se destacam na SRIA – Kenneth R. H. Mac Kenzie (1833-1886) e Hargrave Jennings (1817-1890), este último escreverá: *The rosicrucians – Their rites and mysteries* em 1870, esta obra será a primeira a ligar o rosacrucianismo à magia sexual, estas ideias terão grande influência sobre a *OTO*, a *H. B. of L* a e *Golden Dawn*. William Wynn Westcott (1848-1925) e William Woodman (1828-1891) participarão da fundação da *Golden Dawn*, esta ordem de matiz rosacruz receberá fama a partir das controvérsias de seus membros, por exemplo Aleister Crowley (1875-1947).

A SRIA irá se expandir sua influência – em 1880 para França, Alemanha em 1902, Índias, América do Sul e os Estados Unidos em 1907, gerando dois descendentes, a *Societas Rosicruciana in Civitatibus Foederatis* e a *Societas Rosicruciana na América*, além das influências citadas acima, irá influenciar um grupo dissidente, que liderados por Paul Foster Case (1884-1954) fundarão a *Builders of the Adytum* (BOTA), cuja temática rosacruciana além de tarô, cabala e misticismo terão vez e voz, estando ativos na internet até o desenvolvimento do presente trabalho²³⁵.

Desde o início do século XIX, vários pequenos grupos rosacruzes se reúnem na França, um nome de destaque nas primeiras décadas é o do Visconde Louis-Charles-Edouard de Lapasse²³⁶ (1792-1867), este personagem possui um sutil influência nos relatos míticos do rosacrucianismo contemporâneo da AMORC. Mas é no final do século XIX que encontraremos

²³⁴ GEFARTH, Renko D. *Religion und arkane Hierarchie Der Orden der Gold- und Rosenkreuzer als Geheime Kirche im 18. Jahrhundert*. Leiden; Boston: Brill, 2007.

²³⁵ [B.O.T.A. Store \(bota.org\)](http://B.O.T.A.Store(bota.org)). Acessado em 22 de julho de 21 às 14h.

²³⁶ A herança rosacruz do visconde deve-se, ao que conta seu amigo Firmin Boissin (Simon Brugal) ao fato dele “ter encontrado na Sicília um certo príncipe Balbiani” que teria conhecido Cagliostro e se dizia um rosacruz, através deste contato com este “desconhecido”, Lapasse será o responsável pelos pequenos grupos de rosacruzes em Toulouse.

uma organização rosacruz que possuirá um maior vulto na sociedade e na história a OKRC, referida no subitem anterior.

Papus é um personagem a parte na história do esoterismo ocidental, suas múltiplas filiações e contribuições para diferentes ordens iniciática, estabelece um elo entre diferentes expressões do esoterismo, nos interessamos de forma mais precisa sua participação na *Fédération Universelle des Ordres et Sociétés Initiatiques*, F.U.D.O.S.I. Fundada em 1934 e estando ativa 1951, seu primeiro fórum ocorreu em Bruxelas entre 8 e 16 de agosto de 1934, contando com representatividade de doze organizações:

- Ordem Rosacruz Universitária, representada por Sâr Hiéronimus e Jean Mallinger;
- AMORC da América, representada por H. Spencer Lewis; a AMORC da França, por Hans Grüter e Jeanne Guesdon; a AMORC da Áustria, por Grão secretário Many Cihlar e a AMORC da Suíça, por August Reichetl, delegado do Grão Mestre Édouard Bertholet;
- A Confraria dos Irmãos Iluminados da Rosacruz, cujo delegado era August Reichetl;
- A sociedade Alquímica da França representada também por August Reichetl, que substituíra Jollivet Castellet;
- Ordem dos Samaritanos desconhecidos, representada também por August Reichetl;
- Ordem Cabalística da Rosacruz da França, representada por Victor Blanchard, que substituíra o presidente Lucien Manchel;
- Ordem Ocultista de Hermes Trismegisto, representada por François Soetewey e Marc Lanval;
- A Igreja Gnóstica Universal, representada por Victor Blanchard;
- Ordem Martinista e Sinárquica, representada pelo Grão Mestre Victor Blanchard e Lydie Martin;
- Ordem Maçônica Oriental do Rito Antigo e Primitivo de Memphis-Misraim, representada por Hans Grüter e Luis Fitán;
- Ordem Maçônica Mista de Memphis-Misraim, representada por Raoul Fructus e Maurice De Seck.

Às quais se juntaram logo:

- A Ordem da Rosacruz Interior;
- A Fraternidade dos Polares, dirigida por Victor Blanchard;

Três Imperators foram nomeados:

- Sâr Hiéronimus (Émile Dantinne) para Rosacruz europeia;
- Sâr Alden (H. Spencer Lewis) para Rosacruz americana;
- Sâr Yésir (Victor Blanchard) para o Oriente, bem como para as ordens anexas: Martinismo, Memphis-Misraïm, etc. (SABLÈ, 2006, p. 121-122)

De forma marcante no início do século XX os EUA ver o surgimento do rosacrucianismo, possuindo desde suas origens um novo alento e com carga simbólica própria, nos primeiros anos três vertentes do fenômeno rosacruz tomam o cenário americano, importante ressaltar que o ponto em comum entre estas vertentes é somente o nome rosacruz, diferindo na estrutura organizacional, nos mitos fundantes e nas concepções cosmogônicas, cosmológicas e ontológicas.

Temos na mesma ambiência histórica a *Rosicrucian Fellowship* fundada por Max Heindel, a *Fraternitas Rosae Crucis* de Pascal Randolph (1825 – 1875) e Reuben Swinburne Clymer (1878 – 1966) e a AMORC de Harvey Spencer Lewis (1883 – 1939) esta última aqui terá uma ampla rede de membros ao redor do mundo, contanto com mais de 300 núcleos rosacruzes, boa parte deles se concentrando nas Américas, sendo a GLP²³⁷ a maior jurisdição²³⁸ atualmente.

A complexa cadeia de relações simbólicas no novo mundo começa com a chegada de grupos protestantes nos EUA, uma parte estabelecendo uma colônia na Pensilvânia formada por Pietistas alemãs que trazem em sua bagagem livros sobre cabala, materiais da mística cristã de influência boehmiana, assim como o D.O.M.A.²³⁹ (AMORIM, 2016; VALOO, 1996) Os elementos históricos destas comunidades servirão de combustível mítico para o discurso das formulações rosacruzes posteriores.

C'est le samedi 23 juin 1694 que la *Sarah Maria* accoste dans le port de Philadelphie, à l'endroit même où William Penn avait débarqué douze ans plus tôt. L'arrivée des piétistes allemands surprend. En effet, la ville ne compte à cette époque que deux à trois mille habitants, et les seuls lieux de culte y sont ceux des Quakers. Les quarante compagnons de voyage prêtent serment devant le représentant de la Couronne de respecter les lois de la province de Pennsylvanie²⁴⁰. (VALOO, 1996, p. 37)

Harvey Spencer Lewis, em um panfleto em 1928, evoca a filiação mística e iniciática dos membros da comunidade da Pensilvânia e dos rosacruzes da AMORC, ele retomará outras vezes esta temática ao vincular o pastor Kelpius ao iniciador do ciclo rosacruz na América. Kelpius será o principal líder da comunidade Pietista que se fixará na Pensilvânia no século XVII (SACHSE, 1895). Harvey Spencer utilizará uma atualização de tal movimento na evocação da estrutura tradicional da AMORC, e na sua representatividade como a autêntica rosacruz.

Curiosamente todo o discurso presente na simbólica rosacruz da AMORC é possível encontrar na obra: *The Rosicrucians – their rites and mysteries*, de Hargrave Jennings vinda a público em Londres no ano de 1870, boa parte dos diagramas e conceitos presentes nesta obra,

²³⁷ Grande Loja de Língua Portuguesa.

²³⁸ A AMORC, organiza-se no mundo através de jurisdições divididas por língua, assim temos uma jurisdição para cada idioma predominante, todas gerenciadas por Grandes Lojas, cada qual com seu cada qual com um Grande Mestre.

²³⁹ Tratado de simbólica que irá compor o *Geheime Figuren der Rosenkeuzer* [...], ver AMORIM, 2016.

²⁴⁰ No sábado, 23 de junho de 1694, a Sarah Maria atracou no porto de Filadélfia, no mesmo local onde William Penn tinha desembarcado doze anos antes. A chegada dos Pietistas Alemães foi uma surpresa. Nessa altura, a cidade tinha apenas dois a três mil habitantes, e os únicos lugares de culto eram os dos Quakers. Os quarenta companheiros de viagem fizeram um juramento perante o representante da Coroa de respeitar as leis da província da Pennsylvania

são encontrados nas edições do Manual Rosacruz – escrito e publicado por HSL. É uma das primeiras obras que vinculam hermetismo, tradições do Egito, da Babilônia e do hebraísmo ao simbolismo rosacruz, tendo como fio alinhavador a Tradição Primordial e seus eflúvios míticos.

3.1.2 *Antiga e Mística Ordem Rosae Crucis – AMORC.*

A data de 1915 é tida como a fundação oficial da AMORC, data das primeira e principais publicações documentais sobre a AMORC, mas o trajeto que estruturará a mesma inicia-se em 1909, quando HSL recebe uma iniciação em Toulouse cercada de contradições e incongruências²⁴¹, esta experiência faz com que o publicitário de Nova York, comece o empreendimento rosacruz que terá uma forte expansão nos anos seguintes. Em 1917 é realizada a primeira convenção rosacruz, reunindo diversos frateres e sorores²⁴², na cidade de Pittsburgh, nos anos seguintes a convenção muda para São Francisco, Tampa na Flórida e no ano de 1927 para San Jose, na Califórnia, onde é inaugurado o Parque Rosacruz já citado anteriormente.

O Parque Rosacruz, passa a figurar como uma atração turística na cidade, com suas edificações com a predominância de elemento egípcios, além dos museus, planetário que compõem o conjunto. O Parque será por um longo período de tempo a sede mundial da AMORC, que devido ao sucesso nos EUA começa a expandir-se pela Europa, tendo na França uma poderosa aliada em Jeanne Guesdon (1884-1955), que apesar das primeiras dissidências o ramo francês da AMORC, mantém-se fiel ao *Imperator*²⁴³ americano – inicialmente HSL que servirá como *Imperator* até 1939 e logo em seguida seu filho Ralph Maxwell Lewis (1904-1987) assumi este cargo até a sua morte.

Em todo o seu material didático, a afiliação rosacruz é seguida do recebimento de lições semanais, a AMORC afirma não ser uma religião, assim congregando em seu meio membros das mais variadas confissões religiosas, a estrutura simbólica reforça a noção de uma divindade particular, colocando na sutileza de suas preces a invocação ao “Deus de nosso coração, ao Deus de nossa compreensão”, que permitindo uma participação não excludente das crenças do membro no panteão particular da AMORC. Sua concepção de Ser Absoluto, que recebe a definição de Cósmico, trazendo uma visão Panenteísta da crença, e definindo a organização da natureza regida por leis transcendentais e imutáveis, que podem ser acionadas pelo pensamento humano e a prática do bem e na expressão do amor fraterno.

²⁴¹ Historiadores do fenômeno rosacruz – Christopher McIntosh, Roland Edighoffer, Renko Gerffath, Carlos Gilly, apenas para citar alguns possuem a mesma opinião, de que não é possível comprovar a iniciação de HSL, tão pouco a existência do Irmão Rosacruz

²⁴² Tratamento dispensado aos irmãos e irmãs da AMORC.

²⁴³ Título tradicional do líder maior da AMORC, sendo um cargo vitalício.

Nos materiais da AMORC, a origem mítica da mesma é situada na XVIII dinastia do antigo Egito, nas referidas Escolas de mistérios que de acordo com o discurso tradicionalista é o berço da Tradição Primordial, nesta feita a ordem assumirá o discurso da sua pertença à “Grande Fraternidade Branca”²⁴⁴, tendo uma tríada como seus hierofantes e/ou mestres cósmicos da tradição rosacruz²⁴⁵, tendo como os grandes mestres cósmicos – Mestre Kut-Hu-Mi²⁴⁶ (escrevesse também KuThumi, ou Koot Hoomi) e Mestre K-H-M.

Ambos estão presentes na cosmogonia da Sociedade teosófica, sendo este considerado um dos Mahatmas e mestres da sociedade teosófica e uma das personalidades por trás das *The Mahatma Letters to A.P. Sinnett*, importante documento composto por correspondências destinadas ao teosofista Alfred Percy Sinnett (1840 – 1921), as cartas foram publicadas em 1923 em um livro organizado por A. Trevor Barke, até 1939 as cartas estavam em poder do Museu Britânico e atualmente se encontram na Biblioteca Britânica.

A AMORC beberá de diversas fontes simbólicas, a Sociedade teosófica, a *Golden Dawn*, os movimentos rosacruzes da Europa, o *New Thought Movement*²⁴⁷, este último tendo em Prentice Mulford (1834 – 1891) um dos principais pensadores, onde seus escritos serviram de base para as reflexões posteriores. O novo pensamento terá no Brasil divulgação através dos trabalhos da Comunhão Esotérica do Pensamento.²⁴⁸

²⁴⁴ A expressão “Grande Fraternidade Branca” não se refere a alguma organização existente com este nome em qualquer parte. Antes, designa um conjunto de doutrinas místicas e esotéricas provenientes da sabedoria de muitas mentes iluminadas ao longo dos séculos. Essas doutrinas foram originalmente preservadas no Tibete, nos redutos montanhosos em que aqueles místicos e filósofos se refugiaram da perseguição a que haviam sido submetidos em outras regiões. Posteriormente, tais ensinamentos foram aos poucos difundidos entre organizações de todo o mundo, em cujos princípios e ideais da “Grande Fraternidade Branca”. (LEWIS, s/d, p. 196)

²⁴⁵ Esta temática sendo bem forte nos primeiros anos das AMORC, em especial dos dois primeiros *Imperators*.

²⁴⁶ De acordo com o Manual Rosacruz este personagem é a reencarnação de Thutmose III, do Egito, residindo em certo período no Lago Moeris (Morias). Era mencionado no Zend-Avesta, como Iluminador, sendo também conhecido no Egito, como Kroomata (Kai-Ra-Au-Meta) de cujo nome surgiu o vocábulo usado em nossos rituais e saudações, “Cromaat”. (É interessante notar que se tomarmos as iniciais do título de nossa Ordem, em inglês, *The Ancient and Mystical Order Rosae Crucis* e as invertermos, teremos “Cromaat”). (LEWIS, s/d, p. 196)

²⁴⁷ Movimento novo pensamento, ou simplesmente Novo Pensamento, que ficará conhecido como Mentalismo, evocando uma das Leis Herméticas Modernas. Este movimento terá grande difusão no Brasil no início do século XX através do Circulo Esotérico da Comunhão do Pensamento – CECP.

²⁴⁸ CECP.

Imagem 14 - Um retrato do mestre Koot Hoomi por Hermann Schmiechen



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Kut_Humi Acessado em 14 de abril de 2022 às 02:38.

Harvey Spencer Lewis, em sua plena atividade como Imperator da AMORC, buscará a consolidação da ordem tanto nos EUA quanto nos demais países, na Europa a fundação da já citada FUDOSI serviu de base para a consolidação da influência americana, e HSL tornar-se uma das personalidades de maior influência no esoterismo ocidental nas primeiras quatro décadas do século XX, sua ampla produção literária servirá de combustível para a nascente ordem, além de que como ele mesmo enfatiza, o trabalho na organização dos materiais didáticos ocupou os primeiros anos de suas atividades, ao mesmo tempo em que estava em preparação seu filho Ralph que irá assumir a AMORC, após a morte do pai.

HSL é um dos fundadores da Sociedade de Nova York de Pesquisa Psíquica órgão voltado para o estudo dos fenômenos psíquicos, outro elemento digno de nota são as diversas excursões realizadas dos EUA ao Egito, estas viagens místico culturais se farão presente por toda a AMORC em diversos cantos do mundo.

Como a AMORC torna-se uma estrutura complexa, a medida de sua expansão, as cismas e divisões começam a ocorrer, um dele é capitaneado por Eduard Munniger (1901 – 1965), um pedagogo e músico austríaco que lidera durante um curto período de tempo a *Antiquus Arcanus Ordo Rosae Rubae Aureae Crucis* (AAORRAC)²⁴⁹. A ordem ainda existe

²⁴⁹ A AMORC se refere a esta ordem, não como instituição dissidente, mas sim um dos antigos nomes da AMORC.

em atividade, e assim como outros pequenos movimentos rosacruzes desenvolvem suas atividades em volta de véus de mistérios.

Imagem 15 - 1º Manifesto da AMORC nos EUA, 1915.



Fonte: https://m.facebook.com/145069148897252/posts/3572595836144549/?refsrc=deprecated&_rdar Acessado em 10 de fevereiro de 2022 às 8h.

Acima reproduzimos um dos diversos documentos produzidos por HSL, no início das atividades da AMORC em solo americano, aqui temos a reprodução do primeiro manifesto americano da ordem, este difere bastante dos primeiros escritos rosacruzes (os manifestos do século XVII), por se tratar apenas de um registro simplificado da primeira reunião do Supremo Conselho da AMORC. Os primeiros anos da AMORC serão cercados por polemicas e questões sobre a autenticidade da mesma, isso não invalidando a ampla aceitação da ordem e sua rápida expansão, talvez devido a visão do marketeiro HSL, ou por esta ordem – nos moldes em que se apresentou atender ao anseio característico no início do XX, a busca por espiritualidades de preferências sintetizadas.

Imagem 16- Harvey Spencer Lewis primeiro Imperator da AMORC



Fonte:

<https://commons.wikimedia.org/w/index.php?search=harvey+spencer+lewis&title=Special:MediaSearch&fulltext=Pesquisar+&type=image> Acessado em 14 de abril de 2022 às 14h.

Após a morte de HSL, seu filho Ralph tornar-se o segundo *Imperator* da AMORC, ficando no cargo até o ano de 1987, quando é então substituído por outro americano, Gary Lewis Stewart – que apesar do sobrenome não possui vínculo de parentesco com os *Imperators* anteriores, Gary assumi o cargo maior da AMORC aos 34 anos, com o apoio de um importante rep do misticismo rosacruz, Raymond Bernard, que a época estava como Grande Mestre da jurisdição de língua francesa. Em 1990 depois atritos com a diretoria ele substituído pelo filho de Raymond Bernard, Cristian Bernard que fica como *Imperator* até 2018 quando passa a responsabilidade para Claudio Mazzucco²⁵⁰.

Do cisma estabelecido por Gary, surge duas novas vertentes do rosacrucianismo nos EUA, Paul Walden e Ashley McFadden criam a *Antiga Rosae Crucis* (ARC) e Gary L. Stewart, a Confraternidade da Rosa Cruz²⁵¹, da primeira temos pouco dados sobre a mesma, já a ordem de Gary tem-se se expandido, tendo a mesma estrutura e afluentes simbólicos da AMORC, as ordens possuem uma proximidade, devido claro a Confraternidade ter saído do seio da

²⁵⁰ Claudio Mazzucco, engenheiro químico, nasceu em Vicenza (Itália) em 1960 e transferiu-se para o Brasil com a idade de seis anos. Aqui conheceu a Ordem Rosacruz, à qual se afiliou em 1977. Ocupou vários cargos, entre os quais Mestre de Capítulo e Orador Regional. Transferiu-se para a Itália em 1988 com sua esposa e filhas. Trabalhou como responsável do setor de Pesquisa e Desenvolvimento de uma multinacional italiana até maio de 2019. Participou das diversas atividades da Ordem como Mestre de Capítulo, Monitor Regional, Grande Conselheiro e Orador. Em 2008, na Convenção Europeia de Barcelona, foi instalado como Grande Mestre da jurisdição de língua italiana. Em outubro de 2018, durante a reunião anual do Conselho Supremo realizada no Castelo de Omonville (França), foi eleito Imperator por unanimidade. <https://www.amorc.org.br/claudio-mazzucco-imperator/>

²⁵¹ É possível termos acesso a mais dados sobre esta ordem no próprio site dela - <https://www.confraternidade.com.br/>

AMORC. Podemos notar algumas mudanças na AMORC, após a saída de Gary – a mudança do emblema da ordem, de inglês para o latim. O estabelecimento de novos rituais, tais como um Ritual Pitagórico escrito por Raymond Bernard²⁵², este último começa a afastar-se da AMORC – fundando o *Cercle International de Recherches Culturelles Et Spirituelles*²⁵³ - *CIRCES*.

Imagem 17 - Logo do CIRCES



Fonte: <https://circularaymondbernard.wordpress.com/movimentos-tradicionais/> Acessado em 14 de abril de 2022 às 16h.

A CIRCES é fundada em 1988, uma parte significativa dos materiais são redigidos nos Camarões em Yaoundé, no ano anterior, as atividades terão efeito em 19 de fevereiro de 1998, sendo anunciada na revista *Le Monde Inconnu*²⁵⁴. Desde os primeiros anos a CIRCES terá uma rápida ascensão, em suas fileiras encontraremos membros de diversos países, incluindo o

²⁵² Raymond Bernard possui múltiplas afiliações, nos anos 90 estava em via de reativar uma Ordem neopitagórica.

²⁵³ Círculo Internacional de Pesquisas Culturais e Espirituais.

²⁵⁴ O Mundo Incomum.

Brasil. Outra ordem cavaleiresca irá absolver posteriormente a CIRCES, mudando a estrutura e a proposta desta enquanto colégio iniciático – esta, a *Ordre Souverain du Temple Initiatique*²⁵⁵ (OSTI), assume o caráter instrutivo do Círculo que muda seu nome para: *Comité d’Initiatives et de Réalisations Caritatives Et Sociales*²⁵⁶

Imagem 18 - - Brasão da OSTI



Fonte: <https://circuloraymondbernard.wordpress.com/movimentos-tradicionais/> Acessado em 14 de abril de 2022 às 20:26.

Apesar de todas as bifurcações e dissidências a AMORC permanece, de longe, a maior organização Rosacruz internacional, com centenas de milhares de membros. A maioria dos membros da AMORC se tornam membros através de correspondência, recebendo lições contidas nas “monografias” da Ordem. O conjunto de graus totalizam doze, nove derivados dos graus tradicionais nomeados na obra de Samuel Ríchter e três que são peculiares da AMORC, esta formulação faz-se presente desde a reforma pós Gary, anteriormente continha apenas nove graus. Antes dos membros começarem a cursar o grau da ordem eles passam pelo conjunto introdutório de três *atria*²⁵⁷, cada grau irá variar em duração e temática, mas sempre orbitando sobre conceitos espiritualistas – karma, reencarnação, meditação, iniciação cósmica, transcendência da consciência, dentre outros assuntos.

Controvérsias a parte, a AMORC mantém uma visibilidade notável, graças aos seus templos, editoras, e revistas em vários países. A jurisdição de língua portuguesa conta com aproximadamente 300 núcleos rosacruzes, formados por Lojas, Capítulos e *Pronaoi*, além dos grupos de divulgação. A sede da jurisdição situa-se em Curitiba, no bairro do Bacacheri com

²⁵⁵ Ordem Soberana do Templo Iniciático.

²⁵⁶ Comité de Iniciativas e de Realizações Caritativas e Sociais, sendo o ramo cultural, científico, humanitário e caritativo da OSTI.

²⁵⁷ Não Podemos deixar de ressaltar que esta formulação lembra a *da Gold-und Rosenkreuzer Alteren System*, que funcionava como altos graus da Maçonaria, onde o membro teria acesso após passar pelos três graus simbólicos iniciais – aprendiz, companheiro e mestre.

um complexo que reúne – o templo da Grande Loja, a Grande Heptada²⁵⁸, o Museu Egípcio²⁵⁹ Rosacruz, o Espaço de Arte Francis Bacon²⁶⁰, o edifício sede da URCI²⁶¹, o Memorial Bosque Rosacruz, assim também como uma propriedade em Quatro Barras / PR, conhecida como Morada do Silêncio²⁶².

Imagem 19- Loja Rosacruz João Pessoa, AMORC - Bancários



Fonte: <http://lojajoaopessoa.oas.amorc.org.br/> Acessado em 14 de abril de 2022 às 20:52.

A AMORC, em território nacional inicia suas atividades com a fundação da Loja Rosacruz São Paulo²⁶³, cuja fundação data de 1947, reunindo rosacruz da jurisdição de língua hispânica, já a Grande Loja do Brasil será fundada em 1956 tendo como primeira Grande Mestre Maria A. Moura, passando a ficar responsável pelos países de língua portuguesa somente 1990. Inicialmente a Grande Loja funcionou no Rio de Janeiro, para no ano de 1960 mudar-se para Curitiba.

Na Paraíba a AMORC, funda um *Pronaos* em 1967, no ambiente da Loja Maçônica Padre Azevedo, no bairro de Jaguaribe²⁶⁴, este núcleo (*Pronaos*) passa a Loja em 1991 já na no endereço que se situa atualmente, na rua Esmeraldo Gomes Vieira, 333 – Bancários. Este é

²⁵⁸ Nome dado ao Templo da Tradicional Ordem Martinista, ordem interna à AMORC e com estrutura simbólica própria.

²⁵⁹ <http://museuegipcioerosacruz.org.br/>

²⁶⁰ <http://espaco.urci.org.br/>

²⁶¹ <http://urci.org.br/>

²⁶² <https://www.amorc.org.br/morada/>

²⁶³ <http://lojasaopaulo.oas.amorc.org.br/>

²⁶⁴ Sobre esta temática recomendo a leitura de Vitor Lins Oliveira, que defendeu o primeiro mestrado com a temática rosacruz no PPGCR em 2009, sobre a orientação do Professor Dr. Carlos André M. Cavalcanti, também meu orientador da Graduação, Mestrado e do presente Doutorado.

um dos diversos núcleos espalhados pelo Brasil, Portugal e Angola, a AMORC possui Lojas em todas as capitais do Brasil.

O início do século XX presencia o surgimento das formulações iniciáticas que se manterão no imaginário ocidental da contemporaneidade, na busca pelo fio que alinhava os diferentes discursos esotérico que possuem presença na atualidade, nos levou a reflexão de que o discurso Tradicionalista – não necessariamente guenoniano, mas um discurso que se alinha com a propositura dos Manifestos rosacruz, da Teosofia boehmiana, da filosofia oculta de Agripa, na mesma medida de aproximação com as formulações esotéricas contemporâneas, estas – difusas nas espiritualidades emergentes tendo no fenômeno rosacruz um ponto de apoio e reverberação comuns

3.2 THE ROSICRUCIAN FELLOWSHIP

Uma ordem que possui uma estrutura simbólica que aproxima o rosacruçianismo contemporâneo, do que seus textos irão chamar, de cristianismo místico ou melhor esotérico – esta ideia já tinha sido aventada pela Sociedade teosófica na obra de Annie Wood Besant (1847 – 1933)²⁶⁵, a Fraternidade Rosacruz, numa tradução literal do título da ordem de Max Heindel se identifica como uma religião cristã, que visa promover uma aproximação entre “a aparente distância entre religião e ciência e torna possível convencer o intelecto e comover o coração. O ocultismo (científico) aponta o caminho para Cristo quando somente a fé (coração) não o encontra.”²⁶⁶

A organização deste curso introdutório está formulada em três partes:

Parte 1

- Constituição atual do Homem e o método do seu desenvolvimento;
- Os quatro reinos;
- Correntes dos corpos de desejos.

Parte 2

- A relação do Homem com Deus;
- Origem e evolução do sistema solar;
- Evolução na terra;
- Análise oculta da gênese;

Parte 3

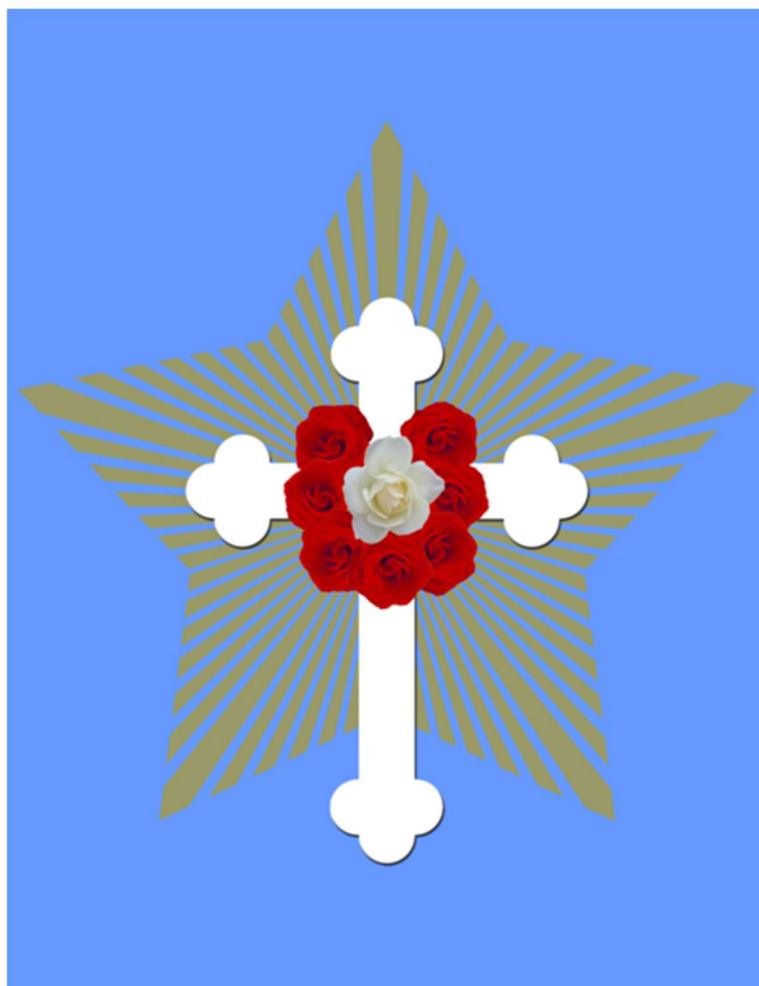
- Futuro desenvolvimento e iniciação do homem;
- Cristo e Sua missão;
- Método para adquirir o conhecimento direto;
- Constituição da terra

²⁶⁵ Escritora, teósofa, maçom, defensora dos direitos das mulheres, militante socialista, são apenas alguns dos traços desta personalidade.

²⁶⁶ Texto extraído do site oficial em português que se destina à afiliação de novos membros, que devem passar por um curso introdutório formado que se funda na leitura do Conceito Rosacruz de Cosmo de Max Heindel e

- Cristian Rosenkreuz a Ordem dos Rosacruz
- Exercícios Espirituais. (<https://www.fratnidaderosacruz.com.br/como-ser-um-estudante-rosacruz/>)

Imagem 20- Logo da The Fellowship Rosicrucian



Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Rosicrucian_fellowship1.png Acessado em 16 de abril de 2020 às 10h.

Acima reproduzimos a logo da Fraternidade Rosacruz, que é composta por sete rosas vermelhas e uma rosa branca no centro, o fundo azul com os raios dourados, podem ser encontrados, assim como a referência as cores das rosas encontra-se no ocultista francês Eliphas Levi.

Na mesma página existe uma advertência, que dar uma ideia do perfil dos membros que a ordem pretende alcançar – “Os cursos PRELIMINAR DE FILOSOFIA ROSACRUZ e CURSO BÍBLICO DA SABEDORIA OCIDENTAL, são oferecidos caridosamente e estão abertos a todos, exceto hipnotizadores, médiuns, quiromantes e astrólogos profissionais.” É uma característica da Fraternidade, a mesma se reconhece como cristã excluindo assim outras

formulações do esoterismo e sua apropriação do ocultismo²⁶⁷ tem formulações próprias, algumas derivando de Eliphas Levi (1810 – 1895)²⁶⁸, que sem seu *Cours de Philosophie Occulte – Lettres au Baron*²⁶⁹ Spédalieri²⁷⁰, Levi retoma um antigo mito cristão:

No centro da cruz floresce a rosa mística, a rosa da luz, a flor da vida e do amor, cujas pétalas dispostas com ordem, representam os corações dos eleitos na sua harmoniosa hierarquia. A rosa que é o símbolo da Grande Obra de Abraão, o judeu, nos representa florescente, branca e vermelha, sobre uma haste azul celeste, com folhas de ouro. No cálice da rosa, o pelicano simbólico verte seu sangue, para matar a sede de sua família, que ele torna imortal. Eis o signo dos Rosa-Cruzes: **Paz profunda, meu irmão!** (LEVI, 1984, p. 90)

O texto de Levi deixa ao entendimento do leitor de o próprio Eliphas Levi é membro de uma fraternidade rosacruz, sem haver indícios da sua passagem por nenhuma das ordens conhecidas na época de sua vida, no mesmo livros ele faz referências a Karl von Eckarthaussen (1752-1803), que figura entre os teósofos do século XVIII, autor de *Nuvem sobre o Santuário*, *Algumas palavras sobre mais profundo do Ser* e da *Perfectibilidade do gênero humano*²⁷¹, são algumas de suas obras, onde desenvolve uma proposta de cristianismo místico em que elementos da teosofia²⁷² figuram como determinantes simbólicas.

Várias pranchas dos *Símbolos Secretos*²⁷³ alinham-se com a teosofia do século XVIII, com a propositura filosófica de Saint-Martin, Karl von Eckarthaussen, John Pordage, Johan Kleuker. De influência da teosofia boehmiana, em suas páginas diversas noções e como o

²⁶⁷ Ocultismo floresceu a partir de ca. 1850 a ca. 1920, e baseou-se em uma grande variedade de elementos a literatura esotérica dos séculos anteriores. Certamente, o hermetismo faz parte do corpus referencial dos chamados ocultistas. Na atualidade existe uma certa confusão entre as terminologias, entendemos que o esoterismo ocidental abarca essas variações de definições. O termo sua referência mais antiga na obra Curso de Filosofia Oculta de Agripa.

²⁶⁸ Pseudônimo do Abade Alphonse Louis Constant, um dos escritores mais importantes do ocultismo Francês do século XIX, que possui influência que se estende até os dias de hoje.

²⁶⁹ Barão Nicolas-Joseph Spédalieri (também Spedalieri ou Spédaliéri) (Bronte, 1812 - 1898) foi um proeminente esoterista, espiritualista, teosofista e martinista do século XIX. Embora Papus seja o discípulo mais famoso de Eliphas Levi, este foi apenas um título póstumo. Spédalieri é considerado o discípulo pessoal mais importante durante a vida de Levi. Levi começou a fazer discípulos pessoais na França, Inglaterra e Alemanha a partir de 1861. Além dos teósofos Spédalieri e Mary Gebhard, seus alunos mais conhecidos foram Kenneth MacKenzie, Frederic Hickley, Jacques Charrot, Constantin Branicki e Jean-Baptiste Pitois. Este último é mais conhecido sob seu pseudônimo Paul Christian. Levi disse que tinha doze discípulos, quatro dos quais ele chamava de amigos, incluindo Spédalieri. Spédalieri nasceu na Sicília como filho do viticultor e comerciante Barão Joachim-Marie Spedalieri e sua esposa Marie-Caroline de Graef. Já aos 20 anos já havia lido as obras de Louis-Claude de Saint-Martin. Como atesta Spédalieri, as aulas – ministradas em forma de cartas semanais – eram gratuitas e escritas pessoalmente de acordo com as necessidades e compreensão de cada aluno. Ele próprio entrou em contato com seu mestre depois de ler sua Doutrina e Ritual de Magia Superior. Entre 1861 e 1874 trocaram mais de 1000 cartas. Essas cartas originais foram coletadas em nove volumes grossos. Não está claro onde estes são mantidos agora.

²⁷⁰ Curso de Filosofia Oculta – Cartas ao Barão Spédalieri, única edição em português foi produzida pela Sociedade das Ciências Antigas editado em 1984.

²⁷¹

²⁷² A teosofia aqui é a desenvolvida por Jacob Boehme, de base cristã e não tendo nenhuma aproximação com a Sociedade Teosófica.

²⁷³ Ver AMORIM, 2016.

mesmo é organizado no século XVIII em cristianismo esotérico tardio, “[...] na verdade, a moderna teosofia cristã representa uma síntese de muitas outras correntes, incluindo a alquimia, cabala judaica, cavalaria, e da tradição gnóstica representado por Eckhart e Tauler”²⁷⁴ (VERSLUIS, 2007, p. 101).

Como exposto anteriormente e como a própria fraternidade se define – “Fraternidade Rosacruz é uma **Escola de Cristianismo Esotérico**²⁷⁵, sem fins lucrativos, que busca entender profundamente o ser humano e sua evolução, bem como as bases espirituais do Cristianismo.” Assim toda a sua filosofia e estrutura simbólica possui uma grande influência cristã, apesar de sua leitura particularmente esotérica ela trará a cena a aproximação do personagem mítico rosacruz Cristian Rosenkreuzer²⁷⁶ – que na Fraternidade é nomeado de Cristão Rosacruz, como o tipo ideal do cristão, a Rosicrucian Fellowship insere-se como religião cristã. Não convencional e sobre a égide do esoterismo ocidental.

Imagem 21 - Interior da Ecclesia da Fraternidade Rosacruz



Fonte: <https://rosicrucian.com/index.html> Acessado em 14 de abril de 2022 às 11h.

Além da estrutura física que podemos ver na imagem acima, temos um conjunto de hinos que integram os aspectos litúrgicos da Fraternidade. Outro elemento de grande relevância

²⁷⁴ In fact, modern Christian theosophy represents a synthesis of many other currents, including alchemy, Jewish Kabbalah, chivalry, and the gnostic tradition represented by Eckhart and Tauler. (VERSLUIS, 2007, p. 101)

²⁷⁵ Grifo nosso.

²⁷⁶ Sugiro a leitura do primeiro e segundo Manifestos Rosacruz – *Fama e Confessio Fraternitatis* de 1614 e 1615, respectivamente, onde é possível encontrar a narrativa sobre o Pai C.R.

é o foco dado a cura espiritual, que marca profundamente os ensinamentos e a prática da Fraternidade de Max Heindel, que utiliza a lógica através da sintonia vibracional entre o enfermo e aquele (s) que irão aplicar o processo de cura.²⁷⁷

3.2.1 Max Heindel – O cosmo da Fraternidade, hierarquias divinas

Carl Louis von Grasshoff (1865-1919) nasceu na Dinamarca, descendente de uma família aristocrática alemã, ele o filho mais velho de três filhos – dois meninos e uma menina. Com 17 anos ele entra marinha mercante, chegando ao posto de engenheiro chefe, entre suas viagens ele irá estabelecer-se inicialmente em New York, depois em Los Angeles (1903) onde a principal mudança ocorrerá em sua vida, é em Los Angeles que ele participa das palestras do maçom, sacerdote da Igreja Anglicana e Bispo da Igreja Católica Liberal, Charles Webster Leadbeater (1847-1934), escritor e uma das personalidades mais influentes da sociedade teosófica.

Aos 39 anos assumi a presidência da Sociedade Teosófica em Los Angeles, ficando no cargo de 1904 a 1905. Provavelmente sua pertença à Sociedade teosófica o motivou numa viagem à Alemanha em 1907, onde irá conhecer e estabelecer contato com Rudolf Steiner (1861-1925), o fundador da Antroposofia e que na época estava como líder da Sociedade teosófica na Alemanha. Um dado importante é que do ano de 1906 até 1908 Carl Louis von Grasshoff, vez várias viagens como palestrante que visavam principalmente a divulgação de seu conhecimento secreto à respeito de astrologia, teosofia.

Na viagem em que conheceu Rudolf Steiner, ele afirma mais tarde, que conheceu um misterioso “Irmão mais velho da Rosa Cruz”, que o levou a um templo secreto na fronteira entre a Alemanha e a Boêmia.

Jean-Claude Frère, reproduz parte dos diálogos entre Carl Louis von Grasshoff e o Mestre que lhe apareceu. “Há muito ano que nós te observamos. Espalhamos obstáculos em teu caminho, a fim de experimentar-te e tornar-te digno da missão que te vamos confiar. Queres ser nosso porta voz?” (FRÈRE, 1993, p. 216)

Após seu retorno à Califórnia, Grasshoff publicou em 1909 sua *Magnum opus*, *The Rosicrucian Cosmo-Conception*²⁷⁸ sob o pseudônimo de Max Heindel, em 1910 ele se casou

²⁷⁷ A eficácia da Cura depende da colaboração de todos. Cabe ao paciente o sincero arrependimento e a autocorreção. A confiança irrestrita na Força Curadora do Pai é o impulso da Alma que busca a Cura. A restauração da saúde é realizada pelo influxo de Energia Vital, que está em sintonia com a Vibração de Cristo, o Sol Espiritual, a Luz da Redenção. (<https://www.fraternidaderosacruz.com.br/como-os-rosacruz-es-curam-os-enfermos/>)

²⁷⁸ Concepção Rosacruz de Cosmo.

com uma conhecida astróloga, Augusta Foss (1865-1949). No ano de 1913 dar início a publicação da esotérica e de base cristã *Rays from the Rose Cross*²⁷⁹ é nesse ano que lança dentro da Fraternidade o Serviço de Cura Espiritual, que se torna um dos pilares dentro da Rosicrucian Fellowship, que por sua influência cristã evocado a passagem do evangelho de Mt. 10:8 e Lc. 10:9 - "Pregai o evangelho e curai os doentes".

Figura 1 - Max Heindel, Carl Louis Fredrik Graßhoff



Max Heindel

Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Simplified_Scientific_Astrology-006.jpg Acessado em 14 de abril de 22 às 10h.

Entre 1910-1918, Heindel passou a publicar vários trabalhos sobre astrologia, maçonaria e esoterismo em geral. Ele lança em 1909 uma Fraternidade Rosacruz, que é fundada oficialmente em 1911. É nesse período que também supervisionará a construção da sede da *Fellowship's International* em Oceanside (Califórnia), incluindo um templo e belos jardins. O Mount Ecclesia, como fica conhecido as edificações em Oceanside, destina-se principalmente a cura espiritual, a Fraternidade assim como outro movimentos esotéricos tem

²⁷⁹ Raios da Rosacruz.

usado de forma as redes sociais e a internet para alcançar um numero cada vez maior de membros ou de simpatizantes, é possível acompanhar a atividade realizada em diferentes templos – Brasil (São Paulo), Portugal (Lisboa) sem precisar sair de casa, pois além do canal mantido no youtube²⁸⁰, onde encontra-se páginas no facebook que transmitem a liturgia diária que se realizam nos templos da Fraternidade Rosacruz sempre as 18:30, horário local, onde num acesso rápido a pagina da Fraternidade na internet encontramos os textos da liturgia, além de outros materiais, destinado aos interessados.

Figura 2 – Templo de Cura Mount Ecclesia



Fonte: <https://www.fraternidaderosacruz.com.br/quem-somos-nos/> Acessado em 16 de abril de 2022 às 14:38.

Após a morte de Heindel em 1919, sua esposa Augusta continuou a expansão da Fraternidade em vários países estrangeiros, com milhares de membros. Ao contrário de outras organizações Rosacruzes, o A Fraternidade teve, desde o seu início, uma clara orientação religiosa, como evidente pelo fato de que suas práticas incluíam rituais para casamentos e funerais, bem como serviços de cura espiritual. Enquanto astrologia continua sendo uma parte importante dos ensinamentos até hoje, a influência da Teosofia e a Antroposofia também é aparente.

Heindel também ofereceu uma interpretação oculta do papel dos Estados Unidos na história. A Fraternidade promove o vegetarianismo e alerta contra o mal efeitos do álcool, drogas e tabaco. Álcool, isso ensina, tinha um propósito oculto dentro da estrutura da descida do espírito humano à matéria: foi usado para permitir que os humanos esquecessem seus eus

²⁸⁰ <https://www.youtube.com/channel/UC11GIJmegbTQGg4sE6yagBw>

superiores na quinta raça²⁸¹, ou época “ariana”. No processo de preparação para a vindoura Era de Aquário²⁸², humanos devem recuperar o conhecimento de seu eu superior, no entanto, e o consumo de todas as formas de álcool é, portanto, rejeitado.

Fraternidade Rosacruz mantém templo em vários países, não tendo o mesmo impacto midiático que a AMORC, sendo sua abrangência focada na publicação de materiais on-line e de pequenos grupos que se reúnem para temas inerentes à filosofia da Fraternidade – cristianismo esotérico, astrologia, arte da cura espiritual e auxílio metafísico, até a conclusão não identificamos nenhum templo da Fraternidade Rosacruz em João Pessoa ou na Paraíba.

3.3 LECTORIUM ROSACRUCIANUM

Em 1924, quando os movimentos rosacruzes americanos já estavam em atividades, e com a Europa se reerguendo da Primeira Guerra, surge na Holanda um novo movimento, uma nova escola do rosacrucianismo moderno – o Lectorium Rosicrucianum ou a Escola Internacional da Rosacruz Dourada, fundada por Jan Leene (1896-1968) e seu irmão Zwieter Wilhelm Leene (1892-1938), ambos líderes da Rosicrucian Fellowship na Holanda. Apesar desde cisma inicial, será somente em 1935 que os irmãos Leenes juntamente com a Sra. Henny Stok-Huyser (1902-1990), que se juntou a eles em 1930. Irão declarar de forma definitiva e formal o rompimento com a Fraternidade Rosacruz de Max Heindel.

No ano de 1935 eles fundarão uma *Rozekruisers Genootschap*²⁸³, que mudam de nome em 1936²⁸⁴. A partir de 1938 Jan Leene e Sra. Stok-Huyser, assumem seus pseudônimos que marcarão a história do Lectorium – ele assumiu o nome de Jan van Rijckenborgh e ela de Catharose de Petri, dar-se início a uma intensa produção de livros e materiais para o Lectorium, cujo pilares de sustentação são – o Gnosticismo cristão de influências do hermetismo, o rosacrucianismo do século XVII e o pensamento do Sapateiro de Görlitz²⁸⁵.

²⁸¹ A teoria das raças é uma das temáticas que figuram dentro dos conceitos da Sociedade teosófica, que será absolvido por outros movimentos rosacruzes – a AMORC seus meandros aproximam-se também deste conceito, mas de forma mais sutil. A ideia é que existe sete raças, que vão surgindo de forma gradativa no planeta terra, cada uma possuindo suas características dentro do plano evolutivo dos seres – a primeira e segunda raças não possuem um corpo físico e sendo praticamente pura energia, a terceira raça a Lemuriana, a quarta a Atlante, a quinta a Ariana, a sexta e a sétima raça não são nomeadas, mas existe indicação de que a mesma surgirá na América do Sul. Pode-se encontrar estes conceitos na principal obra da Sociedade Teosófica – A Doutrina Secreta.

²⁸² De acordo com os materiais da AMORC, o terceiro milênio verá o advento da Era de Aquário, que deverá começar por volta do ano de 2150, [...] a tradição informa que essa era marcará o fim da religiosidade e o começo da espiritualidade autêntica. (AMORC, 2015, p. 33-33)

²⁸³ Sociedade Rosacruz.

²⁸⁴ Para Ordem Maniqueísta.

²⁸⁵ Jacob Boehme (1575-1624).

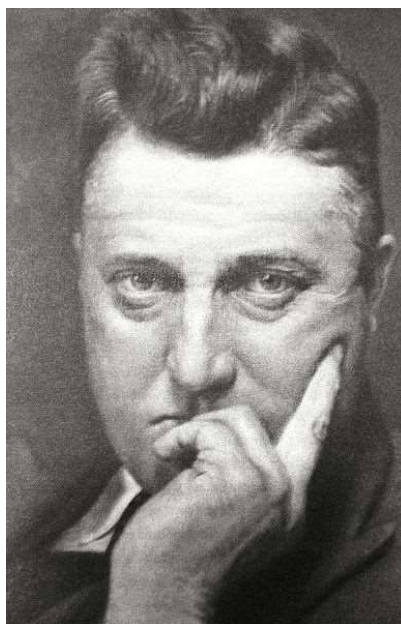
Quando o exército nazista invade a Holanda em 10 de maio de 1940, o Lectorium recebe um duro golpe, pois o movimento foi proscrito, sua propriedade confiscada e vários membros executados. O movimento sobrevive, mantendo suas atividades secretas durante os anos de ocupação. Como a derrota do nazista a ordem volta a se reestruturar retomando suas atividades em 1945, já sobre o nome de Lectorium Rosicrucianum. Jan van Rijckenborgh e Catharose de Petri conhecem um dos fundadores do neo-catarismo – Antonin Gadal (1871-1962), que tornar-se-á o primeiro presidente da sucursal francesa do Lectorium em 1957.

Imagem 22 - Jan van Rijckenborgh



Fonte: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Jan_van_Rijckenborgh_aka_Jan_Leene_\(1896-1968\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Jan_van_Rijckenborgh_aka_Jan_Leene_(1896-1968).jpg)
Acessado em 17 de abril de 2022 às 02:50.

Imagem 23 - Zwiier Wilhelm Leene



Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Zwier_Willem_Leene.jpg Acessado em 17 de abril de 2022 às 02:54.

Imagem 24 - Catharose de Petri

Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:CdP_jung_220px.jpg Acessado em 17 de abril de 2022 às 03h.

O contato com Antonin Gadál, inserirá um novo elemento dentro do Lectorium o neo-catarismo, lembremos que o catarismo foi um movimento dissidente na Idade Média na Europa Ocidental e Meridional, considerado herético pela Igreja. O nome cátaro, que deriva do grego *katharos* (puro), foi pela primeira vez usado em 1163, pelo monge alemão Eckbert de Schönau. A literatura heresiológica também empregou termos como Neo-Maniqueístas, Patarins (Itália), Albigenses (Langedoc, Lat. Albigenses), Bougres (Lat. Bulgari) e Texerants/Tisserants (“tecelões”). Os membros da seita se autodenominavam “homens bons” ou “Bons cristãos”.

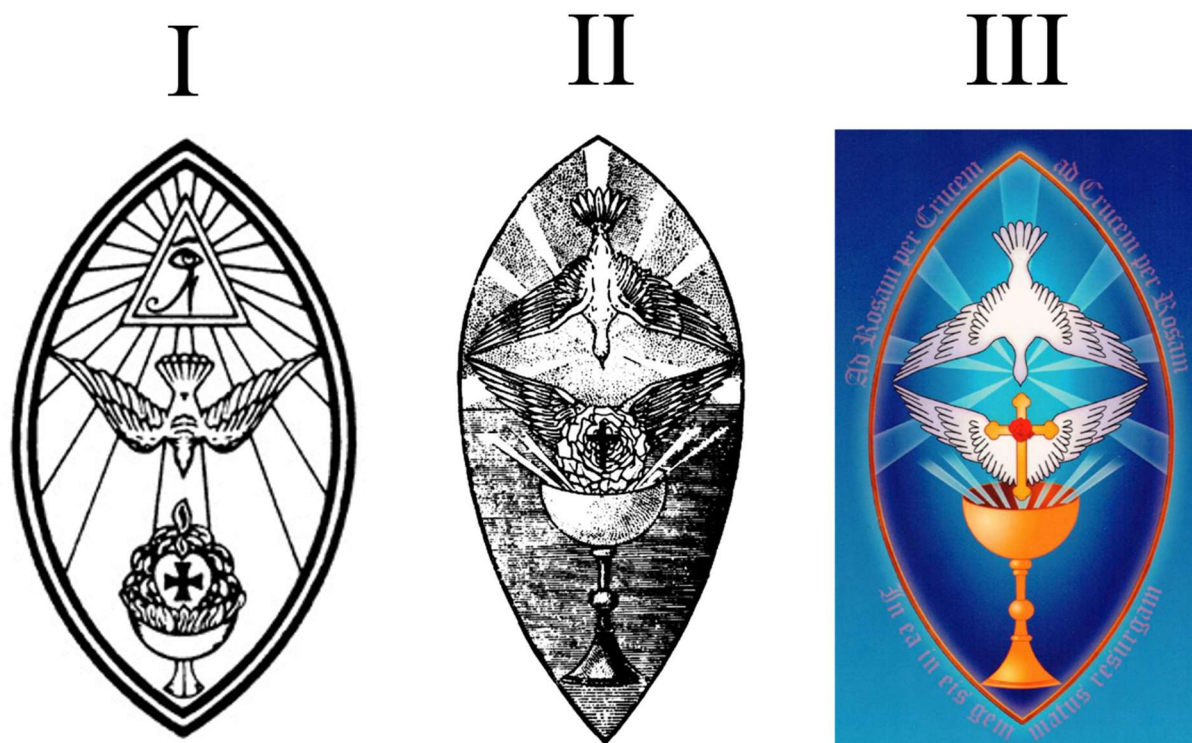
O neo-catarismo retomará os mesmos conceitos do catarismo original, que possui em seu capital simbólico elementos do dualismo e do gnosticismo²⁸⁶, é possível também encontrarmos quando nos debruçamos sobre a temática a aproximação do catarismo com elementos da saga do Graal, que fascinou diversas pessoas ao longo da história e manteve-se vivo por elementos dentro da estrutura simbólica do cristianismo – seja eucaristia católica, nas epopeias neopagã com toda sua arquetipologia e até numa inserção no gnosticismo.

A valoração da simbólica do Graal é de extrema importância para as mais diferentes expressões do simbolismo esotérico, diversas ordens – não somente as sobre influência do templarismo, irão utilizar este simbolismo e nesse ponto percebemos uma rede de relações imagéticas, onde movimentos rosacruzes distintos apropriam-se de emblemas de outros seguimentos. Por exemplo cálice e a pomba descendo sobre o cálice circundado por uma

²⁸⁶ Isso apenas num rápido olhar sobre o movimento, entendemos que suas relações extrapolam o espaço que temos aqui haja vista que o mesmo não é temática de nossos estudos.

mardola²⁸⁷, emblema da O.T.O. (Ordo Templi Orientis) de Theodor Reuss²⁸⁸ (1855 – 1923) e Franz Hartman²⁸⁹ (1838-1912). Abaixo reproduzimos a insígnia da O.T.O. o e em seguida a pro

Imagem 25 – Variações da mesma Insignia, I - Insígnia da O.T.O. Produzida por Aleister Crowley, II – Arte de Joséphin Péladan, e III – Emblema utilizado pela AMORC em diversos materiais.



Fontes: I - [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ordo_Templi_Orientis_\(insignia\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ordo_Templi_Orientis_(insignia).jpg) ; II - <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:FirstlamenOTO.jpg> e III - <https://br.pinterest.com/pin/166633254941859267/> Acessado em 17 de abril de 2022 às 22:54. Montagem realizada pelo autor.

A efervescência do século, no afã de resistir e de dar sentido a busca humana tornou-se o cenário ideal para surgimento das diferentes expressões do fenômeno rosacruz, a própria H. P. Blavatsky deixa um registro em recortes, encontrados por Henry Steel Olcott (1832 – 1907) e publicados posteriormente nas palavras de HPB:

²⁸⁷ Também conhecida como *Versica Piscis* (bexiga de peixe), de formado ovoide apresenta na arte e simbólica cristã, enquanto símbolo do feminino. Ver Louis Gross, 2006 – Formas e Números do Sagrado.

²⁸⁸ Albert Karl Theodor Reuss (1855 – 1923) era bispo neognóstico, ocultista tântrico anglo-alemão, maçom, suposto agente policial, jornalista, cantor e chefe do Ordo Templi Orientis, possuía relações com Harvey Spencer Lewys, que de acordo com Robert Valoo, 1996 – Le Rose-Croix du Nouveau Monde, a O.T.O. subscreverá a o 1º Manifesto Rosacruz Americano, depositado na biblioteca pública de Nova Iorque, com HSL ele trocará Cartas patentes e Graus, um capítulo que a AMORC não confirma posteriormente, mas que documentos escavados por historiadores demonstram o vínculo.

²⁸⁹ Escritor e teósofo alemão, que se dedicou ao estudo das obras de Paracelso, Jacob Boehme. Como discípulo de HPB tentou fundar um mosteiro teosofista na cidade de Kempten no estado da Baviera, Alemanha. Uma de suas obras mais relevantes é – Uma aventura entre os Rosacruzes, que versa sobre a existência de uma Mansão ou mosteiro onde os Invisíveis tem abrigo e morada, temática também desenvolvida por Raymond Bernard – já citado anteriormente, em dois de seus livros, *Mansões Secretas dos Rosacruzes* e *Encontros com o Insólito*.

“Quando eu morrer, talvez as pessoas deem o justo valor aos meus motivos desinteressados. Dei minha palavra de honra de que, enquanto vivesse, ajudaria as pessoas no caminho para a verdade – e mantereí minha palavra [...] Dia virá em que a posteridade me conhecerá melhor. Oh, pobre mundo, tolo, crédulo e corrompido! M. deu-me a tarefa de instituir uma sociedade – uma sociedade secreta como a loja dos rosa-cruzes. Ele prometeu-me ajudar-me H.P.B.” (HUIJS, 2015, p. 56)

Dentre os nomes que estão no cenário do esoterismo ocidental e em especial dos movimentos rosacruzes, Arthur Eduard Waite²⁹⁰ (1875 – 1942) possui certo destaque, na atualidade seu nome tem algum destaque “devido as cartas de tarô que Pamela Colman Smith desenhou sobre sua orientação em 1910” (HUIJS, 2015). Mas sua influência nos movimentos rosacruzes da primeira metade do século XX é crucial, além de escrever e popularizar temas como maçonaria, cabala, magia cerimonial, magia negra (via da mão esquerda)²⁹¹ e o próprio rosacrucianismo através de seu livro *The Real History of the Rosicrucians*²⁹² Cross, ingressa na The Hermetic Order of the Golden Dawn em 1891, em 1902 entra na SRIA, chegando a Grão e mudando o nome da SRIA para The Holy Order of the Golden Dawn, retirando-se da mesma em 1914. (HUIJS, 2015)

3.3.1 A Cruz áurea, hierarquias cristãs ou uma cristandade rosacruz

O desenvolvimento do rosacrucianismo na Holanda, se dar, como referimos acima no início de 1924, ano em que podemos marcar como início da gestação do Lectorium, um dos primeiros veículo de expansão foi uma revista publicada entre 1927 e 1928 – Het Rozekruis²⁹³. O grupo de interessados nestes primeiros anos, eram jovens que tinham a busca comum por elementos da ioga e outras temáticas orientalizante, na primeira metade do século as culturas exóticas para o ocidental moderno eram redescobertas e lidas por olhos ocidentais diversos e dispersos no outro.

Toda a estrutura da Fraternidade Rosacruz de Max Heindel fornecia, uma base cristão sólida, tanto aos irmãos Leenes como a outros membros da Holanda, mas, de acordo com Peter Huijs, faltava à Fraternidade de Heindel o acesso anos documentos e materiais dos rosacruzes dos séculos XVII, que por exemplo a obra de Waite cita e referencia, desta forma instigado por

²⁹⁰ Um fato importante é que Waite não era teósofo, mesmo sendo muito conhecido e respeitado nos meios Londrinos, mas seu amigo Georges Robert Mead importante teósofo do círculo interno de Blavatsky em cujo livro *Some Mystical Adventures*, foi publicado pela AMORC em português como – Algumas Reflexões místicas em 1982.

²⁹¹ Nome carregado de racismo e elementos discriminatórios, por isso substituímos por via da mão esquerda, como também é conhecida pelo Adeptos.

²⁹² A verdadeira história dos rosacruzes.

²⁹³ A Rosa-Cruz.

outro personagem marcante dentro da história do Lectorium, Cor Damme²⁹⁴. Os irmãos vão a Londres, em específico a Biblioteca do British Museum²⁹⁵, e lá tem acesso aos originais dos Manifestos Rosacruz – aqui enquanto pesquisador do fenômeno rosacruz, posso intuir o sentimento de euforia e alegria que invadiu os irmãos Leenes.

A visão dos Manifestos Rosacruz do século XVII, soa de forma profunda e marcante nestes irmãos, pois toda a estrutura simbólica por traz dos primeiros escritos rosacruz são de vinculação cristã, de um novo entendimento da ciência, do homem e da própria criação, as vivências espirituais do cristianismo esotérico, que é um elemento central na Fraternidade Rosacruz, é aqui exponenciada pois nos Manifestos encontra-se evocações da Casa do *Sancti Spiritus*. Com acesso aos originais outros dados vão somar-se ao conhecimento dos fundadores do Lectorium, como a influência dos escritos de Johann Valentim Andreae, Christoph Besold (1577 – 1638) e Tobias Hess²⁹⁶ (1568 – 1614), após a descoberta dos Manifestos é realizada uma edição mimeografada dos mesmos – *Fama, Confessio e as Núpcias Alquímicas*, e publicada em Amsterdam em 1937, sobre o título de *Het geestelijk testament der Orde van het Rozekruis*²⁹⁷ Um dado importante, é que nas edições das Núpcias Alquímicas contemporâneas – as editadas pela AMORC e as editadas pelo Lectorium, as que foram editadas por últimos possuem uma página que se encontra ausentes na edição da primeira, não sabemos se por descuido ou desconhecimento.²⁹⁸

Rijckenborg em um discurso que data de 1945, quando do retorno das atividades na Holanda, retoma que o movimento rosacruz, o qual ele é um dos fundadores está vinculada aos ecos da conclamação a uma reforme universal – aludida no Fama, e que rosacruz, teósofos, antropófosos e sufis, estão vinculados por uma longa busca de conduzir os homens a um nível espiritual em que a harmonia paire entre todos os seres.

Com o acessos ao textos originais surgem a necessidade de uma entidade que permita o intercâmbio entre as diferentes expressões do ramo do rosacrucianismo, vinculado a Fraternidade, após o falecimento de Max Heindel em 1919, a Fraternidade Rosacruz ver-se diante de uma tensão, se por um lado a esposa de Max Heindel detém os direitos autorais do

²⁹⁴ Personagem de extrema importância nos primeiros anos do Lectorium e que desempenhou importante papel nos acampamentos de verão realizados no Haarlem. Astrólogo e ilustrador, irá imigrar para o Brasil, depois indo para Las Vegas e para Califórnia, onde se torna antiquário e negociante de arte asiática. (HUIJS, 2015, p. 98-100)

²⁹⁵ Local citado por Waite, onde o mesmo teve acesso aos primeiros escritos rosacruz – o três Manifestos do século XVII.

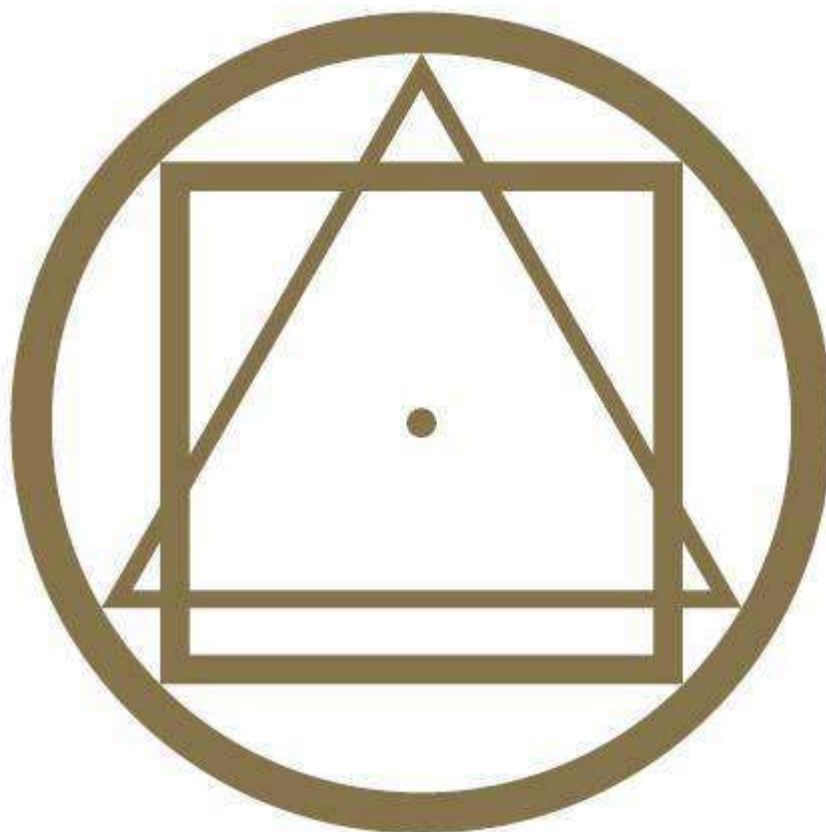
²⁹⁶ Jurista, alquimista e médico paracelsista, ao redor do qual reuniam-se Johann Valentim Andreae e Christoph Besold e outros jovens pensadores. Historiadores tais como: Tobias Churton, Carlos Gilly e Roland Edighoffer entendem que círculo ao redor deste personagem foi o responsável pelo dois primeiros Manifestos, e ficou conhecido como Círculo de Tübingen.

²⁹⁷ O testamento espiritual da Ordem da Rosa-Cruz.

²⁹⁸ Em específico a descrição da cena em que o pássaro alquímico é sacrificado e trazido de volta a vida.

marido e por outro existia um Conselho Curador responsável pelos assuntos da Fraternidade, provavelmente a falta de entendimento entre os rosacruzes de Oceanside e os do Haarlem levou a ramo holandês tornar-se independente. Já em 1935 os livros editados pelo grupo holandês deixam de ostentar a logo da Fraternidade, no lugar é colocado o símbolo de mercúrio. (HUIJS, 2015)

Imagem 26 - Logo do Lectorium Rosacrucianum



Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/c7/New_symbol_Lectorium_Rosicrucianum.jpg
Acessado em 18 de abril de 2022 às 01:42.

O Lectorium inicia um processo de auto aperfeiçoamento do humano, infundindo em seus membros, o que optaram por seguir os preceitos dos fundadores de forma mais presente, praticando além da cura e apoio aos necessitados, uma postura de vida que condiz com a proposta de um “Novo Homem”, para parafrasear um conceito de Louis-Claude de Saint Martin. No período anterior a Segunda Guerra os associados eram divididos em cinco graus.

1. *Neófito*²⁹⁹;

²⁹⁹ Que deveria passar por um curso interno para progredir de grau.

2. Os *noviços* comprometiam-se a seguir uma dieta vegetariana, não fumar e não usar álcool, assim como assistir aos cursos e serviços templários regularmente;
3. O *nuntius* (núncio) entreva nos graus interiores;
4. O *magister* (mestre) recebia uma missão individual; e,
5. Os *fratres* (irmãos) formavam um grupo separado (hierarquia) com tarefas específicas. (HUIJS, 2015, p. 130)

O período de guerra marca uma ferrenha perseguição a todas as sociedades secretas, a maçonaria e todas as formas rosacrucianismo passar a ser proibidas nos territórios ocupados, o Templo do Lectorium é saqueado e ateado fogo mesmo, neste período as atividades ocorrem de modo velado em Haarlem e em Haia. Diversos mestres e representantes (de ordens iniciáticas) são presos pela Gestapo, o próprio Rijckenborgh é preso em 1941, Cor Damme viaja para Amsterdam, mas não consegue visitar o amigo, através de articulação da Sra. E. Roland-Retera Rijckenborgh é solto.

É no período pós guerra que há uma consolidação dos conceitos inerentes e que estão em adaptação e/ou construção desde 1924, quando dos primeiros contatos com a Fraternidade de Heindel, passando pela vivência neocátara de Gadal e absolvendo a o gnosticismo, a antroposofia e de certa a filosofia perene que permeia todo o ambiente ocidental.

O Lectorium Rosicrucianum tomou seu nome da designação clássica Rosa-cruz ou Cristão Rosa-Cruz.

O Lectorium Rosicrucianum sustenta o ponto de vista de que esse nome não pertenceu a ninguém que realmente tenha existido, mas refere-se a determinada orientação espiritual.

Denominam-se “**rosa-cruzes**” para indicar que desejamos fazer de **Jesus Cristo**³⁰⁰ um fator vivo em nossa vida e percorrer seu caminho na prática.

Por essa razão utilizamos o prenome “Cristão”.

A senda de Cristo é uma via *dolorosa*: é um caminho, um método, uma atitude de vida, uma disposição religiosa voltada para realizar o trabalho da rosa.

A rosa é o princípio latente adormecido em cada ser humano. É com base nela que a afiliação divina pode realizar-se. Esse princípio encontra-se no *coração* do ser humano.

[...]

O objetivo da **comunidade religiosa**³⁰¹ do Lectorium Rosicrucianum é a restauração e a revivificação do **templo tríptico de Deus**³⁰². Esse existia no passado primordial, manifestando-se a toda a humanidade e colocando-se a seu serviço.

Esse templo tríptico trouxe à humanidade a religião real e sacerdotal.

³⁰⁰ Encontramos uma aproximação semelhante contida no 18º do REAA, nomeado de Soberano Príncipe Rosa-Cruz, onde toda a simbólica traz à tona o simbolismo de Jesus Cristo, entendido como a rosa que floresce na cruz, onde temos o adágio da Fraternidade de Max Heindel – *que suas rosas floresçam*. Sobre o REAA sugerimos a consulta ao livro Trolhamento dos 33 Graus do Rito Escocês antigo e Aceite, organizado por Miguel Rozas, 2012.

³⁰¹ O Lectorium, assim como a Fraternidade de Max Heindel define-se como uma comunidade religiosa, e da verdadeira religião cristã, semelhante a propositura de Emanuel Swendenborg (1688 – 1772).

³⁰² Karl von Eckartshausen (1752 – 1803), desenvolverá dois conceitos principais a ideia de uma Igreja tríptica e de uma Igreja interior, presente na igreja na igreja visível, mas acessível somente aos buscadores sinceros.

Ao longo da História, muitos tem tentado construir. Vivificar e manter essa ligação tríplice entre a natureza da morte e natureza da divina original. **A ultima vez foi há 700 anos**³⁰³. No entanto, repetidamente essas atividades foram frustradas e com frequência banhadas em sangue por diversos adversários da restauração definitiva da humanidade.

[...]

O Lectorium Rosicrucianum é o começo dessa festa da vitória.

Em primeiro lugar, porque ele traz para a humanidade uma comunidade de almas que busca orientar-se pelos ensinamentos originais da **Doutrina Universal**³⁰⁴. Essa comunidade está sempre protegida e cercada por um poderoso e penetrante campo de força. Assim, a luz, a vida e o futuro da senda da libertação podem ser percebidos claramente por todos os que pertencem a essa comunidade.

Em segundo lugar, porque, por trás dessa comunidade do átrio, há a Escola de Mistérios do Lectorium Rosicrucianum, da qual participam todos os que realmente decidiram percorrer a senda para libertar-se das amarras que os predem à roda do nascimento e da morte. O mesmo campo de radiação ou corpo-vivo apoia plenamente todos os alunos sérios e esforçados que percorrem a senda.

Desse modo, nenhum aluno realmente decidido falhará.

Em terceiro lugar, porque, por trás da Escola de Mistérios, existe a **Comunidade dos Graus Interiores, a corrente universal de todas as fraternidades gnósticas precedentes, que acolhe todos os peregrinos a caminho da vida libertadora e lhes dá as boas-vindas no reino da imortalidade e da ressurreição!**

Com essa declaração, o Lectorium Rosicrucianum tem a intenção de afirmar sua missão de forma muito clara, e despertar em todos os interessados que buscam a realização da vida a decisão de realmente trilhar a senda da elevação da alma³⁰⁵.

21 de dezembro de 1960.

J. van Rijckenborgh e Catharose de Petri
(HUIJS, 2015, p. 218-220)

A declaração acima, datando dos anos 60, marcaria um terceiro momento vivenciado pelo Lectorium³⁰⁶, que podemos nomear de gnose hermética cristã, marcada de forma definitiva pelo neocatarismo que ganha força, na descoberta de Nag Hammadi, durante o período da guerra uma obra é gestada por Rijckenborgh - *Dei Gloria Intacta*, de acordo com Peter Huijs, este texto “possui uma força evangelizadora mágica”, aqui o Lectorium dar início ao seu real proposito, o de se tornar uma Escola espiritual para a humanidade. Ainda por volta dos anos 50 os temas abordados no *Dei Gloria Intacta*, continuam sendo desenvolvidos de forma coletivo por Rijckenborgh e seus alunos, o que produzirá uma ampla produção sobre os temas contidos e condensados na declaração acima.

Depois da morte dos fundadores do Lectorium, a diretoria da Escola promoverá uma expansão, tonando este um movimento de força internacional, com mais de quinze mil membros espalhados por diversos países. Os membros devem seguir uma vida regrada, além do apoio nos templos – cura espiritual, orientação sobre a filosofia rosacruz do Lectorium e a

³⁰³ Em 1244 termina a “cruzada albigense”, cujo objetivo era acabar com a dita heresia cátara, ao termino dela aproximadamente 200 cátaros tinham sido assassinados pelos cruzados, tendo sua última batalha na fortaleza de Montsegur.

³⁰⁴ A religião cristã gnóstica.

³⁰⁵ Grifos e destaques nossos.

³⁰⁶ O primeiro é a tutela da Fraternidade Rosacruz, o segundo é o contato com os originais dos Manifestos e com interdição por causa da Segunda Guerra.

formação na tradição e na cultura da Rosacruz Áurea, dos são exigidos à prática da vida saudável, que se abstenham de álcool e drogas, rejeite todas as práticas ocultas e qualquer forma de comunicação com os mortos, e fique atento aos perigos de serem indevidamente influenciados pelos meios de comunicação (em particular pela televisão).

Nos textos do Lectorium percebemos os bem como seus esforços para reconciliar seus ensinamentos com aqueles dos primeiros escritos rosacruzes do século. Nisso as vertentes culturais deste movimento apresentam-se como uma grande ajuda, os mesmos detêm um amplo acervo dos primeiros escritos rosacruzes, dos materiais desenvolvidos por pensadores do fenômeno rosacruz dos séculos XVIII³⁰⁷ e XIX, além de uma gama de reflexões sobre a cultura rosacruz – conforme entendida por J.V. Rijckenborgh e Catharose de Petri, a isto soma-se a estudo e desenvolvimentos do neocatarismo, recordando que eles afirmam serem os guardiões dos antigos mistérios cristãos.

3.4 OUTRAS PÉTALAS DA ROSA

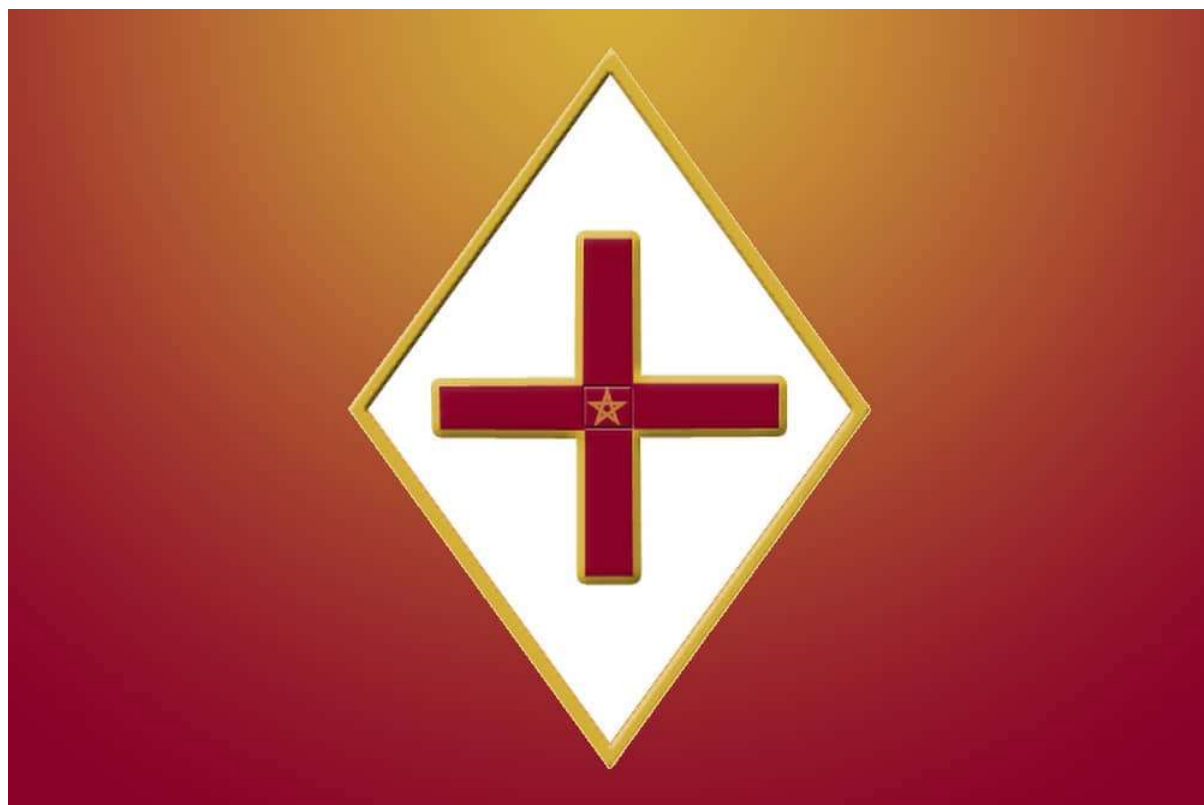
O fenômeno rosacruz é difuso e apresentado nos mais diferentes seguimentos do esoterismo ocidental, desde o surgimento dos manifestos uma plêiade de pensadores e personalidades se debruçaram sobre sua simbólica e sobre os elementos constitutivos do fenômeno rosacruz, o reflexo da apresentação multiforme do fenômeno apresenta-nos os mais variados movimentos e textos que enriquecem as constelações do rosacrucianismo, constelação que mantém relação com diversas outras constelações simbólicas³⁰⁸ do esoterismo ocidental enquanto basilares da consciência ocidental.

Já citamos anteriormente a SRIA que foi estabelecida em Londres em 1865-1866 por Robert Wentworth Little (1840-1878), um oficial dentro da Maçonaria Inglesa. Esta sociedade, por sua vez, gerou dois descendentes americanos, a Societas Rosicruciana em *Civitatibus Foederatis* e a Societas Rosicruciana na América (ambas ainda em atividade, dentro e fora dos EUA).

³⁰⁷ Sobre o fenômeno rosacruz nestes períodos ver, AMORIM, 2016; EDIGHOFFER, 1998; MCINTOSH, 1992; AKERMAN, 1998; VALOO, 2001; GILLY, 2002.

³⁰⁸ O conceito de Constelação simbólica é possível encontrar na TGI de Gilbert Durand.

Imagem 27 - Logo da S.R.I.A.



Fonte: <https://freemasonrymatters.co.uk/sria/societas-rosicruciana-in-anglia-an-introduction-sria/>

Acesso em: 15 de setembro de 2021. Às 10:30.

Imagem 28 - Logo da Societas Rosacruciana in Canadá – Fundada 1876

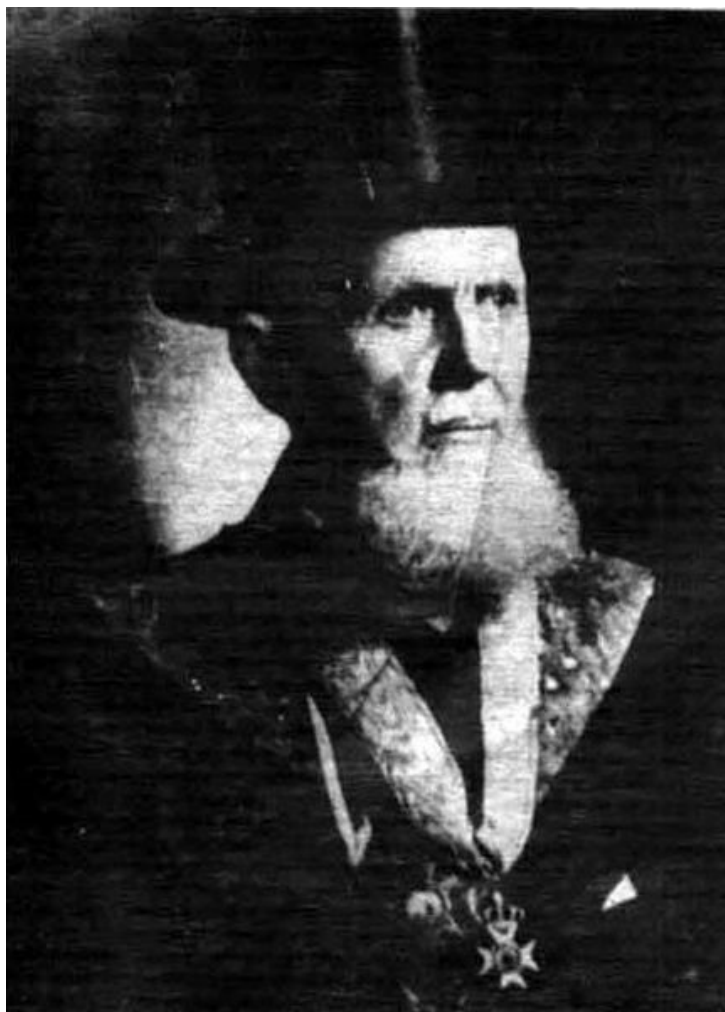


Fonte: <https://rosicrucians.ca/> Acessado em 10 de janeiro de 2020. Às 9h.

Em 1920, o médico alemão Arnoldo Krumm-Heller (1879-1949), funda na América Latina uma fraternidade rosacruz – a *Fraternitas Rosicruciana Antiqua* (FRA), Krumm-Heller manteve contato próximo durante algum com o ocultista inglês Aleister Crowley (1875-1947),

personagem rodeado de controvérsias sobre suas práticas e as ordens que o mesmo funda. A estrutura da FRA, possui tema recolhidos da maçonaria³⁰⁹, da teosofia de Blavatsky assim como conceitos de magia sexual derivados de diferentes sistemas, ocidentais e orientais. Quando jovem se filiou a O.T.O., sendo contemporâneo de Theodor Reuss e HSL, trazendo conceitos do gnosticismo (ou neognosticismo) para sua ordem.

Imagem 29 - Foto de Dr. Henrich Arnold Krumm Heller



Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Dr._Henrich_Arnold_Krumm_Heller.jpg Acessado em 21 de abril de 2022 às 23:17.

³⁰⁹ A filiação maçônica de Krumm-Heller deve-se ao Rito Mênphis-Misraim, difundido por Theodor Reuss, este rito composto por dois ritos – o Rito de Mênfis constituído em Montauban em França em 1815, por Franco-Maçons que em 1799 haviam participado com Napoleão Bonaparte na Missão do Egito, este rito de forte influência simbólica gnóstica-hermética e no Líbano entraram em com a Maçonaria drusa, a mesma encontrada por Gérard de Nerval, remontando assim à Maçonaria "operativa" que acompanha os seus protetores, os Templários. E o Rito de Misraim, fundado em Veneza em 1788, por Cagliostro, que dirigiu com os Graus Menores da Grande Loja de Inglaterra e os Altos Graus da Maçonaria Templária Alemã. O Rito Mênphis-Misraim manterá essa duas cargas de valorização simbólica.

Krumm-Heller empreende várias viagens ao Chile, Peru e México, neste último ele manterá contato com curandeiro, é na sua passagem pelo Peru que irá assumir o nome iniciático Huiracocha³¹⁰ – pelo qual ficará conhecido em diversos meios esotéricos. Dedicou-se ao estudo das obras de HPB, Louis Claude de Saint-Martin, Gerard Encausse (Papus) e Eliphas Levi, chega e faz alguns cursos ministrados por Papus em Paris, quando cursava medicina naquela cidade, esses contatos além do que irá manter com o teosofista Franz Hartman le propiciará divulgar tanto a Ordem Martinista, quanto a teosofia e maçonaria de Memphis-Misraim, estruturando lojas e grupos pela América do Sul.

Um parêntese aqui faz-se necessário, a magia sexual irá marcar alguns dos movimentos rosacruzes nascentes entre finais do século XIX e os primeiros anos do século XX, em especial as influências do misticismo sexual³¹¹ americano de Paschal Beverly Randolph (1825 – 1875), que influenciará o movimento rosacruz de Reuben Swinburne Clymer – FRC, a quem a FRA irá filiar-se pouco antes do falecimento de Krumm-Heller, neste momento a FRA afasta-se por completo da influência da AMORC e da O.T.O., trilhando um caminho próprio no misticismo rosacruz.

O movimento de Krumm-Heller chega ao Brasil nos anos 30, como o apoio do italiano Giuseppe Cagliostro Cambareri, que fundará na cidade de São Paulo e, 1933 a Augusta Fraternidade Branca Rosacruz Antiga, ocorrendo a mudança da sede para o Rio de Janeiro ainda neste ano. No Rio a direção da ordem fica sobre a responsabilidade de Joaquim Soares de Oliveira, que assumi o nome iniciático Thurizar, como o título de Soberano Comendador da FRA no Brasil, sendo substituído por Durval Ernani de Paula – Coaraccyporã, e Dr. Alair P. de Carvalho³¹², Tonapa, o atual comendador.

³¹⁰ Viracocha, Wiracocha ou Huiracocha (em quíchua: *Apu Kun Tiqsi Wiraqutra*) é a divindade invisível, criadora de toda a cosmovisão inca, considerado como o esplendor original, o Senhor, Mestre do Mundo, sendo o primeiro deus dos antigos tiahuanacos, que provinham do lago Titicaca, de cujas águas teria surgido (senão da caverna de Pacaritambo, conforme outras versões), criando então o céu e a terra, pelo que é intimamente associado ao mar. É o arquétipo da ordem do universo no ser humano. Divindade andrógina criada por si mesma, representava a dualidade da criação, imortal, introduzida durante a expansão Wari-Tiwanaco, é a deidade principal, criadora do Universo e tudo que nele existe: a terra, o sol, os seres humanos, as plantas, adotando distintas formas, e se acreditava que ele estava em toda parte. É uma entidade que representa em si próprio a potência masculina e feminina. O culto ao deus criador supõe um conceito que abrange o abstrato e o intelectual, e era destinado apenas à nobreza.

³¹¹ Sobre esta temática sugerimos a leitura da obra do Professor e chefe do Departamento de Estudos Religiosos da Faculdade de Artes e Letras da Michigan State University, Arthur Versluis – *The secret history of western sexual mysticism: sacred practices and spiritual marriage*, publicado em português pela editora Madras, em 2019, sobre o título: A história secreta do misticismo sexual no ocidente – práticas sagradas e casamento espiritual.

³¹² Em continuidade, no dia 14 de julho de 2005, foi empossado como Soberano Comendador da Fraternitas Rosicruciana Antiqua (FRA) e Patriarca da Ecclesia Gnóstica do Brasil (EGB), médico, doutor Alair Pereira de Carvalho (Arcebispo Tonapa) - Patriarca Tonapa (consagrado em 25 de setembro de 2005): com a precípua missão de servir à Tradição Huiracocha. https://www.fra.org.br/a_%20fra_%20no_brasil.php

Em março de 1940 muda seu nome para *Fraternitas Rosacruciana Antiqua*, com a Segunda Guerra assolando a Europa, e as diversas perseguições aos movimentos iniciáticos, esta perde sua sede alemã, e com o afastamento da FRA da influência da AMORC, há uma aproximação da FUDOFISI de Clymer e companhia, o que coloca tensões nas relações com a ordem de HSL. A aproximação entre a FRA e a FRC ocorrerá após o falecimento de Krumm-Heller e como relata seu amigo mais próximo, esta foi uma determinação do próprio, visando que a FRA pudesse desenvolver suas atividades de forma autônoma e livre das interferências de outras vertentes do fenômeno rosacruz contemporâneo.

Imagem 30 - Emblema da Fraternitas Rosacruciana Antiqua



Fonte: https://www.fra.org.br/a_%20fra_%20no_brasil.php Acessado em 22 de abril de 2022 às 0h.

A FRA terá influência preponderante na formação do Movimento Gnóstico e na fundação da Igreja Gnóstica fundada em 1950 no México por Samael Aun Weor³¹³ – nome iniciático de Víctor Manuel Gómez Rodríguez (1917-1977), discípulo de Krumm-Heller membro colombiano da FRA. A FRA é a responsável pela Ecclesia Gnóstica do Brasil (EGB) e suas atividades processam-se de forma religiosa, os títulos derivando de título da própria religião cristã – bispo, patriarca. Em sua página podemos encontrar algumas das liturgias utilizadas, além de fotos das atividades internas a FRA, compõem parte dos dogmas – casamentos, batizados e benções aos membros da Ecclesia (igreja).

O movimento rosacruz da FRA é uma Igreja Gnóstica, toda a sua estrutura é formatada de forma a proporcionar aos seus membros uma formação gnóstica que vão desde a participação de missas, a celebrações de casamentos e batizados. Estes sacramentos são

³¹³ Sugerimos a leitura da Dissertação de mestrado de Marcelo Leandro De Campos – *Esoterismo, Modernidade e Secularização: A Gnose De Samael Aun Weor*, do PPGCR da PUC – Campinas defendida em 2015.

fornecidos de forma gratuita, não havendo remuneração para seus oficiantes. Ainda sobre a liturgia, podemos encontrar no site da FRA as seguintes informações sobre suas missas:

Em parte do Credo cristão, de acordo com o ritual da missa na Ecclesia Gnóstica do Brasil (EGB), o Oficiante pronuncia a confissão:

Creio na Unidade de Deus. Creio no Pai, como entidade impessoal, inefável, não revelada, que ninguém viu, mas cuja Força, Potência Criadora, foi e é plasmada no ritmo perene do Céu e da Terra. Creio no Filho, como Tesouro de Luz, Chrestos manifestado em Jesus. Creio na transmutação do pão material em Substância espiritual. Conheço e reconheço a Essencialidade Cristônica da Vida, concebida como um todo, sem fim cronológico, que abarca uma órbita fora do Tempo e do Espaço".

Também, no ritual da missa gnóstica, o Oficiante suplica:

"Senhor! Bendize-nos e alenta os átomos construtores do corpo humano, pois conheço o sagrado mistério da crucificação do espírito na matéria crucificação dada ao mundo para tornar infinitas as coisas anteriormente limitadas, e unir, em santa fraternidade, todas as criaturas de puro e nobre coração, a fim de alcançarem a Luz...

Ainda, no ritual da missa gnóstica, o Oficiante profere:

"Benditos sejam os que viveram antes de nós... os que estão conosco... e os que virão depois"...

Assim seja... Amém. (https://www.fra.org.br/a_%20fra_%20no_brasil.php) Acessado em 22 de abril de 2022 às 01:44.

Imagem 31 - Logo da EGB



Fonte: https://www.fra.org.br/a_%20fra_%20no_brasil.php Acessado em 22 de abril de 2022 às 02h.

Na definição de suas finalidades a FRA se define como:

A Fratemitas Rosicruciana Antiqua (FRA) é uma instituição Rosa-Cruz, espiritualista, mística, e religiosa. A FRA não tem fins lucrativos nem políticos, vive financeiramente com a contribuição de seus membros, mas sustentada em todos os planos por mentes e corações altruístas e puros. Visamos a "**Servir à Grande Obra**", orientar os que aspiram a um abrigo de Paz e a irradiar Pensamentos de Luz, para dissipar as "trevas", a fim de iluminar o Caminho Correto, sempre tentando facilitar aos que buscam o Reino dos Céus.

Os membros da FRA se reúnem periodicamente com a finalidade de estudar, participar de rituais e confraternizar entre os irmãos. Mantemos um Curso para candidatos aspirantes denominado Aula Fundamental Cambareri³¹⁴, com a duração aproximada de um ano. O candidato terá direito a frequentar estas aulas, se assim o desejar, pelo tempo que mais lhe convenha, antes de assumir o compromisso de tomar-se Membro da FRA.

³¹⁴ Nome do italiano responsável pela inserção da FRA no Brasil.

Na **Aula Fundamental**, o candidato poderá participar de aulas práticas (individuais e coletivas), tais como Meditação, Visualização Criativa, entre outras, alternadas com palestras, rituais e serviço de cura com terapêutica reikiana, e, só então, o candidato, ciente pelos princípios, métodos de instrução e práticas poderá ser convidado a submeter-se ao Ritual de Iniciação, dando início então à sua admissão ao Círculo interno, no 1º Grau R+C³¹⁵. (<https://www.fra.org.br/livreto-finalidades.php>) Acessado em 22 de abril de 2022 às 01:21.

Após o falecimento de Krumm-Heller, além da desvinculação da FRC, houve vários cismas dentro da FRA, fragmentando em diversos outros movimentos gnósticos, sendo o de Samael Aun Weor um dos mais expressivos e o com maior adeptos no mundo. Em João Pessoa - <https://gnosisbrasil.com/locais/pb/>, temos ativo um ramo do Instituto Gnosis Brasil, que propaga a doutrina e os ensinamentos de Samael além de outros pesadores desta linha gnóstica.

Não existe grupos vinculados a FRA na Paraíba, membros provavelmente sim, enquanto instituição física o mais próximo fica na cidade do Recife – Triângulo Místico³¹⁶, este formato é normalmente destinado as primeiras atividades de divulgação e reunião dos membros da FRA, havendo atividades da Ecclesia mediante os sacramentos citados acima.

Imagem 32 - Missa Gnóstica



Fonte: https://www.fra.org.br/a_%20fra_%20no_brasil.php Acessado em 22 de abril de 2022 às 03h.

³¹⁵ Grifo da própria fonte.

³¹⁶ Triângulo R + C Thurizar II, mais informações acessar: <https://www.fra.org.br/filiadas.php>

A indumentária da Ecclesia Gnóstica, com seus tocados lembra a influência que a Golden Dawn terá na FRA, assim como também estendeu sua influência na AMORC, que apesar de toda as reformulações que passou aos longos dos anos – a maior reformulação ocorre quando Cristian Bernard assume em 1991. A semelhança entre a veste da Columba Rosacruz da AMORC e a do Bispo da Ecclesia, e as vestes ritualísticas da Golden Dawn são deixam dúvidas da influência de um movimento sobre o outro, numa adaptação e reapropriação simbólica marcante.

3.4.1 Neo-rosacrucianismos: contornos de uma fé secularizada

Nenhuma instituição se reconhecerá enquanto neo-rosacruz, ou a expressão de uma forma do movimento rosacruz contemporâneo, as mais diferentes correntes do fenômeno rosacruz identificam-se como detentoras de uma longa linhagem da Tradição Primordial, datando do século XVII – na publicação dos Manifestos, nas Escolas de Mistérios Egípcias nos salões da Maçonaria Especulativa ou nos diferentes afluentes simbólicos que ocorrem ao Esoterismo Ocidental – cabala, hermetismo, catarismo, alquimia, teosofia³¹⁷, martinismo, ocultismo, magia e misticismo.

O fato é que os Movimentos Rosacruzes contemporâneos possuem características próprias, que tanto os diferem uns dos outros, quanto da estrutura ideária da proposta dos Manifestos suas formulações atendem ao anseio básico da contemporaneidade – a de adaptar-se e fornecer um quadro de significados para o homem em constante inflação simbólica. Se o final do século XIX presencia a confluência de elementos simbólicos que desembocarão nas diferentes vertentes do rosacrucianismo, o século XX marcará novos horizontes no que tange ao esoterismo das diferentes formulações rosacruzes, neste cenário grupos e movimentos – organizados ou não, vão se retroalimentando de modo a definir suas cosmogonias e seu ethos.

Pensando na linhagem de influências, podemos encontrar duas outras ordens que possuem em seu DNA as pétalas do fenômeno rosacruz, a Ordem Hermética da Golden Dawn, esta terá grande influencia no esoterismo contemporâneo, tanto na ampla carga simbólica de seus materiais, quanto nos aspectos ritualísticos, e midiáticos das mesmas. Esta ordem coloca-se como elã entre elementos, tais como: magia cerimonial, teurgia, ocultismo dito prático, egipcismo, escrita mágica etc.

³¹⁷ Aqui encaixa-se tanto a teosofia de HPB como a teosofia cristã de Jacob Boehme.

Imagem 33 - Aleister Crowley, Golden Dawn. Paramentado



Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Aleister_Crowley_as_Osiris.png Acessado dia 20 de abril de 2022 às 10h.

Edward Alexander Crowley (1875 – 1947) ou Aleister Crowley como ficou conhecido nos meios ocultistas ingleses, será um dos personagens que terá uma passagem meteórica pelo cenário do esoterismo mundial, dentre suas contribuições para o EO está na estrutura

dogmática que ele nomeará de Thelema³¹⁸, este conceito de vontade ganhará notoriedade no Brasil através da musica de Raul Seixas, Sociedade Alternativa de 1974. Os meios da cultura pop, como já enfatizado estão vinculados aos processos de desenvolvimento do esoterismo ocidental, muitas das vezes o influenciando e produzindo novas formas de saber.

Conforme já colocamos anteriormente a influencia da Golden Dawn se fará sentir nos principais movimentos rosacruzes do século XX – AMORC, FRC, FRA, Fellowship, ou em movimentos que possuem parte da simbólica rosacruz em seu DNA, O.T.O., Astrum Argentum³¹⁹ (A.A.). Um desses exemplos é que mais tarde dará os frutos, pela dissidência de Paul Foster Case³²⁰ (1884-1954) dos *Builders of the Adytum* (BOTA).

Imagem 34 - Logomarca da B.O.T.A.



Fonte: <https://www.bota.org/>

O B.O.T.A. se define como uma “organização religiosa dedicada à sintonização espiritual através do estudo, prática e adoração na Tradição dos Mistérios Ocidentais”. Possuindo nos EUA vários templos, além de difundir sua filosofia através da internet com a venda de cartazes, apresentação de palestras públicas, e cursos presenciais. Pode-se uma encontrar em site de vendas on-line – como a *Amazon* por exemplo, material de divulgação do B.O.T.A., O tarot desenvolvido de acordo com os valores simbólicos do grupo.

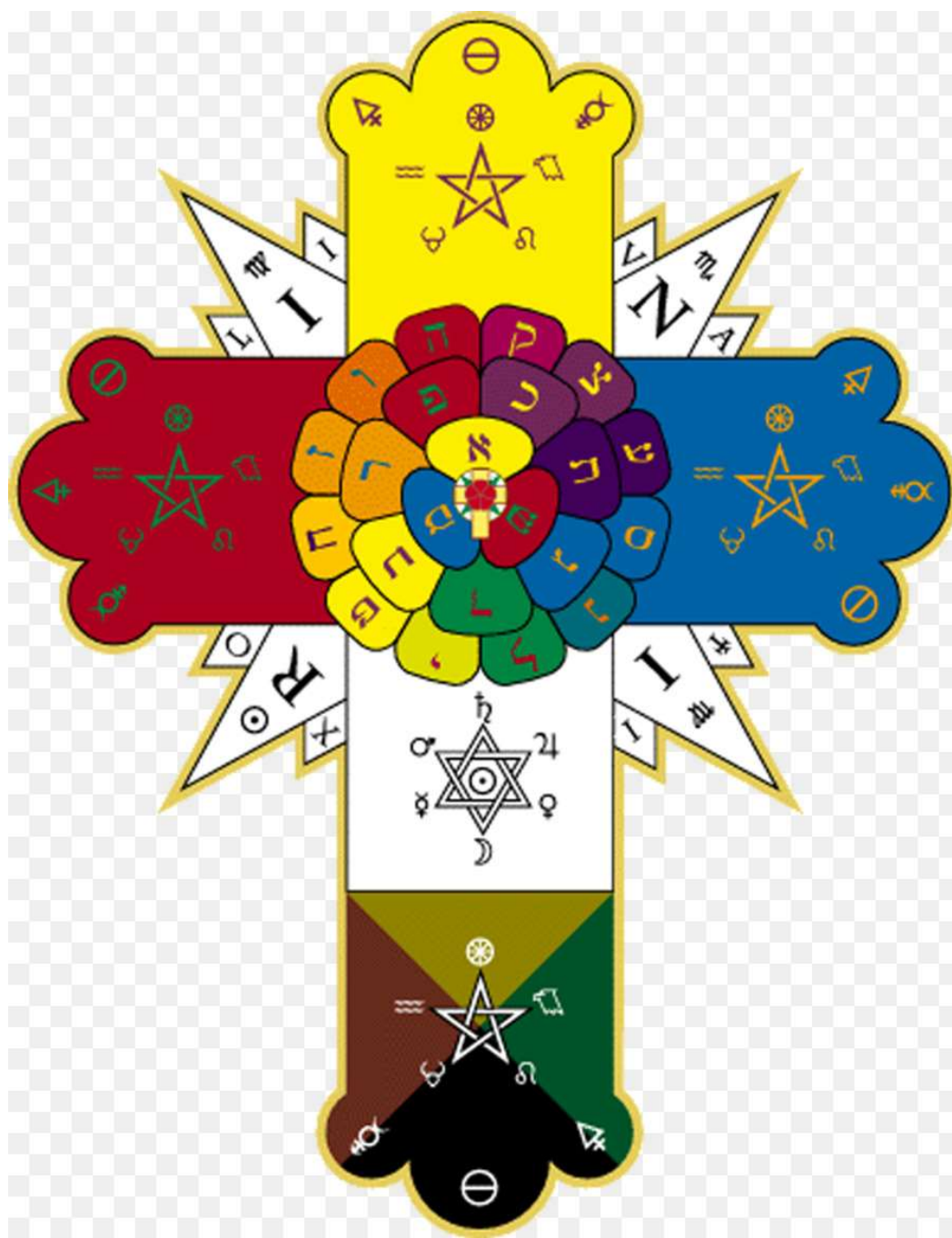
³¹⁸ A palavra *thelema* é o inglês transliteração do substantivo grego Coinê θέλημα (pronunciado em grego: [thé-lima]) "vontade", a partir do verbo θέλω "a vontade, o desejo, o querer ou de propósito". Como Crowley desenvolveu a religião, ele escreveu amplamente sobre o tema, bem como produziu mais materiais "inspirados", que ele coletivamente denominou Os Livros sagrados de Thelema.

³¹⁹ Ordem ocultista e religiosa, que baseia sua filosofia nos princípios estabelecido por Crowley, na ideia de Thelema, que em resumo baseia sua orientação mito-simbólica na vontade do indivíduo.

³²⁰ Ocultista americano que nos anos 20 teve grane relevância na produção de textos sobre tarô e cabala, além de produzir material de estudo para os membros do B.O.T.A.

No âmbito da simbólica, em específico nas apropriações imagéticas, a AMORC será a expressão do rosacrucianismo que terá a maior facilidade de absolver a simbólica de outros movimentos esotéricos e inseri-lo em seu capital imagético e suas constelações simbólicas, pois além do emblema emprestado O.T.O., já reproduzido aqui, percebemos que a conhecida cruz hermética rosacruz é por exemplo um dos elos, dentre vários, que vincula a AMORC à Golden Dawn.

Imagem 35 - Cruz Hermética Rosacruz



Fonte: <https://www.gratispng.com/png-yl53hh/> Acessado em 22 de abril de 2022 às 11:54

Esta cruz será apropriada por diferentes seguimentos do rosacrucianismo, aproximando discursos que podem soar antagônicos – magia sexual e alquimia espiritual por exemplo, criando uma teia de significados que torna relevante as ilações entre os diferentes imaginários do fenômeno rosacruz

O *Imaginário Rosacruz*, composto pelas confluências simbólicas da conjuntura filosófica, religiosa e esotérica da Alemanha do século XVII, recorre ao recipiente onde se processa a transmutação necessária para o nivelamento simbólico entre a história e o que entendemos por *hierohistória*. O homem constitui-se numa lógica que possui como base o simbólico, campo de interação onde as aproximações hermenêuticas partem de elementos que se encontram *suspensos no real* (JAMBET, 2006, p. 17). Nessa perspectiva, a consciência do tempo instaura-se na relação entre a temporalidade real e a idealizada, entre uma apreensão simbólica da rosa – enquanto ideal – e da cruz; um real social, *pilone* dos universos simbólicos.

As múltiplas variações do mesmo símbolo terão um elemento central nas constelações imagéticas do esoterismo ocidental a pregnância simbólica da rosa e da cruz, em nosso ocidente, cuja carga de simbolismo cristão se faz sentir de forma cotidiana é o espaço propício para o surgimento de simbolismos que tragam a tona, as evocações do ideário religioso e alicerçante do trajeto da consciência do homem contemporâneo, as expressões da mixórdia de saberes esotéricos, terá na consciência do homem ocidental o arcabouço de seus valores, sentidos e significados.

4 CAPÍTULO **MISTICISMO *FAST FOOD*, UMA RESPOSTA PARA TEMPOS DE CRISE ESPIRITUAL**

A sociedade contemporânea, sobre a égide de seu tempo, marcado pela velocidade, pelas relações difusas, perdido no imediatismo, forja o ambiente em que as espiritualidades emergentes se tornam maleáveis e adaptáveis às necessidades imediatas, o indivíduo reflete-se nesta movência, e a urgência de seu mundo assim como a polissemia simbólica da contemporaneidade faz com que os múltiplos sentidos e expressões da fé entrelacem-se no tecido social das individualidades objetivas.

Discutir a mudança de paradigma do que entendemos enquanto místico moderno – ou seja o indivíduo tecnológico que se expressa através das redes sociais, cuja vida está perpassada pela solicitude midiática. Contrapondo-se a ideia de misticismo anteriormente aceita, nos moldes de conhecimento à margem, relegado socialmente, não aceito³²¹, torna-se ponto de partida para que possamos vislumbrar o quadro geral do trajeto simbólico do homem em sociedade. O conjunto de elementos constitutivo do *ethos* do homem contemporâneo possuem – adaptabilidades, busca por uma tradição perdida e assim necessariamente emergente, além do processo de mixagem de diferentes propostas simbólicas.

A adaptabilidade do cenário das espiritualidades possui o ponto central para a compreensão das sociabilidades esotéricas. Percebemos que ao longo de todo um desenvolvimento das mais diferentes sociedades mistificantes³²² a busca por fornecer um quadro de sentido, ou melhor de sentidos, moldados à diferentes mãos, para exemplificar – pensemos na lógica estabelecida pelos *self service* (o auto serviço), que encontramos em diferentes seguimentos.

Cada indivíduo partindo de suas buscas particulares começa a moldar um conjunto de conhecimentos com os quais estabelece uma relação, de início particular e projetando-se enquanto coletiva, tendo em vista que aglutina um conjunto de pensamentos e mentes afins. Não é o ponto central aqui de nossas questões, mas olharemos de forma rápida para essa

³²¹ Definição que relembra a própria ideia do Esoterismo Ocidental enquanto um conhecimento rejeitado, sobre esta temática sugiro a leitura da Dissertação de Mestrado do Dr. Otávio Santana Vieira: Um Hermetismo como elemento fundamental do ocidente um paradoxo entre sua necessidade e sua rejeição – PPGCR/2016.

³²² Utilizamos o termo mistificante aqui para denotar a gama de grupos, organizações, movimentos, que possuem seu alvorecer no pós segunda guerra e que com uma proposta universalizando para as crenças fornece um conjunto de valores simbólicos que alinha-se com a logicidade do Mentalismo, da elevação de consciência individual como essencial para a evolução do grupo social.

eclosão de mentalidades, de grupos simbióticos que a sua maneira, fornecem os tecidos, cores e sentidos para afagar a crise das espiritualidades que ganham ênfase a partir dos anos 50, com o termino da Segunda Guerra Mundial. Com o intuito de traçarmos as relações entre as diferentes formas de espiritualidades.

Levando em consideração a simbólica do rio, conforme Gilbert Durand explana nos conceitos de Bacia Semântica, podemos identificar a emergência cultural do movimento rosacruz de início do século XX, aqui analisada, como detentora dos valores simbólicos que marcarão a consciência ocidental, formulando seu *ethos*.

Tentamos, observando o cenário do Esoterismo Ocidental compreender a extensão e a influência das sociedades iniciáticas no imaginário da sociedade e por vez no tecido social contemporâneo. Uma possibilidade que nos ocorre é deitarmos vista nos caminhos da institucionalização de alguns grupos, ou nas adaptações a demandas mercadológicas – vendas de *souvenir*, incensos, manuais mágicos, títulos e honrarias. Ou na utilização da tecnologia para vencer distancias físicas e fazer com que seu discurso alcance o público almejado.

Esse processo, que denota uma adaptabilidade do discurso e da prática se tornaram marcas definidoras dos movimentos que podem ser inseridos dentro do panteão das sociedades iniciática contemporâneas, podemos ter a real noção do exposto acima, em alguns minutos de navegação na rede, a oferta permite ao “buscador” escolher os discursos que se alinham com suas necessidades de significado. Outro ponto preponderante é que “as três distintas batidas”³²³, foram substituídas por clicks. Fugindo do hermetismo da fala, a busca pela iniciação e/ou conhecimento³²⁴ não se dará exclusivamente pela busca dos portais da iniciação das ordens de forma tradicional, mas poderemos acessar esta gnose no conforto de nosso lar através da ecrã do nosso computador ou smartphone, acessando site ou aplicativos de meditação e acompanhamento espiritual.

Percebemos que a conformação do esoterismo ocidental contemporâneo, presente nas expressões do rosacrucianismo, da maçonaria, do Martinismo fornece aos seus membros o capital metaempírico necessário na constituição de seu *Ethos*, atendendo a demanda simbólica dos anseios mais profundos destes, suas formulações trazem a carga de significados que serve de amalgama para as espiritualidades individuais, que ao mesmo tempos em atende a valores particulares também cria o elo entre o indivíduo (buscador) e a Tradição, tornando-o parte da

³²³ As três batidas distintas – *The tree distinct knocks*, clássico texto da Maçonaria que evoca a busca pela iniciação aos mistérios da ordem, trazendo o simbolismo do evangelho de Mateus 7:7. Esta forma de sinal distintivo marcará sua presença em múltiplos segmentos do Esoterismo Ocidental.

³²⁴ Gnose.

Egrégora e da cadeia de iniciados. Isto influenciando sobremaneira nos processos cognitivos e sociais, tanto de seus membros, quanto dos círculos em que se inserem.

Em nossa proposta percebemos que a adaptabilidade dos movimentos esotéricos, em especial o Movimento Rosacruz, em detalhe a AMORC estrutura-se na proposta de fornecimento de uma estrutura didática, entregando aos seus membros uma sequência de lições, onde a AMORC, apresenta seus principais conceitos, utilizando-se de uma pedagogia simbólica que apresenta aos indivíduos o simbolismo assim também como o entendimento do misticismo, do místico e da tradição.

É a possibilidade de aglutinar diferentes conceitos e noções do esoterismo ocidental, que permitirá o sucesso da metodologia do *self-service* místico, ao contrário de estrutura dogmática rígida encontramos a adesão por simpatia com os conceitos mais profícua, conduzindo por vezes a uma mixagem conceitual, originando novas constelações simbólicas. Nesta lógica o que nomeamos de *Misticismo fast food*, é o fluxo simbólico que visa manter-se enquanto preferência do buscador, fornecendo as composições de valores de forma ampla, numa certa medida evocando ideias de *Pansofia*, já presente nos primeiros escritos rosacruzes. Permitindo aos indivíduos escolher os discursos concordantes entre si, para estabelecer seu próprio tecido social e de forma autóctone “filiar-se” à tribos.

A nossa sociedade contemporânea, aqui me refiro ao caso do Brasil, permitiu ao longo do século XX o desenvolvimento de práticas e discursos que se inserem no campo do esoterismo ocidental. Expandindo este campo, dentro da área das Ciências das Religiões encontramos outras variações de espiritualidades – Maçonarias³²⁵, ordens de cavalaria, misticismo cristão, Umbanda esotérica, religiões que mesclam – escolas de mistérios do antigo Egito, OVNI's e Teosofia blavatskyana, apenas para elencar as difusas espiritualidades da realidade brasileira.

O Brasil sedia por exemplo o maior número de Núcleos rosacruzes³²⁶ da AMORC no mundo, passando em número a Alemanha, país originários dos Manifestos. Isto torna a Jurisdição de Língua Portuguesa uma referência mundial no rosacrucianismo AMORC, este cenário tem atraído a atenção de outras vertentes do rosacrucianismo para território brasileiro, promovendo duplas filiações e principalmente o trânsito iniciático entre ordem de mesma simbólica – no caso a Rosa e a Cruz.

³²⁵ Pensado no plural, levando em consideração as diversidades de ritos, potências e símbolos.

³²⁶ Terminologia adotada pela AMORC, termos que mudaram ao longo dos anos: Corpos afiliados, Organismos afiliado e recentemente, Núcleos Rosacruzes.

4.1 MISTICISMO, UMA DAS FACES DA REMITOLOGIZAÇÃO OCIDENTAL

O desencantamento do mundo – processo que soa inevitável quando vislumbramos os domínios tecnológicos, assim apresenta-se a razão digladiando-se com o quadro metaempírico de significados transcendentais, a fatualidade deste processo encontra seus adversários nas mais distintas expressões do pensar humano: o retorno do mito tem no anseio da sociedade pelo sagrado seu alicerce anterior a qualquer processo de racionalização, as expressões da sociedade nas categorizações temporais – idade antiga, média, moderna ou contemporânea, são na realidade, percepções das diferentes modulações dos atores sociais, em estreita relação com suas tecnologias e tradições.

Perceber a temporalidade e externar sua forma através de uma reta ou de um círculo, são por vezes tentativas de materializar conceitos intangíveis aos olhos humano e cuja presença se dar no *locus* da consciência. O trajeto simbólico da consciência ocidental, alocada nas expressões humana aflora qual água dos rios subterrâneos³²⁷, organizando-se em – religião, arte e ciência, um tripé de sustentáculo para o homem exilado em sua própria existência.

O termo misticismo possui certa dificuldade de definição, a teóloga anglicana Evelyn Underhill (1875-1941) em sua obra *Mysticism: A Study in the Nature and Development of Spiritual Consciousness*, (1911)³²⁸ lança algumas luzes sobre a definição do termo além de traçar o desenvolvimento do misticismo na consciência humana. Underhill expõe que:

1. O verdadeiro misticismo é ativo e prático, não passivo e teórico. É um processo vital orgânico, algo que o Eu inteiro realiza, e não uma coisa que só faria suscitar reflexões intelectuais.
2. Suas metas são inteiramente transcendentais e espirituais. Ele não procura, de modo algum, acrescentar alguma coisa ao universo visível, nem explorá-lo, modifica-lo ou aperfeiçoá-lo. O místico rejeita esse universo, mesmo em suas manifestações supranormais. E embora, contrariamente às declarações de seus inimigos, ele não negligencie seus deveres para com a massa, seu coração está sempre voltado para o Um Imutável.
3. O Único não é, para o místico, meramente a Realidade de tudo o que existe. É também Objeto de Amor vivo e pessoal, e não um objeto de exploração. Ele atrai todo seu ser para essa morada, mas sempre conduzido por seu coração.
4. A união viva com o Único – que é o término de sua aventura – é um estado definido ou uma forma de vida mais elevada. Não se pode chegar a esse estado através de uma compreensão intelectual de suas delícias, nem mesmo através de fortíssimos desejos emocionais. Embora a presença desses últimos

³²⁷ Defendemos a percepção da existência de um substrato simbólico que existe no fundo da consciência humana, e cuja Bacia Semântica durandiana é o processo de externalização dos mitos latentes ao humano e a sociedade.

³²⁸ Existe uma edição em português – Misticismo: Estudos sobre a Natureza e o Desenvolvimento da Consciência Espiritual do Ser Humano, 2002.

seja necessária, eles não são suficientes por si mesmos. Chega-se a ele através de um processo psicológico e espiritual muito árduo – aquilo que é conhecido como “Via Mística” – que implica remodelar totalmente seu caráter e libertar uma nova forma de consciência ou, antes, uma consciência latente que impõe ao Eu a condição algumas vezes chamada de “êxtase”, mas que é preferível chamar de “Estado Unitivo”. (UNDERHILL, p. 156-157, 2002)

Underhill afirma que “o misticismo nos oferece a história, tão velha quanto a civilização, de uma raça de aventureiros que levou até seu final o processo de um retorno deliberado e ativo ao fundamento divino de todas as coisas”. (UNDERHILL, 2002, p. 84) Essa busca pelo retorno ao fundamento divino, alinha-se com o discurso presente no tradicionalismo, este elã aproxima o esoterismo ocidental das formulações do misticismo.

Historiadores, fenomenólogos e cientistas das religiões, desde finais do século XIX formulam conceitos e definições para enquadrar as oscilações da sociedade, seja no âmbito da cultura ou no viés religiosos. Nesses temas a excelente formulação de Oswald Spengler (1880-1936), sobre a ideia de contemporaneidades, nos serve para pensar que a “remitologização é o ruído de fundo da contemporaneidade”, estando presente nas camadas de significados dos grupos sociais, que mesmo aparentemente oculta e não manifesta, mantem-se nos substratos mais profundos e densos do tecido social.

No final do século XIX e início do século XX presenciamos uma sutil mudança nos aspectos das espiritualidades do mundo ocidental, a permeabilidade de diferentes culturas – aqui antepondo-se as expressões que diferem dos cristianismos, dos judaísmos e dos islamismos, fornecem capital simbólico para a formulação de uma teia de espiritualidades que estabelecerão conexões entre si, permitindo o surgimento e a mescla de diferentes paradigmas.

A metamorfose do sentido de “Deus” dentro das diferentes correntes espirituais é uma destas expressões, na própria acepção rosacruz (contemporânea) – de um Deus do meu coração, de um Deus da minha compreensão, estabelece-se no reduto da experiência particular, a ideia, o desenvolvimento e funcionabilidade da divindade. Encontramos ainda em diferentes correntes do movimento rosacruz a aproximação entre este Deus pessoal e a abstração de um Cosmo suscetível a influência criacional da mente, nos moldes da *Imaginatio Vera*³²⁹ postulada pelo sapateiro de Görlitz. E que ganha força na perspectiva da psicologização do esoterismo e/ou nas proposituras do Mentalismo e correntes afins.

³²⁹ Imaginação verdadeira, para Jacob Boehme a *Imaginatio Vera*, figura no seio da divindade como um atributo da mesma, detendo as potencialidades criativas as quais o homem acessa na devida proporção de sua identificação enquanto imagem da divindade.

A força expressa nos conceitos dos poderes da mente e do controle da realidade pela mente humana, estabelecerá de forma marcante os discursos esotéricos de diferentes correntes, rosacruzes ou de cariz rosacruziano, mas evocativas dos mesmos princípios com sutis variações. Nomeadamente no final do século XIX propostas como a do *New thought Movement*³³⁰, a do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento (CECP), a da AMORC nos moldes de HSL e da Fraternidade Rosacruz de Max Heindel – esta última influenciará sobremaneira a fundação do *Lectorium Rosacruzianum* e seu posterior desenvolvimento de meados do século XX em diante.

O Brasil possui um cenário de extrema relevância no âmbito mundial, no que tange ao desenvolvimento do esoterismo ocidental seguindo as características proposta presentes nas *noções* e nas *correntes*, conforme propositura de FAIVRE, 1998. Podemos encontrar notícias de um fluxo esotérico que estabelecerá com o Brasil uma permanente interação, no início do século XX, tendo passado pelo território brasileiro personalidades tais como: Albert Raymond Costet (1872-1943), o Conde de Mascheville que nos meios iniciático é conhecido por Cedaïor, que subindo pelo sul do país vindo da Argentina divulga tanto o Martinismo³³¹ quanto as práticas vinculadas à yoga e a Gnose, sendo ele Bispo da Igreja Gnóstica, deixando um grande número de iniciados e de grupos vinculados³³² as tradições que detinha.

Esses grupos, tradições e correntes mantem-se vivas na atualidade, ocorrendo a emissão de cartas patentes, formação de grupos e trocas de iniciações e linhagens, assim como presenciamos no início do século XX – HSL e Albert Karl Theodor Reuss³³³ (1855-1923) trocam títulos e graus mutuamente, aproximação que provocará discussões sobre a real proximidade entre ambos.

Para além do campo das sociedades iniciáticas, encontramos em outras frentes a reatualização dos mitos, a evocação simbólica e a ampliação da função do homem e do seu

³³⁰ Originally known under many names – such as Mental Science, Divine Science, Spiritual Science, Religious Science, Christian Science, Unity, Mind Cure, Science of Being, Home of Truth – the popular American self-help psychology known as New Thought began to spread during the 1870s and had secured a mass audience by the end of the century. (HAMMER, 2006, p. 861)

³³¹ A linhagem Martinista propagada por Cedaïor é Lyonesa, vinculada a Philippe de Lyon, o Martinismo assim como outras Ordens iniciáticas possui a particularidade de bifurcações a partir das diferentes linhagens estabelecidas por seus divulgadores.

³³² Estima-se, em páginas destinadas a temas voltados para o esoterismo, tendo em vista o escasso material de perspectiva acadêmica, que quando do falecimento de Cedaïor, este tinha deixado em atividade mais de 23 grupos, 5 lojas martinistas e 422 iniciados. Ressaltamos que paralelamente funcionavam nestes grupos a "Igreja Gnóstica" e o "Suddha Dharma Mandalam", que era uma escola de filosofia Hindu, que chegou ao Brasil via Chile e que propagava as práticas das diversas linhas de Yoga.

³³³ Personagem importante da OTO – *Ordo Templi Orientis*.

meio cultural. Sobre esta questão as contribuições oriundas do Círculo de Eranos, terão uma função essencial na história intelectual do século XX.

É em Ascona que encontraremos, reunidos no banquete intelectual, os principais pensadores que serão os responsáveis pela atualização do mito, do rito e do símbolo – podemos citar: Carl Gustav Jung, Gilbert Durand, Mircea Eliade, Henry Corbin, Ernst Cassirer e uma gama das mentes mais revolucionárias no campo do humano.

A teoria geral do imaginário postulada por Gilbert Durand³³⁴, possui sua gesta em meio à teóricos como Henry Corbin que os brinda com o conceito de *Mundus Imaginalis* o local de intersecção entre o transcendente e o imanente. É da produção de Eranos que podemos encontrar as grandes contribuições para o campo das ciências humanas.

A presente tese possui seu capital teórico na teoria durandiana, como já colocado anteriormente, a sociologia das profundezas durandiana orienta e fornece as ferramentas teóricas que utilizamos em nossas análises. Esta perspectiva teórico metodológica compõem os conceitos macro da Teoria Geral do Imaginário, Durand baseia sua Sociologia das Profundezas, na mesma perspectiva de Jung ao conceituar sua psicologia das profundezas, desta forma a teoria durandiana permite que nos aproximemos das constituintes simbólicas do imaginário dos movimentos rosacruzes e assim do esoterismo ocidental. Nesta ótica o misticismo figura no cenário do processo ou processos de remitologização, reencantamento do mundo, com sua descoberta dos mitos fundadores da sociedade contemporânea. Cabe pontuar que o misticismo.

Em todas as tradições monolátricas da aliança, o misticismo nunca é central; não pode ser porque a tradição primária é exotérica e dualista. O misticismo, como a transcendência do dualismo, é, na melhor das hipóteses, tolerado e, na pior, perseguido pela tradição exotérica dominante à qual é sempre auxiliar. O misticismo é esotérico - é puro esoterismo, pois é a experiência individual do despertar interior que não pode ser transmitida a mais ninguém, apenas mencionada. Aqui, é claro, estamos nos referindo ao que poderíamos chamar de misticismo puro ou arquetípico da linha basilideana ou dionisiaca, e não ao misticismo visionário, embora observações semelhantes possam valer também nesses casos. O problema central aqui é a tensão entre exotérico e esotérico, endêmica às três monolatrias do judaísmo, cristianismo e islamismo.³³⁵ (VERLUIS, 2011. pos. 567)

³³⁴ No ponto extremo da aurora medieval, é ainda uma doutrina semelhante que Jean Scot Érigène irá defender: tornando-se Cristo o princípio desta *reversio*, inversa do *creatio*, através da qual se efectuará a divinização *deificatio*, de todas as coisas. Mas à solução adequada do problema platónico é, afinal, a gnose valentiniana que a propõe nesse longínquo pré-Occidente dos primeiros séculos da era cristã. A questão que preocupa o platonismo – “Conseguir o Ser sem raiz e em ligação chegar às coisas?”, colocada pelo alexandrino Basilido –Valentino responde por meio de uma angelologia, uma doutrina dos anjos intermediários, os Eons que são os modelos eternos e perfeitos do mundo imperfeito porque *separado*, enquanto a reunião dos Eons constitui a Plenitude (o Pléroma). (DURAND, 1995, p. 24-25)

³³⁵ In all of the covenantal monolatric traditions, mysticism is never central; it cannot be because the primary tradition is exoteric and dualistic. Mysticism, as the transcendence of dualism, is at best tolerated, at worst

O discurso esotérico, terá diferentes fases ao longo da história, desde sua abordagem enquanto conhecimento relegado, aos elementos do saudosismo tradicionalista, que como fio condutor em seu discurso vincula a origem de todas as religiões, de todas as expressões, as espiritualidades e elementos de fé ao um mesmo contexto simbólico-imagético, mas há também um flerte direto com as conquistas da modernidade, ou seja, se nós temos hoje na contemporaneidade e aí o misticismo fast-food é um elemento bem interessante, uma tensão entre tradição e modernidade isso se fica claro quando observamos, por exemplo as tensões geradas pelos a efervescência dos grupos de extrema esquerda, de recobrar uma era do ouro perdida, de recobrar um sentido tradicional antigo, que possui uma valoração, digamos, acima dos valores que a modernidade vai trazer.

Esta apropriação de conceitos tradicionalistas tenderá a atualizar e permear discursos político que visam exatamente uma visão unilateral do social – o afloramento de grupo de extrema direita é um exemplo disso, e neste campo precisamos de análises mais aprofundadas, para compreendermos, como movimentos que evocam liberdade, igualdade e fraternidade³³⁶ alinham-se com discursos extremistas e excludentes. Neste meio numa rápida busca sobre esoterismo ocidental é possível vermos que os algoritmos do *youtube* privilegiam discurso controversos, que mesclam história do esoterismo, mas também interpretações que vão de encontro a lemas tais com: amor fraterno e auxílio³³⁷, luz, vida e amor³³⁸, assim como o já enfatizado liberdade, igualdade e fraternidade.

Para Antoine Faivre o esoterismo ocidental terá no Renascimento Italiano, seu ponto de inserção no imaginário ocidental, esta perspectiva tem como ênfase a a revisitação do Hermetismo pela academia de Florença em especial, na tradução de Marsílio Ficino do *Corpus Hermeticum*, falamos aqui do século XV, onde a projeção de uma reforma das ideias começa a gestar, na trilha do qual segue-se os manifestos rosacruz, a filosofia oculta de Henrich Cornelius Agrippa von Nettesheim³³⁹ (1486-1535), e a própria interação entre ciência e religião.

persecuted by the mainstream exoteric tradition to which it is always ancillary. Mysticism is esoteric—it is pure esoterism, in that it is the individual experience of inner awakening that cannot be conveyed to anyone else, only alluded to. Here, of course, we're referring to what we might call pure or archetypal mysticism of the Basilidean or Dionysian line, and not to visionary mysticism, though similar observations may hold in those cases too. The central problem here is the tension between exoteric and esoteric, endemic to the three monolatrics of Judaism, Christianity, and Islam. (VERLUIS, 2011. pos. 567)

³³⁶ Lema da maçonaria de base francesa.

³³⁷ Lema da maçonaria do Rito de York Americano.

³³⁸ Divisa da Ordem Rosacruz AMORC.

³³⁹ *De Philosophia Occulta*, 1533.

O Renascimento produziu uma releitura das formas imagéticas desta última, ora mesclando o universalizante, que tinha no Cosmo a “personificação” de uma mensagem que o homem cuja polissemia era o homem obrigado a interpretar, com um antropomorfismo ou antropocentrismo presente nesta percepção do espaço – natureza, criação, cosmo circundante. Este antropocentrismo permitiu que fizessem analogias, uma das mais recorrentes é perceber a Terra centrada na figura do homem, este sendo o elemento maior da sua hierarquia natural; o universo acaba sendo apreendido como um corpo uno, organizado por leis que refletem no homem sua projeção simbólica ou este refletindo a projeção do universo, num diálogo entre o macrocósmico e o microcósmico. Estas doutrinas conduziram o pensamento renascentista a ver a natureza como um todo harmônico, cujas interações entre os diferentes planos da criação imbricavam-se e produzia uma rede complexa de relações, baseada em princípios analógicos.

Poderíamos inferir deste encontro uma coincidência histórica, algo irrelevante, mas desde seus primeiros escritos evidenciam-se as aproximações entre teologia e ciência, numa tentativa de forjar um método que permita a coexistência de ambos. Este método foi moldado e *pansofia*³⁴⁰ é o termo que foi encetado de tal debate: o mesmo remete a uma ideia de um conhecimento totalizante aqui presente e se constrói como uma via válida para estas confluências e marca um encontro, tempo-espaço, onde se pode perceber a instituição de uma concepção setenária do mundo, que estende sua morfologia ao homem.

A convergência cultural ocorrida no Renascimento entre os mundos judaico, cristão e mulçumano moldará na mentalidade europeia, aproximações simbólicas entre estas correntes filosóficas e religiosas, cada uma contribuindo para a formulação dos novos paradigmas que marcarão de forma indelével o homem desta época. A simbólica constituinte do mundo católico vê-se abandonada – o sentimento mantido – mas fazendo-se necessária uma releitura do gesto, da iconografia e da própria liturgia (DURAND, 1994; 1999).

Assim o misticismo, conforme este nos apresenta em pleno século XXI é a busca por uma teia de significados que conduza a um entendimento totalizador do homem em sociedade, este trajeto de significação assumirá diferentes contornos – uma fé secularizada por exemplo, mas mantendo as constituintes imagéticas tão cara à consciência do homem e ao tecido social, e permanente processo de reconstituição.

³⁴⁰ Este conceito é de origem grega; atribui-se a Filon de Alexandria; tenta-se mostrar a possibilidade de uma integração da cultura hebraica e greco-romana recorrendo a Platão; no Renascimento, o termo é recuperado e seu uso amplia-se durante o século XVII, gerando um verdadeiro movimento que aglutina diversos pensadores de origens e regiões. Existe a possibilidade de que Comênio tenha incorporado este conceito a partir de *Pansophiae, sive Paideia Philosophica* (1633) de Peter Lauremberg (1585-1639); Francesco Patrizzi retoma o termo, que em seguida é absorvido pelos rosacruzes do século XVII (LORA, 2009, p. 30-31).

4.1.1 *Imaginário das sociedades iniciáticas contemporâneas: o místico moderno, um alquimista de bits, um ocultista em rede*

Qual a fórmula que podemos aferir observando os membros das mais diferentes e complexas sociedades que possuem caráter iniciático, templário e místico? Uma questão que se apresenta de forma complexa, haja vista que na nossa sociedade contemporânea o imbricamento das diversas espiritualidade se faz presente e necessário, a busca por sentido – conforto, afirmações, respostas individuais e coletivas, faz que com cada vez mais o tecido simbólico apresente-se multicolorido.

Existe pontos de aproximação entre a pertença dos membros com a totalidade ou parcialidade dos conceitos das instituições em que estão inseridos. Dentre essas temáticas recorrentes podemos apontar o entendimento de uma Tradição, seja refletida na ideia de uma perenidade do conhecimento, ou na linhagem iniciática que fornece regularidade e assim validade do conhecimento ali encontrado.

O imaginário expresso nestas sociedades, mesmo diante de seu plurifacetamento, pode ser analisado pelas constantes imagéticas e simbólicas presentes em seus mitos, ritos e símbolos. Diante da mixórdia apresentada podemos aferir certas recorrências:

- Tradição³⁴¹ e/ou transmissão;
- Utopia;
- Uno, ou seu derivativo Unidade;
- Mente – Mentalismo³⁴²;
- Pansofia;

Os movimentos rosacruz contemporâneos possuem os elementos acima, além de outros conceitos que estarão imiscuídos em suas constelações simbólicas, colocamos que o o fenômeno rosacruz é heteróclito por natureza, não sendo possível perceber suas vinculações distantes das constituintes do próprio imaginário ocidental pós guerras, onde a busca por sentidos, a atualização dos valores sociais são constância na areia movediça onde se encastela os desejos do homem contemporâneo. A busca pela compreensão do homem no tecido social leva de forma autóctone à ressignificação de seu *ethos*, de seu tempo de si próprio. É na esteira

³⁴¹ A lógica da vinculação a uma tradição que deve remontar tempos antigos e coloca os movimentos esotéricos sobre a tutela de princípios transcendentais, mantendo a tradição através do processo de transmissão – seja de iniciações, mestre discípulo ou de legados de uma ordem a outra.

³⁴² Estrutura de Pensamento que marca de forma indelével o imaginário das ordens iniciáticas, assim como dos diferentes colégios iniciáticos do século XX.

de trabalho como o de Gilbert Durand que nos munimos de conceitos e perspectivas que visam, antes de tudo, e exemplificação ou a dissipação das brumas que obliteram³⁴³ o futuro próximo da sociedade, sua realidade³⁴⁴ e o valor do simbólico no próprio homem.

Em meados do século XX, quando Ralph M. Lewis assume como *Imperator*³⁴⁵ da AMORC, a mesma conhecerá uma expansão pelo mundo todo, Ralph publicará uma obra póstuma de seu pai, onde Harvey Spencer Lewis trata dos conceitos sobre as definições de místico, Ralph publicará vários livros desenvolvendo – assim como outros pensadores conceitos básicos para caracterizar o místico moderno, o próprio Ralph escreverá um livro com este título publicado em 1965 e que conheceu diversas edições e traduções. Existe aqui uma delimitação do personagem e do papel do místico na sociedade moderna, a obra em questão nos fornece elementos que externam o sentido do misticismo rosacruz, as definições das características dos místicos feita por Ralph M. Lewis – esta tipologia figura como elemento central.

A sociedade contemporânea inserida na lógica da produtividade onde os indivíduos desenvolvem as mais diversas atividades e pertencem as mais distintas manifestações sociais, fornece a este mesmo indivíduo o ferramental para que o homem contemporâneo possa vivenciar as mais diversas formas de espiritualidades. Aliás é a pregnância da vida midiaticizada – no caso aqui das redes sociais, que podemos aferir a múltipla pertença como algo próprio do pensar simbólico e iniciático no humano.

Na estrutura ontológica rosacruz uma temática recorrente é o processo de evolução espiritual desenvolvida e tornada clara mediante a analogia no com os processos alquímicos, em detalhe a alquimia enquanto mudança no sentido valorativo do ser, assim é comum escutarmos que o homem (entendendo-se a humanidade) tem a obrigação de desenvolver suas capacidades espirituais latentes, expandindo-as e transmutando-as mediante uma alquimia espiritual, que de forma reflexiva transmuta o indivíduo à nível de espírito, transformando

³⁴³ No regime diurno da imagem, a categoria nictomórficas pode nos servir aqui de mote para o entendimento deste processo de obliteração, assim como Janus tem duas faces a contraparte desta isomorfia são os símbolos espetaculares.

³⁴⁴ Um ponto importante sobre a ideia de realidade é a obra de Basarab Nicolescu, ele nos brinda com: “A realidade poderia ser comparada a um cristal com diversas facetas. Se uma dessas facetas é retirada, o cristal deixa de existir. Todavia, uma vez que o cristal existe, isso significa que houve ali uma cristalização, isto é, leis geraram as diversas facetas do cristal como um todo. É precisamente nesse sentido que emprego o termo “isomorfismo”. A descoberta dessas leis isomórficas só poderá ocorrer através de uma nova abordagem científica e cultural – *a transdisciplinaridade* –, na qual todos os ramos do conhecimento, tanto as ciências ditas “exatas” e as ciências ditas “humanas” como a arte e a Tradição, deverão cooperar. (NICOLESCU, 1995, p.149)

³⁴⁵ Título que recebe o responsável pela AMORC no mundo. O primeiro Imperator da AMORC foi Harvey Spencer Lewis, que ficará no cargo até seu falecimento em 1939, assumindo seu filho Ralph M. Lewis, que fica no cargo até 1987 – até seu falecimento, assumindo o cargo Gary L. Stewart, este Imperator ficou pouco tempo no cargo até 1990, deixando a direção da AMORC em meio a polêmicas e brigas judiciais, assumindo em seu lugar Christian Bernard que ficou até o ano de 2019, assumindo Claudio Mazzucco.

também sua ambiência social, estabelece-se a lógica de que a transmutação espiritual – alicerçada no fazer o bem ao próximo, na prática do amor, no respeito à natureza³⁴⁶.

Ora pensando o místico como o indivíduo cuja busca por sentido, lança-o num quadro metaempírico de sentido, cuja valoração do ambiente espiritualista – ou de espiritualidades, o coloca a parte do mundo material, mesmo vivenciando a balburdia da modernidade, sua velocidade, imediatismo e solidões. É no ambiente de instituição de caráter místico, filosófico e iniciático que o homem encontrará a reverberação dos desejos mais recônditos, Maffesoli chama da ideia de “estar junto”³⁴⁷, enquanto princípio de sociabilidade.

Assim como encontramos a atualização de conceitos na contemporaneidade, esta permanência não poderia deixar de marcar presença no campo do misticismo, levando em consideração que quando escutamos o termo místico, nos ocorre à memória nomes como: Bernard de Claraval (1090 – 1153), São Francisco de Assis (1181 – 1226), Teresa Dávila (1515 – 1582), Hildegard von Bide (1098 – 1179), Jacob Boehme (1575 – 1624), Louis Claude de Saint-Martin (1743 – 1803), para citar alguns. Algo que estas personalidades tem em comum – além do contato direto para com o transcendente é os mesmos serem pontos fora da curva, ou destes deterem uma visão de mundo evocativa de valores simbólicos e transcendentais, inserindo suas visões de mundo para além das limitações sociais, sendo eles em si faróis do despertar da consciência humana em planos superiores.

O refletirmos sobre os elementos que compõem o místico moderno, o texto supra citado de HSL, indica algumas definições, o místico moderno insere-se numa proposta de unicidade das diferentes acepções da espiritualidade – maçônica, rosacruz, teosófica, alquímica, não havendo exclusão, esta formulação caminhará bem próxima da proposta de manter-se e desenvolver formas particulares de crença e de expressões de fé, há um evocação de certo nível de pessoalismos nas crenças contemporâneas, a miscelânea da fé contemporânea e secularizada é por si só um amalgama de valores simbólicos que refletem o homem em seu meio e com seu trajeto particular, dentro do tecido das sociabilidades.

A estrutura social se apresenta então tanto como um viés que permite a vivência do *homo religiosus*³⁴⁸, quando tribalismos políticos como proposto por Maffesoli, assim encontramos a pertença ao credo, mas também o tangenciamento conceitual que permite, dentro de uma lógica contraditorial (durandiana) a coexistência de camadas de sentidos para além dos

³⁴⁶ Neste tema a AMORC lançará a proposta de uma Ecologia espiritual, o cuidar da natureza está vinculado a um de evolução do indivíduo e da sociedade.

³⁴⁷ É comum hoje encontrarmos a atualização do conceito de Egrégora, enquanto reunião de mentes afins, princípio que se alinha com a logicidade do Novo pensamento americano.

³⁴⁸ Nos moldes eliadiano.

formalismos meramente sociais, assim as espiritualidades emergentes falam diretamente ao agregado mito-simbólico do homem contemporâneo.

Então esse alquimista em rede, a alquimia em seu processo operativo de transmutação ou mudança dos princípios da matéria, que via de prática realiza-se de forma física no recôndito dos laboratórios³⁴⁹, para o alquimista em rede, conectado no ambiente virtual o processo de transmutação dar-se-á através de sua *networking* e das conexões derivadas desta. A transmutação física se dará da mudança dos paradigmas interiores – a conduta de vida indicada pelo Lectorium, ou o conceito da alquimia espiritual da AMORC, podem ser exemplo disso, assim como a força do pensamento força e alterada a realidade experienciada.

Lembrando que transmutar o status da consciência para o nível mais elevado tem sempre aquela ideia de uma reta bifurcada, marcada por ciclos, ou seja, a tendência é termos uma evolução e aí essa reta projeta-se no espaço e no tempo, se evocarmos uma imagem a ideia de uma espiral se aplica aqui, pois se temos de avançar positivista da reta sequencial, nos deparamos sempre com novos patamares interpretativos. Essa questão é bem colocada por Durand ao referir-se ao *trends*³⁵⁰, anéis, círculos que compõem diferentes bacia semânticas, de uma mesma sociedade.

As redes estabelecidas neste campo permitirão o livre trânsito entre tradições e culturas esotéricas sem a necessidade da presença física, você pode vivenciar rituais a partir dos bits e das interfaces de um computador, de um tablet de um celular, através de página nas redes sociais. O contato mediado a partir, da mídia, das redes, da tecnologia, dos bits, dos terabytes, das sinapses eletrônicas produzidos pelos sinais de televisão, de internet, de informação e fontes difusas. Nesta feita você consegue romper barreiras e aproximar diferentes contextos. Então, quando falamos de um ocultista de bits, pensamos nele enquanto um ser que reverberam essas ferramentas da contemporaneidade em que o virtualismo, se mantém enquanto elemento central, fazendo-se presente de forma concreta, a partir de um elemento midiático ou meditativo.

E esoterista, esse ocultista em bits, que de manhã ler um texto dos vedas à tarde passa pelo budismo ou se detém em uma reflexão de um filosofista cristão como Jacob Boehme, assiste a um curso sobre cabala no *youtube*, e participa da atividade metafísica das mais variadas formulações do esoterismo contemporâneo, em especial dos movimentos rosacruz, por exemplo.

³⁴⁹ A própria palavra laboratório é formada das palavras latina “ora et labora”, ora e trabalha, numa tradução livre.

³⁵⁰ Vide capítulo 2 do presente trabalho.

4.1.2 *Coincidentia oppositorum, o elã vital, na estruturação do societal*

O conceito inicial de *coincidentia oppositorum* aparece em Nicolau de Cusa (1401-1464) em especial em sua obra *Docta Ignorantia*. Este termo será apropriado e diversas formas ao longo dos séculos, evocando a uma coincidência dos opostos, Nicolau estabelece a *coincidentia oppositorum* em cinco princípios, que tentamos resumir aqui:

1. a coincidência deve ser distinguida de complicação;
2. a noção de *coincidentia oppositorum* abrange, mas não se confunde com a noção de *coincidentia contradictiorum*;
3. em Deus os opostos coincidem e, no entanto, Deus está além da coincidência de opostos;
4. atribuições opostas são coerentemente previsíveis de Deus; e,
5. a declaração de que os opostos coincidem não é necessariamente
6. interpretada como a afirmação de que os opostos são idênticos. (HOPKINS, p. 65-66, 2019)

No ambiente das Ciências das religiões e do esoterismo o ocidental este conceito é utilizado em larga escala, os opostos sendo percebidos enquanto elementos complementares da mesma forma de conhecimento, esta tensão permitirá que a carga simbólica da sociedade encontre sua adequação à metalinguagem primordial da cultura nas suas correlações para com os grupos sociais e seus arquétipos basilares. As forças opostas e como colocado por Nicolau e não contrárias assume uma complementariedade de sentidos.

Gilbert Durand nas suas EAI, situa a *coincidentia oppositorum* no regime noturno da imagem nas estruturas sintéticas ou dramáticas caracterizadas pela dialética dos antagonismos, pela historicização e pelos progressismos (parcial ou total). Representações diacrônica que ligam as contradições pelo fator tempo, além do *Princípio da Casualidade*, sobre todas as formas (especificamente *final* e *eficiente* funcionam plenamente.

Assim como Henry Corbin ao conceituar o *mundus imaginalis* não exclui a oposição, e sim, a percebe de forma complementar, Durand ao estruturar o binário dos regimes da imagem – diurno e noturno, estabelece uma complementariedade de conceitos através da lógica do contraditório, esta ideia recorda as proposições de Jacob Boehme referente aos Três princípios das Essência Divina³⁵¹, a *lux et tenebris* do pavimento maçônico, axioma hermético do alto e do baixo, além de vários outros exemplos presentes no imaginário humano.

³⁵¹ Sugerimos a leitura da Obra do Sapateiro de Görlitz: Os Três Princípios da Essência Divina, Polar, 2010.

Convencionou-se pensar o mundo através de elementos excludentes, ou seja, ou se é A ou B assim excluindo outras possibilidades, esta forma de alicerçar o sentido humano esvazia toda a carga simbólica e imagética da sociedade contemporânea fornecendo um quadro parcial de valores para esta sociedade, assim desaguando no homem fraturado que busca significados para além de seu meio, aqui entra a função dos movimentos esotéricos – o de atender a demanda por sentido do indivíduo, criando novas sinapses sociais cujos link perpassam a mais profusas instituições e conceitos, cujas fronteiras entre o real e o ideal se confundem.

A contradição, como proposta por Durand, permiti percebermos o social mediante os contornos de seu *ethos*, cujo imaginário externa-se nas estruturas simbólicas ocidentais, a metalinguagem do imaginário – dar-se-á para além dos formalismo, alinhando-se com os arquétipos culturais elidianos com a tensão entre o mundo do sagrado e o mundo profano dado que as fronteiras entre esses conceitos não são fixas, tão pouco rígidas e imutáveis, assumindo a fluidez líquida da água, ou de um rio que infiltra-se nos mais diferentes solos e camadas. O mito basilar do homem contemporâneo, este *Prometeus* acorrentado à virtualidade, tem seu lugar de sentido e de expressão no campo das sociedades estratificadas através dos graus, nos mais diferentes ritos, a sacralidade do homem contemporâneo é por demais fugidia, estabelecida na complexa teia de significantes da sua existência.

O amálgama social expresso na perspectiva do imaginário estabelecido mediante o eixo vital das diferentes aproximações da sacralidade, pode ser compreendida – perspectiva da como sociologia das profundezas como uma terceira via de intersecção entre a razão e a emoção. Uma via que coadune o real e o ideal, particular e o coletivo, esta via identificamos nas motivações que estão no cerne das inclinações para como o esoterismo ocidental e especial nos aportes do misticismo contemporâneo como expresso pelas várias ordens rosacruzes, maçônicas e outros colégios iniciáticos³⁵².

³⁵² Utilizamos a terminologia de colégio iniciático para evocar a pertinência das estruturas sociais das ordens iniciáticas assim como sua busca por difundir uma pedagogia esotérica, mística e iniciática.

Imagem 36 - Colégio da Fraternidade numa publicação de Daniel Mogling, também chamado Theophilus Schweighart, intitulada *Speculum Sophicum Rhodo-stauroticum*. Ela foi desenhada, e talvez mesmo publicada, por volta de 1604



Fonte: <https://www.amorc.org.br/o-colegio-da-fraternidade/> Acessado em 28 de março de 22 às 14h.

A imagem 37 retrata bem a lógica da *coincidentia oppositorum* evocada desde os primeiros escritos rosacruzes, pois ao escutarmos o termo colégio ocorre a mente a ideia de uma estrutura fixa, cujos alicerces firmemente fincados no chão transmite a ideia de rigidez e imutabilidade, anuí encontramos a mobilidade do conhecimento rosacruz dado em um colégio

sobre rodar que possui liberdade ilustrada por asas, numa clara alusão ao angelismo e a liberdade do conhecimento.

Eliade em seu Tratado de História das Religiões propõe a compreensão da história da história das religiões, não por uma reta histórica de sucessão de acontecimentos registrados, mas por uma *Morfologia do Sagrado*, está inserida no tecido social de forma tão profunda que hora se confunde com o mesmo, este tema nos serve para que possamos perceber as particulares efervescência do esoterismo ocidental no movimento rosacruz ao longo de mais de quatro séculos de pregnância na consciência ocidental.

O próprio Eliade ressalta que o sagrado possui algo de profano e o inverso se processa da mesma forma, assim não necessariamente encontramos uma distinção entre sagrados e profano, mas antes, uma interação, um entrelaçamento cujos elementos simbólicos assumem a vanguarda, dado que os sentidos transmitidos operam em mais de uma faixa de significados. A lógica de uma terceira via, e de um terceiro elemento organizador do pensar social, identificado por exemplo na mística, criando-se o ponto de fusão e/ou de bifurcação do imaginário ocidental.

Então, se pensarmos a *coincidentia oppositorum* enquanto esse elo, esse hiperlink entre as diferentes camadas da sociedade, conseguiremos estabelecer as linhas que vinculam um fenômeno ao outro, um movimento ao outro e aí estabelece uma relação desses movimentos entre si, como assim?

Pensemos, é provável e fácil notarmos dentre diferentes discursos das sociedades esotéricas tradicionais – por tradicionais estabelecemos aquelas por perduram por um fluxo e um refluxo da bacia semântica ocidental, que conforme estabelecido por Gilberto Durand tem uma duração média de 108 anos, esta ideia retomada por Durand remonta a precessão dos equinócios e cuja conceituação podemos encontrar em Platão, o ciclo social, ou seja, a completude de uma bacia semântica dar-se-á n um período de 108 anos compreendendo o fluxo e o refluxo, a expansão e a retração dos atos sociais, notados pelos seis processos presentes na conceituação da bacia semântica já vistos anteriormente³⁵³.

O rosacrucianismo da AMORC, possui o discurso que aproxima sua estrutura simbólica dos movimentos tradicionais ou tradicionalistas, ao longo de mais de um século de atividades no mundo, houve momentos em que esta proximidade estava mais clara e definida – por exemplo quando a F.U.D.O.S.I.³⁵⁴ estava em atividade entre os anos de 1934 e 1951. O F.U.D.O.S.I. é digna de um trabalho a parte tendo em vista seu impacto no cenário esotérico

³⁵³ Capítulo 1 do presente trabalho, subitem 1.2.3.

³⁵⁴ Fédération Universelle des Ordres et Sociétés Initiatiques em francês, ou Federatio Universalis Dirigens Ordines Societatesque Initiationis em latim – FUDOSI.

pré e pós Segunda Guerra, permita-nos um parêntese – a F.U.D.O.S.I. surge da rivalidade existente entre diversos colégios iniciáticos, e que buscavam a hegemonia ou o predomínio sobre a temática do esoterismo ocidental – em especial a mística cristã presente no Martinismo, a Cabala e a Rosacruz. Retomaremos um pouco à frente a relevância da F.U.D.O.S.I. para o cenário do esoterismo ocidental e as derivações posteriores.

Figura 3 - Cabeçário que acompanha os documentos da FUDOSI



Fonte: <https://bibliotecahermetica.com.br/textos/fudosi/> Acessado em 10 de junho de 2021. Às 10:15.

O discurso tradicionalista dentro do rosacrucianismo AMORC, está vinculado a ideia da Tradição Primordial³⁵⁵ este é um ponto que possui importância na estrutura mítica da AMORC, diferente de outros movimentos rosacruzes HSL estabelecerá a origem da AMORC na Escola de Mistérios do Egito Antigo, estruturando a narrativa da transmissão do conhecimento primordial até o ressurgimento da AMORC no início do século XX. Harvey Spencer Lewis dentre seus primeiros escritos promove a publicação de *Rosicrucian Questions and answers with complete history of the Rosicrucian order*, em 1929, fornecendo neste texto toda uma sucessão de dada e fatos históricos que lastreiam a estrutura mítica da AMORC, é nesse texto que podemos encontrar a sucessão dos ciclos de 108 anos já descritos aqui.

A lógica temporal do tradicionalismo, como um retorno a era de ouro perdida, promove uma tensão os princípios da modernidade, enquanto numa forma de pensar progressista encontramos as forças da espiritualidade presentes nas diferentes modulações e entendimentos do misticismo contemporâneo. A ciclicidade dominando na lógica do Tradicionalismo, assume por vez uma resistência ao desenvolvimento característica da modernidade.

³⁵⁵ A ideia de que o conhecimento é uno e perpassa diversas eras revestindo-se com as cores do meio em que aparece, mas que reverbera e origina-se num passado longínquo.

4.2 O ENTRELAÇAMENTO MÍTICO, DELTAS E MEANDROS DO ROSACRUCIANISMO CONTEMPORÂNEO

A estrutura simbólica apresentada pelas formulações modernas do fenômeno rosacruz, possuem uma rede de interações intercambiáveis desenvolvidas, ressignificadas e simbolizadas ao longo da história ocidental desde os primeiros escritos, evocando uma imagem para ilustrar este trajeto podemos recorrer ao encadeamento de uma bacia hidrográfica, ou das veias do corpo humano e até nas interações sinápticas do cérebro. O entrelaçamento mítico do fenômeno rosacruz está em permanente movimento, este movimento é algo inerente ao próprio fenômeno humano em sociedade, o movimento a punção social, faz com que a interface social se molde, e assume o *status* cambiante do indivíduo nos espaços digitais.

No desenvolver deste trabalho, podemos aferir tal movimento e interação dos ambientes virtuais e materiais no âmbito da pandemia, onde o impedimento da presença física nos templos, desencadeou uma gama de estratégias que visavam a aglutinação nos ambientes dos webinários³⁵⁶. O caráter templário sendo substituído por ações que gerassem visualidade as instituições – Rosacruz AMORC, Martinista TOM, e as três obediências maçônicas regulares³⁵⁷. Não ocorrendo apenas palestras ou meditações dirigidas, mas atividades internas que só ocorreriam normalmente em um templo que atendesse aos aspectos míticos das tradições citadas acima. Isto mostra que há uma constante atualização nos aspectos sociais dos movimentos esotéricos e a ondulação simbólica citada acima é um dos aspectos que se apresentam ao longo da história, em especial, da Rosacruz AMORC, do Martinismo TOM e da Maçonaria – GOB, CMSB e COMAB, mas estendível ao amplo campo do esoterismo ocidental.

O exposto acima é uma análise é voltada para as expressões do esoterismo ocidental que ganharam força e destaque tanto social quanto política, esta visibilidade permite que os contornos do imaginário social a respeito destes movimentos, os identifiquem como os únicos detentores do conhecimento arcano e assim da Tradição. Mas não podemos deixar de entender que o espectro do esoterismo ocidental se embrenha tanto no que na contemporaneidade é aceita e vista como algo corriqueiro, quanto se aproxima em expressões próprias do meio em que são vinculadas. Grupos de divulgação e estudos nos mais diversos blogs da internet, gurus – anônimos ou não, que propagam uma síntese de conhecimentos, que estes mesmos gurus

³⁵⁶ Neologismo que indica seminários realizados na Web.

³⁵⁷ A ideia de regularidade maçônica segue uma complexa teia de relações políticas e históricas, no Brasil as três obediências que possuem relações diplomáticas entre si são o Grande Oriente do Brasil – GOB, a Confederação da Maçonaria Simbólica do Brasil – CMSB e a Confederação Maçônica do Brasil – COMAB. Seria necessário, provavelmente outro trabalho deste para abordar e clarificar este tema, não sendo este a ideia deixo por aqui esta questão.

acumularam durante sua longa e difusa trajetória pelos mais diversos grupos, meios e expressões do que entendemos como Esoterismo Ocidental.

Toda a mixórdia de conceitos teorias e símbolos, emergem destes círculos, através de cursos – uma boa parte pagos e on-line. Encontramos aqui as condições de desenvolvimento de discursos extremistas, tendo em vista que o panteão de valores e conceitos funciona qual a lógica de *self-service*, cada indivíduo abraça aquilo alinha-se com suas crenças particulares, quase sempre valorizando as ideias contidas no discurso tradicionalista, que podemos aferir por exemplo nos extremismos presente nos discursos de Olavo de Carvalho, Alexander Dugin e Steve Bannon, este último apresenta leve traços do discurso tradicionalista em relação aos dois primeiros, mas a constante é o ataque a modernidade e suas conquistas e formulações sociais – laicidade, democracia, igualdade de gênero, liberdade de culto, proteção das minorias - dentre outras temáticas. O estado democrático é complexo em si, não podendo ser reduzido a poucas linhas e interações sociais imediatas

A constituição do imaginário contemporâneo, plurivocativo, simbólico pautado pela tensão entre a inflação simbólica e a o reencantamento do mundo, permitirá a coexistência de discurso que privilegiam o imagético, o símbolo e o mito. Nossa sociedade presenciara, através de seus mitos modernos, a virtualização das relações ao mesmo tempo em que podemos encontrar ressurgências tradicionais nos mais distintos campos do pensar humano. Por exemplo, a Teoria das Cordas e a ideia de teclado cósmico, ou esta e as aproximação com conceitos da mística judaica nos princípios da Cabala.

A arte, a ciência e a religião se entrelaçam-se quando nos detemos na compreensão do ambiente humano, pensando nisso quando pesamos o universo social diante destas relações compreendemos que o tecido social, além das diversas cores que compõem seus fios, por vezes apresenta múltiplas camadas, sobrepondo-se em véu de sentidos ou em prismas interpretativos. As perspectivas fornecidas tanto pelo imaginário durandiano³⁵⁸ – as estruturas antropológicas, a bacia semântica e a sociologia das profundezas, quanto pelos variados estudos do esoterismo, servirão de modos interpretativos deste social a que nos referimos, esotérico, complexo e em permanente adaptabilidade.

O homem este animal simbólico, que estabelece seu cosmo de forma a responder à angustia do tempo e da morte, e assim transcender a finitude e as limitações físicas, relaciona-se com o seu meio social através das estruturas presentes nos seus símbolos cotidianos. A resposta à finitude de sua existência está no quadro metaempírico de significados que este

³⁵⁸ A teoria durandiana deve ser compreendida na sua totalidade, a mesma alicerça-se mutuamente, seus conceitos estando vinculados entre si.

homem, embevecido em sua época, constitui mediante o mágico, o oculto e o tradicional, as tensões do mundo hodierno cessam na interpelação do tempo sagrado, encontrado aqui não somente nas religiões institucionais e assim reconhecidas como tais, mas terá sua validação nas cerimônias e/ou rituais de movimentos iniciáticos – maçonaria, rosacrucianismo, Martinismo etc.

A percepção do homem frente à angústia do Tempo e da Morte e a percepção da finitude a partir das experiências, ou constatação desta tomada de consciência. A imaginação humana desenvolve o papel de reduzir esta angústia: através de seus processos criativos e formadores, ela transmuta a dureza das faces do Tempo e da Morte, produzindo que as vençam e que, numa dialética alquímica, as sublimem, ou aliviem seus impactos.

Essa tensão irá estabelecer-se em dois caminhos: a) um, que representa a incapacidade de conter as angústias primárias e imagens dos perigos desconhecidos que solapam a consciência, produzindo imagens teriomórficas (a animalidade violenta agressiva), nictomórficas (das trevas terríficas) e as catamórficas (da queda); e b) e outro que dirige suas aspirações para o alto, consolidando imagens que antagonizam, de forma complementar na realidade com as imagens citadas acima (teriomórficas, catamórficas e nictomórficas) estas são as imagens: diairéticas em oposição às teriomórficas; as espetaculares em oposição às nictomórficas e as ascensionais que inserem-se como o outro lado da moeda das imagens catamórficas. Este outro conjunto de imagens completam as categorias que Durand utiliza para estruturar o capital imagético do homem ocidental. (DURAND, 2002; TEIXEIRA, 2000).

A isotopia das imagens, conforme definidas por Gilbert Durand, nos serviu de arcabouço metodológico para nossa dissertação de mestrado, Durand é um autor que terá uma relação interessante para com o esoterismo, se inicia na maçonaria no anos 60 com a influência de seu amigo Henry Corbin, é este também que o apresenta ao Círculo de Eranos, já citado anteriormente, existem poucos textos de Durand versando sobre a maçonaria, em, específico, mas podemos notar que toda a sua é marcada tanto presença em Eranos, quanto pela ampla carga simbólica da maçonaria do REAA³⁵⁹. Esse contato terá razoável influencia no pensamento e no posterior desenvolvimento de sua TGI, os regimes da imagem lembram bastante o pavimento maçônico, a noção de razão hermética abordada em parte de seus livros torna-se um valor a parte.

³⁵⁹ Sobre Gilbert Durand e a maçonaria sugerimos a leitura do artigo Gilbert Durand et la Franc-maçonnerie de Céline Bryon-Portet, disponível em: <https://www.cairn.info/revue-la-chaine-d-union-2014-4-page-58.htm#no1>

O ato de simbolizar permeia a relação estabelecida ao nível humano. Construções simbólicas constituirão as expressões míticas, iconográficas e ritualísticas do homem; “[...] a simbolização é um ato voluntarista e construtivo do espírito, cujo princípio arbitra a relação entre significantes e significado” (DUBOIS, 1995, p. 74), ambos alicerçando a busca de *sentido*.

O homem se expressa de múltiplas formas, atribuindo valores tanto ao mundo à sua volta, quanto àquilo que o transcende, pelo que, teóricos que se dedicaram ao seu estudo o nomearam *homo signifer* ou *homo simbolicus*³⁶⁰. Não resta dúvida que sua produção imagética permite ao homem projetar-se para a imortalidade, já que sua capacidade de imaginação permite-lhe produzir imagens e desenvolver conceitos abstratos

Em lugar de medir o conteúdo, o sentido e a verdade das formas intelectuais por algo alheio, que deva refletir-se nelas imediatamente, cumpre descobrir, nestas próprias formas a medida e o critério de sua verdade e significação intrínseca. Em lugar de tomá-las como meras reproduções, devemos reconhecer em cada uma, uma regra espontânea de geração, um modo e tendência originais de expressão [...] Deste ponto de vista, o mito, a arte, a alegoria indicadora e explicadora, um real existente, mas sim, no sentido de que cada uma delas gera e parteja seu próprio mundo significativo [...] as formas simbólicas especiais não são imitações, e sim, órgãos dessa realidade, posto que, só por meio delas, o real pode converter-se em objeto de captação intelectual e, destarte, tornar-se visível para nós. (CASSIRER, 2000, p. 22)

Trabalhar na análise das influências imagéticas – símbolos, ícones, emblemas – é tatear um terreno arenoso; a tensão fundante entre *significado* e *significantes*, ou entre *simbolizado* e *simbolizante*, pode conduzir o pesquisador a fronteiras longínquas, causando um distanciamento de seu objeto inicial. Envereda-se por esta trilha com pretensões modestas e à medida que vencemos cada monte, vale ou planície, percebemos que a complexidade é um mote crescente.

A teoria da imaginação e do imaginário pode resumir-se em cinco pontos, que retomamos quase literalmente:

1. O imaginário obedece a uma “lógica” e está organizado em estruturas a partir das quais se podem formular leis (Bachelard, Lévi-Strauss, Durand): constituição de um “estruturalismo figurativo”.
2. O imaginário é obra de uma imaginação transcendental que é independente, em grande parte, dos conteúdos acidentais da percepção empírica: “fantástica transcendental” (Durand).

³⁶⁰ CASSIRER, Ernst. Ensaio sobre o homem. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

3. A imaginação é uma atividade simultaneamente conotativa e figurativa que nos leva a pensar para além daquilo que a consciência elabora sob o controle da razão abstrata e digital (Ricoeur).
4. Através das obras, as imagens visuais e linguísticas contribuem para enriquecer a representação do mundo (Bachelard, Durand), ou para elaborar a identidade do Eu (Ricoeur)
5. O imaginário apresenta-se como uma esfera de representações e de afetos ambivalentes: tanto pode ser uma fonte de erros e de ilusões como uma forma de revelação de uma verdade metafísica (HIGUET, 2015, p. 45)

Como podemos perceber a inserção do rosacrucianismo, ainda no século XVII, no trajeto mito-simbólico do ocidente, terá uma contribuição preponderante na constituição do pensamento ocidental, além de irrigar – com seu simbolismo, conceitos e valores todo o tecido social contemporâneo, orbitando a consciência do homem ocidental, agrupa-se em constelações que valoram e constroem vínculos, perenes e duradores.

4.2.1 Esoterismo, ocultismo e misticismo ou a história ante o véu da espiritualidade: a imaginação enquanto propedêutica do imaginário

Mnemósine, filha de Urano e Gaia – uma titânide, esta, para os gregos é a personificação da memória, persona a qual ergue-se palácios, cuja ação pulsante induz a possibilidade de reviver, recordar, recobrar, ter novamente diante de si a tessitura dos acontecimentos, e no ato de distanciamento perceber suas metamorfoses, a memória se opõe à penumbra do esquecimento, do ocaso, do ato de obliviar a existência.

Os relatos mitológicos fornecem amplo capital simbólico. Na mitologia africana quem guarda a memória é Nanã, orixá presente desde a criação do mundo. Na imagética da religião viking, o pensamento e a memória estão representados pelos dois corvos *Hugin* e *Munin*³⁶¹ que sempre acompanham Odin, o pai de todos, outra díade consultiva são as duas pedras colocadas no *efod*³⁶² peitoral do Sumo Sacerdote do Templo de Salomão, *Urim* e *Tummim*, pedras oraculares interpretadas como luzes e perfeição, que desempenharão esta função até a reforma de Davi.

³⁶¹Ver o vocábulo Odin em; LANGER, Johnni. Dicionário de mitologia nórdica – Símbolos, mito e ritos. São Paulo: Hedra, 2015.

³⁶²Ex. 28: 1-27.

A cosmogonia grega comporta um rico conjunto de relações simbólicas, semelhante a outras mitologias, desnuda diante de nós uma práxis que não se furtará à percepção, ou melhor, as percepções do Imaginário Ocidental, uma deusa – a Memória³⁶³, cuja relação com Zeus dar origem as nove musas³⁶⁴, a memória está na base da história assim como esta solidifica o tempo, nesta perspectiva: “Toda a memória é ao mesmo tempo individual e social” (SOUZA, 2016), assim como o tempo assumirá em diferentes relatos características individuais e sociais.

A propositura da exemplificação do tempo³⁶⁵ em uma percepção retilínea, parece oposta as visões espiritualistas deste, evocadoras da sua circularidade ou até mesmo de sua ausência no tocante ao transcendente, a espiritualidade assim como a ideia de uma temporalidade individual, retomada por memórias particulares compõem e refletem parâmetros sociais que se movem homocentricamente na própria lógica de ascensão e descensão da espiral social, relacionando espaço e tempo. Assim, vislumbrar o futuro ascendendo temporalmente ou reler as páginas do passado. A ambientação da cultura³⁶⁶ e do tempo, é definidora de matiz que daremos a história ou melhor colocando, ao ato de historicizar, lembrando que – “a cultura tem sua temporalidade definida a partir desses parâmetros³⁶⁷, fazendo com que a percepção cultural seja definida no tempo e transformada a partir de temporalidades distintas” (SOUZA, 2016. p. 25). A *imaginatio vera*³⁶⁸, no seu desdobrar em imaginação simbólica (DURAND), *mundus imaginal* (CORBIN), está na estruturação das constituintes do imaginário³⁶⁹, estabelecido na memória individual e coletiva, se percebermos

³⁶³Em suas viagens, Apolônio visitou a Índia, onde conversou com um brâmane que lhe disse: “Percebo que você tem uma excelente memória, Apolônio, e essa é a deusa que mais adoramos”. Os estudos de Apolônio com o brâmane eram muito obscuros, particularmente direcionados para a astrologia e a arte divinatória. O brâmane lhe deu sete anéis, gravados com os nomes dos sete planetas, e Apolônio costumava usá-los, cada um em seu dia da semana correspondente. (YATES, 2007, p. 64)

³⁶⁴Calíope — Poesia Épica, Clío — História, Erato — Poesia Romântica, Euterpe — Música, Melpômene — Tragédia, Polímnia — Hinos, Terpsícore — Danças, Tália — Comédia e Urânia — Astronomia

³⁶⁵[...] a consciência íntima do tempo se exprime apenas por metáforas, por mitos e por narrativas. O tempo como tal parece não poder ser apreendido de outro modo, se a expressão ‘tempo como tal’ tiver sentido. Eis a aporia em torno da qual se movimentam os três volumes de Tempo e narrativa e conclusão a que Ricoeur chega, a saber, que não se pode pensar o tempo a não narrando-o [*en le racontant*]. (GATTINARA, 2018, p. 49)

³⁶⁶Vale lembra que: “No homem, não se pode dissociar cultura e natureza”. (DURAND, 2008, p. 16)

³⁶⁷Parâmetros de interatividade social, conjunto de elementos que estabelecem o sistema simbólico de determinado grupo, que podem-se estruturar em narrativas mitológicas, expressões artísticas sacras e não sacras. Desenvolvidas na logicidade de pertença, identidade e exclusão.

³⁶⁸Imaginação verdadeira contrapondo-se a fantasia e ilusão, o termo é encontrado nos escritos do Alquimista alemão Philippus Aureolus Theophrastus Bombastus von Hohenheim (1493-1541), que ficou conhecido como Paracelso, o pensamento paracelsista influenciará sobre maneira o Movimento Rosacruz do século XVII e o Teósofo Teutônico – Jacob Boehme, que descreve a *imaginatio vera*, enquanto criadora da própria realidade. Ver (CORBIN, 1977, p. IX-XVIII)

³⁶⁹[...] à problemática geral da “imaginação” e, de do “imaginário”... Importa referir, neste contexto, a fecundidade heurística e interpretativa de contributos especializados, como, por exemplo, os da psicocrítica, da mitocrítica, da sociocrítica, da análise estrutural e da crítica existencial no estudo do texto literário... Tal facto, porém, não dispensa (não pode nem deve dispensar...) uma constante referência de base à tríade “*imagem* <>

que a delimitação dos períodos históricos segue marcas e formulações posteriores, constituir ou reconstruir o tempo historicizado é presentificar e contemporizar o passado e o presente em transição.

O humano em sua constituição da realidade desenvolve modelos relacionais entre seu ambiente e a ideação do mesmo, a extrapolação dos sentidos profundos do ser tendem a permitir distintas modelizações da imaginação – o ato pedagógico, e aqui estamos nos referindo diretamente a pedagogia simbólica, formula a linguagem em que se dá a ambientação da consciência do homem enquanto ator social. A imaginação “permite a liberdade e a atribuição de sentido às várias experiências que definem a vida inteligente” (FERNANDES, 2017, p. 143) o ato imaginativo, como *axis mundi* ligará dois planos da realidade humana, o nosso agora material e tangível, captado e decodificado pelos cinco sentidos básicos e o transcende, divino, misterioso, arrebatador, nesta linha de pensamento Corbin, ao comentar a imaginação na perspectiva de Ibni‘Arabi³⁷⁰ nos brinda com a seguinte colocação sobre o homem:

Ser verdadeiramente humano é, no final, transcender a si mesmo. É subir além da percepção mundana da humanidade e ascender à norma da humanidade Divina – o arquétipo que existe no reino da imaginação espiritual, o reino da fé que está aberto aos olhos do espírito. Pois é somente pela fé – pelo olho interior do Intelecto que discerni a Luz do Sol Supremo e deseja ser consumido dentro de sua Presença – que a ilusão do véu Cósmico pode ser superada. Ser “normal” nesse sentido é ser espiritualmente são, ter despertado do Sonho Cósmico, ver – nas palavras de Ibn'Arabi – que “toda a existência é imaginação dentro da imaginação, enquanto o verdadeiro Ser é Deus somente”.³⁷¹ (CORBIN, 1958, p. 155) Tradução do autor.

As narrativas mitológicas, nas palavras de Corbin “verdades metafísicas”, fundamentam e fornecem o campo para expressão e desenvolvimento da imaginação, a expressividade do imaginal, denotado através da estética – narrativa, pictórica e transcendente³⁷², são constituintes, além de outras do que podemos entender por tradição, a ideia de tradição é de profundo significado no campo de estudo sobre o qual se debruça os pesquisadores do esoterismo ocidental³⁷³ e de algumas linhas do imaginário. A retomada da

imaginar <> *imaginação*”, tríade esta reforçada com a convocação de outros vocábulos que, no fundo, contribuem para alargar e consolidar o caudal significante do conceito “imaginário”... (BAPTISTA, 2007, p. 19)

³⁷⁰Abū Bakr Muhammad ibn 'Alī ibn 'Arabi (1165-1240)

³⁷¹ To be truly human is, in the end, to transcend oneself. It is to rise beyond the mundane perception of one's humanity and to ascend to the norm of the Divine humanity—the archetype that exists in the realm of the spiritual imagination, the realm of faith that is open to the eyes of the spirit. for it is only by faith—by the inner eye of the Intellect that discerns the Light of the Supernal Sun and longs to be consumed within its Presence—that the illusion of the Cosmic veil can be overcome. To be “normal” in this sense is to be spiritually sane, to have awakened from the Cosmic Dream, to see—in the words of Ibn 'arabi—that “the whole of existence is imagination within imagination, while true Being is God alone.”(CORBIN, 1958, p. 155).

³⁷²A ícone bizantino é um exemplo.

³⁷³Para uma compreensão das aproximações entre esoterismo e imaginação sugerimos a leitura de Antoine Faivre, Theosophy, imagination, tradition – Study in Western Esotericism, Sunny, 2000.

temática inerente e pregnante da imaginação e assim do imaginário, são retomadas, de acordo com Gilbert Durand, nos estudos de “Cassirer, Jung, Ricouer, Corbin, Eliade, Bachelard, Guénon”.

Para Durand a temática marginalizada do imaginário terá nesses hermeneutas que – “são ou heréticos, ou poetas, ou autodidatas e universitários marginais, e até mesmo as três coisas ao mesmo tempo”, seus estudos focados no simbólico, no esotérico e no imaginário fornecerão amplo material para os estudos seguintes. (CORBIN, 1958; DURAND, 1995;1999; SANTOS, 2017)

Aristóteles, em seu texto *De anima*, discorrendo sobre a memória entende que as percepções – do campo sensório dos cinco sentidos, são primeiramente trabalhados pela imaginação, compreendida enquanto faculdade. As imagens apreendidas pelos sentidos são, nesta faculdade, formatadas e fornecem material trabalhado pela faculdade intelectual. Para a historiadora inglesa, Frances Amelia Yates (1899-1981), “a imaginação é a intermediária entre percepção e pensamento”. Esta é uma retomada das ideias contidas em *De Anima*, “assim, apesar de todo conhecimento derivar, em última instância, de impressões sensoriais, não é a partir delas em estado bruto que o pensamento funciona, mas após tais impressões terem sido tratadas pela faculdade da imaginação ou absorvidas por ela”. (YATES, 2007, p. 52-53)

Robert Fludd (1574-1637), médico inglês que irá identificar-se com o fenômeno rosacruz do século XVII e grande contribuidor para o campo da alquimia e do esoterismo ocidental, ao refletir sobre as faculdades da consciência nos brindará com uma efusiva imagem que ilustra o entendimento da imaginação, na linha de raciocínio aristotélico, mas eivada de elementos paracelsista e boehmianos.

elementos Bachelard “insere [...] vetores axiológicos profundos, pois que organiza um *cosmos* que orienta a jornada humana em seus primeiros passos do *kaos* original”. (FERREIRA SANTOS, 2017, p. 219)

O processo de intelectualização do mundo, parte da apreensão do mundo pelos elementos sensórios, cuja decodificação ocorre na faculdade da imaginação, onde a memória desempenhará a função de fornecer substrato para compor a história em sua vernalidade:

[...] a imaginação encontra abrigo precisamente no diálogo com [...] a *arqueomemória*³⁷⁴, ou seja, que se refere ao arcabouço do imaginário humano ancestral herdado pela espécie e atualizado nas práticas cotidianas de forma inconsciente, pois “faz parte da memória do ser humano e não somente parte da memória individual de uma única pessoa” – e que se aproxima da noção de *inconsciente coletivo* na vertente da psicologia analítica. [...]

A arqueomemória [...] se apresenta como uma *arché-tessitura*, pois que difere da noção de arquitetura em função do papel que as imagens ancestrais possuem e sua forma musical de articulação e configuração, engloba o imaginário como arcabouço sentido (território mitopoético) e pensado (território racional) pelo ser humano, bem como a imaginação como seu operador básico. (FERREIRA SANTOS, 2017, p. 217-218)

O tecido social é e terá sua feitura na interação dos processos imaginativos e sua derivação posterior em elementos sócio-históricos. Podemos apreender três tempos, dialogando entre si: “tempo cosmológico (da física, e múltiplo), Tempo fenomenológico (vivido, múltiplo e polimorfo) e o Tempo histórico (historicizado, variável de acordo com a escala e filtro utilizado)³⁷⁵”, (GATTINARA, 2018, p. 49).

Numa aproximação com a simbólica da bacia hidrográfica durandiana, podemos perceber a história como “uma espécie de festa das diferenças, da qual o caminho nunca seria determinável a priori e não correspondia a uma linha reta progressiva”, mas sim como um “rio [que] não tem curso regular, ele sequer é um único rio”, na multiplicidade de deltas e meandros, podemos concordar que “Todo caminho que a civilização e a cultura percorrem sobre nossa

³⁷⁴Ele [Aristóteles] continua dizendo que a memória pertence à mesma parte da alma que a imaginação; é um conjunto de imagens mentais de impressões sensoriais, mas com um elemento temporal adicionado, pois as imagens mentais da memória não provêm da percepção das coisas presentes, mas das coisas passadas. (YATES, 2007, p. 53-54)

³⁷⁵Paul Ricoeur dedicou uma longa reflexão ao que ele chamou de a problemática fundamental da temporalidade em relação ao pensamento que – sob todas as suas formas – tenta apreendê-la. Ele também a denomina ‘a aporética da temporalidade’, isto é, a dificuldade, para não dizer a oposição, entre uma interpretação cosmológica do tempo (que se depara com o tempo objetivo dos fenômenos naturais que as ciências estudam) e uma interpretação fenomenológica (que considera o tempo ‘vivido’ pelos homens, com suas articulações entre passado rememorado, o presente que seria seu aspecto ‘vivo’ e o futuro, que seria objeto de projeção e expectativa). A história, no interior desta aporia, não teria, para Ricoeur, o papel de uma ciência (por mais que ela fosse humana), mas de uma instância intermediária entre a abstração inumana de uma objetividade sobre a qual o ser humano não teria domínio algum (o tempo físico do universo) e o ‘vivido’ íntimo (Husserl falava em termos de ‘consciência íntima do tempo’) que só poderia se exteriorizar se fosse descrito, somente por meio de uma narrativa, portanto, por narrativa. (GATTINARA, 2018, p. 48)

terra, com seus zigue-zagues e seus vales irregulares, nunca evocam um fluxo tranquilo, mas antes a cascata de uma torrente de montanha”. Percebemos ainda uma tênue variável aqui não considerada. Encontramos sempre referência as águas que afloraram e compõem o rio, mas intentamos mais a frente discutir sobre os rios submersos que estão arraigados no profundo da psiquê humana. (GATTINARA, 2018, p. 46)

A logicidade, encadeamentos e cientificidade que lastreiam as práticas dos historiadores, não consegue “esconder a heterogeneidade do passado e as dificuldades que ela coloca a uma crítica atenta (como teria dito Gaston Bachelard)”, o *locus* temporal que obliteramos enquanto nominativamente de passado “oscila entre a necessidade unitária do conceito e as condições de nossas intuições sensíveis [...], intuição metafísica do contínuo da duração (à Bergson), e a inegável pluralidade de suas manifestações, de suas percepções e de suas interpretações”.

Se fossemos traçar o trajeto da imagem de caráter arquetípico, perceberíamos o movimento intrínseco, gerado pelo esquema corporal³⁷⁶, que se bifurcará em dois caminhos: um cognitivo-conceitual que tende a expressar ao que está convencionado a ser chamado de *racionalização* e o outro que fornece capital mitogênico das cosmologias. Se no primeiro temos o esforço de explicar, no segundo a compreensão é buscada. O primeiro é nascedouro de ideários e ideologias, o segundo de tradições humanas³⁷⁷. (DURAND, 1989; FERREIRA SANTOS, 2017; GATTINARA, 2018)

Refletindo sobre a função da imaginação criadora e sua articulação englobante do ser humano, expressa na constituição simbólica de sua individualidade, que ampliasse pela coletividade, o processo imaginativo individual, quando irrigado pelas interações da sociedade, permitirá novas formulações, para Baptista (2007):

[...] “imaginário social instituinte” de organismos, estruturas e instituições sociais; a orgânica e a dinâmica recorrentemente geradora, representativa, constitutiva e consolidadora de colectividades e instituições humanas que integram o campo social-histórico globalmente pensado. (BAPTISTA, 2007)

Se recorrermos a uma definição de inspiração fenomenológica e hermenêutica, “(*ego cogito cogitantum*)”, podemos desta forma encontrar algumas expressividades do imaginário

³⁷⁶Sobre reflexos dominantes, ver As estruturas Antropológicas do Imaginário, assim como os trabalhos da escola de reflexologia de Wladimir Bechterew (1857-1927) e Ivan Petrovich Pavlov (1849-1936).

³⁷⁷Cabe ressaltar que aqui “O mundo se organiza a partir da narrativa, e por isso mantém uma espécie de racionalização na organização narrativa, por sua vez, engendrada pelo movimento da imagem que a dialoga com as forças do mundo e do corpo. Aqui nasce o mito e onde se estruturam as tradições humanas. Aqui se habita a substância, aqui se habita o *illud tempus* do ato primordial. [...] Aqui há um esforço de compreensão. (FERREIRA SANTOS, 2017, p. 221)

– 1ª a ôntica ou ontológica “*genitrix*”³⁷⁸, 2ª Essa instância-matriz *unidiversa*³⁷⁹ e complexa, *demiurga* e protagonista do processo global do imaginário, e por 3ª a metonímia³⁸⁰, esta definição nos traz a matriz linguística simbólica a qual vincula-se a imaginação nas formulações poéticas metafóricas de cunho significativo e imagético, no ato basilar da linguagem constituidora de sentidos profundos.

Os estudos sobre o esoterismo ocidental têm ganhado força e ramificando-se nas disciplinas das humanidades, a produção gerada nas diferentes abordagens partem desde a constituição ou reconstrução dos cenários dos diferentes grupos, movimentos e/ou personalidades. Se faz relevantes a ênfase que Hanegraaff, ao tratar das diferentes posturas que circundam essas produções:

Êmico denota os “padrões intersubjetivos de pensamento e associações simbólicas dos crentes” ou, expresso de forma mais simples, o “ponto de vista do crente”. Uma apresentação exata da religião em estudo como expresso pelos próprios crentes deve ser a base da investigação. Sobre a parte do investigador, a reconstrução desta perspectiva êmico requer uma atitude de empatia que exclui, tanto quanto possível, os preconceitos pessoais. O discurso acadêmico sobre a religião, por outro lado, não é êmico, mas ético. Isto significa que pode envolver tipos de linguagem, distinções, teorias, e interpretativas modelos que são considerados apropriados pelos estudiosos nos seus próprios termos. Acadêmicos podem introduzir a sua própria terminologia e fazer distinções teóricas que são diferentes das dos próprios crentes. Os resultados finais da investigação acadêmica, devem ser expressas em linguagem ética e formulada de forma a permitir a crítica e a falsificação, tanto por referência ao êmico e no que respeita à sua coerência e consistência no contexto de o discurso ético geral³⁸¹. (HANEGRGAFF, 1996, p. 5)

³⁷⁸ [...] multicapacitadamente actuante em seu ecossistema antro-po-geo-cósmico numa constante interação dialógico-dialética e *metamórfico-poiética* entre o universo, a natureza, o mundo e a cultura: ser humano (*anthropos*) que é inderrogavelmente *homo imaginans*, *homo imagnosus*, *homo imaginatiuus*, *homo imaginalis*, *homo imaginarius*. (BAPTISTA, 2007, p. 22-23)

³⁷⁹ [...] com seu abissal poder interactivo de incorporação e receptividade *aisthetica* e de criatividade e emissividade poietica; em suma: com seu englobante, *magmático*, onírico, fantástico e utópico modo de ser imaginativo, inventivo e criativo, ela é, simultaneamente, *instância subjectal e intersubjectal*, individual, pessoal e interpessoal, singular colegial, grupal, institucional e comunitária; (BAPTISTA, 2007, p. 24-25)

³⁸⁰ (relação *contiguitária* entre “criador < criatura”, entre “imaginante < imaginado...), o lexema ‘imaginário’ passou a designar também o universo do *patrimônio de imagens* (também dito legado *imagético* ou legado *imaginal* com todas as suas *imaginarias e imagéticas*), plasmado na vastidão omnímoda de “textos”. (BAPTISTA, 2007, p. 25)

³⁸¹ Emic denotes the 'intersubjective patterns of thought and symbolic associations of the believers' or, expressed more simply, the "believer's point of view". An accurate presentation of the religion under study as expressed by the believers themselves must be the basis of research. On the part of the researcher, the reconstruction of this emic perspective requires an attitude of empathy which excludes personal biases as far as possible. Scholarly discourse about religion, on the other hand, is not emic but etic. This means that it may involve types of language, distinctions, theories, and interpretive models which are considered appropriate by scholars on their own terms. Scholars may introduce their own terminology and make theoretical distinctions which are different from those of the believers themselves. The final results of scholarly research should be expressed in etic language, and formulated in such a way as to permit criticism and falsification both by reference to the emic material and as regards their coherence and consistency in the context of the general etic discourse. (HANEGRGAFF, 1996, p. 5)

A redescoberta do simbólico, ou melhor o retorno de uma visão de mundo que privilegia o imagético, o transcendente e por vezes a tradição marcará este novo paradigmas que permitirá a reflexão tanto sobre o fenômeno do esoterismo, quanto das abordagens vinculadas ao imaginário. É possível notar uma confluência de ideia e pesquisadores nas atividades desenvolvidas pelo Círculo de Eranos, que se alinham com estes novos paradigmas onde o sagrado possuirá e/ou receberá uma atenção por vezes obliterada ao longo da história, Carl Gustav Jung será um dos principais promovedores e bússola para as temáticas desenvolvidas no Círculo – tanto durante vida, quanto depois de sua morte.

Imagem 38 - Foto do Círculo de Eranos



Fonte: http://eranosfoundation.org/PRE/homepage_b.htm Acessado em 15 de março de 2021 às 10:15.

Os seminários realizados em Ascona, Suíça, cujo nome rememora o banquete, banquete de ideia, teses e visões mundo que propõem retirar de forma definitiva os antolhos, da ciência à época, e assim redescobrir um mundo encantado que se ocultou sobre as dobras do método, do esvaziamento de sentido e da ausência do transcendente.

Um olhar atento, sociológico ou antropológico, sobre os fenômenos que comportam o Esoterismo

[...] O esoterismo renascentista é também o modelo por excelência para o "reencantamento do mundo" que fornece orientação para a busca da Nova Era por um novo paradigma. Neste caso, "magia" é entendida como referindo-se, não principalmente a práticas mágicas ou rituais, mas a uma visão do mundo "participativa" holística que reúne a dimensão espiritual e a dimensão material. Mesmo neste caso, porém, a aplicação prática das suas leis e forças ocultas nunca está muito atrasada, uma vez que ilustrada pela preocupação da Nova Era com a

"criação da nossa própria realidade" através de visualizações e afirmações.³⁸²
(HANEGRAAFF, 1996, p. 394)

Conforme retomamos, em páginas anteriores deste trabalho o fenômeno rosacruz viu-se externado por diferentes movimentos ao longo de sua história, alguns retomando antigos conceitos do esoterismo renascentista³⁸³, outros colocando em destaque o ocultismo de Eliphas Levi, Agrippa, ou as novas formulação do pensamento e do campo esotérico e, vista de uma religião secular, assim como moduladora do sociais e dos valores humanos, sem contar na aproximação com o gnosticismo, o catarismo, e outras visões esotéricas e esoterizantes.

O caráter de hiato histórico que o movimento rosacruz vivencia desde o aparecimento de seus primeiros textos permitiu que sua natureza se tornasse plurifacetada. No século XVII, na Alemanha, o furor rosacruz é suplantado por um silêncio logo após a publicação do terceiro manifesto – *As bodas químicas de Cristian Rosenkreuzer* (1616). Yates atribui este silêncio à Defenestração de Praga³⁸⁴, em 1618, e à eclosão da Guerra dos Trinta Anos, que mudou o cenário político e social da Alemanha, vindo a ser um evento importante para a consolidação do estado nacional alemão³⁸⁵ (YATES, 1983, p. 54). Sugerimos aqui dar certa atenção à tabela 1 contida neste trabalho.

Nela exemplificamos diferentes momentos do fenômeno rosacruz, deixemos claro que não visamos ter esgotado a temática, ou a pretensão de termos a ultima palavra sobre tal objeto, mas dados a proposta da pesquisa aqui apresentada acreditamos na contribuição da mesma para o campo do esoterismo ocidental assim como para a área das ciências da religião, esperemos que as primeiras reflexões propostas por este trabalho possam vim a contribuir para como os pesquisadores futuros, tanto do fenômeno rosacruz, como do esoterismo. Como o título deste subitem evoca, o desenvolvimento de diferentes formas de espiritualidades na história, é próprio tempo que se contrai no espaço.

³⁸² [...] Renaissance esotericism is also the model *par excellence* for the "re-enchantment of the world" that provides orientation to the New Age quest for a new paradigm. In this case, "magic" is understood as referring, not primarily to magical practices or rituals, but to a "participatory" holistic *worldview* which re-unites the spiritual and the material dimension. Even in this case, however, the practical application of its hidden laws and forces is never far behind, as illustrated by the New Age concern with "creating our own reality" by means of visualizations and affirmations. (HANEGRAAFF, 1996, p. 394)

³⁸³ A percepção da natureza pelo homem e a interação entre este e a divindade encetou a propagação do Renascimento italiano, alcançando os autores dos textos que compõem o movimento rosacruz. (AMORIM, 2016, p. 72)

³⁸⁴ Em 23 de maio de 1618, alguns integrantes da nobreza da Boêmia (protestantes) jogaram pelas janelas do Palácio Real de Praga, os representantes do imperador Fernando II, católico e governante do Sacro Império Romano Germânico; tal fato foi o estopim da Guerra dos Trinta Anos.

³⁸⁵ Ao final da Guerra de Trinta Anos é assinado o Tratado de Westfália.

4.2.1 *Sentidos e significações do arcabouço simbólico do esoterismo: as narrativas simbólicas, a convergência de imaginários.*

A constituição do imaginário religioso terá no processo imaginativo o equivalente em eficácia simbólica, ao processo de sacralização das constituintes deste mundo, devemos ter em mente que a atividade ritual estabelece o elã vital que vincula de forma profunda o transcendente e o imanente. Neste ponto a imaginação desempenha papel central no estabelecimento dos vislumbres do transcendente, na medida em que entendemos a realidade através das suas percepções distintas, em níveis hierarquizados ou não, cada uma das percepções detendo-se sobre diferentes espectros fenomênicos a partir da pertença simbólica, lastreia o agir humano.

Os mitos desempenham uma função de história exemplar, assim como a narrativa histórica deve possuir eficácia suficiente, desta forma “escrever narrativas históricas convincentes muitas vezes depende completamente da habilidade de resolver [...] dilemas temporais complexos”. (SEWELL JR., 2017, p. 23) A confluência de diferentes constituintes do imaginário reflete esta habilidade de resolver estes dilemas narrativos, de cunho temporal. O relato mítico permite o diálogo entre tempos diferentes, cada tempo estabelecido em seu ritmo e tempo próprio. Esta funcionalidade mítica é o que torna as narrativas válidas, enquanto detentoras do sentido necessário ao grupo.

Assim como o mito é composto por partículas menores – os mitemas, e a narrativa histórica pelos fatos, podemos identificar dentro de uma tradição difusos sistemas mitêmicos que se agrupam em constelações simbólicas, dando origem a galáxias de imagens e símbolos que alimentarão o tripé – símbolo, mito e rito. Desta forma percebemos o trajeto desenvolvido pelo Esoterismo Ocidental e em especial a jornada particular da rosa e da cruz³⁸⁶ com ênfase na utilização enquanto emblema dos Movimentos rosacruz: a rosa cruz da *Gold-und Rosenkreutz Alteren System* – em sua correlação com o Cristo que venceu a cruz, imagem presente na edição do *GFR*. A cruz ladeada por uma auréola de rosas da Fraternidade Rosacruz de Max Heindel, ou o emblema estilizado utilizado pela AMORC, num misto de triângulo com vértice para baixo, cruz ansata, cruz latina e rosa, ou os diversos outros emblemas reproduzidos aqui nesta pesquisa.

³⁸⁶Estes dois elementos quando vistos separados possuem autonomia no amplo capital simbólico, ambos estão vinculados a religião, política e cultura num espectro mais amplo. Para exemplificar basta nos determos na heráldica, no campo imagético, na psicologia das profundezas, na alquimia ou simplesmente da religião.

Retomaremos a temática do(s) símbolo(s) dos diferentes movimentos rosacruzes mais a frente em nossos trabalhos, basta, por enquanto, termos em mente a plurivocidade desta díade que expressa uma dualidade complementar.

O processo de desencantamento do mundo, na ruptura dramática entre o pensamento mítico³⁸⁷ e a lógica exclusivamente pautada pela *ratio*, promove um isolamento fatídico para a consciência humana. Socialmente este acontecimento tem seu maior efeito no núcleo social com características sociais mais dogmáticas, caracterizada por uma hierarquia e por encadeamento de dogmas. Este que citamos acima demora a atingir as “bordas”, ou melhor os grupos que tangenciam o *status quo* das religiões institucionalizadas, formados por esoterismo, mistificações e heresias.

As expressões simbólicas que estão marginalizadas e colocadas com pouca importância no processo sociativo, desta feita as expressões religiosas mais “populares³⁸⁸” possuirão uma maior identidade com o mágico e o mítico, desta feita a linguagem simbólica terá terreno fértil no seio das religiosidades e espiritualidades “oficiosas”, neste campo um exemplo bem próximo é a utilização das artes divinatórias – astrologia, tarô, runas, apenas para citar as facilmente encontradas em bancas de revistas.

O processo de desencantamento do mundo encontrará nas Ciências das religiões, em sua revisão da obra de Max Weber, uma abordagem própria, pensando o sociólogo alemão em sua reflexão da sociedade diante da secularização em marcha. Neste campo ao estudarmos o fenômeno religioso encontraremos outros eruditos que terão na retomada do mito seu objeto de reflexão. Podemos citar: Mircea Eliade, Rudolf Otto, Henry Corbin, Julien Ries, Gershom Scholem, dentre tantos outros que possuem uma temática recorrente.

O sagrado no desenvolvimento da consciência humana, nesta perspectiva o mito, o rito e o símbolo recebem atenção, não como uma produção de cunho “fantasioso”, mas um elemento que serve de base para compreensão do espectro fenomênico que são as religiões. Seguindo a esteira das CR é possível nos determos nos desenvolvimentos que o campo do

³⁸⁷O mito então alimentado da imagem ancestral é informado pela imagem, forma a narrativa e transforma a experiência. Constitui a tríade fantástica na operação simbólica por excelência: Nesse sentido, podemos então conceber o mito é “a articulação entre a *arché* (passado) e o presente vivido em direção a *têlos* (devir) através da narrativa dinâmica de imagens e símbolos”. Um triplice movimento implicativo que interpõem a imagem lembrança (pessoal e coletiva) em um momento mítico de leitura neste presente e abre as possibilidades de ação para o devir a partir das minhas escolhas: “Parece que a vida é assim: nós não vivemos pela explicação, mas pela implicação. Isto quer dizer, por reencontros, pelas atividades imprevisíveis, fortuitas...” (FERREIRA SANTOS, 2017, p. 223)

³⁸⁸O debate sobre religiosidade popular ocuparia um tempo que não dispomos no presente trabalho, ressaltamos a sobrevivência mítica e simbólica nas apropriações presentes nas expressões populares da fé, o fato de estarem parcialmente fora das influências do centro dogmático da fé institucionalizada permite interpretações próprias do grupo e das necessidades simbólica.

esoterismo teve nas últimas décadas, dentre a ampla produção gostaríamos de destacar a série de livros publicados pela Editora Brill, em especial a *Aries Series Books*, nesta coleção é possível encontrarmos uma diversidade de estudos e aproximações do esoterismo e por consequência das ciências das religiões.

Corbin (1958) ao perceber a *Macrohistória* em nuances de uma *Mythohistory*³⁸⁹, indica a possibilidade de percepção do conjunto de narrativas ambientadas no contexto social e simbólico, em determinados momentos as narrativas sobre o esoterismo nos parecerão intimamente imbricada de forma indissociável como movimentos tais como: o rosacrucianismo ou a maçonaria, estes movimentos terão maior ou menos afinidade com as definições e conceitos academicamente firmados sobre os estudos do esoterismo ocidental. Cada bifurcação conceitual ou histórica formará uma nova teia de sentidos que se constituirá enquanto tal mediante as narrativas dos grupos ou indivíduos expoentes, por exemplo a tensão entre a laicidade do estado e a laicização social, vinculada ao processo de secularização, ou o próprio de secularização comparada com a ressurgência mítica evidenciada no início do século XX.

As diferentes narrativas³⁹⁰ que se apresentaram ao longo da história social humana, assim como os distintos relatos – mitos, que numa punção por vezes acusatória e por outras com contornos de fé³⁹¹ terão uma função de sistematizar as tradições, as periodicidades dos ritos, e estabelecer cosmogonias que estejam alinhadas com a crença predominante. Para Henri Hubert (2016), “o corpo dos mitos constitui uma pré-história da humanidade, da tribo da nação; os deuses são a origem das famílias humanas”. (HUBERT, 2016, p. 33)

Seguindo esta perspectiva, ao lado dos relatos institucionalizados³⁹² temos uma plêiade de narrativas que orbitam a própria definição generalizante de esotérico³⁹³, muitas das quais seguindo o sentido dos “episódios transcorrem aparentemente fora do tempo ou, o que dá no mesmo, na extensão total do tempo”, Eliade ressaltará o presenteísmo do tempo mítico ao cunhar a expressão – *in illo tempore* (ELIADE, p. 72, 2012) ao invés desta logicidade ser um

³⁸⁹Mitohistória, a propositura deste termo equivale a perceber no mito a relevância do mesmo, denotando seus processos de forma similar a historiografia consolidada, no âmbito do mito, a mitografia seguirá a crítica profícua e matizada pela sociologia do imaginário – uma sociologia das profundezas do homem.

³⁹⁰[...] o mito, a arte, a linguagem e a ciência aparecem como símbolos; não no sentido de que designam na forma de imagem, na alegoria indicadora e explicadora, um real existente, mas sim, no sentido de que cada uma delas gera e parteja seu próprio mundo significativo. Neste domínio apresenta-se este auto desdobramento do espírito em virtude do qual só existe uma “realidade”. Um Ser organizado e definido. (CASSIRER, 2000, p. 22)

³⁹¹Termo utilizado aqui no sentido de crença.

³⁹²Definidos pelos dogmas religiosos ou científicos.

³⁹³ Para uma discussão mais aprofundada sugiro a leitura da dissertação de Otávio Vieira Santana, presente nas referências bibliográficas.

problema para estabelecermos padrões de análises históricas, encontramos aqui a possibilidade de novas modelizações da gama de narrativas, de tempos e de histórias, pois “a descoberta de constantes na mitologia primitiva, baseada em estudos comparados, a fenomenologia da experiência religiosa, e outros, são passos importantes em direção a uma teoria sociológica da religião”. (LUCKMANN, 2014, p. 43)

As estruturas narrativas que compõem o imaginário do Fenômeno rosacruz têm seu ponto de adensamento nas primeiras décadas do século XVII. Identificamos nos primeiros escritos rosacruzes o ponto onde convergem correntes narrativas, ou melhor, a formação de *Bacias Semânticas* particulares que interligam-se compartilhando por vezes afluentes, ou bifurcando-se nos deltas, que integram-se, a noutras formulações, por exemplo o rio nomeadamente alquimia, que passa da simbólica islâmica, recebe uma roupagem cristã, intercala-se com princípios do hermetismo renascentista, chegando a desaguar, como colocado por Jung³⁹⁴, no binômio da química moderna e da filosofia hermética.

A estrutura das narrativas que formam o imaginário rosacruz, no amplo espectro dos quatro séculos de desenvolvimento. No século XVII com a eclosão dos primeiros escritos no ambiente europeu que passa por uma crise espiritual, à sobrevivência da simbólica que no século XVIII será apropriada pela estrutura maçônica, recebendo uma carga institucionalizante, estrutura esta que perdurará até as ordens contemporâneas, que detêm parte do capital simbólico do século XVIII (nomes dos graus³⁹⁵, título do líder mundial³⁹⁶ e estrutura de instrução), parte da simbólica presente na Golden Dawn do século XIX influenciará a AMORC do período de Harvey Spencer Lewis (1883-1939). Este sendo o fundador e organizador da AMORC, ficando à frente da mesma até sua morte em 2 de agosto de 1939.

Todas as formulações, tanto no âmbito da simbólica quanto da ritualística rosacruz, será basicamente constituída pelo mito e pelo misticismo nas suas relações com a teosofia de Boehme, com a gnose, com o hermetismo renascentista, produzindo uma narrativa mística que dialoga com o esoterismo ocidental, em especial com a visão estrutural de Olav Hammer. Tendo como mito central identifica, e nos permite perceber o amalgama de seus múltiplos imaginários, a busca pela glorificação humana, ou na tensão da escatologia ocidental, do retorno ao estado de perfeição, da retomada do homem perfeito, identificamos nesta busca a composição, de forma heteróclita, do *ethos* rosacruz, de caráter místico, mítico e simbólico.

³⁹⁴JUNG, 2011, p. 64.

³⁹⁵A S.R.I.A. e a AMORC utilizam os nomes dos nove graus presentes no texto de Samuel Richter e que foram utilizados na estruturação da *Gold-und Rosenkreutz*.

³⁹⁶A título de exemplo o líder mundial do ramo rosacruz AMORC é chamado de *Imperator*.

A convergência contemporânea do fenômeno rosacruz, explicitado nos movimentos aqui elencados denota um aspecto particular da modernidade a democracia, a luta por igualdades – de gênero, raça e social, dispostos na declaração dos direitos do cidadão. O imaginário que externa estes anseios e é percebido nas sociedades secretas³⁹⁷. O fluxo simbólico e ressignificação destes movimentos terá no início do século XX grande ênfase nas espiritualidades nascentes e a recorrência de estruturas mística, cujo simbolismo ascensional serão uma constante, e expresso nas diferentes camadas de significado com que sua forma de religião secular dialoga de forma significativa.

O impacto dos processos ocidentais de racionalização e secularização, muda todo o cenário da sociedade, ampla exclusão da imaginação (relegada por vezes a pura fantasia), este impacto não deve ser subestimado, pois o mesmo, externa a própria movência da consciência ocidental, o que nos chamou a atenção³⁹⁸ é a sobrevivência do esoterismo, independente dos processos desenvolvidos pós-Iluminismo – muitas das o próprio esoterismo remodela e influi em alguns processos deste, esta sobrevivência tem força e produzirá movimentos fortes e sem precedentes na história do ocidente, autores como Wouter Hanegraaff (1996), defende que estes movimentos florescem como fruto do Romantismo³⁹⁹ e do Ocultismo⁴⁰⁰, ambos movimentos que apresentam-se como uma tensão entre visões do mundo.

O resultado é que o esoterismo em suas acepções totais – influencias românticas e ocultas, produziu discursos que por vezes chocam-se, promovendo movimentos híbridos, que possuem ideias e conceitos esotéricos que continuaram a ser utilizados sob as novas condições, mas, uma vez que o significado e a função dependem do contexto, foram inevitavelmente submetidos a mudanças sutis, mas importantes, para compreensão da, pregnância do esoterismo no ocidental e das formulações seculares de tal fenômeno.

³⁹⁷ Usamos o termo sociedade secreta, apenas por ser uma terminologia corrente e popularizada, sendo que o ideário desta nomenclatura seria: sociedades iniciáticas, sociedades discretas, colégios iniciáticos, além dos nomes ou definições como as tais se reconhecem.

³⁹⁸ Em nosso trajeto acadêmico, desde a graduação.

³⁹⁹ Romanticism emerged from a momentous event: the reinterpretation of esoteric cosmology under the impact of the new evolutionism. This changed the nature of esotericism forever, but left the internal consistency of its worldview essentially intact. (HANEGRRAAFF, 1996, p. 406)

⁴⁰⁰ Occultism, in contrast, came into existence when the esoteric cosmology (based on universal correspondences) increasingly came to be understood in term of the new scientific cosmologies (based on instrumental causality). (HANEGRRAAFF, 1996, p. 407)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As motivações iniciais deste trabalho, se não ficaram claras na introdução, possuem uma vinculação a própria história do pesquisador. Ao longo desta pesquisa certas temáticas foram ganhando relevância, enquanto outras obliteraram-se.

Nos capítulos iniciais – o primeiro e o segundo, intentamos pensar duas temáticas narrativa e tradição, a primeira enquanto a reverberação dos relatos míticos simbólicos que fomentam o imaginário dos colégios iniciáticos. Em nossa perspectiva a narrativa simbólica que dar nascedouro aos movimentos esotéricos – grupos, círculos e ordens, terá sua inserção na realidade dada mediante a ressignificação do ambiente e dos indivíduos envolvidos, o estabelecimento de narrativas instauradoras produzirá em sua época e local a força motriz constituidora de uma nova realidade. Instituído-se um tempo sacralizado que se define na ideia de Tradição.

Nesta linha de raciocínio a narrativa presente nos Manifestos Rosacruz e posteriormente nos diversos escritos subjacentes ao mesmo constitui o universo de sentido do esoterismo rosacruziano até a desembocadura na estrutura do misticismo contemporâneo. Este trajeto simbólico – que fizemos referência em nossa dissertação de mestrado, serve de demonstrativo das constituintes imagéticas e proporcionalmente imaginárias da consciência ocidental.

Os manifestos figuram no momento epifânico do fenômeno rosacruz, sendo a condensação do pensamento rosacruz no século XVII, e ao tensionarmos uma linha entre os três primeiros escritos e o *ethos* rosacruz contemporâneo perceberemos que as motivações dos autores dos manifestos e do rosacruz dos dias de hoje mantem-se praticamente as mesmas: uma busca pela compreensão das leis da natureza (não apenas físicas, mas espirituais e transcendentais), o locus do gênero humano na criação e a busca por uma religião universal, que vincule os diferentes credos, símbolos e mitos num amalgama que tenha o homem qual reflexo da criação. A busca por uma pansofia, aos moldes de Comenius, Boehme, Harvey Spence Lewis e tantos outros pensadores, cujas as ideias se inserem numa perspectiva de “fora da caixa” das sociedades de época.

Partindo das diferentes acepções de tempo, contidas no primeiro capítulo deste trabalho, iniciamos a construção do quadro metaempírico de significados, na composição do referido quadro orientamos nosso olhar pela compreensão: que o conhecimento dar-se-á na tríplice percepção da arte, da ciência e das religiões, num processo circunvolutivo qual simbolismo do número três e suas diferentes ilações ao longo da história. Num diálogo com as concepções da

mecânica quântica, percebemos que o dialogismo estabelecido entre passado, presente e futuro terá seu lugar de coerência na consciência do homem, da mesma forma que a sacralidade expressará sua profundidade neste mesmo ambiente, esta foi a motivação por começarmos a presente discussão pela noção de tempo, perpassamos a mesma na arte, nas ciências e nas religiões.

Na medida em que o tempo e suas bifurcações conceituais nos auxiliaram a estabelecer o ponto de partida de nossa jornada o segundo capítulo dedicado as narrativas rosacruz, possui a relevância de materializar o conceito fugidio de Tradição, este percebido aqui inicialmente de modo amplo e por vezes aproximando-se da ideia de cultura, os primeiros escritos rosacruz - os manifestos, eclodirão fazendo suas ondas propagarem-se nos séculos seguintes, tanto que é no início do século XVIII, precisamente em 1710 que outro importante documento irá lançar as base dos graus e da estrutura hierárquica, refiro-me a publicação de Samuel Richter⁴⁰¹, *Die wahrhafft und vollkommene Beschreibung des philosophischen Steins der Bruderschaft aus dem Orden des Gulden-und Rosenkreutzes Denen Filiis doctrinae zum Besten [...]*⁴⁰² publicada em Breslau.

É em finais do século XVIII que encontramos a compilação *do Geheime Figuren der Rosenkreuzer [...]*, analisada em nossa dissertação de mestrado e apresentada no PPGCR em 2016⁴⁰³, que como ressaltamos no referido texto sua relevância iguala-se as dos Manifestos. O conjunto simbólico da obra traça a narrativa imagética dos diferentes afluentes da tradição e da cultura rosacruz, condensando praticamente três séculos de imagens numa organização ampla e difusa.

O conjunto simbólico formado pela cultura rosacruz, pautada em seus mitos e em permanente movimento fornece um quadro de sentidos espirituais que orientam seus adeptos, na perspectiva de uma espiritualidade sobrevivente ao processo da secularidade. Uma espiritualidade sem religião, mas ao mesmo tempo defensora das formulações institucionalizadas das mesmas, organizando-se como um conjunto de fé particular que dialoga com as estruturas sociais dos indivíduos, criando vínculos simbólicos para além das confissões de fé.

Numa tentativa de aglutinar uma quantidade considerável de informações e variações dos diversos movimentos que se colocam sobre a égide rosacruz, de forma direta ou indireta,

⁴⁰¹ Samuel Richter era pastor em Hartmannsdorf, na Silésia, estudou no Halle, dizia-se discípulo de Paracelso e Jacob Boehme, utilizando-se do pseudônimo de *Sincerus Renatus* (SABLÊ, 2006, p. 244-245).

⁴⁰² *A descrição verdadeira e completa da pedra filosofal da Irmandade da cruz dourada e da cruz rosa (vermelha)*. Abreviamos o título, por demasiado longo.

⁴⁰³ AMORIM, 2016.

trouxemos no terceiro capítulo as múltiplas pétalas do rosacrucianismo, estas dispostas nas mais variadas flores que compõem o roseiral peculiar do Esoterismo Ocidental. A contemporaneidade caracteriza-se pela ressurgência dos mais distintos grupos rosacruz, estes assumindo os mais variados discursos – desde os assumidamente religiosos aos que se apresentam como ordens tradicionais não religiosas ou sectárias.

O plurifacetamento do fenômeno rosacruz pode ser compreendido na vazão simbólica da consciência ocidental, a adaptabilidade do discurso rosacruz, detentor da ideia de conhecimento, conhecimento tradicional cuja pertinência dar-se-á na lógica de sustentáculo do social, tal qual a função simbólica desenvolvida pelo fenômeno religioso, em especial a noção de fé, de pertença e de um quadro superior de significados que orienta e rege a vida do homem.

Ao levantarmos as diversas expressões do rosacrucianismo, além das simbólicas semelhantes, encontramos princípios que passarão de um movimento ao outro em conceitos e ideias que por vezes são reinterpretados e revalorizados pelo grupo. O traço comum destes movimentos, além claro de estarem sobre o conceito “guarda chuva” de esoterismo, é a vinculação aos mitos fundantes do rosacrucianismo ou as suas variantes perceberemos sua maior presença e valoração. Como colocado no capítulo 1, a escolha que fizemos, do ponto de vista metodológico, para entendermos o esoterismo ocidental e o fenômeno rosacruz, está pautado, além das perspectivas da escola de Amsterdam, também nos utilizamos dos trabalhos de Olav Hammer.

Em sua estrutura simbólica e seu funcionamento enquanto grupo está totalmente alinhada com a perspectiva de Olav Hammer (2004) para como os grupos esotéricos – ele formula um conceito tipológicos, já referido no capítulo 2 deste trabalho, a AMORC assim como os movimentos rosacruzes aqui discutidos apresentam a mesma estrutura. Os núcleos rosacruzes possuem uma *formação social* que inserem os mesmos no tecido social das comunidades em que estão inseridos, seus *rituais* vinculam e estabelecem as relações com a Tradição e a estrutura simbólica do fenômeno rosacruz, levando em consideração a estrutura de egrégora difundido em parte dos movimentos esotéricos.

Os *objetivos propostos* por estes grupos visam o estabelecimento de uma ética baseada em princípios humanísticos, que utiliza a lógica da evolução pautada no amor ao próximo, e em conceitos, como os defendido na ética dos rosacruzes – paciência, confiança, temperança, tolerância, despego, altruísmo, integridade, humildade, coragem, não-violência, benevolência e sabedoria (TOUSSAINT, 2000), são exemplos da ética interna a estes grupos a isto por uma função osmótica desenvolve um *estilo cognitivo* – ou agrega indivíduos de mentes afins, estabelecendo uma *relação com a consciência dominante da sociedade*. (HAMMER, 2004)

A estrutura dos movimentos rosacruzes no século 21, como colocado no capítulo 3, mantem a característica heteróclita que permeia todo o seu desenvolvimento, a perspectiva mística caracterizada pelas formulações dos movimentos contemporâneos é em si a reposta simbólica de forma mais abrangente a uma sociedade secularizada e que possui em si o anseio pelo transcendente. Pensar – *O ethos Rosacruz: um trajeto metaempírico no deságua simbólico e místico da consciência transcendental*, é que perceber que a consciência ocidental em seus diversos momentos históricos e em suas diversas formulações espaciais e temporais é composta, por um tecido que vai aglutinar diversos fios, diversas percepções, diversas possibilidades de interações, de simbolismo e de sentidos.

Esse *ethos*, ou seja, essa estrutura que compõe que rege os elementos socioculturais, simbólicos, religiosos do estudante rosacruz ou do membro das diferentes variações do rosacruçianismo e das expressões do esoterismo ocidental, privilegiando um quadro metaempírico que privilegia o transcendente, sem deixar de lado, claro, a modernidade e suas conquistas nos campos da ciência e relações humanas, haja vista por exemplo, que dentro desse grande quadro metaempírico que salvaguarda as constelações do esoterismo ocidental expressos em movimentos noções.

O século 21 com as formulações do fenômeno religioso, pautado por uma volatilidade, em que o tempo se processa numa outra velocidade, vivemos em um tempo em que o imediatismo se faz presente, em que o ambiente social é permeado pela impermanência, pela mutabilidade, pelo processo de adaptabilidade das necessidades à prioridade do indivíduo, sendo assim o campo do esoterismo ocidental marcado por esta volatilidade, que nomeamos de misticismo *fast-food*, onde o processo de *self-service*, é particular ao ocidente, e que opera enquanto uma resposta do social, ao tempo de crise espiritual em que vivemos. Esta resposta dar-se-á na baila do reencantamento do mundo, marca de modernidade, assim como na atualização de seu quadro de significados transcendentais.

A medida em que percebemos um esvaziamento de sentido na sociedade contemporânea, encontramos ações que visam, valorar instituições em o simbólico possui prevalência sobre o humano. Quando Gilberto Durand coloca lá em suas EAI ou mesmo na Fé do Sapateiro, sua percepção sobre o esvaziamento de sentido, esvaziamento que ocorre no mundo ocidental, esvaziamento que faz com que o simbólico seja relegado a um signo, tendo em vista que o simbólico é algo mais profundo e o signo é algo mais imediato, então, o que ocorre nesse isolamento da imagem, nesse isolamento do homem enquanto ser produtor e condutor de sentido e o que percebemos como lacuna, um esvaziamento que muitas das vezes por uma estrutura enrijecida e dogmática – presente nas religiões institucionalizadas.

O ethos Rosacruz: um trajeto metaempírico no deságua simbólico e místico da consciência transcendental, título deste trabalho mostra-se como um elemento definidor das aproximações simbólicas em que podemos construir e/ou reconstruir a memória silenciosa das espiritualidades secularizadas, que podem ser vista qual lençol freático que corre nas entranhas da terra, hora afloram em nascentes recônditas na matas simbólicas de nossa consciência, por vezes minando das rochas do cientificismo e da rigidez das certezas. O curso dessas águas são os rios que desaguam no mar da consciência do homem, cujo Espírito que paira sobre as águas, ver a si mesmo tal qual o Ser que ver-se no *Speculum* da Criação, no abismo da Eternidade, que para além do horizonte de possibilidades, é em si o sentido e razão da própria Consciência Ocidental.

GLOSSÁRIO

A

Adão Kadmon Homem primordial na Cabala, assemelha-se simbolicamente a Purusha, a Pangu nas mitologias Hindu e Chinesas respectivamente.

Alquimia A palavra “alquimia” é árabe (*alkhimiya*), derivada do substantivo egípcio *khemi* (negro), isto é a matéria original antes da transmutação, convertendo-se o negro em ouro depois de passar pelo branco, o que indica de imediato a relação da alquimia com a espagíria, logo com a tintura.

Aritmosofia A aritmosofia é a arte de decifrar, ou perceber sentido ocultos na natureza através dos números, a mesma será muito utilizada dentro dos ramos teosóficos no século XVIII, a mesma terá na gematria hebraica, técnica de substitui letras por números, sua correlata e principal influenciadora.

Arte Régia Outro nome dado a alquimia, assim também os alquimistas são chamados de artistas e filósofos do fogo.

C

Cabala Corrente da Mística judaica que possui duas abordagens uma que podemos chamar de extática e outra de característica teosófica-teurgica, desenvolve-se enquanto um complexo sistema de interpretação das escrituras judaica, principalmente o Genesis. Tendo como principal obras o *Zohar*, o *Bahir* e *Yetzirá*. Organizada numa da árvore cabalística contendo dez seфирas e quatro mundos, podemos ter quatro níveis de interpretação da *Torá*: *peshat* (literal), *remez* (simbolismo das letras e dos números), *derash* (alegórico, onde se usa a *gematria*, a *temourah* e a *notarikon*) e *sod* (nível secreto, por via meditativa), cujas primeiras letras formam o acróstico PaRDeS, “pomar” ou “paraíso”.

Corpus Hermeticum Corpus Hermeticum (também chamado de Hermetica) é o conjunto de textos escrito entre os séculos II AEC e II DEC, atribuído durante muito tempo a um Sacerdote egípcio, Thoth que também é identificado com Hermes o Trismegisto, três vezes grande, os textos reúnem magis astrológica, tratados de caráter cosmogônicos e teológicos.

Cosmológicos Estrutura hierarquizada do cosmo, níveis, esferas, mônadas etc.

Cosmogônicos

Referente a origem do cosmo, a organização da Natureza criada e manifesta.

G*Gnose*

Este termo aparece no texto na forma de conhecimento, adquirido, transmitido ou como reflexo da fonte donde tal conhecimento origina-se, nos temas do esoterismo ocidental ele figura enquanto uma noção, e não uma corrente do mesmo.

H*Hermetismo*

Corrente de ideias que tem seu desenvolvimento entre os séculos II AEC e II DEC, que serão *redescobertos* no Renascimento Italiano através dos esforços de Masilio Ficino. Seus textos conservam-se dentro das tradições árabes, sua influência é essencial para o esoterismo ocidental, fornecendo um denso capital simbólico para o Movimento Rosacruz e afins.

Hieroeidética

A hieroeidética é Conhecimento a revelação visionária dos princípios unificadores e poderes de formar o mundo cósmico inteiro, e como a pesquisa tem lugar no campo da imaginação a meio caminho entre o mundano e o transcendente: há um vidente e que é visto, ouvinte, e o que é ouvido. Um modo de apreensão do sagrado através de uma visão “sacralizante”.

Hierohistória

Forma de perceber os aspectos históricos, não vinculado apenas à reta histórica, cujos fenômenos se processam de forma linear, mas um diálogo estabelecido através de uma percepção do tempo como estrutura cíclica mas que a cada volta, novos valores são agregados, numa perspectiva histórica ampliada, e não apenas um retorno as origens.

I*Imagético*

O que advém principalmente das imagens, mas também inerente a imaginação;

Imaginário

O imaginário é obra de uma imaginação transcendental que é independente, em grande parte, dos conteúdos acidentais da percepção empírica: “fantástica transcendental”

J*Joanita*

Ritos ou *corpi* que evocam uma filiação aos personagens bíblicos que possuem o nome de João, São João Batista e João

Evangelista. Estes personagens terão na simbólica de alguns ritos (Rito de York por exemplo) lugar de destaque.

M

Martinismo

O é uma estrutura filosófica baseada nas concepções de Louis Claude de Saint-Martin, que foi discípulo de Martinez de Pasqually e que a partir dos ensinamentos destes últimos forma seu sistema. Nesta perspectiva o Martinismo irá beber no simbolismo dos *Elu Cohen* (Ordem fundada por Martinez), e terá uma relação estreita com uma forma de cristianismo esotérico assim também com a mística judaica

Meta temporalidade

Forma de expressão temporal que extrapola a reta temporal disposta na lógica da sucessão de: passado, presente e futuro. Este conceito fornece a possibilidade de múltiplas temporalidades ocorrendo de forma contínua e interligadas.

P

Pansofia

Estudo de todos os conhecimentos do universo; Ciência universal; todo o saber. Termo amplamente divulgado por Comenius, imbricado no fenômeno Rosacruz.

Pietismo

Movimento protestante alemão surgido em finais do século XVIII, influenciado por Jacob Boehme, tendo como principal propagador Friedrich Gottlieb Klopstock (1724-1803). O movimento expande-se chegando a Rússia e a América do Norte, existindo uma vinculação entre os Pietistas e o movimento rosacruz, possivelmente por boa parte de dos propagadores do fenômeno rosacruz no século XVIII serem pietistas, por exemplo Samuel Richter.

R

Rito

Conjunto de atos simbólicos que se estruturam enquanto uma liturgia, permitindo através de uma práxis reviver mitos e símbolos, funcionando também como uma *ars memoria*, trazendo aqueles que os vivenciam uma inserção num tempo próprio.

S

Septenário

Referente aos cinco planetas e dois astros reconhecidos pelos antigos astrólogos e a sua respectiva analogia com os metais utilizados na alquimia, é corriqueira a utilização da expressão Septenário dos antigos.

- 1.
2. Sicht der Natur

Natureza Visível, ver Paracelso e a teosofia germânica do século XVIII.

T**Tempo**

Dimensão vinculada ao estado de consciência, que vincula o indivíduo à estrutura da realidade juntamente com o espaço. Termo redutível a formulações mecanicistas somente, possuindo sentido mítico diferente do sentido histórico, ficando explicitado na formulação de distintas realidades.

Temporalidade

Partícula ou expressão do Tempo, caracterizada por expressar particularidades – temporalidade histórica, temporalidade mítica, temporalidade da física, temporalidade social.

REFERÊNCIAS

1 – OBRA SOBRE O FENÔMENO ROSACRUZ

ÂKERMAN, Susanna. *Rose Cross over the Baltic – The spread of rosicrucianism in Northern Europe*. Leiden/Boston/Köln: Brill, 1998.

AMORC. *Glossário de termos e conceitos da tradição Rosacruz AMORC*. Curitiba: GLP, 2015.

AMORIM, J.C.A. *Geheime figuren der Rosenkreuzer: esoterismo no imaginário do movimento Rosacruz do século XVIII*. (Dissertação de Mestrado). João Pessoa: PPGCR Universidade federal da Paraíba, 2016.

Disponível em: http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFPB-2_9ff246dac7550ec8c08ffb4492ae6478 Acessado em: 28 ago. 2019 às 17:36.

ASHMOLE, Elias. *Treatrum Chemicum Britanicum*. Londres: F. Grinfmon, 1652

BEYER, Bernh. *Das Lersystem des ordens des Gold-und Rosenkreuzer*. Leipzig – Berlin: Pansophie, 1925.

BOGARD, Milko. *In the shadow of the cathedral of souls*. New York: ICGTesting, 2019.

BRECHT, Martin. *Der alte Johan Valentin Andrea und sein Werk-eine Anzeige* In *Die Rosenkreuzer als europäisches Phänomen im 17. Jahrhundert*. Amsterdam: Pelikaan, 2002.

BRUL, Lex van den. Jan van Rijckenborgh – ein moderner Rosenkreuzer und hermetischer Gnostiker. In *Die Rosenkreuzer als europäisches Phänomen im 17. Jahrhundert*. Amsterdam: Pelikaan, 2002.

CHURTON, Tobias. *The Golden Builders – Alchemists, Rosicrucians and the First Freemasons*. Boston: Wieser, 2005.

_____. *Os Invisíveis – A História da Rosa-Cruz*. São Paulo: Madras, 2009.

ECKHARDT, J. D. A. *Símbolos secretos dos rosacruz dos séculos XVI e XVII*. Rio de Janeiro: Editora Renes, 1973.

_____. *Símbolos secretos dos rosacruz dos séculos XVI e XVII*. Curitiba: Diffusione Rosicrucienne, 2014.

EDIGHOFFER, Roland, *Rose-Croix et societe ideale selon Johann Valentin Andreae*. Paris: Arma Artis, 1987.

_____. *Les Rose Croix*. Paris: PUF, 1995.

_____. *Die manifeste der Rosenkreuzer* In GILLY, Carlos. *Rosenkreuzer als europäisches Phänomen im 17. Jahrhundert*. Amsterdam: Pelikaan, 2002.

_____. *Rosicrucianism I: First half of the 17th Century* In HANEGRAAFF, Wouter J. *Dictionary of Gnosis & Western Esotericism*. Leiden; Boston: Brill, 2006.

FRATERNIDADE ROSACRUZ. *Os Mistérios, de Goethe*. (Tradução do original por Raul Guerreiro) Disponível em: < http://www.fraternidaderosacruz.org/am_omdg.htm >. Acesso em: 20 mar. 2016.

FRÈRE, Jean-Claude. Vida e mistérios dos Rosa+Cruzes. São Paulo: Editora Pensamento, 1993.

GEFFARTH, Renko D. *Religion und arkane Hierarchie Der Orden der Gold- und Rosenkreuzer als Geheime Kirche im 18. Jahrhundert*. Leiden; Boston: Brill, 2007.

GILLY, Carlos. *Cimelia Rhodostaurotica* – Die Rosenkreuzer im Spiegel der zwischen 1610 und 1660 entstandenen Handschriften und Drucke. Amsterdam: Pelikaan, 1995.

_____. *Die Rosenkreuzer als europäisches Phänomen im 17. Jahrhundert*. Amsterdam: Pelikaan, 2002.

_____. *Campanella and the Rosicrucians* In Die Rosenkreuzer als europäisches Phänomen im 17. Jahrhundert. Amsterdam: Pelikaan, 2002.

HAGGER, Nicholas. *A História Secreta do Ocidente* – A influência das Organizações Secretas na História Ocidental da Renascença ao século XX. São Paulo: Cultrix, 2010.

HUIJS, Peter. *Chamados pelo coração do Mundo* – considerações sobre a origem e o desenvolvimento da escola espiritual da Rosacruz Áurea e seus fundadores J. van Rijckenbrog e Catharose de Petri. Jarinu: Pentagrama Publicações, 2015.

JENNINGS, Hargrave. *The rosicrucians* – Their rites and mysteries. New York: Cambridge, 2011.

LEWIS, Harvey Spencer. *Manual Rosacruz*. Rio de Janeiro: Editora Renes, s/d.

MELAMED, Abraham. *Hebraic aspects of the renaissance: sources and encounters* In ZINGUER, Ilana; MELAMED, Abraham; SHALEV, Zur. Hebraic Aspects of the Renaissance. Leiden, Boston: 2011.

MENDIA, Fábio. *A Rosa do encoberto: Uma hermenêutica exploratória do pensamento exotérico de matiz rosacruciano de Fernando Pessoa*. Tese de doutorado em Ciências da religião. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica/PUC, 2016. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/18974> Acessado em 20 de outubro de 2018.

MONTLOIN, Pierre / BAYARD, Jean-Pierre. *Os Rosa-Cruz ou a conspiração dos sapientes*. Lisboa: Edições 70, 1979.

MCINTOSH, Christopher. *Os Mistérios da Rosa-Cruz*. 1. ed. São Paulo: IBRASA, 1988.

_____. *O sonho rosacruciano* In KINNEY, Jay (org). Esoterismo e magia no mundo ocidental – Uma introdução à sabedoria oculta do ocidente. São Paulo: Editora Pensamento, 2006.

_____. *The Rose Cross and the Reason of Age* – Eighteenth-Century Rosicrucianism in Central Europe and Relationship to the Enlightenment. New York: Sunny Press, 2011.

MCLEAN, Adan. The manuscript sources of the English translation of the Rosicrucian Manifestoes In Die Rosenkreuzer als europäisches Phänomen im 17. Jahrhundert. Amsterdam: Pelikaan, 2002.

OLIVEIRA, Vítor Lins. *Rosacruçianismo: História e Imaginário*. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2009.

ORTEGA, Pedro. *Arte y sociedades secretas – Péladan y los Salones de la Rosa+Cruz*. Madrid: Vola Archivos, 2021.

RANC, Paul. *La rose-croix – Mythe ou realite?* Lausanne: Editions du Rocher, 1985.

REBISSE, Cristian. *Rosa cruz: História e Mistérios*. Curitiba: Diffusion Rosicruciene, 2004.

RITMAN, Joosr. R. *Die Geburt der Rosenkreuzerbruderschaft in Tübingen*. In *Die Rosenkreuzer als europäisches Phänomen im 17. Jahrhundert*. Amsterdam: Pelikaan, 2002.

ROOB, Alexander. *El museo hermético: alquimia & mística*. Hong Kong: Taschen, 2011.

SABLÊ, Erik. *Dicionário dos rosa-cruzes*. São Paulo: Madras, 2006.

SACHSE, Julius. *The German Pietist of Provincial Pennsylvânia*. Philadelphia: printed by author, 1895.

SALOMÓ, Eduard Berga et al. *Sabedoria do silêncio*. Lisboa: Fundação Rosacruz, 2012.

TOUSSAINT, Serge. *O ideal ético Rosacruz – Em doze virtudes*. Curitiba: GLP, 2000.

SACHSE, Julius F. *The Pietists of Provincial Pennsylvania*. Philadelphia: printed by author, 1895.

YATES, Frances Amelie. *O iluminismo Rosacruz*. São Paulo: Ed. Pensamento, 1983.

UNDERHILL, Evelyn. *Misticismo*. 1. ed. Curitiba: Diffusion Rosicrucien, 2002.

VANLOO, Robert. *Les Rose-Croix du Nouveau Monde. Aux sources du rosicrucianisme moderne*. Paris: Claire Vigne Editrice, 1996.

_____. *L 'Utopie Rose-Croix du XVII siecle a nos jours*. Paris: Editions Dervy, 2001.

WILLARD, Thomas. *Dreams and Symbols in The Chemical Wedding* In FORSHAW, Peter J. *Lux in Tenebris – The Visual and the Symbolic in Western Esotericism*. Leiden / Boston: Brill, 2017.

2 – OBRAS SOBRE ESOTERISMO OCIDENTAL

ANES, José Manuel. *A alquimia – Os Alquimistas contemporâneos e as novas espiritualidades*. Lisboa: Ésquilo, 2010.

_____. *Uma introdução ao esoterismo ocidental e suas iniciações*. Lisboa: Arranha-céus, 2014.

AROLA, Raimón. *Alquimia y religión*. Madrid: Ediciones Siruela, 2008.

CAMPOS, Marcelo Leandro de. *Esoterismo, Modernidade e Secularização: A Gnose De Samael Aun Weor*. Dissertação de Mestrado. Campinas: PPGCR – PUC Campinas, 2015. Disponível em: <http://tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/jspui/handle/tede/755> Acessado em 22 de abril de 2022 às 01h

CORSETTI, Jean-Paul. *Historia del esoterismo y de la ciencias ocultas*. Buenos Aires: Larousse, 1993.

COUDERT, Alisson P. *From “The Hermetic Tradition” to “Western Esotericism”* In HANEGRAAFF, Wouter J.; PIJNENBURG Joyce (eds). *Hermes in the Academy: Ten Years’ Study of Western Esotericism at the University of Amsterdam*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2009.

DAN, Joseph. *Christian kabbalah: from mysticism to esotericism* In FAIVRE, Antoine; HANEGRAAFF, Wouter F. *Western Esotericism and the science of religion*. Leuven: Peeters, 1998.

ECKARTSHAUSEN, Karl von. *Algumas palavras do mais profundo do ser*. Jarinu: Rosacruz, 2003.

FAIVRE, Antoine. *El esoterismo en el siglo XVIII*. Madrid: EDAF, 1976.

_____. *O esoterismo*. Campinas: Papirus, 1994.

_____. *Questions of terminology proper to the study of esoteric currents in modern and contemporary europe* In FAIVRE, Antoine; HANEGRAAFF, Wouter F. *Western Esotericism and the science of religion*. Leuven: Peeters, 1998.

_____. *Western Esotericism – A concise history*. New York: SUNY Press, 2010.

FAIVRE, Antoine; HANEGRAAFF, Wouter F. *Western Esotericism and the science of religion*. Leuven: Peeters, 1998.

GICHTEL, Johan Georg. *A senda do homem celeste – narrado por um verdadeiro combatente que a percorreu*. São Paulo: Polar, 2001.

GOODRICK-CLARKE, Nicholas. *The western esoteric traditions*. New York: Oxford Press, 2008.

HAMMER, Olav. *Claiming Knowledge – Strategies of Epistemology from Theosophy to te New Age*. Leiden, Boston: Brill, 2004.

_____. *New Thought Movement*. Leiden, Boston: Brill, 2006.

HANEGRAAFF, Wouter J. *New age religion and western culture – Esotericism in the mirror of secular thought*. Leiden; New Yorl; Köln: BRILL, 1996.

_____. *On the Construction of “Esoteric Traditions”* In FAIVRE, Antoine; HANEGRAAFF, Wouter F. *Western Esotericism and the science of religion*. Leuven: Peeters, 1998.

_____. *Western Esotericism – Guides for the Perplexed*. London: Bloomsbury Publishing, 2013.

LEVI, Eliphas. *Curso de Filosofia Oculta – Cartas ao Barão Spédalieri*. São Paulo, SCA, 1984.

MALTEZ, José Adelino. *Abecedário simbiótico – Um digesto político contemporâneo com exemplos sagrados e profanos*. Lisboa: Campo da Comunicação, 2011

RIFFARD, Pierre. *O Esoterismo*. São Paulo: Mandarim, 1996.

RONCA, Italo. *Religious symbolism in medieval islamic and christian alchemy* In FAIVRE, Antoine; HANEGRAFF, Wouter F. *Western Esotericism and the science of religion*. Leuven: Peeters, 1998.

SCHUCHARD, Marsha Keith. *Restoring the Temple of Vision – Cabalistic freemasonry and Stuart culture*. Leiden / Boston / Köln: Brill, 2002.

SEGUNDO, João Florindo Batista. *Mysterium Pansophicum: imaginário e esoterismo em Jacob Boehme*. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba PPGCR, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/12201/1/Arquivototal.pdf> Acessado em: 26 de janeiro de 2020.

VERSLUIS, Arthur. *Magic and Mysticism – an introduction to Western Esotericism*. Lanhan: Rowman & Littlefield Publishers, 2007.

_____. *The mystical state – Politics, gnosis, and emergent cultures*. Edição Kindle. Minneapolis: New Cultures Press, 2011.

VIEIRA, Otávio Santana. *O hermetismo como elemento fundamental do ocidente*. Um paradoxo entre sua necessidade e sua rejeição. Dissertação de Mestrado em Ciências das religiões. João Pessoa: PPGCR / UFPB. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/8769/2/arquivo%20total.pdf> Acessado em 10 de junho de 2018.

YATES, Frances A. *Giordano Bruno e a tradição hermética*. São Paulo: Círculo do Livro, 1987.

3 – OBRAS SOBRE IMAGINÁRIO

BAPTISTA, Fernando Paulo. *A rede lexical do “Imaginário” - Clave para uma leitura deste conceito*. Lisboa: Instituto Piaget, 2007.

BLOOR, David. *Conhecimento e imaginário social*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

CAVALCANTI, Carlos André Macedo; SIRONNEAU, Jean-Pierre. *Mircea Eliade et les chemins de l’imagination* In WUNENBURGER, Jean-Jacques; ARAÚJO, Albert Filipe; ALMEIDA, Rogério de. *Os trabalhos da imaginação – Abordagens teóricas e modelizações*. João Pessoa: Editora UFPB, 2017.

CORBIN, Henry. *Cyclical Time in Mazdaism and Ismailism* In *Man and Time: Papers from the Eranos yearbooks*. London: Routledge & Kegan Paul, 1958.

_____. *Spiritual Body and Celestial Earth From Mazdean Iran to Shi'ite Iran*. Princeton: PRINCETON UNIVERSITY PRESS, 1977.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Diante do tempo – História da arte e anacronismo das imagens*. Belo Horizonte: UFMG, 2015.

DURAND, Gilbert. *Science de l’homme et tradition – le nouvel esprit anthropologique*. Paris: Berg International éditeurs, 1979.

_____. *L’Âme tigrée – Les pluriels de psyché*. Paris: Denoël Gonthier, 1980.

_____. *Mito, símbolo e mitologia*. Lisboa: Editorial Presença, 1982.

_____. *Mitologismos de Lima de Freitas*. Lisboa: Perspectiva & realidades, 1987.

_____. *A Imaginação simbólica*. 1. ed. Lisboa: Edições 70, 1993.

_____. *A Fé do Sapateiro*. Brasília: UNB, 1995.

- _____. *Introduction à la mythologie* – Mythes et sociétés. Paris: Albin Michel, 1996.
- _____. *Campos do imaginário*. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.
- _____. *Un conte sous l'acacia*: Joseph de Maistre. Paris: Éditions Maçonniques de France, 1999a.
- _____. *Ciencia del hombre y tradición* – El nuevo espíritu antropológico. Madrid: Paidós, 1999b.
- _____. *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- _____. *La crisis espiritual en Occidente* – Las conferencias de Eranos. Madrid: Ediciones Siruela, 2011.

FERNANDES, José Pedro Matos. *Ideias da imaginação: uma concepção pragmatista* In WUNENBURGER, Jean-Jacques; ARAÚJO, Alberto Filipe; ALMEIDA, Rogério de. Os trabalhos da imaginação – Abordagens teóricas e modelizações. João Pessoa: Editora UFPB, 2017.

FERREIRA SANTOS, Marcos. *Mito & imaginação: Concerto Grosso para duo de sopro e cordas em fermata e ostinato* In WUNENBURGER, Jean-Jacques; ARAÚJO, Albert Filipe; ALMEIDA, Rogério de. Os trabalhos da imaginação – Abordagens teóricas e modelizações. João Pessoa: Editora UFPB, 2017.

FREITAS, Cima Laurinda. *Mitologia dos Orixás e umbanda: duas bacias semânticas na perspectiva de Durand*. Tese de doutorado em Ciência da Religião. Goiânia: Pontifícia universidade Católica – PUC, 2016. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/3629> Acessado em 10 de junho de 2019 às 14:30.

JAMBERT, Christian. *A lógica dos orientais* – Henry Corbin e a ciência das formas. São Paulo: Editora Globo, 2006.

LEGROS, Patrick; MONNEYRON, Frédéric; RENARD, Jean-Bruno; TACUSSEL, Patrick. *Sociologia do imaginário*. Porto Alegre: Sulinas, 2007.

MAFFESOLI, Michel. *O eterno instante* – O retorno do trágico nas sociedades pós-modernas. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

_____. *O tesouro escondido* – Carta aberta aos franco-maçons e a outros. Porto Alegre: Editora Sulina, 2019.

MARDONES, José María. *O retorno do mito* – a racionalidade mito-simbólica. Coimbra: Almedina, 2005.

SIRONNEAU, Jean-Pierre. *Imaginário e sociologia* In ARAÚJO, Alberto Filipe; BAPTISTA, Fernando Paulo (org.). Variações sobre o imaginário – Domínios, teorizações e práticas hermenêuticas. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

_____. *L'imagination selon Gilbert Durand: de la réflexologie aux théophanies* In WUNENBURGER, Jean-Jacques; ARAÚJO, Alberto Filipe; ALMEIDA, Rogério de. Os trabalhos da imaginação – Abordagens teóricas e modelizações. João Pessoa: Editora UFPB, 2017.

SILVA, Carlos H. do C. *Universo sensível do imaginário versus um diferente uso filosófico da imaginação* In WUNENBURGER, Jean-Jacques; ARAÚJO, Alberto Filipe; ALMEIDA,

Rogério de. Os trabalhos da imaginação – Abordagens teóricas e modelizações. João Pessoa: Editora UFPB, 2017.

WUNENBURGER, Jean-Jacques; ARAÚJO, Alberto Filipe. *Educação e imaginário* – Introdução a uma filosofia do imaginário educacional. São Paulo: Cortez Editora, 2006.

BIBLIOGRAFIA GERAL

AZEVEDO, Francisco Ferreira dos Santos. *Dicionário analógico da língua portuguesa* – ideias afins / thesaurus. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

BARCELLOS, Gustavo. *Mitologias arquetípicas* – Figurações divinas e configurações humanas. Petrópolis: Vozes, 2019.

BACHELARD, Gaston. *A continuidade e a multiplicidade temporais* In SALOMON, Marlon (org.). *Heterocronias: estudos sobre a multiplicidade dos tempos históricos*. Goiânia: Edições Ricochete, 2018.

BARONE, Elisabetta. *Eranos Tagungen. Dal mito alla filosofia?* In Estratto da Filosofia e Teologia Rivista quadrimestale Anno VIII – N. 1 – Gennaio-Aprile. Roma: Edizioni Scientifiche Italiane, 1995.

BARRETO, Marco Heleno. *Símbolo e sabedoria prática* – C. G. Jung e o mal-estar da modernidade. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

BELLO, Angela Ales. *O sentido do sagrado* – da arcaidade a dessacralização. São Paulo: Paulus, 2018.

BERGER, Peter. *O dossel sagrado* – Elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 2011.

_____. *O imperativo herético* – Possibilidades contemporâneas da afirmação religiosa. Petrópolis: Vozes, 2017.

_____. *Os múltiplos altares da modernidade* – Rumo a um paradigma da religião numa época pluralista. Petrópolis: Vozes, 2017.

_____. *Rumor de anjos* – A sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural. Petrópolis: Vozes, 2018.

BERGSON, Henry. *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*. Lisboa: Edições 70, s/d.

_____. *Matéria e Memória* – Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *Memória e vida*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2012.

BOEHME, Jacob. *As quarenta questões sobre a alma*. São Paulo: Polar Editorial, 2005.

BOUDON, Raymond. *Crer e saber* – Pensar o político, o moral e o religioso. São Paulo, Editora Unesp, 2017.

BRAGA, Joaquim. *Símbolo e cultura*. Coimbra: Grácio Editor, 2014.

CASSIRER, Ernst. *Antropología filosófica – Introducción a una filosofía de la cultura*. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1968.

_____. *Filosofia de la ilustración*. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1993.

_____. *Ensaio sobre o homem – Introdução a uma filosofia da cultura humana*. São Paulo, Martins Fontes, 1994.

_____. *Indivíduo e cosmos na filosofia do renascimento*. São Paulo: Martins Fontes, 2001a.

_____. *A filosofia das formas simbólicas – A linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001b.

_____. *A filosofia das formas simbólicas – O pensamento mítico*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. *A filosofia das formas simbólicas – Fenomenologia do conhecimento*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. *Linguagem e mito*. São Paulo: Perspetiva, 2013.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos – Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

DELUMEAU, Jean. *A civilização do Renascimento*. Volume II. Lisboa: Editorial Estampa, 1984.

_____. *A civilização do Renascimento*. Volume I. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

DOBBELAERE, Karel. *Secularization: A multi-dimensional concept* In The Journal of the International Sociological Association, Volume 29 Number 2 Summer 1981. London: Sage Publications, 1981.

DWORKIN, Ronald. *Religião sem Deus*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019.

ELLER, Jack David. *Introdução à antropologia da religião*. Petrópolis: Vozes, 2018.

ELIADE, Mircea. *Mitos, sonhos e mistérios*. Lisboa: Edições 70, 1989.

_____. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspetiva, 2011.

_____. *O sagrado e o profano – A essência das religiões*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

EWALD, Ariane; SOARES, Jorge Coelho; SEVERIANO, Maria de Fátima V.; AQUINO, Cássio A. Braz de; MATTOS, Amana. *Subjetividades e Temporalidades – Diálogos Impertinentes e Transdisciplinares*. Rio de Janeiro: Garamond; FAPERJ, 2014.

GATTINARA, Enrico Castelli. *A multiplicidade temporal: um problema no qual ciência, história e filosofia se encontram* In SALOMON, Marlon (org). *Heterocronias: estudos sobre a multiplicidade dos tempos históricos*. Goiânia: Edições Ricochete, 2018.

GELL, Alfred. *A antropologia do tempo – Construções culturais de mapas e imagens temporais*. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

GILLER, Pinchas. *A cabala e o misticismo judaico: Uma visão geral* In KINNEY, Jay (org). *Esoterismo e magia no mundo ocidental – Uma introdução à sabedoria oculta do ocidente*. São Paulo: Editora Pensamento, 2006.

GOBRY, Ivan. *Vocabulário Grego da Filosofia*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

- GRIMAL, Pierre. *Dicionário de mitologia grega e romana*. Lisboa: Difel, 1992.
- GROSS, Louis. *Formas e números do sagrado*. Curitiba: Diffusione Rosicrucienne, 2006.
- HAWKING, Stephen. *Uma Breve História do Tempo*. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2018.
- HESÍODO. *Teogonia – A origem dos deuses*. São Paulo: Editora Iluminuras, 1995.
- HESSE, Herman. *Para ler e guardar*. São Paulo: Record, 1975.
- HICK, John. *Uma interpretação da religião – Respostas humanas ao transcendente*. Petrópolis: Editora Vozes / ABRF, 2018.
- HOPKINS, Jasper. *Coincidentia oppositorum* in Nicholas of Cusa's sermons In Scintilla, Curitiba, v. 16, n. 2, jul./dez. 2019.
- HUBERT, Henri. *Estudo sumário da representação do tempo na religião e na magia*. São Paulo: EDUSP, 2016.
- JORDHEIM, Helge. *Camadas de tempo: precondições históricas e semânticas para uma estratigrafia do tempo e da história* In SALOMON, Marlon (org). *Heterocronias: estudos sobre a multiplicidade dos tempos históricos*. Goiânia: Edições Ricochete, 2018.
- JUNG, Carl G. *Psicologia e Alquimia – Obra Completa*. v. 12. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- LAKHANI, M. Ali. *The timeless relevance of traditional wisdom*. Bloomington: World Wisdom, 2010.
- LANGER, Johnni. *Dicionário de mitologia nórdica – Símbolos, mito e ritos*. São Paulo: Hedra, 2015.
- LUCKMANN, Thomas; BERGER, Peter. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- _____. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido – A orientação do homem moderno*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- LORY, Pierre. *A alquimia humana: uma ciência do devir humano* In PEREIRA, Rosalie Helena de Souza (org.). *Busca do conhecimento – Ensaios de filosofia medieval no Islã*. São Paulo: Paulus, 2007.
- MARTINS, Estevão de Rezende. *Tempo: experiência, reflexão, medida* In SALOMON, Marlon (org). *Heterocronias: estudos sobre a multiplicidade dos tempos históricos*. Goiânia: Edições Ricochete, 2018.
- MATA, Sérgio da. *Entropia temporal: das razões sociológicas aos limites antropológicos* In SALOMON, Marlon (org). *Heterocronias: estudos sobre a multiplicidade dos tempos históricos*. Goiânia: Edições Ricochete, 2018.
- NICOLESCU, Basarab. *Manifesto da Transdisciplinaridade*. São Paulo: Editora Triom, 1999.
- PAUL, Patrick. *Os diferentes níveis de realidade – O paradoxo do nada*. São Paulo: Polar Editorial, 2011.

PELBART, Peter Pál. *Multiplicidade Temporal* In SALOMON, Marlon (org). *Heterocronias: estudos sobre a multiplicidade dos tempos históricos*. Goiânia: Edições Ricochete, 2018.

PEREIRA, Rosalie Helena de Souza. *Avicena – A viagem da Alma*. São Paulo: Editora Perspetiva, 2010.

PRABHUPADA, A. C. Bhaktivedanta Swani. *O Bhagavad-Gita – Como Ele é*. São Paulo: The Bhaktivedanta Book Trust, 1976.

REED, Piers Paul. *Os templários*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2001.

REH FELD, Walter. *Introdução à mística judaica*. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

REVILLA, Federico. *Diccionario de Iconografía y simbología*. Madrid: Ediciones Catédra, 2012.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Tomo III. São Paulo: Papirus editora, 1997.

RIES, Julien. *O sentido do sagrado nas culturas e nas religiões*. São Paulo: Editora Ideias & Letras, 2008.

_____. *O sagrado na história religiosa da humanidade*. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

_____. *A ciência das religiões – História, historiografia, problemas e método*. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

_____. *Mito e Rito – As constantes do sagrado*. Petrópolis: Editora Vozes, 2020.

RIZEK, Sergio; SOMMERMAN, Américo. Apresentação In NICOLESCU, Basarab. *Ciência, sentido & evolução – A cosmologia de Jacob Boehme*. São Paulo: Attar editorial, 1995.

ROSA, Hartmut. *Terroristas e surfistas – Uma concepção sociológica de identidade performática* In EWALD, Ariane et al. *Subjetividades e temporalidades – Diálogos impertinentes e transdisciplinares*. Rio de Janeiro: Editora Garamond; FAPERJ, 2014.

ROVELLI, Carlo. *A ordem do tempo*. São Paulo: Objetiva, 2018

RÜSEN, Jörn. *Cultura faz sentido – orientações para o ontem e o amanhã*. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

_____. *Narração histórica: fundações, tipos e razão* In MALERBA, Jurandir. *História & narrativa – A ciência e a arte da escrita histórica*. Petrópolis: Vozes, 2016.

SALOMON, Marlon. *Heterocronias* In SALOMON, Marlon (org). *Heterocronias: estudos sobre a multiplicidade dos tempos históricos*. Goiânia: Edições Ricochete, 2018.

SANCHIS, Pierre. *Religião, cultura e identidade – Matrizes e matizes*. Petrópolis: Vozes, 2018.

SEDGWICK, Mark. *Contra o mundo moderno – O Tradicionalismo e a história secreta do século XX*. Belo Horizonte: Trotzdem / Âyiné, 2020.

SEWELL JR., William H. *Lógica da história – Teoria social e transformação social*. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

SIMMEL, Georg. *Religião – Ensaios*. Vol. 1. São Paulo: Olho D'água, 2010.

_____. *Religião – Ensaios*. Vol. 2. São Paulo: Olho D'água, 2011.

SMOLEY, Richard. *A civilização maçônica* In KINNEY, Jay (org). *Esoterismo e magia no mundo ocidental – Uma introdução à sabedoria oculta do ocidente*. São Paulo: Editora Pensamento, 2006.

SLOTERDIJK, Peter. *Pós Deus*. Petrópolis: Vozes, 2019.

SOUZA, Ricardo Luiz de. *Os sentidos do tempo – o tempo histórico, filosófico, cotidiano*. São Paulo: Editora Ideias & Letras, 2016.

TARKOVSKI, Andrei. *Esculpi o Tempo*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

TEITELBAUM, Benjamin R. *Guerra pela eternidade – O retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista*. Campinas: UNICAMP, 2020.

TRIMEGISTOS, Hermes. *Corpus hermeticum – discurso de iniciação*. São Paulo: Editora Hermus, 1978.

TROELTSCH, Ernst. *El protestantismo y el mundo moderno*. Carratera: FCE, 2011.

UNDERHILL, Evelyn. *Misticismo*. 1. ed. Curitiba: Diffusion Rosicrucien, 2002.

VANDENBERGUE, Frédéric. *Misticismo sem Deus* In SIMMEL, Georg. *Religião – Ensaios*. Vol. 1. São Paulo: Olho D'água, 2010.

WHITE, Hayden. *Meta-história – A imaginação histórica do século XIX*. São Paulo: EDUSP, 2019.

_____. *Ficción histórica, historia ficcional Y realidad histórica* Buenos Aires: Prometeo Libros, 2010.

WILLAIME, Jean-Paul. *Sociologia das religiões*. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

WASSERSTROM, Steven M. *A religião além da religião – Diálogos entre Gershom Scholem, Mircea Eliade e Henry Corbin em Eranos*. São Paulo: TRIOM, 2003.

YATES, Frances A. *A arte da memória*. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

ŽIŽEK, Slavoj. *Acontecimento – Uma viagem filosófica através de um conceito*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.